



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEG**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**  
**LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E**  
**INCLUSÃO**

**STENIO DE BRITO FERNANDES**

**CONTAR A VIDA, CONSTRUIR A FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE**  
**EMPODERAMENTO DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN**

**MOSSORÓ/ RN**  
**ABRIL/2018**

STENIO DE BRITO FERNANDES

**CONTAR A VIDA, CONSTRUIR A FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE  
EMPODERAMENTO DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, à Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

**MOSSORÓ/ RN  
ABRIL/2018**

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

F363c Fernandes, Stenio de Brito

Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado - RN. / Stenio de Brito Fernandes. - Mossoró - RN, 2018.

210p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

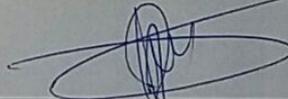
1. Saberes da experiência. 2. Povos do mar. 3. Empoderamento. 4. Narrativas (auto)biográficas. 5. Formação. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

STENIO DE BRITO FERNANDES

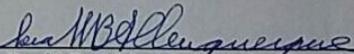
CONTAR A VIDA, CONSTRUIR A FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE  
EMPODERAMENTO DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO  
ROSADO/RN

DATA DE APROVAÇÃO: 11 / 04 / 18

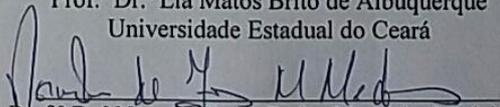
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Oliveira Aguiar  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Prof.ª Dr.ª Lia Matós Brito de Albuquerque  
Universidade Estadual do Ceará



Prof.ª Dr.ª Normandia de Farias Mesquita Medeiros  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

## DEDICATÓRIA

Francisco das Chagas Fernandes (*in memoriam*) meu pai, pelo  
bom exemplo, pela capacidade, pelo amor  
dedicado a todos os filhos.

A Maria de Brito Fernandes minha mãe pela força,  
perseverança e vontade de viver.

A Aleksandra Nogueira esposa e minha maior incentivadora.  
A André Vitor meu filho razão de  
meu viver.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me conduziu e tornou possível a realização deste trabalho. A fé, que Nele deposito, me fortalece. A todos que participaram deste período de construção, que torceram e contribuíram de várias formas.

Aos moradores da Comunidade do Rosado/RN, em especial aos seis participantes da pesquisa, que me concederam entrevistas. Dona Rosarinho, Dona Morena e a Jovem Nega, que utilizam a arte para a construção do saber-fazer. Através de suas narrativas, pude ver a beleza da vida. Simplicidade e alegria não faltaram nas suas histórias. Também teceram belas histórias de vida e de saberes da experiência Neneu, Carlinhos do Rosado e o Jovem Escultor. Sou grato pelo carinho, paciência, atenção, interesse e respeito que tiveram para com este trabalho.

À professora orientadora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, que, desde meu ingresso como aluno especial no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), acreditou e me instigou para a realização deste trabalho, construído passo a passo com suas riquíssimas orientações. Obrigada pelas conversas, leituras, viagens, seminários e observações; sempre atenta a me conduzir para o crescimento pessoal e profissional. Você, professora, é o exemplo máximo do que suas próprias palavras me ensinaram: “essa é a tarefa de um orientador; fazer com que cada orientando se jogue para a busca e ultrapasse suas barreiras, conquiste seus sonhos e produza a vida [...] faço com paixão, com debruçamento.” A você sou imensamente grato!

Às professoras Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque, Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros, Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro e Dra. Geovana Carla Cardoso Amorim, pelas valiosas sugestões, indicações e atenção no exame de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN) que, com as leituras propostas e as reflexões na sala de aula, contribuíram para o meu crescimento e amadurecimento acadêmico.

Aos colegas do Mestrado em Educação – POSEDUC/UERN, em especial Eliane Cota, Vicente Celestino, Francinilda Honorato, José Evangelista de Lima, Rosa Siqueira, Rosilene Ramos, Pe. Charles Lamartine, Rita Amaro e Magnólia Marinho, pelo convívio e a troca de saberes.

À Ariane Linhares minha admiração e respeito pelo seu trabalho nas leituras e correções do texto.

Por fim, mas não menos importantes, agradeço e dedico este trabalho à minha esposa, Aleksandra Nogueira, pela paciência, compreensão, companheirismo e ajuda nas horas de tensão e ausências. Você foi minha maior incentivadora nesta trajetória acadêmica, sempre presente no percurso e nos percalços mais difíceis da caminhada.

Ao meu filho, André Vitor, pela parceria nos momentos de descontração. Mesmo tão pequeno, compreendeu minha ausência durante o período da construção deste trabalho.

À minha mãe, Maria, ao meu pai, Francisco Gurgel (*in memoriam*), às minhas irmãs, Solange e Selma, e aos meus irmãos, Sérvulo, Stelio, Júnior e Sérgio, pelo reconhecimento dos meus esforços e dedicação.

Ao meu sobrinho Stefferson Tallys, pelo apoio nas horas em que eu mais precisava, sempre pronto para me ajudar. Meu muito obrigado.

Não é no silêncio que os homens se fazem,  
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Paulo Freire

## RESUMO

A construção de saberes da experiência deve ser compreendida em uma perspectiva formativa de vozes através das narrativas (auto)biográficas, da realidade de povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. Este trabalho dissertativo é fruto da pesquisa, intitulada *contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e relaciona-se à Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Tem como problematização: como os saberes da experiência dos povos do mar contribuem para a formação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN? Objetiva analisar, por meio das narrativas (auto)biográficas, como os saberes da experiência dos povos do mar contribuem para a formação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN. Optamos pelo uso da abordagem qualitativa. Utilizamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica a partir das narrativas de seis moradores da Comunidade do Rosado/RN. No caminhar da pesquisa na Comunidade do Rosado/RN, apontamos como resultados que os saberes da experiência dos povos do mar estão sendo repassados entre seus moradores, desde as gerações passadas como para as novas gerações. Até hoje esses saberes: tais como: pescar, plantar, ensinar, cantar, bordar, rezar, costurar entre outros, vem sendo praticados e compartilhados pelos adultos e jovens. Esse processo contribuiu para a formação do cotidiano na comunidade, nos seus espaços de possibilidades, nas tradições, nos costumes e nos saberes da experiência para a formação do ensinar, aprender, conviver e ser. Apontamos as narrativas (auto)biográficas como um caminho para a reflexão da prática de formação dos povos do mar que defendem e preservam seu lugar de pertença na construção da memória individual e coletiva.

**Palavras - chave:** Saberes da experiência. Povos do mar. Empoderamento. Narrativas (auto)biográficas. Formação.

## ABSTRACT

The construction of knowledge of the experience must be understood in a formative perspective of voices through the (auto)biographic narratives, of the reality of sea peoples of the Community of Rosado/RN. This dissertation is the result of the research, titled to tell life, to build the formation: narratives of empowerment of the people of the sea of the Community of Rosado/RN, developed in the Education Post-Graduation Program (POSEDUC) of the university of State Rio Grande do Norte (UERN), and is related to the Line of Research Educational Practices, Culture, Diversity and Inclusion. It has as problematization: how the knowledge of the experience of the sea peoples contribute to the daily formation in the Community of Rosado/RN? It aims to analyze, through the (auto)biographical narratives, how the knowledge of the experience of the sea peoples contribute to the daily formation in the Community of Rosado/RN. We chose to use the qualitative approach. We used as research method the (auto)biographic research from the narratives of six residents of the Community of Rosado/RN. As a result of the research in the community of Rosado/RN, we point out as results that the knowledge of the experience of seafarers are being passed on to their residents, from the past generations to the new generations. Even today, these knowledges: such as fishing, planting, teaching, singing, embroidering, prayer, sewing, among others, are practiced and shared by adults and young people. This process contributed to the formation of daily life in the community, in its spaces of possibilities, in the traditions, customs and knowledge of the experience for the formation of teaching, learning, living and being. We point out (auto)biographic narratives as a way to reflect on the practice of formation of the peoples of the sea that defend and preserve their place of belonging in the construction of individual and collective memory.

**Keywords:** Knowledge of experience. People of the sea. Empowerment. (Auto)biographic narratives. Formation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FOTO 1</b> - Praia do Rosado - Porto do Mangue/RN.....	31
<b>FOTO 2</b> - Localização do município de Porto do Mangue no Brasil e no RN.....	80
<b>FOTO 3</b> - Localização geográfica do município de Porto do Mangue em território potiguar.....	81
<b>FOTO 4</b> - Encontro do pesquisador com membros da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN.....	92
<b>FOTO 5</b> - Participação da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN no III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas.....	95
<b>FOTO 6</b> - Imagem da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN.....	99
<b>FOTO 7</b> - Monumento do Pescador. Comunidade do Rosado – Porto do Mangue/RN.....	112
<b>FOTO 8</b> - Peças de artesanatos expostas no ECOPOSTO - Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN.....	141
<b>FOTO 9</b> - Participação das Mulheres da Comunidade do Rosado/RN no IV Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas.....	149

## **LISTA DE QUADROS**

<b>QUADRO 1-</b> Listagem dos autores analisados.....	35
<b>QUADRO 2-</b> Elaboração dos elementos da construção do Projeto de Pesquisa.....	175
<b>QUADRO 3-</b> Vozes dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN.....	178

## LISTA DE SIGLAS

TEA - Aprendizagem para Pessoas com Transtorno de Espectro Autista  
APA - Área de Proteção Ambiental  
CREE-MOS - Centro Regional de Educação Especial de Mossoró  
TELERN - Companhia Telefônica do Rio Grande do Norte  
CBIE - Congresso Brasileiro de Informática na Educação  
CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica  
CONEDU - Congresso Nacional de Educação  
Ctrl+E - Congresso Regional sobre Tecnologias na Educação  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior  
CCAADIS - Coordenação Geral de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social  
DAIN - Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas  
DIREC - Diretoria Regional de Educação e Cultura  
DINTER - Doutorado Interinstitucional em Educação  
EJA - Educação de Jovens e Adultos  
EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural Diretoria Adm. e Financeira  
ECHE - Encontro Cearense de Historiadores da Educação  
ERNAB - Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas  
ENHIME - Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação  
ENACEI - Encontro Nacional Ensino e Interdisciplinaridade  
RN - Estado do Rio Grande do Norte  
FACED - Faculdade de Educação  
FE - Faculdade de Educação  
FAFIC - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais  
GPEMABI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias (Auto)Biográfica e Inclusão  
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  
IDEMA - Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte  
ITERN - Instituto de Terras do RN  
IFRN - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LBI - Lei Brasileira de Inclusão

LDB - Lei de Diretrizes da Educação Brasileira

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MAC - Movimento de Adolescentes e Crianças

NEAD - Núcleo de Educação à Distância

NUC - Núcleo de Unidades de Conservação

PDITS - Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável

PPGAS/UFRS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PPGCP/UFRS - Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas

PPGCS/UFM - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

PPGSC/UFC - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

PPGD/UFPA - Programa de Pós-Graduação em Direito

POSEDUC/UERN - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/FURS - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/UEC/SP - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/UFC - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/UFPA - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/UFPR - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/UFC - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGL/UFPB - Programa de Pós-Graduação em Letras

PPGP/UESP - Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PROEX - Pró-reitora de Extensão

SEADIS - Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão

SENACEM - Seminário Nacional do Ensino Médio

SINECGEO - Simpósio Nacional de Estudos Geoeducacionais

SINTE/RN Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Rio Grande do Norte

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

UEC/SP - Universidade Estadual de Campinas

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UFC Universidade Federal do Ceará

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFRG/RS - Universidade Federal do Rio Grande

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido

## SUMÁRIO

<b>PARA COMEÇO DE CONVERSA: HISTÓRIAS CONTADAS NO ALPENDRE DE DONA MORENA.....</b>	<b>17</b>
--	-----------

<b>CAPÍTULO 1 - COM OS SUJEITOS DO LUGAR: NARRATIVAS DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA EMBALADO PELO BALANÇO DO MAR NA COMUNIDADE DO ROSADO/RN.....</b>	<b>25</b>
--	-----------

1.1 Um caminhar para si e com o outro no aroma do vivenciar no chão do lugar.....	26
1.2 Como me construí professor de Geografia: narrar, esquecer, silenciar, na construção do ser professor de Geografia .....	40
1.3 Narrativas de experiências educativas de um professor de Geografia .....	49
1.4 Bebi dessa fonte e me (re)signifiquei nas pegadas deixadas pelas (auto)biografias dos sujeitos do lugar. ....	63

<b>CAPÍTULO 2 - ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS EM MEIO À GEOGRAFIA DO LUGAR: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO QUANTO À RESISTÊNCIA E LUTA DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN .....</b>	<b>76</b>
--	-----------

2.1 História da formação da Comunidade do Rosado/RN, contada por quem vive, sonha e pratica o seu lugar de pertença .....	77
2.2 Espaços de saberes e fazeres da geografia da Comunidade do Rosado/RN: contar, narrar, preservar seu lugar .....	90
2.3 Somos mais fortes em comunidade: narrativas e empoderamento de resistência e luta do lugar.....	103
2.4 Comunidade de praia e de campo cheia de encantos: quais saberes nos ensina? .....	113

<b>CAPÍTULO 3 - SABERES DA EXPERIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DE ENSINAR, APRENDER, CONVIVER E SER: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO DOS</b>	
--	--

<b>POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN</b>	<b>127</b>
3.1. Narrativas de histórias de vida e saberes da experiência dos mais velhos da Comunidade do Rosado/RN: saberes que ensinam a ser povos do mar	128
3.2. Mulheres que educam: narrativas de quem têm nas mãos a arte de saber, do fazer e de ser	138
3.3. Nas redes das narrativas de homens e mulheres pescadores: do mar às lições, dos saberes à formação.	150
3.4. Dos saberes da experiência dos povos do mar, ficaram as lições: o que pensam os jovens da Comunidade do Rosado/RN?	159
<b>LEMBRANÇAS DE HISTÓRIAS PARA CONTINUAR A CONTAR</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>191</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>196</b>
ANEXOS I - Termo de consentimento livre esclarecido	197
ANEXOS II - Termo de autorização de uso de imagem	209

## **PARA COMEÇO DE CONVERSA: HISTÓRIAS CONTADAS NO ALPENDRE DE DONA MORENA**

Este trabalho dissertativo tem como objeto de estudo trazer as narrativas de empoderamento e os saberes da experiência dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. O meu encontro com o campo de estudo começou a ser trilhado a partir de 2003, quando, na Jornada Pedagógica, o Secretário de Educação fez a distribuição da carga horária dos professores e me informou que eu iria ministrar aulas de Geografia na Comunidade do Rosado/RN, nas turmas de 6º ao 9º ano. A partir desse momento, iniciou o meu encontro com a Comunidade do Rosado/RN. Fiquei encantado com a notícia, iria trabalhar numa comunidade pesqueira de sujeitos comuns, povo simples e cheio de saberes.

Na convivência com os alunos, conheci pessoas da Comunidade do Rosado/RN. Minha convivência como professor me aproximou cada vez mais dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN. Nas aulas eles falavam da vivência e das experiências com o mar, relatavam o seu cotidiano diário. Como professor da comunidade e devido à convivência no lugar, de início, tinha o interesse de pesquisar essa comunidade, nos aspectos físicos e socioeconômicos, temáticas voltadas para à minha área de estudo na Geografia. Na escola da comunidade, construí oportunidades, ouvi relatos dos alunos e professores sobre as histórias de vida e saberes da experiência dos sujeitos da comunidade.

A Comunidade do Rosado/RN é um lugar encantador de pessoas simples, que preservam seu espaço de moradia. Não sou filho da comunidade, mas, contemplo e sinto as belezas naturais e a força das ondas por meio da convivência com os sujeitos, que ali vivem. Posso dizer que o Rosado sempre esteve em mim. Para mim, é relevante conhecer a energia desse povo, o seu dia a dia, e torná-los visíveis no lugar em que vivem.

A relação de pertença do ator/autor deste trabalho com a temática, já existia há muito tempo. O desejo de pesquisar a Comunidade do Rosado/RN aumentou no semestre de 2015, quando participei, como aluno especial da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC).

Na disciplina, construí oportunidades de aprender e conhecer o Método (Auto)Biográfico, através dos ensinamentos da Profa. Ana Lúcia Oliveira Aguiar com vasta experiência de vida e formação. Refletimos sobre questões de ordem metodológica, trazendo conceitos e dimensões da literatura da pesquisa (auto)biográfica, a partir da revisão da literatura, sobre o Método (Auto)Biográfico.

A visita à Comunidade de Redonda/CE fortaleceu o meu desejo de trabalhar com a Comunidade do Rosado/RN por meio das narrativas (auto)biográficas. Comecei a construir o anteprojeto de pesquisa para concorrer a uma vaga como aluno regular no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN) no segundo semestre de 2016. Apresentei essa comunidade, a partir das narrativas (auto)biográficas, dando voz e visibilidade aos saberes da experiência e formação dos povos, que lá residem. Essa era a minha intenção de pesquisa.

Com o anteprojeto concluído, participei da seleção para aluno regular. Como resposta para os meus objetivos, o meu nome constava na lista dos aprovados, confesso, apresentar tal proposta de estudo, tornou-se uma parte de um sonho em construção, ainda, tenho um longo caminho para percorrer. Como aluno regular do Programa de Mestrado, retornei à Comunidade do Rosado/RN para dar continuidade a minha pesquisa, que aborda o tema: narrativas de empoderamento e saberes da experiência dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. Conhecer e estranhar o cotidiano destes sujeitos comuns, dando-lhes voz e visibilidade, é o meu objetivo, a fim de compreender os diferentes saberes da experiência e levá-los para dentro da sala de aula, das metodologias e dos conteúdos.

Unimos a nossa experiência e vivência como professor da Rede Municipal e Estadual de Ensino aos novos conceitos estudados. O acesso à academia por meio da referida disciplina em caráter especial, nos mostrou novas teorias, diferentes metodológicas, sentimos a necessidade de contextualizar e viabilizar a história oral, através da reflexão do Método (Auto) Biográfico acerca das teorias produzidas por autores como Josso (2010), Dominicé (2010), Delory-Momberger (2008) e Souza (2006).

A compreensão da (auto)biografia como um método no processo de transformações do sujeito surge em um contexto intelectual dinamizado pela invenção de si próprio e da valorização da subjetividade e das experiências privadas. Essa abordagem histórica, teórica e metodológica, para Souza (2006), é entendida como pesquisa narrativa, ou história de vida em formação. Com os estudos centralizados nas práticas de formação, o sujeito em construção passa a ser protagonista da sua própria história de vida, no seu cotidiano na relação de si e com o outro.

O caminho proposto pela Metodologia das Histórias de Vida em Formação é a narrativa, proposta por Josso (2010), que permite explicitar a singularidade e, com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma sabedoria de vida. Segundo Dominicé (2010), no convívio e nas relações familiares, surge o objeto de memórias muito vivas na orientação escolar e profissional. O autor pensa o universo das relações

familiares como contexto de formação, e chama a atenção para os componentes relacionais do processo de formação presentes nas narrativas. Nas narrativas biográficas, com explica Dominicé (2010), todos os sujeitos citados fazem parte do processo de formação.

A trajetória percorrida neste texto dissertativo trata de uma pesquisa qualitativa em educação no campo do conhecimento das Ciências Humanas. Utilizamos a pesquisa qualitativa referendados em autores como Bogdan e Biklen (1994) e Minayo (2007). Segundo a autora a abordagem de pesquisa qualitativa se aprofunda no universo dos significados, pois a realidade vivida no universo dos significados não é visível, portanto, precisa ser entendida e manifestada pelos próprios pesquisados. Para a autora, possibilita uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade humana.

E, nessa subjetividade humana, adentaremos na Comunidade do Rosado/RN, lugar de povos do mar e do campo, sujeitos que apresentam sua subjetividade no processo das vivências com o outro, advindos dos saberes da experiência do censo comum e das memórias individuais e coletivas. Nesses espaços de singular e plural, de diferentes saberes, entra em cena a pesquisa qualitativa, conforme afirma Minayo (2007), entendida como práticas sociais de atividades humanas carregadas de significados dando, sentido à vida dos que dela participam.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa em educação, assume muitas formas, por conseguinte é conduzida em múltiplos contextos. Nesses diferentes contextos, e nos diferentes espaços, analisamos através das narrativas, alguns dos saberes fundantes dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN, considerados, neste estudo como saberes da experiência. Na pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), é formulada com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Nesse ambiente de construção da pesquisa, é privilegiada, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

Neste estudo, usamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica, compreendida segundo Josso (2010) como uma metodologia que explora a subjetividade e a memória como elementos constitutivos para o (re)conhecimento da realidade das experiências de vida dos sujeitos em construção. As narrativas (auto)biográficas são caminhos para a reflexão da prática cotidiana, pois através da prática, os sujeitos se confirmam, modificam e ampliam os diferentes saberes da experiência, para a formação do cotidiano da comunidade, na conciliação da memória individual com a memória coletiva.

A pesquisa foi pautada nas narrativas de empoderamento e saberes da experiência dos povos do mar, intitula-se *contar a vida, construir a formação: narrativas e empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*. Esse texto de mestrado, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, e relaciona-se à linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. A construção dessa pesquisa contribui para visibilidade aos saberes da experiência dos povos da Comunidade do Rosado/RN no seu espaço de possibilidades, de resistências e conquistas. Apontamos as narrativas (auto)biográficas de histórias de vida como um processo de formação de fazeres e saberes da experiência de homens e mulheres do mar que defendem seu lugar de pertença na construção da memória viva em coletividade.

Para compreender os estudos na área do conhecimento sobre narrativas e empoderamento dos povos do mar, fizemos um mapeamento com base no Estado da Arte nas bibliotecas digitais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Após a leitura e análise dos títulos, resumos e palavras chave de quarenta e três trabalhos encontrados, relacionados à proposta almejada, oito são teses e trinta e cinco são dissertações. Dos trabalhos, selecionamos, apenas, treze, assim distribuídos: três teses e dez dissertações, defendidas entre os anos de 2005 a 2015. Esse recorte temporal está ligado ao estudo na Comunidade do Rosado/RN, se justifica pelo fato de todos os trabalhos selecionados para esta pesquisa estabelecerem uma relação com o tema da proposta aqui apresentada, pois, consideram o ano de 2005 em diante como período de investigação.

Trazemos como pergunta problematizadora: como os saberes da experiência dos povos do mar contribuem para a formação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN? Para refletir sobre esta questão tivemos, como objetivo geral analisar, por meio das narrativas (auto)biográficas, como os saberes da experiência dos povos do mar contribuem para a formação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN, identificando elementos teórico-metodológicos dessa formação com base nas narrativas (auto)biográficas.

Como objetivos específicos, apresentamos: I) Descrever o caminhar para si e com o outro, por meio das narrativas de vida e de experiências educativas de um professor de geografia; II) Conhecer os espaços de vivências em meio à geografia do lugar, através das narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN; e por último, III) Identificar os saberes da experiência dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN para a formação do ensinar, aprender, conviver e ser.

No caminhar desta pesquisa, abordamos conceitos centrais, tais como: Saberes experienciais, trabalhado por Tardif (2012), no livro intitulado Saberes docentes e formação profissional e Larrosa (2002), que, nos seus estudos, enfoca notas sobre a experiência e o saber de experiência. De acordo com os estudos dos autores, discutimos os saberes da experiência da Comunidade do Rosado/RN, saberes esses construídos no cotidiano da comunidade.

Para o conceito de Memória, enfocamos os estudos de Pollak (1992), no trabalho Memória e Identidade Social e Halbwachs (1999), na obra A Memória Coletiva. Descortinamos por meio das memórias, as narrativas de empoderamento e saberes da experiência de homens e mulheres do mar da comunidade em foco. As memórias da vida, das experiências vividas por esses sujeitos, das lembranças e recordações de um tempo vivido fazem parte do conjunto que forma o repertório da memória. Com base, no ponto de vista dos autores, trabalhamos com os sujeitos da comunidade pesquisada conteúdos da memória individual e da memória coletiva.

O conceito de Comunidade, expresso no livro intitulado Os Estabelecidos e os *Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, dos autores Elias e Scotson (2000). A pesquisa apresentada faz referência a uma comunidade de praia e de campo com grupos sociais distintos, pois segundo os autores as famílias podem viver em algum tipo de área local, e, a esses espaços dá-se o nome de comunidades, no sentido de formarem grupos sociais coesos, em uma rede de relações sociais.

Compreendemos o conceito de Cultura a partir do livro Interpretação das Culturas do autor Geertz (2008). Entendemos o conceito de Cultura, citado por Geertz (2008), a partir da vivência na Comunidade do Rosado/RN, que é um espaço de diferentes saberes, preservam costumes, valores, crenças e tradições herdadas dos seus antepassados. Nesses espaços manifestam sua cultura e religiosidade. Na Comunidade do Rosado/RN, há um espaço de sujeitos singulares, que estabelecem uma relação plural, na convivência com o outro. Essa comunidade resulta de recortes, que especificam a posição pelas ações de sujeitos históricos sociais e a inserção de seu grupo em um lugar.

Por último, trabalhamos os conceitos de cidadania e empoderamento, apoiado teoricamente nas obras de Paulo Freire: a Pedagogia do Oprimido (1987); a Pedagogia da Esperança (1997); a Pedagogia da Autonomia (1996) e Medo e ousadia: cotidiano do professor (1986). Para Freire (1986), o empoderamento é a capacidade do indivíduo realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer contra qualquer forma de discriminação ou rejeição. De acordo com Freire (1997), cidadania é uma ação social e

emancipatória do sujeito na construção individual, como no coletivo. Tais conceitos citados, nos nortearam durante nossa caminhada a partir do olhar teórico-metodológico para o desenvolvimento da pesquisa.

A Comunidade do Rosado/RN está inclusa dentro dos limites territoriais do município de Porto do Mangue/RN. Definimos essa comunidade como campo de pesquisa, devido à nossa convivência pessoal e profissional, já alguns anos com os seus moradores. É um lugar fértil de saberes da experiência formadora para o campo da pesquisa (auto)biográfica. A memória aflora nas lembranças e recordações vividas ao longo da história dos sujeitos, na relação de educar e formar para a sensibilidade dos saberes da experiência.

Apoiado nos estudos de Larrosa (2002) e Tardif (2012), consideramos que os saberes da experiência são resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos ao longo da vida familiar e social, no decorrer da trajetória de vida, no seu próprio lugar de convívio na comunidade, por meio das relações estabelecidas entre si e com o outro. A partir dos saberes da experiência de moradores e da interação com o lugar, escolhemos seis participantes que são moradores, entre homens e mulheres, de diferentes idades e de diferentes saberes da experiência. Os sujeitos da pesquisa nos ajudaram a responder os objetivos deste estudo.

Escolhemos entre os participantes três homens; dois com idade entre quarenta e sessenta anos e um jovem com idade de trinta e dois anos. O primeiro participante identificado como Neneu (não é o seu nome de batismo) mas como gosta de ser chamado na comunidade. Está com 60 anos de idade, é aposentado, com uma vasta vivência na comunidade. O segundo morador, conhecido por Carlinhos do Rosado, por sua atuação em prol da comunidade. Tem 43 anos, traz um currículo de experiência, e o terceiro, selecionamos um jovem com o nome de Escultor, escolhido por gostar muito de arte. Está com 32 anos de idade. A ideia foi trazer as narrativas do jovem para dialogar com os saberes dos mais velhos da comunidade.

Escolhemos três mulheres, duas entre cinquenta e setenta anos e uma jovem com idade de trinta e quatro anos. As duas mulheres carregam nas mãos, na alma, no corpo, a arte de ensinar os saberes da experiência para as novas gerações da comunidade. A primeira entrevistada chama-se Dona Rosarinha (como gosta de ser chamada) tem 79 anos de idade, carrega uma história de vida e formação na convivência no lugar; a segunda é Dona Morena, esse nome recebido quando ainda era menina, é uma forma carinhosa de se chamada. Hoje, está com 54 anos, é artesã, tem uma trajetória de vida e experiência; a terceira participante é uma jovem escolhida para esse diálogo é, conhecida por Nega, tem 34 anos. A intenção foi

vislumbrar a importância dos saberes da experiência dos mais experientes em diálogo com os jovens da comunidade.

As narrativas desses sujeitos são ouvidas e gravadas no alpendre de Dona Morena, desde o primeiro encontro, das rodas de conversa, das visitas na residência de Dona Rosarinha, no bate-papo com Neneu nas Dunas do Rosado e no EcoPosto e no III e IV Seminários de Narrativas (Auto)Biográficas realizada na Faculdade de Educação (FE/UERN). Nesses encontros, realizamos a construção, gravação e escrita das narrativas orais dos sujeitos da pesquisa, a partir de quatro sessões de narrativas com os participantes. As entrevistas foram semiestruturada e de profundidade, permitiram, com a leitura e interpretações, identificamos se os saberes da experiência são compartilhados e contribuem para a formação no cotidiano na comunidade. Nesse momento, falamos sobre a vida na comunidade; dos saberes da experiência dos mais velhos; do artesanato; da pesca e da agricultura entre outras conversas, que boa parte estará escrita nesse texto dissertativo.

Apresentamos a estrutura do trabalho de dissertação, na intenção de proporcionar um caminho construído pela pesquisa. O texto encontra-se organizado em três capítulos e cada capítulo com quatro tópicos. Analisamos as narrativas (auto)biográficas dos saberes da experiência como um processo de formação de homens e mulheres do mar da Comunidade do Rosado/RN, como observaremos nas sínteses dos três capítulos abaixo.

O primeiro capítulo - *Com os sujeitos do lugar: narrativas de um professor de geografia embalado pelo balanço do mar na Comunidade do Rosado/RN* é dedicado à descrição do encontro com os sujeitos do lugar: narrativas de um professor de Geografia embalado pelo balanço do mar na Comunidade do Rosado/RN. Apresentaremos as narrativas das experiências educativas de um professor de Geografia, a intenção de pesquisar os sujeitos da Comunidade do Rosado/RN e o encontro com a pesquisa (auto)biográfica.

Para o segundo capítulo - *Espaços de vivências em meio à geografia do lugar: narrativas de empoderamento quanto à resistência e luta dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*, conheceremos espaços de vivências em meio à geografia do lugar: narrativas de empoderamento quanto à resistência e luta dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. Apresentaremos a localização da comunidade. As histórias de vida e saberes da experiência de homens e mulheres. Enfocaremos a história de luta e resistência, vividas pelos moradores há algum tempo.

No terceiro capítulo - *Saberes da experiência para a formação de ensinar, aprender, conviver e ser: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*, dedicado ao ato de saberes da experiência para a formação de ensinar, aprender,

conviver e ser: narrativas de empoderamento dos povos do mar da comunidade. Viajaremos nas memórias dos mais velhos da comunidade. Compreenderemos os saberes da experiência das mulheres artesãs, embarcaremos nos saberes da experiência de homens e mulheres pescadores e as lições das histórias de vida e de experiências dos mais velhos, para serem compartilhados pelos jovens dessa Comunidade.

Optamos por adentrar as histórias de vida, saberes da experiência e narrativas de empoderamento dos sujeitos comuns da Comunidade do Rosado/RN. Os diferentes saberes da experiência dos povos do mar são referenciados e advêm de sua identidade cultural e social. Aprendem em diferentes lugares, na praia, no campo e na comunidade, é necessário conhecer os valores e as tradições, passadas de geração a geração. Nesta viagem, embarcamos nas narrativas de empoderamento dos povos do mar da comunidade em foco, por meio de suas lembranças e das memórias individuais e coletivas, guardadas no tempo.

“Na nossa comunidade tem muita coisa para contar”, no dizer de um morador entrevistado, no alpendre da casa de Dona Morena, à tarde de sexta-feira, no dia 20 de julho de 2017. Sem dúvidas, este trabalho dissertativo, seria pouco para comportar todo um conjunto de narrativas relacionadas aos acontecimentos e às histórias de vida, dos fazeres e saberes da experiência de uma comunidade. Trabalhar com narrativas de história de vida, significa abrir um leque de oportunidades para que os sujeitos comuns se utilizem do poder da palavra para narrarem a si mesmos, a sua geração, o seu passado através da memória individual e coletiva.

## CAPÍTULO 1

### COM OS SUJEITOS DO LUGAR: NARRATIVAS DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA EMBALADO PELO BALANÇO DO MAR NA COMUNIDADE DO ROSADO/RN

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador, ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Paulo Freire

A oportunidade de me formar educador e ser educador me permitiu (re)construir a minha história de vida e de formação. Nessa perspectiva, a pesquisa (auto)biográfica, ajuda a refletir sobre a escrita de si<sup>1</sup> e, considerar o trabalho com narrativas permite formar reflexão sobre as experiências de vida e profissional. Pelo exposto acima, o primeiro capítulo objetiva descrever o caminhar para si e com o outro, por meio das narrativas de vida e de experiências educativas de um professor de Geografia. Quanto à minha experiência, somente por meio das narrativas de vida e formação, pude compreender como a minha trajetória educacional me transformou em um ser formador e (auto)formador, ou seja, como me construí como professor de Geografia. Ao refletir sobre essa profissão, (re)significo minha trajetória de formação como ator e autor da minha própria história, e, trago minhas memórias como sujeito no processo de construção docente.

Devo ressaltar, as narrativas (auto)biográficas como ferramenta para o (auto)conhecimento e, em seguida, a (auto)formação na (re)construção da nossa prática pedagógica, na relação com o outro no exercício da profissão. Na convivência de treze anos, como professor, na Comunidade do Rosado/RN, pude estar com os sujeitos no chão do lugar e, também, compreender suas narrativas e empoderamento, além de aprender a viver e sentir o aroma da brisa do mar. Na escola da comunidade, construí oportunidades, ouvi os alunos e professores e conheci um pouco das suas histórias.

---

<sup>1 1</sup> Nos quatro tópicos, do primeiro capítulo, o texto foi escrito em duas pessoas verbais, consideramos que o trabalho traz momentos de narrativas de experiências pessoais do autor da dissertação e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa. Desse modo, se justifica o uso da primeira pessoa do singular para marcar o posicionamento do autor e a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa.

A partir das narrativas (auto)biográficas e do conhecimento de mim mesmo, surgiu o interesse de pesquisar sobre os sujeitos do lugar, no intuito de trilhar um caminho para mim mesmo e para o outro, de permitir ser o que de fato somos. Na busca dos diferentes saberes, procuro ampliar o conhecimento de mundo a partir da reflexão das histórias de vida e experiências, fundamentais para o processo de formação. As memórias, aqui, tecidas se constituem no sentimento de identidade de um povo, na reconstrução dos saberes da experiência com o mar e com o campo, pois tudo isso passado de geração para geração, no plano individual e no coletivo.

### **1.1 Um caminhar para si e com o outro no aroma do vivenciar no chão do lugar**

Meu caminhar para si e com o outro, no encontro com o campo da pesquisa, aconteceu em agosto 2002, quando fiz minha inscrição para o concurso público na cidade de Porto do Mangue/RN. Não conhecia o lugar, atraído pelo concurso público, estava em busca de exercer minha docência. Na época, 35 km do acesso para a cidade era por vias carroçais, de difícil acesso. Antes de chegar a Porto do Mangue/RN, conheci, no caminho, a Comunidade do Rosado/RN, pertence a este Município, que fica a 10 km da sua sede. Ao chegar à cidade, logo me perguntei: *como vou fazer, se eu passar, para viver distante da minha família na cidade de Mossoró/RN? Como vou me adaptar a uma nova forma de vida e moradia?* Ficaram essas inquietações. Na véspera do concurso público, cheguei um dia antes da realização da prova objetiva para evitar imprevistos. Na cidade, encontrei outras pessoas com o mesmo objetivo de se efetivar como servidor público.

Em 2003, a Secretaria de Educação do Município divulgou o resultado do concurso e para a concretização das minhas metas, o meu nome estava entre os aprovados. A convocação ocorreu no mesmo ano. Estava diante de um novo contexto de vida pessoal e profissional, exerceria pela primeira vez a profissão de professor de Geografia. Colocar em prática as teorias aprendidas nos quatro anos de convivência com os professores do Curso de Geografia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A iniciação profissional dos professores, segundo Garcia (1999), constitui uma das fases do aprender a ensinar e tem sido, por vezes, esquecida, pelas instituições universitárias e pelas instituições dedicadas à formação em serviço dos professores. Essa fase compreende os primeiros anos da docência e se denomina período de iniciação ao ensino.

Quanto aos meus questionamentos iniciais, coloquei em prática o desejo de exercer a minha profissão, superei a distância e a saudade, foquei nos meus objetivos de ensinar e aprender com o outro. Em cada momento vivido, aprendia mais na relação com os diferentes saberes e, por consequência, os desafios foram superados. Segundo Josso (2010), a nossa educação é permanente, pois estamos sempre na construção de conhecer, aprender e nos transformar como sujeitos no processo de formação. Para Garcia (1999), os professores principiantes são profissionais, se preocupam com o seu aperfeiçoamento como docentes, mas com a consciência de que sua formação é incompleta. Nos primeiros anos de trabalho, o professor se socializa no sistema, tentando alcançar certo nível de segurança na maneira de lidar com os problemas e questões do dia a dia.

No início de 2003, participei da Jornada Pedagógica realizada pela Secretaria de Educação do Município. No decorrer do encontro, o Secretário de Educação fez a distribuição da carga horária dos professores e me informou que eu iria ministrar aulas de Geografia na Comunidade do Rosado/RN, nas turmas de 6º ao 9º ano. A partir desse momento, iniciou o meu encontro com essa comunidade. Fiquei encantado com a notícia, mas, ao mesmo tempo, indaguei: *Como será a recepção da minha chegada à comunidade?* O fato de ser de outra cidade me preocupava bastante, pois iria trabalhar numa comunidade pesqueira de sujeitos comuns, povo simples e cheio de saberes. Sabia da grande responsabilidade e do meu papel como educador. Procurei atender as expectativas daqueles sujeitos da comunidade. A comunidade escolar me recebeu de braços abertos. O resultado ultrapassou as minhas expectativas.

No mesmo ano, recebi um convite da diretora da Escola Estadual Professora Josélia de Souza e Silva, para ministrar aulas de Geografia no Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno. Esse convite me deixou receoso, pois não tinha experiência com o Ensino Médio e com a modalidade EJA, mesmo assim, aceitei o desafio de conhecer o novo e aprimorar os meus conhecimentos.

Na convivência com os alunos, conheci pessoas da Comunidade do Rosado/RN. Na sala de aula, mantive uma relação pautada no aprender a conhecer, a conviver baseado no Relatório Internacional para a Educação no Século XXI - para o convívio da paz, de Jaques Delors. Senti-me presenteado com a experiência de ensinar os jovens e adultos da comunidade. Uma boa parte dos alunos do ensino da EJA, vinha das Comunidades vizinhas: Rosado, Tocantins e Logradouro, igualmente pertencentes a Porto do Mangue/RN. A minha convivência como professor me aproximou cada vez mais da Comunidade do Rosado/RN.

Nas aulas, eles falavam da vivência e das experiências com o mar e com o campo, ou seja, relatavam o seu cotidiano.

Como professor da comunidade e devido à convivência com aqueles sujeitos do lugar, nasceu em mim a intenção de pesquisa. De início, o meu o interesse era pesquisar essa comunidade nos aspectos físicos e socioeconômicos. A Comunidade do Rosado/RN é um lugar de povos do mar e do campo, de pessoas simples, que preservam seu espaço de moradia. Usamos a expressão de *povos do mar* para definir os habitantes das áreas litorâneas (DIEGUES, 1998), que exercem os saberes da experiência no seu cotidiano. O Rosado não se constitui só de pescadores. Para Nonato Júnior (2006), nem todos os habitantes de comunidades litorâneas são pescadores, pois muitos exercem outras atividades econômicas e desenvolvem diversas funções sociais. Na Comunidade do Rosado/RN, encontramos diferentes atores sociais: pescadores, marisqueiras, artesãos, poetas, cordelistas, agricultores, líderes comunitários, sindicalistas e professores entre outros, que residem neste espaço de vivências e se afirmam como o seu lugar de pertença. Não sou filho da Comunidade do Rosado/RN, mas, contemplo e sinto as belezas naturais e a força das ondas por meio da convivência com os sujeitos que ali vivem. Posso dizer com todas as letras, o Rosado sempre esteve em mim, para mim. É relevante conhecer a energia desse povo, o seu dia a dia, e torná-los visíveis no lugar em que vivem.

O Rosado é uma comunidade de praia e campo, cheia de encantos, de histórias e saberes da experiência, que nos convida a conhecer o seu cotidiano. Como relatei, o desejo de pesquisar a essa comunidade, já existia, mas aumentou quando participei, no semestre 2015, como aluno especial da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), relacionada à linha de pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente. Durante a disciplina, construí oportunidades de aprender e conhecer o método (auto)biográfico, através dos ensinamentos da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar<sup>2</sup>, com vasta experiência de vida e formação. Nos encontros, ela apresentou conceitos e dimensões da literatura da pesquisa (auto)biográfica e citou autores, que trabalham com narrativas (auto)biográficas e história de vida. Foram

---

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e relaciona-se à Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. É diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN). Possui Graduação e Licenciatura em História, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Mestrado em Sociologia, pela mesma Universidade e Doutorado em Sociologia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias (Auto)Biográfica e Inclusão (GEPemABI/FE/UERN). Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escolar.

momentos de aprendizagem e de construção do conhecimento, de conhecer novas teorias metodológicas e científicas, contextualizar e viabilizar a história oral através das narrativas (auto)biográficas.

Na aula da disciplina especial do Mestrado em Educação, enquanto a professora narrava sua história de vida e de experiência familiar em uma ilha, vinham lembranças da Comunidade do Rosado/RN, envolta pelo mar, sol, praia, oceano, redes, campo e sujeitos simples. A todo o momento na sala de aula, ficava pensando em construir um anteprojeto de pesquisa voltado para as narrativas (auto)biográficas dos sujeitos dessa comunidade. Foi um momento decisivo para consolidar minha intenção do anteprojeto de pesquisa. Em uma aula de campo na Comunidade de Redonda/CE, pertencente ao município de Icapuí/CE, que tinha o objetivo de analisar, por meio das narrativas (auto)biográficas, os saberes e fazeres da comunidade. A partir daí, nasceu um artigo intitulado Memórias, Saberes e Fazeres do Mar: narrativas (auto)biográficas de homens e mulheres de Redonda/CE<sup>3</sup>. Esse artigo desenvolvido com base na visita à comunidade e das discussões em sala de aula no viés da pesquisa (auto)biográfica sobre Memórias, Histórias de vida, Saberes e Experiências de Formação.

A visita à Comunidade de Redonda/CE fortaleceu o meu desejo de trabalhar com a Comunidade do Rosado/RN por meio das narrativas (auto)biográficas. Comecei a construir o anteprojeto de pesquisa para concorrer a uma vaga como aluno regular no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN) no segundo semestre de 2016. Apresentei a Comunidade do Rosado/RN, a partir das narrativas (auto)biográficas, dando voz e visibilidade aos os saberes da experiência e formação dos povos, que lá residem. Essa era a minha intenção de pesquisa.

Finalizado o anteprojeto, participei da seleção para aluno regular. Como resposta para os meus objetivos, o meu nome constava na lista dos aprovados. Confesso, apresentar essa proposta de estudo se tornou uma parte de um sonho em construção, ainda tenho um longo caminho para percorrer. Como aluno regular do Programa de Mestrado, retornarei à Comunidade do Rosado/RN para dar continuidade à minha pesquisa. O interesse em conhecer um pouco mais dos saberes da experiência desse povo, vem de algum tempo, por ser professor há mais de treze anos no município de Porto do Mangue/RN e, em especial, por ter trabalhado na Comunidade do Rosado/RN desde 2003 até 2014. Em 2015, as turmas de 6º ao 9º ano foram transferidas para a sede do município, por consequência, a escola da comunidade

---

<sup>3</sup> Artigo apresentado no IV Seminário Nacional do Ensino Médio (SENACEM) e I Encontro Nacional Ensino e Interdisciplinaridade (ENACEI), realizados em maio de 2016, na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN), Mossoró/RN.

assumiu, apenas, a educação Infantil e o fundamental I. Todas as tarde, o ônibus escolar deslocava os alunos para sede do município.

Na escola da comunidade, construí oportunidades, ouvi relatos dos alunos e professores sobre as histórias de vida e saberes da experiência dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN. Conhecer o cotidiano destes sujeitos comuns, dando-lhes voz e visibilidade, são o meu objetivo, a fim de compreender os diferentes saberes e levá-los para dentro da sala de aula, das metodologias e dos conteúdos.

É necessário uma junção do saber da academia com o saber do senso comum. Aguiar (2014), uma das pesquisadoras interessada por essa temática, admite que a atuação docente não se trata *de dialogar de costas*, mas de estabelecer uma comunicação, que respeite o homem simples, sua sociabilidade, seu jeito de fazer e vivenciar a vida, como um sujeito que produz a partir do envolvimento com o cotidiano, criar, viver, amar e odiar. Esses saberes são diferentes, advindos dos saberes da experiência do senso comum e das memórias individuais/coletivas devem ser colar no chão da sala de aula do universo acadêmico, de modo a valorizar e respeitar o estilo próprio de vida, desses sujeitos sociais.

A construção de uma comunidade não se dá somente pela expansão de seus espaços geográficos, pois ocorre também pelos processos de (re)produção e (re)construção desse espaços por diferentes grupos sociais. Por meio desse olhar, iremos observar, a partir das narrativas (auto)biográficas, histórias de vida, saberes da experiência e formação de sujeitos comuns da Comunidade do Rosado/RN, nos espaços não escolares, desde o núcleo familiar à comunidade.

Elias e Scotson (2000), no livro *Os estabelecidos e os Outsiders*, fazem frequentes referências à importância da família na comunidade. Seus argumentos deixam implícito, que a comunidade é um grupo organizado em cujo seio está contido a família. A Comunidade do Rosado/RN é fonte específica de identidade, construída na ação coletiva e preservada pela memória também coletiva. Toda sua espacialidade exprime a pertença de um nós, ou seja, de uma individualidade para uma coletividade. Segundo os referidos autores, toda família pode viver em algum tipo de área local e a esses espaços dá-se o nome de comunidades. A partir desses espaços, formam-se os grupos sociais coesos, em uma rede de relações sociais, que se constrói e se manifesta em recortes territoriais, na perspectiva de mudanças nos âmbitos social, estrutural e cultural, desde o contexto local ao global.

Os sujeitos da pesquisa são moradores da Comunidade do Rosado/RN. Foram escolhidos, entre homens e mulheres, seis participantes, que serão entrevistados, por meio das narrativas (auto)biográficas, nesses espaços de vivências sociais. Não existem um lugar

isolado, vivemos em comunidade coletiva. Para Delory-Momberger (2008), os grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem ao longo da vida.



**FOTO 1:** Praia do Rosado – Porto do Mangue/RN.  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (01/01/2007).

A foto acima expressa parte das belezas naturais da praia do Rosado, cujas paisagens encantam os olhos. A comunidade pesquisada é um espaço encantador de pessoas simples e resulta do conjunto de recortes, que especificam sua posição pelas ações de sujeitos históricos sociais e a pertença de seu grupo a um lugar. Essa comunidade é conhecida pela combinação de cores entre os sedimentos esbranquiçados das dunas com os terrenos avermelhados e alaranjados dos latossolos<sup>4</sup> e do barreiras<sup>5</sup>. Tem-se a coloração *rosada*, daí o nome *Rosado*. Segundo Barros (2009), está localizada na faixa litorânea da região nordeste do Brasil, especificamente, na costa setentrional do estado do Rio Grande do Norte e incluso dentro dos limites territoriais do município de Porto do Mangue/RN. É um lugar de belas paisagens de encantar os olhos de quem visita, as falésias, as dunas a vegetação da Caatinga que avançam do interior até o litoral.

De acordo com um morador entrevistado, os vínculos familiares na comunidade se constituíram praticamente por duas famílias, Andrade e Lima, e as primeiras moradias eram

<sup>4</sup> Solos constituídos predominantemente por material mineral, em geral profundos, velhos, bem drenados, baixo teor de fragmentos de rocha, baixo teor de materiais facilmente intemperizáveis, homogêneo, estrutura granular, sempre ácidos, nunca hidromórficos.

<sup>5</sup> Cobertura de origem Sedimentar Continental; Tabuleiros com altitude média de 40m acima do nível do mar. Sedimentos de Granulometria Variada formados por areia, silte e argila com concreções ferruginosas.

de taipa<sup>6</sup>. A partir de 1991, tem-se um histórico de lutas e resistências pelo direito à terra. Este período é marcado por conflitos entre moradores e empresas locais, que culminou na morte de um morador.

Para Freire (1987), a transformação e desenvolvimento acontecem no tempo que é seu, nunca fora dele, os oprimidos só começam a se desenvolver quando, superam a contradição em que se acham, se fazem seres para si, então, a sociedade livre poderá desenvolver-se. Hoje, a comunidade investigada é amparada por um documento, que lhe dá o direito de concessão das terras por mais de vinte anos. No território de pertença constitui um espaço fundador, fornece uma definição do local, na medida em que a pertença estabelece relação direta com o reconhecimento recíproco, necessitando de uma proximidade imediata. Para Elias e Scotson (2000), é perfeitamente possível investigar a estrutura das famílias e de uma comunidade ao mesmo tempo. Quando isso é feito, logo transparece a interdependência das respectivas estruturas.

Na Comunidade do Rosado/RN, existem diferentes formas de sobrevivência, a agricultura, que está voltada para o consumo próprio, e, a pesca, forte atividade econômica, tanto para o consumo de seus moradores, como fonte de renda. Tais atividades fazem parte de suas tradições, que são transmitidas de geração a geração. O artesanato faz parte da cultura dos moradores, porém, hoje, não tem muita expressividade comercial. Por falta de incentivo e de formação, os moradores estão confeccionando poucos objetos. O artesanato é um meio econômico, que poderia possibilitar uma renda a mais aos moradores.

No local, a diversão cultural e esportiva é propiciada por coisas simples, tais como: futebol de praia, festas da padroeira e apresentações do grupo de mulheres do Pastoril. A tradição cultural da comunidade é marcada pela proximidade dos valores, da afetividade, dos modos de vida e de memória.

Quanto à educação, a comunidade, cita a primeira professora pioneira do movimento educacional, que lutou pela construção da primeira escola, em 1982, na época, a Praia do Rosado, pertencia ao município de Carnaubais/RN. Hoje, a comunidade dispõe de uma escola com uma estrutura física, que atende a demanda dos alunos, na qual é oferecido o ensino Infantil e Fundamental I e II, ministrados nos turnos matutino e vespertino. A estrutura funcional é composta por uma direção, coordenação, secretaria e um quadro de sete professoras, dentre as quais duas estão concluindo o curso de graduação, três têm especialização e duas já são graduadas.

---

<sup>6</sup> Construção feita de varas, galhos, cipós entrelaçados e cobertos com barro.

Neste tópico, descrevemos o encontro com os povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. O ponto de partida desta investigação foram as seguintes reflexões: *Como ocorreu a minha aproximação com o objeto de estudo? Quais motivos me levaram a esse encontro com a Comunidade do Rosado/RN?* De forma sucinta, apresentamos a comunidade, localidade de belezas naturais e de pessoas simples. Navegaremos nas narrativas (auto)biográficas dos povos do mar desta comunidade. Valorizar os sujeitos do lugar, através dos saberes da experiência. Esta Comunidade do Rosado/RN como lócus de pesquisa é um lugar fértil de narrativas formadoras para o campo da pesquisa (auto)biográfica.

Como citei antes, em 2015, construí oportunidades, participei como aluno especial no POSEDUC/UERN, de uma disciplina ministrada pela professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. E hoje, como aluno regular do Programa de Mestrado supracitado, na primeira orientação em agosto de 2016, a minha orientadora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, sugeriu para uma revisão do Pré-Projeto de pesquisa - intitulado *Narrativas e empoderamento de história de vida de homens e mulheres da Comunidade do Rosado/RN: memórias, saberes e fazeres dos povos do mar* - a partir do Estado da Arte, a fim de perceber, o que estava sendo nele discutido nos programas de pós-graduação.

Fiz um levantamento do tema, nos programas de pós-graduação em destaque nas teses e dissertações disponíveis na biblioteca digital da Plataforma Sucupira - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), tais como: Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), (PPGED/UFC), (PPGED/UFPA), (PPGED/UFPR), (PPGED/FURS) e (PPGED/UEC/SP), Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAS/UFRS), Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD/UFPA), Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas (PPGCP/UFRS), Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UESP), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFM), Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC/UFC)

Para compreender os estudos na área do conhecimento sobre narrativas de empoderamento dos povos do mar, fizemos um mapeamento nos trabalhos de teses e dissertações, e, utilizamos como aporte teórico autores como Luna (2009), Romanowski e Ens (2006), Rossetto (2016) e Ferreira (2002). De quarenta e três trabalhos encontrados, relacionados à proposta almejada, oito são teses e trinta e cinco são dissertações, disponíveis nas bibliotecas digitais da Plataforma Sucupira - CAPES, da UFRN e da UERN. As leituras

dos resumos nos conduziram a considerar e a desconsiderar trabalhos, que traziam outras questões e diziam pouco a respeito do nosso estudo.

Após a leitura e análise dos títulos, resumos e palavras-chave desses trabalhos, foram selecionados, apenas, treze, sendo três teses e dez dissertações, defendidas entre os anos de 2005 a 2015. Esse recorte temporal está ligado ao estudo na Comunidade do Rosado/RN, que se justifica por dois critérios. Primeiro, porque, nesse período, houve estrutural avanço na cidade de Porto do Mangue/RN, que trouxe benefícios para a Comunidade do Rosado/RN. Nesses dez anos, o município recebeu novos profissionais da educação, por meio de concurso público e proporcionou formação continuada, em nível superior, para professores que tinham, apenas, o magistério. A essas ações, se deve o crescimento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para o Município, em 2007. Outra ação relevante foi a continuidade da estrada RN 221, que liga Porto do Mangue/RN até Areia Branca/RN. A construção desse trecho deu acesso a um dos pontos turísticos do município, as Dunas do Rosado. Por consequência, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA), através de sua equipe de educação ambiental, vem promovendo Ações Ecológicas, além de ter criado o Projeto Biomuseologia junto à comunidade da Praia do Rosado, na Área de Proteção Ambiental (APA) Dunas do Rosado. Neste período, os municípios Tibau, Grossos, Areia Branca, Porto do Mangue, Macau e Guamaré criaram o Polo Costa Branca. Esse projeto do Polo Costa Branca objetiva integrar vários municípios do Rio Grande do Norte (RN) com vistas ao pleno desenvolvimento da atividade do turismo, representando uma grande contribuição para Porto do Mangue/RN. Como segundo critério responsável pelo estabelecimento do referido recorte temporal, consideramos o fato de todos os trabalhos selecionados para esta pesquisa estabelecem uma relação com o tema da proposta aqui apresentada, também, tomarem o ano de 2005 em diante como período de investigação.

Nessa revisão bibliográfica, analisamos as produções produzidas nesses dez anos a respeito do tema, que pretendemos refletir na dissertação de mestrado. Além desses trabalhos, encontramos, na biblioteca digital da UFRN, um artigo intitulado *O Desenvolvimento do Geoturismo no município de Porto do Mangue/RN com base no complexo Dunas do Rosado: patrimônio geológico Potiguar*, que apresenta na perspectiva do desenvolvimento do geoturismo na Comunidade do Rosado/RN e um vídeo no YouTube, com o título *O Rosado por suas palavras e expressões*. Os trabalhos encontrados versam sobre outra problematização, mas ajudam como fonte de pesquisa.

No decorrer da pesquisa sobre o Estado da Arte nas bibliotecas digitais, ressaltamos os seguintes aspectos: não estava disponível o acesso para consulta de algumas produções, entre

teses e dissertações nas bibliotecas digitais; selecionamos trabalhos interessantes e outros com problematização diferentes para esse estudo; nesta tarefa não basta ler resumos dos trabalhos, deve-se também interpretar, de forma reflexiva, o que se está lendo, estabelecendo relações com a pesquisa proposta.

A partir do mapeamento nos trabalhos de teses e dissertações disponíveis nas bibliotecas digitais da Plataforma Sucupira - CAPES, UFRN e UERN, com ênfases para diferentes conceitos do tema relacionado à pesquisa em andamento, com destaque para: histórias de vida, experiências de formação, narrativas (auto)biográficas, comunidade do mar, povos do mar, saberes dos povos do mar, memórias e empoderamento. Como pano de fundo, das fontes pesquisadas: histórias de vida, narrativas, memórias, culturas, povos pesqueiros, comunidade pesqueira, saberes, experiências, fazeres e formação.

Na tentativa de sintetizar a produção dos dados pesquisados, produzimos um quadro em que destacamos, para cada trabalho analisado, o nome do autor, título do trabalho, se é tese ou dissertação, a área do conhecimento e o ano da publicação.

#### QUADRO 1- Listagem dos autores analisados

Ana Cláudia Mafra da Fonseca. <b>Histórias de Pescador:</b> as culturas populares nas redes das narrativas (Papary - Nísia Floresta - RN). Tese. Doutorado em Letras. 2005.
Raimundo Nonato Júnior. <b>Filosofias que sopram o mar:</b> mapeando conceitos de povos de mar, com os habitantes de Tatajuba, Camocim - CE. Dissertação. Mestrado em Educação. 2006.
Winifred Knox. <b>Vivendo do Mar:</b> tradição, memória e mudança na vida pesqueira de Pitangui-RN. Tese. Mestrado em Ciências Sociais. 2007.
Andreia Duarte Alves. <b>Histórias de pescadores:</b> memórias de vidas submersas. Dissertação. Mestrado em psicologia. 2007.
José Josberto Montenegro Sousa. <b>Culturas tradicionais no Ceará:</b> nas dobras de narrativas em contendas sertanejas. Tese. Doutorado em História. 2009.
Mariene Francine Lima. <b>Mares e Pescadores:</b> narrativas e conversas em Itapoá. Dissertação. Mestrado em Educação. 2011.
Patrícia Pereira Mattos. <b>Entendendo as interações entre povos pesqueiros, manguezal e área protegida:</b> RDS Estadual Ponta do Tubarão (RN, Brasil). Dissertação. Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2011.
Ana Caroline Pires Miranda. <b>Povos e Comunidades Tradicionais:</b> análise do processo de

construção sociológica e jurídica da expressão. Dissertação. Mestrado em Ciências Sociais. 2012.
Emerson Augusto de Medeiros. <b>Do campo à Universidade:</b> histórias, saberes, experiências, fazeres e a formação no Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra. Dissertação. Mestrado em Educação. 2013.
Cleilton da Paz Bezerra. <b>Memorial de Redonda:</b> reinvenção e luta na produção da saúde dos povos do mar. Dissertação. Mestrado em Saúde Pública. 2013.
Lisiane Costa Claro. <b>Entre a pesca e a escola:</b> a educação dos povos tradicionais a partir da comunidade pesqueira na Ilha da Torotama (Rio Grande/RS). Dissertação. Mestrado em Educação. 2014.
Pedro Fernando dos Santos. <b>Memórias que educam:</b> narrativas dos velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição. Dissertação. Mestrado em Educação. 2015.
Roseli da Silva Cardoso. <b>Os saberes da gente do mar:</b> o imaginário e as experiências de vida dos pescadores da Vila do Treme, Bragança (PA). Dissertação. Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia. 2015.

**Fonte:** Quadro organizado pelo autor com base nas informações obtidas nos bancos de dados das bibliotecas digitais da Plataforma Sucupira - CAPES, UFRN e UERN. 09/10/2016.

Para encontrar os trabalhos acima elencados, tomamos como base de busca os títulos, resumos e palavras-chave. A leitura dos resumos permitiu considerar ou desconsiderar trabalhos, que traziam outras questões, ou pouco mencionavam o tema de interesse, portanto, foram analisados, apenas, treze trabalhos do Quatro 1. Todos os trabalhos se encontram nos bancos de dados da Plataforma Sucupira - CAPES, da UFRN e da UERN.

A primeira constatação a ser feita a respeito desses trabalhos: os seus títulos refletem questões relacionadas ao tema da pesquisa proposta, que tem como foco as narrativas (auto)biográficas e empoderamento. Quanto aos trabalhos com títulos de empoderamento, destacamos quatro. Vale ressaltar, que não foram analisados pelos resumos e palavras-chave, mas somente pelos títulos, pois não estavam disponíveis para consultar as produções nas bibliotecas digitais da Plataforma Sucupira – CAPES, *site*, onde foi efetuada a pesquisa.

Segue a descrição dos trabalhos que enfocam a expressão empoderamento nos seus títulos. O primeiro deles, de autoria de Lilian de Cassia Alvisi, tem como título “Memória, Resistência e Empoderamento: a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas/MG”. Trata-se de uma tese em Educação, defendida em 2008, na Universidade Estadual de Campinas (UEC/SP). O segundo é uma tese em Educação Ambiental de autoria

de Denise Duarte Grafulha da Costa, cujo título é “O empoderamento das comunidades e a Educação Ambiental”. Defendida em 2008, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS).

O terceiro, “Empoderamento e ONG: limites e possibilidades”, é um trabalho de Mestrado em Ciência Política, escrito por Daniela Santana Feijó. Defendido em 2006, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). O último trabalho refere-se a um estudo de Mestrado em Administração, elaborado por Gizelle de Souza Mageste, cujo título é “Histórias de Empoderamento: um estudo sobre o processo vivenciado por mulheres que ocupam cargos de alto escalão na administração pública e de empresas em Belo Horizonte”. Defendida em 2008, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os quatro trabalhos estão na Plataforma Sucupira – CAPES.

De acordo com análises feitas pelos títulos, percebemos que os referidos trabalhos enfocam a expressão empoderamento, mas nenhum se direciona para o conceito relacionado aos povos do mar. Um deles tem uma aproximação, pois se refere à tese de doutorado de Denise Duarte Grafulha da Costa, intitulada “O Empoderamento das Comunidades e a Educação Ambiental”. Em seu estudo, a autora analisa o empoderamento das comunidades, conceitos centrais desta pesquisa, o que poderia trazer significativas contribuições para o seu desenvolvimento.

Da busca realizada na biblioteca digital da Plataforma Sucupira - CAPES, encontramos dois trabalhos, que não constam nos trabalhos selecionados. Esses trabalhos destacam temas relacionados com a proposta do estudo sobre povos do mar a ser desenvolvido, porém não tivemos acesso aos títulos, resumos e palavras-chave. A partir do título, verificamos a relevância do trabalho de Tese em Antropologia Social de autoria de Gianpaolo Knoller Adomilli, “Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima. Tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte-RS”, defendido em 2007, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG) - Porto Alegre.

E o outro trabalho de autoria de Syglea Magalhães, intitulado “Povos e comunidades tradicionais da Amazônia Legal: análise das normas jurídicas de acesso aos territórios e de acesso aos bens ambientais”. É uma tese em Direito, defendida em 2009, na Universidade Federal do Pará (UFPA) - Belém.

Quanto à abordagem das narrativas (auto)biográficas como método de pesquisa, dos quarenta e três trabalhos analisados, apenas dezenove, entre teses e dissertações, adotam narrativas (auto)biográficas como método de pesquisa e têm relevância para a nossa proposta de pesquisa.

Na biblioteca digital da UFRN, foram encontradas uma tese e duas dissertações. Na biblioteca digital da Plataforma Sucupira - CAPES, foi identificada, apenas, uma dissertação, que se encontra em destaque no Quadro 1. Na biblioteca digital da UERN, localizamos quinze dissertações que enfocam as narrativas (auto)biográficas como método de pesquisa, dentre as quais selecionamos duas, que tratam das narrativas de comunidades. O primeiro trabalho selecionado é de autoria de Emerson Augusto de Medeiros, intitulado “Do campo à Universidade: histórias, saberes, experiências, fazeres e a formação no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Terra”. Dissertação defendida em 2013. É preciso esclarecer que não tivemos acesso, pois estava indisponível para visualização na página do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC/UERN).

O segundo trabalho é de autoria de Pedro Fernando dos Santos, “Memórias que educam: narrativas dos velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição”. Dissertação defendida em 2015, no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC/UERN). Esse trabalho contribuirá para a pesquisa em andamento, sobre *contar a vida, construir a formação: narrativas e empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*, pois expressa com muita propriedade os estudos sobre as narrativas dos velhos do quilombo, e também, apresenta os saberes e fazeres da comunidade quilombola. Essa temática compreende como os Saberes da Tradição, expressos nas narrativas de vida dos mais velhos da comunidade contribuem para sua preservação e promoção de aprendizagens para os jovens.

O terceiro trabalho, de autoria de Cleilton da Paz Bezerra, intitulado “Memorial de Redonda: reinvenção e luta na produção da saúde dos povos do mar”, trata de uma dissertação defendida em 2013, no Mestrado em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará (UFC), disponível na Plataforma Sucupira – CAPES. O trabalho objetiva compreender as transformações na vida coletiva, percebidas pelos povos do mar da Comunidade de Redonda, na interface cultura, educação, saúde e ambiente. O autor utiliza as narrativas dos sujeitos do lugar na formação, povoamento e construção de uma comunidade constituída por parentes que passaram a viver da agricultura familiar, da pesca artesanal e da prática do escambo.

Dos treze trabalhos mencionados, três deles usam as narrativas (auto)biográficas como método de pesquisa, dois localizados na biblioteca digital da UERN e um no programa da Plataforma Sucupira - CAPES. Desses três trabalhos, somente um, de autoria de Cleilton da Paz (2013), do programa da Plataforma Sucupira - CAPES, aborda as narrativas (auto)biográficas na perspectiva da cultura, educação, saúde e ambiente, de sujeitos comum da comunidade do mar.

Quanto aos outros dois trabalhos, da biblioteca digital da UERN, um traz as narrativas (auto)biográficas na perspectiva dos velhos dos quilombos e o outro na perspectiva dos sujeitos agricultores. Os demais trabalhos citados no quadro, num total de onze, apresentam distintas metodologias, tais como: Histórias oral, Narrativas de vida, Etnografia, Entrevistas Semiestruturadas, Sóciopoética e Conversas. Os temas citados narraram uma história.

A pesquisa do Estado da Arte contribuiu como fonte de produções teóricas em diversos campos do conhecimento, tais como: Educação; Letras; Ciências Sociais; Psicologia; História; Saúde Pública; Linguagens e Saberes na Amazônia. Um ponto fundamental para a construção dessa revisão da literatura. Para Luna (2008), a revisão é uma peça importante no trabalho científico e pode, por ela mesma, construir um trabalho de pesquisa, basta rever os critérios apontados para caracterizar uma pesquisa e garantir resultados positivos.

Consideramos outra contribuição do Estado da Arte: superar dúvidas e inquietações para o crescimento e amadurecimento da pesquisa, que pretendemos desenvolver. O Estado da Arte, segundo Romanowski e Ens (2006), abrange toda uma área do conhecimento nos diferentes aspectos, que geraram produções. Há uma vasta produção de teses e dissertações das inúmeras universidades acadêmicas das regiões do Brasil, através da pesquisa bibliográfica, mapeadas nas bibliotecas digitais.

No garimpar desse material, bebemos dos saberes e das experiências vivenciadas por todas as fontes do conhecimento de diversas áreas, produzidas pelas universidades federais e estaduais de várias regiões do Brasil, e arquivadas nos bancos de dados do programa da Plataforma Sucupira - CAPES. Os trabalhos de teses e dissertações selecionados e analisados sinalizam como andam as produções nas universidades de outras regiões do Brasil e, também, da UFRN e a UERN, ambas localizadas no estado do Rio Grande do Norte (RN), por isso, possuem proximidades culturais, econômicas e sociais.

Nas leituras dos trabalhos, detectamos, apenas, um com referências bibliográficas no resumo. Sentimos a necessidade de consultar as referências bibliográficas dos trabalhos para constatar os autores utilizados. Ferreira (2002) afirma que, em muitos trabalhos, os resumos não atendem às exigências de um trabalho científico. Em alguns, falta a conclusão da pesquisa; em outros, falta o percurso metodológico, ainda em outros, pode ser encontrado um estilo mais narrativo.

A revisão do referencial teórico dos treze trabalhos selecionados revelou uma rica e vasta produção bibliográfica relacionada ao tema em questão. Encontramos um vasto material de apoio a ser usado na construção da pesquisa proposta. Apresentamos apenas as referências que versam sobre: narrativas (auto)biográficas, Povos do mar, Memórias de velhos, Voz do

passado, Memórias e identidade, Experiências de formação, Saberes, Memórias silenciada, Memórias individual e coletiva, Empoderamento, Culturas e Cotidiano, História Oral, Narrativas de vida entre outros.

Para essa pesquisa, as informações obtidas por esse levantamento bibliográfico, através das produções teóricas, com destaque para o tema: narrativas de empoderamento dos povos do mar contribuirão para a construção e ampliação do conhecimento permitiram um mapeamento nos trabalhos de teses e dissertações disponíveis nas bibliotecas digitais da Plataforma Sucupira - CAPES, UFRN e UERN. Essas produções possibilitaram uma reflexão quanto às produções teóricas produzidas entre 2005 a 2015.

É necessário citarmos as pesquisas levantadas sobre o Estado da Arte, relevante para os trabalhos acadêmicos, porque norteiam o desenrolar de outras áreas de pesquisa, sem contar com a disponibilidade de informações, e contribuir para a clareza de várias questões levantadas na academia.

Este estudo contribuirá para a valorização dos saberes da experiência dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN no âmbito acadêmico e para o campo das Ciências Humanas. É necessário ampliar o conhecimento acerca da formação dessa comunidade tradicional, por meio da investigação sobre a ordem dos fatores pessoal, social, histórico e político, através da convivência pessoal e profissional.

## **1.2 Como me construí professor de Geografia: narrar, esquecer, silenciar, na construção do ser professor de Geografia**

Na pesquisa (auto)biográfica ou narrativa (auto)biográfica, a memória pode ser seletiva, pois nem tudo fica gravado e registrado. Para Pollak (1992), a memória é, em parte, herdada e não se refere apenas à vida física da pessoa. Para rememorar a minha memória, recorro às lembranças dos outros, segundo Halbwachs (1990), a memória individual não está isolada ou fechada. Para evocar o passado, devemos apelar para as lembranças alheias, ou seja, às lembranças contadas por outras pessoas.

Ao narrar a minha história de vida, recorri à minha família. Para Halbwachs (1990), a memória deve ser entendida, como um fenômeno coletivo e social, decorrente de fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes em uma sociedade, no plano da memória individual e coletiva.

Trago memórias de recordações compreendidas como referências, pois, quando são narradas, funcionam como experiências formadoras. Para Josso (2010), falar de recordações é

falar de elementos simbólicos, e compreende-los como elementos constitutivos da sua formação. Segundo Passeggi (2008), o falar de si permite (re)significar erros, fracassos, momentos cruciais, interesses e investimentos, mas essa ação não é espontânea, é preciso fazê-la emergir através da reflexão com o outro e, se possível, retomá-la por escrito. Para Passeggi (2008), as pessoas dão forma às experiências, fazem significar as situações e os acontecimentos de suas existências, representam e inscrevem o curso de sua vida nas temporalidades e nos espaços de seu ambiente histórico e social.

A partir da premissa do falar de si, do escrever sobre si, começo a narrar a minha história de vida. Meu nome é Stenio Herói<sup>7</sup>, nasci no dia 07 de junho de 1971, na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte/RN. Sou filho de Antônio Herói (*in memoriam*) e Francisca Maria. Meus pais moravam na cidade de Caraúbas/RN, localizada a 72 km<sup>2</sup> da cidade de Mossoró. A mudança de minha família de Caraúbas para Mossoró trouxe dificuldades e exigiram de meus pais algumas decisões. Eles venderam as terras do Sítio Serrote, herança de família, bem como algumas cabeças de criação, tudo isso para comprar um terreno na cidade de Mossoró, na esperança de oportunidade de trabalho. Morávamos em uma casa de taipa, ou seja, construção feita de varas, galhos, cipós entrelaçados e cobertos com barro. Com o trabalho de mutirão dos meus tios, irmãos da minha mãe, foram dando outra forma de moradia, do barro para o tijolo e cimento.

Meu pai era sapateiro de profissão, tinha em suas mãos as habilidades de um grande artesão. Minha mãe era uma excelente dona de casa, sabia costurar, bordar e fazer pontos de cruz. Com muito talento, ela ajudava no sustendo da casa. Quando meus pais se casaram, meu pai trouxe com ele dois filhos de um relacionamento, na Bahia da Conquista/BA. Minha mãe aceitou como filhos e assumiu a missão de criá-los e educá-los.

Mais tarde, a família aumentou, com a chegada dos novos filhos, frutos desse novo matrimônio, um total de oito, somados aos meus dois irmãos por parte de pai. Dois de meus irmãos faleceram ainda bebês. Para homenagear um deles, minha mãe resolveu pôr o mesmo nome em mim. Sou o casula da casa. Por volta dos anos 1980, um dos meus irmãos por parte de pai, morre em um grave acidente em São Luís do Maranhão/MA. Esse fato abalou muito minha família e meu pai sofreu muito. Hoje, somos sete filhos, todos estudaram e construíram suas vidas através do estudo e do trabalho, e, por isso:

De todas as dificuldades que passamos, eu posso não ter sentido tanto, por ter sido o último filho, ainda muito pequeno na época, mas confesso, cresci

---

<sup>7</sup> Os nomes dos participantes citados deste tópico 1.2, são nomes fictícios, respeitando o pedido da família.

sabendo destas dificuldades que nos foram impostas, isso me ensinou a dar valor ao pouco que temos e nada cai do céu. Temos que ter perseverança para driblar os obstáculos da vida. Hoje, nossa realidade é outra, todos os sete filhos estudaram e construíram suas bases através do trabalho e da esperança de mudança (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 20/10/2015).

Meus pais tinham, apenas, a 4ª série do ginásio. Apesar de sua pouca instrução, me deixaram várias lições: me ensinaram a amar, respeitar e ser honesto com o outro; com eles aprendi que por meio da educação poderia ter um futuro melhor.

No convívio familiar, surgem conversas, lembranças e memórias vividas ao longo do tempo, e relacionam a documentos, fotos e objetos. Antes de partir para minha trajetória escolar, quero registrar ainda um episódio ocorrido no ano de 1976, quando tinha cinco anos. Esse fato marcante em minha vida é um acontecimento religioso:

No dia do meu batizado. Lembro-me, eu me escondi dentro de uma rede; fiquei enrolado para ninguém me achar, não queria ser batizado. Foram os meus pais que escolheram o meu padrinho e a minha madrinha. O bom da história, aconteceu na igreja, depois da celebração, tudo ficou diferente. O meu padrinho me conquistou com balas, picolé e pipoca no patamar da igreja de São Manoel, tudo muito contagiante. Daí em diante, nunca mais deixei de cumprimenta-los. É a partir do batizado que rememorizo as minhas lembranças da infância. (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 20/10/2015).

Lembro-me de outra passagem da minha infância muito bem, minha mãe sempre fazia viagens para a casa do meu avô, em Caraúbas/RN. Recordo-me, como era bom ficar no quintal para observar os animais; colhia goiaba e cajarana, passava horas e horas na companhia dos meus primos. Ao narrar esse fato, compreendo melhor quando Josso (2010), afirma que os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem sinalizadas para o ser humano é, também, criar as histórias simbólicas para a nossa compreensão das coisas da vida.

A consciência histórica de si favorece um caminhar a passos largos para a emancipação mediante a (auto)formação. Para Josso (2010), é preciso compreender a (auto)biografia como um método dinamizador para o processo de transformação pela invenção de si próprio, onde o sujeito passa a ser protagonista da sua história, tecendo os fios da produção de si mesmo, de modo a propiciar o (auto)conhecimento para a (auto)formação.

A respeito de conhecer a si e da compreensão de como nos formamos e nos transformamos ao longo de nossa vida, segundo Freire (1996), a grandeza de um homem não

está no quanto ele sabe, mas no quanto ele tem consciência de que não sabe e está disposto a aprender com humildade, tanto no individual como no coletivo. Ao compreender a verdade contida no pensamento de Freire, passo a narrar minha caminhada escolar, a começar pelos sete anos de idade, no ano de 1978. Lembro-me do meu primeiro dia de aula, no Colégio Ambulatório Padre Dehor, em Mossoró/RN, onde estudei até a 4ª série do primário, hoje, equivale ao 5º ano do Fundamental I.

Desse percurso na infância, recordo, ainda, da 1ª série, a minha primeira professora, Dona Alzira<sup>8</sup>, tinha uma voz rouca e cabelos grisalhos; da hora destinada ao hino nacional, acontecia uma vez por semana; do recreio e da lancheira, todos os dias minha mãe preparava com biscoito e refresco de morango, das brincadeiras e dos meus amigos da infância. Foram bons tempos.

Em 1979, caminhei para a 2ª série. Um momento constrangedor, porque não aprendi a ler, ao contrário, de alguns colegas da turma, sabiam ler e escrever. Nesse período, gostava muito de desenhar herói em quadrinhos e de criar os meus personagens imaginários. Em casa, gosta de brincar e desenhar. Passava o meu maior tempo com os meus colegas, que moravam na mesma rua. Alguns deles já sabiam ler e escrever. Ficava impressionado e tinha um desejo imenso de aprender a ler, mas achava muito difícil, até impossível. Em certos momentos de solidão, chorava e suplicava ajuda ao Senhor. Ao tratar do aprendizado, para Freire (1996), as barreiras vêm, e devemos enfrentá-las com coragem e ultrapassá-las. Como citei, gostava de desenhar herói em quadrinhos e de criar os meus próprios personagens da minha imaginação.

Em 1980, fiquei retido na 2ª série, o que me distanciava mais dos meus colegas de turma. Ficava na sala de aula dos ditos *atrasados*, existia em mim, muita dificuldade de ler e de compreender a junção das sílabas. Não tinha noção do quanto estava me prejudicando. Foram momentos constrangedores na minha vida. Nesse momento, surgem algumas questões sobre minha dificuldade em aprender a ler: *Era por falta ou vontade de aprender? Minha professora da base não me ajudou? Eu era o problema por ter interesse apenas pela arte de desenhar? Existia uma falta de apoio da minha família nas tarefas escolares?* Naquela época, os meus pais atribuíam total responsabilidade à escola. Esses são pontos para refletir.

Em 1981, passei para a 3ª série, ainda sem saber ler; apenas conhecia as letras e algumas palavras e, na hora de juntar tudo, eu sentia muita dificuldade. A arte de soletrar me faltava. Estava evidente mais uma repetência, daí houve a preocupação por parte da escola.

---

<sup>8</sup> Os nomes citados no tópico 1.2, são nomes fictícios, pois não tivemos autorização dos participantes, assim garanto sua privacidade e a confiança depositada no pesquisador, e também a fidelidade e a ética exigidas pela pesquisa.

Neste mesmo ano, minha mãe recebeu um comunicado para conversar com a diretora, Dona Mimosa, como era chamada por todos. Não sabia do teor da conversa, pois eu tinha apenas dez anos, diante dos fatos, surgiram algumas indagações: *O que está acontecendo? Eu fiz algo de errado? Minha mãe vai brigar comigo?* Na verdade, nem a minha mãe sabia.

Com essa situação, narro a passagem de um teste de conhecimento na escola:

A coordenadora conversou com minha mãe, comunicou que eu iria passar por um teste de aptidão, ou seja, para testar os meus conhecimentos. Minha mãe, por ter pouco estudo, não sabia, de fato, qual era a verdadeira questão para tudo que estava acontecendo. Foi marcado o teste com uma psicopedagoga. Na ocasião, uma colega de sala ia passar pelo mesmo teste também. Me submeti ao teste. Lembro-me que tinha questões para achar a saída de lugar, outra para desenhar a minha casa e perguntas de raciocínio. Na verdade, não tive dificuldade em responder (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 20/10/2015).

O resultado do teste culminou nos parabéns da pedagoga pelo meu desempenho. Depois ela falou sobre o diagnóstico do teste com a minha mãe: estava tudo bem, não precisava se preocupar, pois eu era muito inteligente. E tinha ficado surpresa com os meus desenhos. Quanto à dificuldade de aprender a ler, seria uma questão de tempo na interação com a professora e os colegas na sala de aula.

Lembro-me do meu interesse pela arte de desenhar, adorava desenhar, talvez, esse desejo, tenha atrapalhado o meu desenvolvimento para a leitura e escrita. A resposta exata não existe, mas essa dificuldade interrompeu a sequência natural dos meus anos iniciais na escola.

Em 1982, repeti a 3ª série. Neste ano, comecei a despertar o prazer pela leitura e escrita. Eu estava alfabetizado. Por onde passava lia os cartazes, tudo eu observava. Agora enxergava o que antes não conseguia. Cada vez mais, desenvolvia a leitura e a escrita, sabia dos desafios, minha meta era recuperar os anos deixados para trás.

No ano seguinte, 1983, passei para a 4ª série. Sabia ler e escrever, mas não possuía total interesse pela educação. Queria saber apenas de brincar, de participar das quadrilhas e dos encontros do grupo da igreja. Eu era muito atuante, mas em relação à escola não levava a sério os estudos; a falta de interesse era grande. Sem dúvida, essas lembranças refletem hoje na minha prática docente. Quando vejo os meus alunos neste mesmo contexto, como professor de geografia, questiono: *O que fazer para despertar nos meus alunos o interesse de querer aprender?*

Hoje, coloco-me no lugar deles, com base na minha própria vida escolar, vejo uma falta de apoio da escola e da família. As mesmas questões vivenciadas na minha época, ainda, hoje estão presentes. Percebo que o sistema de ensino continua com as mesmas deficiências.

Mesmo diante dos problemas sociais, apreendi, que nós professores precisamos buscar um resultado de aprendizado. Para Freire (1996), é indispensável que o aprendiz se torne capaz de recriar ou refazer o ensinado.

Ainda em 1983, concomitante às memórias escolares, comecei a participar no movimento da Igreja Católica, no grupo do catecismo, o nosso grupo chamava-se Contentinho. Esse grupo nasceu da divisão do grupo Contente, tínhamos a Irmã Luzimar como organizadora e orientadora. Essa participação me levou a desenvolver minhas habilidades artísticas e me tornar uma criança atuante e reflexiva. Dessa experiência trago dois momentos marcantes na minha vida:

O primeiro a celebração da minha 1ª comunhão, e o outro a despedida de Irmã Luzimar, onde tive que deixar o grupo porque foi convidada para dirigir uma fundação de apoio às crianças em outro bairro. Passou a missão de coordenar o grupo a catequista Edinalva, que deu continuidade nos ensinamentos. Aprendi muito com ela. Neste mesmo tempo, o grupo participava do Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC), promovido pela igreja e por grupo de catequeses. Lembro muito bem de pessoas que lutaram e contribuíram pelo direito das crianças e dos adolescentes. O movimento MAC era a favor do direito de brincar, de estudar e de se tornar um cidadão de bem. Nele era promovida a inclusão social. Todos são iguais, esse era o lema. Nessa trajetória, aprendei muito: a valorizar o outro, respeitar as diferenças (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 20/10/2015).

A celebração da primeira comunhão representou um momento de comunhão com a família, na escola, nos grupos, na comunidade, na igreja na vida, comigo e com o outro. Aprendemos a respeitar, amar, brincar, pesquisar, desenhar, estudar e a rezar. Foram momentos de muita aprendizagem. Mesmo atuando nesses movimentos de conscientização pelos direitos das crianças e adolescentes, continuava sem ter responsabilidade com a escola e não me dedicava nas tarefas. O meu maior compromisso, era brincar, desenhar e deixava de lado a escola.

O final do ano de 1983, marcou mais uma reprovação na minha vida escolar. A minha professora da 4ª série chamava-se Dona Gerusa, era muito autoritária e de pouca conversa. Nas suas aulas, faltava aquele toque de amor e paciência. Ao pensar nessa postura da professora hoje, lembro-me dos ensinamentos de Freire (1996), quando afirma que ensinar não é transferir conhecimentos e conteúdos, porém o processo de aprender precisa deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, torná-lo mais e mais criador. O professor precisa exercer a capacidade de ensinar e desenvolver, no educando, a curiosidade de apreender para alcançar o conhecimento.

Naquele ano, o meu desinteresse pelos estudos, talvez, decorresse da falta de afeto e de dedicação da professora, mas, eu, também, me sinto culpado, por não ter interesse e desejo de aprender. Lembro-me quando estava na 4ª série, o meu irmão propôs um desafio: se eu aprendesse a dizer as horas pelo relógio de ponteiro, ele me dava um relógio como prêmio. Lutei pra aprender, mas, no dia das perguntas das horas, não acertava nada, por isso fiquei sem meu prêmio. Depois aprendi as horas e achei muito fácil. Entendo, que *sobre pressão ninguém aprende nada*.

No ano de 1984, comecei realmente a estudar. Recebemos uma nova professora, Dona Vânia, para ensinar a 4ª série. Era uma pessoa doce e muito admirada pelos alunos. Todos gostavam e tinham o maior respeito para com ela. Em suas aulas, a professora nos estimulava para sermos melhores. Ela dizia: é por meio da educação que acontece a verdadeira mudança do ser. Para Freire (1996), o educador deve despertar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão e, não ser simplesmente transferidor de conteúdo. O educador precisa ser criador, instigador, inquieto, curioso, humilde e persistente. Aquelas palavras ditas pela professora dona Vânia, ficaram gravadas na minha memória e a partir daí, decidi mudar e tentar recuperar os anos deixados para trás. Mostrei mais interesse e me dediquei ao máximo para ser aprovado para a 5ª série, hoje 6º ano das séries finais do Ensino Fundamental II. Aprovado com êxito.

Em 1985, por motivo da escola Padre Dehn não contemplar o Ensino Fundamental II, passei a estudar na Escola Estadual Professor Manoel João. A escola ficava na mesma rua da minha residência. Daí em diante, as mudanças na 5ª série foram para melhor; sai da companhia de uma só professora, para ser ensinado por vários professores, cada um com uma disciplina diferente. Nesse período, eu estava com 14 anos, era um adolescente, estava despertando para uma nova vida, cheia de inquietações e descobertas. Mas sabia, tudo dependia do meu compromisso e dedicação com a educação, o meu futuro estava em minhas mãos, dependia de mim mesmo, estudar para chegar a um topo maior.

Minha vida escolar traz muitas lições e por ela algumas pessoas passaram e outras ficarão na minha memória para sempre, é o caso da minha professora de Língua Portuguesa, Dona Rosa, excelente professora, doce, amiga, era uma mãe. Com os seus ensinamentos aprendi a fazer redação, construir texto, conjugar verbo. Não parei mais, fiz até a 7ª série na Escola Manoel João, onde estudei entre os anos de 1985 até 1988.

Da 5ª a 7ª série, gostava muito de ensinar os meus colegas com dificuldades em Português e Matemática. Isso marcava o meu primeiro contato com o ensino e mostrava interesse pela docência. Mesmo sem perceber, já estava dando os primeiros passos rumo à

docência. Nesse período, ministrava aula de reforço para uma colega e sua irmã. Eu gostava de ensinar. Brigava com elas, quando não se concentravam na explicação. Ficava bravo, coisa de professor iniciante.

No ano seguinte, pedi transferência para a Escola Estadual Maria Stela, para cursar a 8ª série, à noite. A escola ficava bem distante da minha casa. A mudança aconteceu porque iria trabalhar na mercearia do Sr Mendonça. Esse estabelecimento comercial fica na mesma rua da minha casa. Pensava em ajudar a minha mãe nas despesas da casa. Na escola Maria Stela, vivi momentos de lutas e resistências, me envolvi no grêmio estudantil, participei com representante de classe, o que despertou em mim o espírito de liderança. Adorava participar das reuniões da escola. Nos movimentos escolares, sempre me coloquei em defesa dos direitos dos estudantes.

Entre os anos de 1988 a 1990, narro a passagem de quando me alistei para o serviço militar obrigatório, na intenção de tirar a carteira de reservista. Relembro-me:

No ano de 1989 estava com dezessete anos e seis meses. Inscrevi-me no serviço militar, para servir no ano de 1990, caso fosse escolhido. Em uma manhã, sai de casa para saber o resultado. Lembro-me, meu pai queria muito que um dos seus filhos servisse ao Exército. Para ser sincero, eu não queria. Mas no dia do resultado, o meu nome estava na lista dos aprovados para o serviço militar, no Tiro de Guerra-TG de Mossoró/RN. Fiquei triste com a notícia, o serviço militar era obrigatório. Na ida para casa, peguei um ônibus em direção ao bairro São Manoel. Quando estava próximo à minha rua, não esperei o ônibus parar totalmente. Pulei no sentido contrário. Cai com as costas no chão, momento horrível, sentia muitas dores, ao chegar em casa comuniquei a minha mãe, sobre a queda e também do resultado. Ela ficou preocupada comigo, mas lembrou-se que papai iria ficar muito feliz com este resultado. (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 20/10/2015).

Trago comigo boas recordações do período de formação no Tiro de Guerra. Foram momentos de disciplina, conhecimentos e práticas físicas. Participava da banda e aprendi a tocar surdo. Uma semana antes do desfile cívico, ensaiávamos todos os dias.

Com a convivência com os meus professores, os Sargentos Aldo e José, aprendi a disciplina e o respeito. Esses momentos marcaram a minha vida. A partir daquele momento, dividi meu tempo entre TG, escola e trabalho. Fiquei na Escola Maria Stela até 1991 e, nesse mesmo ano, fiz um teste de cartazista e letrista para trabalhar no supermercado, no centro da cidade. A função era confeccionar cartazes e panfletos. Esse resultado marcou o início da minha vida profissional, pois está empregado com carteira assinada. Passaria a ganhar um

salário comercial. Com esse trabalho, iria exercer a função de desenhista, um desejo concretizado. Quanto o trabalho na mercearia do Sr Mendonça, agradei pela oportunidade.

Naquele ano trabalhava dois expedientes, de madrugada ia para o TG e à noite para a escola. Estava no 1º ano do 2º Grau, na Escola Maria Stela. Tempo de superação e resistência, não era fácil. Na sala de aula, devido o cansaço, dormia na carteira, mas tudo valia à pena. Lutava para crescer e me tornar um bom profissional.

No ano de 1992, consegui vaga em uma escola mais próxima da minha casa, para cursar o 2º ano do 2º Grau, atual Ensino Médio. Era uma escola estadual com boa referência no ensino, a Escola Estadual Aída Ramalho Cortez Pereira. Lá concluí o meu 3º ano do 2º grau. Guardo muitas lembranças da turma do 3º ano representada na foto abaixo, me recordo de todos. A conclusão do Ensino Médio, marcou para mim, momentos vitoriosos, de superação e conquista para minha vida escolar.

A conclusão do 2º grau, em 1993, marcou o termino de mais uma fase da minha formação educacional. Mas não parava por aí; apareceriam outros caminhos para prosseguir e o meu maior objetivo era ingressar na universidade, seria a base para seguir na minha formação profissional. Para Josso (2010), quando os sujeitos narram suas histórias, desvelam sobre a vida e seus fazeres. Ao fazer esse exercício, são transformados em seres humanos, reafirmam algumas posições e reveem outras.

Na passagem do ano de 1993 para o de 1994, fiz minha inscrição para participar do meu primeiro vestibular, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), para o Curso de Língua Portuguesa, em influência a minha professora do Ensino Fundamental II, Dona Rosa. Não obtive êxito, não estava preparado para o nível das provas. No ano seguinte, procurei estudar mais, pois as provas do vestibular estabeleciam um nível muito alto. Eu e mais dois amigos nos inscrevemos no cursinho preparatório da Escola de Supletivo Padre Alfredo Simonetti, que dispunha de excelentes professores. Minha jornada era pesada; chegava do trabalho, tomava banho rapidinho e jantava, em seguida corria para o cursinho. *Esse rojão* aconteceu até o período das provas do vestibular.

No final de 1994, me submeti novamente ao exame vestibular. Agora mais preparado, me inscrevi no Curso de Geografia, na UERN. O chefe do setor de Artes era professor de Geografia, e eu ficava encantado, quando ele falava de temas políticos e sociais. Daí surgiu, a opção por esse curso. O resultado do gabarito era divulgado pelo rádio: passo a passo. Atingi todos os pontos em todas as disciplinas. Fiquei aguardando o resultado. Semana depois, o departamento responsável, pelo processo de seleção dos candidatos, divulgou o edital de convocação e para minha tristeza, o meu nome não estava nas vagas. Depois de alguns dias, o

departamento lançou o edital da segunda chamada e para a concretização de um sonho, o meu nome estava na lista dos alunos reclassificados. Nesse dia, estava no Sítio Serrota da família em férias, minha mãe viajou para transmitir a notícia, eu não acreditava, está muito feliz e me senti abençoado.

A minha participação nos movimentos sociais, grupos da igreja, movimentos de crianças e adolescente, grupos de jovens e grêmios escolares, pois tudo isso me ajudou a desenvolver minhas habilidades artísticas e me tornar uma criança atuante e reflexiva. Nos movimentos estudantis, desenvolvi um trabalho junto com os meus colegas em defesa dos direitos dos estudantes. Quanto à minha vida militar, servir ao Tiro de Guerra me proporcionou momentos de disciplina, conhecimentos e superações. Com a convivência com os meus professores, aprendi a construir disciplina e respeito. Nessas trajetórias, aprendi a valorizar o outro, a respeitar as diferenças e lutar pelos direitos de uma vida mais digna.

A partir da minha experiência, considero que é possível afirmar que a (auto)formação dos professores interfere no processo educativo. Por meio da reflexão, me reconheci e me tornei um professor de Geografia, comprometido com a educação e em busca da transformação social. Tornei-me aberto a aprender e a trocar experiências, a respeitar o outro e a proporcionar um ensino, que desperte a curiosidade entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Conforme Freire (1996), quando a curiosidade é provocada nos educandos, conseguiremos desenvolver sua criticidade. Na formação de professores, a reflexão crítica sobre a prática é fundamental. Quando pensamos criticamente a prática, construímos e desconstruímos o nosso pensar e o fazer docente.

Hoje, a profissão de professor exige modificação, flexibilidade, imprevisibilidade, pois a sociedade vem evoluindo com muita rapidez, obrigando os profissionais a (re)pensar a necessidade de (re)significação das práticas pedagógicas e oferecer para os alunos, em sala de aula, diversos recursos, que poderão suprir suas carências de aprendizagem.

### **1.3. Narrativas de experiências educativas de um professor de Geografia**

O Método (Auto)Biográfico expressa, na visão de Josso (2010), o *escrito da própria vida*, de modo que o sujeito se desloca numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências, sem ter mediação externa de outros. Para a autora, existem relatos de vida escritos, centrados na perspectiva das experiências formadoras e fundadoras de nossas identidades em evolução, de nossas ideias e crenças, mais ou menos estabilizadas, de nossos

hábitos de vida e de ser, com relação a nós mesmos, aos outros, ao nosso meio humano e natural, por conseguinte, existem territórios, por vezes, tangíveis e invisíveis.

De acordo com Passeggi (2008), as narrativas de formação e a escrita de si nos convidam a refletir, nos remetem a diferentes possibilidades, ou seja, trabalhar como sujeitos narradores nos permite pensar sobre nossas experiências de vida e profissional. Para Josso (2010, p. 65):

O que está em jogo neste conhecimento de si não é somente compreender como nos formamos e nos transformamos, ao longo de nossa vida, mediante um conjunto de vividos transformados em experiências, mas tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos, ou passivos, segundo as circunstâncias, permite, doravante, visualizar nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos [...].

Exercer a (auto)formação e autonomia não significa aprender sozinho, nem muito menos prescindir do formador. Elas são ferramentas para os professores (re)significarem suas próprias experiências escolares, segundo Josso (2010), ajuda a mudar e transformar a vida socioculturalmente programada em uma obra inédita a construir.

No meu caso, o caminho da universidade me permitiu buscar o ser formador na relação com os outros. Para Josso (2010), todos estão ligados entre os saberes e a vida, entre a vida cotidiana e os problemas internacionais, com a possibilidade de escolher e buscar conhecimentos nos livros, independentemente daqueles selecionados pelos professores. No meu primeiro dia de aula na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN), fiquei encantado com o tamanho da instituição de Ensino Superior. Eu não acreditava no meu ingresso na faculdade, fiz uma retrospectiva de como eu avancei, me superei e cresci. Pensei:

Estava diante de uma grande oportunidade de formação inicial, onde tudo era novo para mim: as disciplinas, a linguagem dos professores. Eu tinha que aprender, mas estava muito feliz. Sabia, tinha um grande desafio pela frente. A minha maior preocupação era conciliar o trabalho com os estudos, precisava do trabalho para me manter financeiramente. Mas acreditava que eu iria vencer, as exigências do nível superior eram bem maiores, comparada ao Ensino Médio. O meu sonho de me formar estava em minhas mãos. E o resultado de tudo isso eu atribuía aos meus pais, que me apoiavam sempre (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 21/10/2015).

Foram quatro anos na convivência com os meus colegas e professores, a busca de mim mesmo, na relação com o outro, pois neste dia comemoramos o dia dos professores, e

retribuímos o nosso carinho como forma de agradecer pelos ensinamentos de cada momentos vivenciados. Para Josso (2010), é necessário compreender o desenvolvimento das transformações, que são experienciadas pelos sujeitos em formação. Nos quatro anos de faculdade, trabalhava no comércio, não construí nenhuma experiência com a docência. Como aluno, aprendi com meus mestres, no dia a dia da sala de aula, na participação em aula de campo. Os trabalhos das disciplinas exigiam tempo e dedicação, não construí trabalho de pesquisa, pois nessa época, a universidade era voltada, apenas, ao ensino e extensão.

No período entre 1990 a 2002, minhas experiências profissionais foram no comércio, nos espaços não escolares, mas nesses espaços diferenciados construí uma formação, adquiri conhecimento, aprendi na convivência com o outro, participei de cursos de aperfeiçoamento promovido pelos recursos humanos da empresa. Na minha trajetória profissional no comércio, exerci diversas funções, tais como: Cartazista e Letrista, Operador de Caixa, Frente de Lojas, Subgerente, Gerente, Coordenado de Vendas, Vendedor de Produtos e por ultimo Encarregado de Logística. Tais vivenciadas serviram de aprendizagem para ao longo da vida.

A minha postura hoje como professor, agradeço pela convivência construída nesses espaços de aprendizagem. Segundo Brandão (2007), ninguém escapa da educação, em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de outro, todos nós envolvemos pedaços de nossas vidas com a educação. O meu trabalho no comércio tornou-se um espaço de saberes da experiência e de aprendizagem, Como afirma o autor, aprendemos e ensinamos, sabemos e fazemos para sermos ou para convivemos, todos os dias convivemos com educação e educações. Para Brandão (2007, p.13):

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.

No período citado, continuei empregado no comércio e meu contato com a docência aconteceu somente no primeiro estágio, em uma turma da 5ª série, hoje 6º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Dr. Ewerton Dantas Cortez. Adorei a minha primeira experiência com os alunos. Na ocasião, a professora me deu todo apoio e autonomia, me senti em casa e estava tranquilo. No segundo estágio, com uma turma do 1º ano do 2º grau do Magistério da Escola Estadual Aida Ramalho Cortez Pereira, estava mais envolvido e

consegui fazer um excelente trabalho no decorrer das aulas. Sem dúvida, a vivência nos estágios e os contatos de experiências com a docência acentuaram meu interesse em ser professor.

Nas duas experiências nos estágios I e II, adquiri experiência como discente em busca de uma identidade profissional, ser professor de geografia. Não nasci professor e não escolhi ser professor, mas com a minha vivência em sala de aula, me constitui professor, quando conclui os estágios, construí um desejo de ser professor, ou seja, exercer a profissão professor. Nesse processo de formação, os professores segundo Josso (2010), se dão a conhecer, do ponto de vista do aprendiz, em interações com outras subjetividades. Surgiu uma oportunidade de uma aprendizagem experiencial, por meio da formação se dá a conhecer. Lembro-me:

De uma reunião no trabalho, onde o coordenador fez uma dinâmica e me perguntou qual seria o meu maior sonho. Eu falei que queria ser professor concursado do Estado. Ele questionou com o meu padrão e argumentou: o funcionário deveria vestir a camisa da empresa, ou seja, trabalhar em função exclusivamente para satisfazer a empresa e não aos meus ideais. Com isso, nunca mais deixei de dar ênfase à minha carreira educacional, o Curso de Licenciatura em Geografia é voltado para ensinar, desenvolver habilidades, atitudes e valores em que se constroem os saberes e práticas (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 21/10/2015).

No ano de 1998, conclui o Curso de Geografia, quanto ao trabalho, continuava no comércio. Os únicos contatos com os alunos em sala de aula foram, no período do estágio I e II, na faculdade. Essa experiência foi diminuta, mas não perdia a esperança de um dia passar em um concurso público e exercer a profissão de Professor de Geografia. Segundo Josso (2010), a experiência constitui um referencial, que nos ajuda a avaliar uma situação, uma atividade e um acontecimento novo. Para a autora, há semelhança nas vivências de um indivíduo, no entanto, elas devem ser agrupadas em três gêneros de aprendizagens e de conhecimentos: existenciais, instrumentais e compreensivos.

A Cerimonial de Formatura na UERN, em 1999, representou a concretização de um sonho, pois esse momento marcou um ponto de partida para o caminho da docência. Não foram fáceis, trabalhar dois expedientes e à noite está na universidade, mas, tudo valeu apenas, pois a conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia me oportunizou busca a efetivação como professor.

A partir de 1999, comecei a enfrentar concursos públicos municipais e estaduais. A cada participação nos concursos públicos, quando não conseguia êxito, percebia minhas

limitações. A meta agora era estabelecer uma longa jornada de estudos, criar estratégias, para realização dos meus objetivos. Minha caminhada educacional não se constitui apenas de vitórias, houve percalços no caminho, que me serviram de aprendizagem.

No ano de 2002, me inscrevi no concurso na cidade de Porto do Mangue/RN, com realização em 2003. Para a concretização das minhas metas, o meu nome está na relação dos aprovados. Nesse momento, passou um filme na minha cabeça; relembro dos momentos de dedicação e persistência. Pela primeira vez, iria exercer a profissão de professor iniciante. Estava muito ansioso e feliz para assumir. Participei da semana pedagógica e conheci os professores com anos de experiências. Sabia, com certeza, iria aprender muito com os professores. Recordo-me:

Quando saiu minha convocação para assumir em 2003, a vaga de Professor de Geografia, estava trabalhando em um supermercado, e o meu padrão perguntou quanto eu iria ganhar para trabalhar em Porto do Mangue/RN, por que ele pagaria o mesmo valor. Eu agradeci e falei para ele que essa oportunidade de exercer a profissão de professor era um sonho e uma meta que eu queria alcançar, logo, não estava em jogo valores financeiros, e sim valores humanos, passei quatro anos na faculdade me preparando para a profissão de professor (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 21/10/2015).

Desde o início, na minha relação professor/aluno estabeleço um diálogo, com a confiança e sentimento de afetividade, o que permite um elo de cumplicidade e pluralidade. Na prática, procuro ser um sujeito reflexivo, busco a construção e (re)construção do saber ensinado ao lado do educando, igualmente sujeito do processo. Quem forma se forma e (re)forma ao formar, e quem é formado se forma e forma ao ser formado. De acordo com Freire (1996), não há docência sem discência, as duas se explicam e não se reduzem à condição de objeto de um ou do outro. Como educador, procuro obter o respeito e admiração dos meus alunos através do meu prestígio e competência quanto ao conhecimento. Na minha trajetória, sempre refleti, seria um professor para ser amado e respeitado, nunca odiado.

A busca constante pela minha (auto)formação não parou mais. Em 2004, cursei especialização em História do Brasil República, pela UERN, no *campus* de Assu/RN. Concluí o curso no ano de 2005, nesse mesmo ano, o governo do Estado do Rio Grande do Norte/RN abriu o edital para a realização de concurso público. Passar no concurso do Estado do RN, era o meu maior objetivo, como externei antes. Em 2000, fiz o concurso realizado pelo Estado do RN, mas não obtive êxito. Para esse concurso do Estado do RN de 2005, percebi a importância de focar mais nos estudos, organizei materiais para estudar, como trabalhava pela

manhã e tarde, no município de Porto do Mangue/RN, reservei a noite para os estudos. Foram noites de leituras e anotações.

As provas foram realizadas em 2006, na cidade de Macau/RN. No mesmo ano, a Secretaria de Educação do RN lançou o edital com o resultado dos aprovados, para comprovar a minha dedicação e esforço, o meu nome estava na lista dos aprovados, e a convocação só aconteceu em março do ano em curso. Essa aprovação marcou mais uma realização para minha vida. Estava em um momento de crescimento, de experiência e de aprendizagem. No mesmo ano, por intermédio de uma colega que trabalhava comigo na escola estadual, conheci Aurora Paz. Casamos em 2007, neste dia, confirmamos a nossa união perante a lei do homem e de Deus. No mesmo ano, no mês de agosto, nasceu o nosso primeiro filho, Luís Amor, um ser que veio para confirmar a beleza da vida. Com ele, a minha vida mudou, dando outro sentido à minha existência.

De 2006 a 2012, toda a minha trajetória de formação aconteceu na escola Estadual Josélia de Sousa e Silva, onde exerci a função de professor de Geografia. Segundo Freire (1996), o professor que não leva a sério sua formação, não estuda e não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem moral para coordenar as atividades de sua classe. Pela minha seriedade no exercício da docência, na mesma escola exerci a função de gestor escolar, entre o biênio 2010 a 2011. Participei de vários cursos de formação, com temáticas voltadas para a educação e para o social. Não há como negar, minha formação profissional se constitui de significados e de aprendizagem, pela troca de saberes e experiências, na utilização das experiências com os meus pares e alunos e na reflexão de si e do outro.

Como gestor escolar, procurei me relacionar com o outro, pois exerci uma autoridade por competência, fundada nas relações interpessoais de respeito. Construí admiração por parte do grupo de pessoas com quem convivia. Segundo Freire (1996), a segurança com que a autoridade docente se move implica outra a que se funda na sua competência profissional e nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência.

Entre 2010 e 2011, estava na função de diretor, na Escola Estadual, em Porto do Mangue/RN. Narro dois momentos tristes entre o período da minha gestão escolar, que marcaram minha vida:

Em 2010, recebi, por telefone, a triste notícia do falecimento do meu pai amado, Antônio Herói. Foi o momento mais impactante na minha vida. A tristeza em perder a pessoa que eu mais admirava foi enorme. Ficaram as lembranças e os ensinamentos, as conversas, enfim, as saudades. Em 2011, o meu filho Luís Amor, com apenas quatro anos, estava com febre constante.

Os exames mostraram um quadro de pneumonia. Essa notícia abalou o meu ser, estava arrasado. Me perguntava como uma criança tão pequenina poderia estar tão doente. Ele passou quinze dias internado. Foram momentos difíceis, mas, graças a Deus, ele se recuperou e está bem até hoje (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, Mossoró, 21/10/2015).

No decorrer de minha experiência em Porto do Mangue/RN, em 2012, concorri pela segunda vez, à vaga de gestor escolar para o biênio 2013 a 2014, e a comunidade escolar me deu mais um voto de confiança. Poderia assumir por mais dois anos o cargo de gestor, mas por motivos profissionais e familiares, renunciei a missão. Logo em seguida, pedi transferência para a Escola Estadual Dom Costa, em Mossoró/RN. O meu retorno para Mossoró ampliou as oportunidades para minha formação continuada.

Conforme, já citado nesse tópico 1.2, página 51, durante o Curso de Geografia, concluído em 1998, não construí oportunidades de fazer pesquisa junto com professores mais experientes, por isso a necessidade de (re)pensar e (re)significar a minha (auto)formação como professor dessa disciplina. Ao cursar, em 2013, como aluno especial, a disciplina Tópicos Especiais em Educação II: Pós-Estruturalismo e Políticas Curriculares, do Curso de Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN), recebi contribuições para o meu desenvolvimento profissional como docente da Rede Básica de Ensino, relacionadas aos contextos locais.

Na seleção de 2014 do Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN), concorri para aluno regular, chegando até à fase da entrevista. Essa experiência me proporcionou bastante leitura e me mostrou a possibilidade de ser aprovado no programa de mestrado, mas precisava de muita leitura e dedicação, o que não era fácil. No segundo semestre do mesmo ano, concorri mais uma vez para aluno especial do mesmo programa, solicitei, na primeira opção, vaga para a disciplina de Tópicos Especiais em Prática Educativas I; Educação, Pesquisa e Constituição do Sujeito; Contribuições da Perspectiva Sócio – Histórica. Como segunda opção, solicitei para a disciplina de Tópicos Especiais em Educação I: Subjetividade em Michel Foucault. Nas duas escolhas não obtive êxito, para as vagas ofertadas.

Concomitante a essas tentativas, participei da seleção para o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Mídias na Educação, realizado em julho de 2014, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por meio do Núcleo de Educação à Distância (NEAD), passei na seleção para o campo de Caraúbas/RN. O curso seria semipresencial, destinado aos professores do quadro efetivo permanente, em exercício, da educação básica da rede pública

de ensino (estadual e municipal) do Rio Grande do Norte, portadores de diploma de graduação em qualquer área do conhecimento. Conclui o curso em 2015.

Em seguida, prossegui com a minha trajetória de formação continuada, pois participei de cursos e de eventos em âmbito local, regional, nacional e internacional, na área da educação e inclusão. Foram muitos caminhos percorridos. Segundo Tardif (2012), os professores de profissão possuem saberes específicos, que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas. Na formação continuada, encontramos os diferentes saberes na convivência com os nossos pares.

Desde 2003, quando ingressei na carreira docente, venho participando de cursos de formação na área da educação, pela Rede Estadual e Municipal. Em 2009, participei pela primeira vez do curso de formação na área de inclusão. Como aluno do Curso de Formação Continuada em Educação Especial – Deficiência Mental e Intelectual, na modalidade de Educação Especial, promovido pela Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, em parceria com a Subcoordenadoria de Educação Especial. A carga horária do curso era de 40 h/a e através desta experiência, mudei o meu olhar para com as pessoas com necessidades especiais.

O ano de 2013 representou para mim momentos de mudança profissional e de novos desafios, pois comecei a participar de eventos locais e internacionais sobre educação e inclusão. Dentre as experiências destaco: I Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão (SEADIS) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), com participações em fórum de debates sobre as leis de inclusão, conversas e depoimentos. Todas as discussões me mostraram um novo olhar para a inclusão. Em abril do mesmo ano, participei da Ação alusiva ao Dia Nacional do Sistema Braille, com a temática “Braille: a leitura na ponta dos dedos”, promovida pela Coordenação Geral de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social (CAADIS/ UFERSA).

Todas essas vivências me fizeram refletir sobre o processo de construção da acessibilidade para as pessoas com deficiência visual. Em junho do ano mencionado, fiz parte, na condição de ouvinte, do I Fórum de Acessibilidade, Diversidade e Inclusão, com o tema “Acessibilidade na universidade: cultura democrática e inclusiva”. Nesse fórum as discussões eram voltadas para um novo olhar sobre a acessibilidade dessas pessoas na Educação Superior.

No primeiro semestre de 2013, conclui também o curso de extensão em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – Nível I, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, promovido pela DAIN. Já no segundo semestre, participei como ouvinte do III Seminário

Nacional do Ensino Médio e do III Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN, realizados nos dias 27, 28 e 29 de novembro de 2013, na Faculdade de Educação da UERN, com duração de 40 horas/aulas. Neste último seminário, construí oportunidades de participar de palestras e rodas de conversas, onde apreendi muito sobre as propostas para Educação Básica de Ensino.

Nos dias 21 e 22 de novembro de 2013, o Programa de Pós-Graduação POSEDUC/UERN realizou um minicurso intitulado “A educação e o território: a emergência de políticas educativas locais”, ministrado pelo professor João Manuel da Silva Pinhal, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Nos dias 10, 11 e 12 de dezembro, compartilhei das discussões, como ouvinte, do I Encontro de Narrativas (Auto)biográficas (ENARB), com o tema: “Povos do Mar: Memória, Formação e História Oral”, realizado na Faculdade de Educação – Campus Central/UERN, com uma carga horária de 40 horas. Neste encontro de narrativas, assisti à palestra de abertura, conheci as histórias de vida dos povos do mar da Comunidade de Redonda/CE e participei das rodas de conversas na perspectiva de entender a pesquisa (auto)biográfica.

Em 2014, participei como ouvinte do II SEADIS/UFERSA, seminário, que fortaleceu ainda mais as ações do primeiro. Nele, houve amadurecimento e compromisso de todos. Na oportunidade, partilhei das experiências do minicurso sobre “Diretrizes para Produção de Conteúdo com Acessibilidade para Internet”, no qual foram apontadas informações sobre a visualização das páginas da Internet, através de erros de acessibilidade, que não percebemos.

Ainda no ano em curso, participei do II Seminário internacional “Diálogos com Paulo Freire ensinar, apreender: leitura do mundo e leitura da palavra”, realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – campus Central, Natal/RN. No evento, me inscrevi no Minicurso intitulado “A significação crítica de ensinar: trilhando conceitos, vislumbrando práticas na obra de Paulo Freire.”

No mês de julho do mesmo ano, compartilhei experiências no minicurso “Pensamento contemporâneo e o planejamento do Ensino na Educação Básica”, realizado pelo Doutorado Interinstitucional em Educação (DINTER), em parceria com a UERN e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em novembro de 2014, vivenciei o minicurso “Multiculturalismo e Identidade em Comunidades Tradicionais”, realizado pelo II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas, cuja temática foi “Sujeitos, Saberes e Práticas Sociais: abordagens interdisciplinares”, realizado na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UERN.

Em 2015, prossegui no caminho da formação continuada, vivendo muitos momentos de aprendizagem, na área educacional, de um modo geral, e na Inclusão. Posso dizer, que o ano de 2015 abriu caminhos para grandes realizações no meio acadêmico. Participei da III Jornada Internacional Paulo Freire do Vale do Assú, com a temática “O trabalho pedagógico nos espaços educativos 2015 – 50 anos de Educação Popular no Brasil”. O evento foi promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Rio Grande do Norte (SINTE/RN) e realizado na UERN – Campus Assú. No período de 05 a 07 de novembro do ano referido, estive na condição de ouvinte do I Seminário Regional Sobre Educação e Inclusão: Formação, Linguagens e Práticas em Dialogo, promovido pela Faculdade Diocesana de Mossoró/RN.

Nos dias 19 e 20, vivenciei mais um evento o IV Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN, “Cooperação Acadêmica no Ensino e na Pesquisa em Educação”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. Ainda no mesmo período, participei do II Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social e III Fórum de Acessibilidade. Na ocasião, escolhi o minicurso intitulado “A Pesquisa (Auto)Biográfica na Formação Docente”, realizado pela CAADIS/UFERSA.

Posterior ao mês de dezembro, conclui a Especialização em Mídia na Educação, oferecida pelo Núcleo de Educação à Distância (NEADE/UERN). Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com a temática intitulada “Reflexões sobre o uso da Internet na prática pedagógica dos professores do ensino fundamental”. O estudo ressaltou várias vantagens e, também, algumas dificuldades para o uso desse recurso, porém, mesmo com dificuldades, os professores fazem uso da Internet na escola e em casa. Na conclusão, chamei a atenção para a necessidade do professor repensar e (re)significar sua prática, e considerar que a profissão docente requer formação continuada.

Dias depois da defesa desse trabalho monográfico, o professor orientador me convidou para elaborar um artigo a ser apresentado em eventos. Concomitante à especialização, estava cursando uma disciplina especial no Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN). No momento, eu estava no processo de elaboração de um artigo para o Programa, mesmo assim aceitei o desafio e apresentei o trabalho intitulado “O uso da internet na prática pedagógica dos professores do ensino fundamental”, na categoria artigo completo, no Congresso Regional sobre Tecnologias na Educação - Ctrl+E 2016, realizado em Natal/RN, no período de 23 a 25 de maio de 2016.

Na elaboração do primeiro artigo, surgiu o segundo convite do professor para construirmos outro, intitulado “Uma Análise Quantitativa do Uso da Internet na Prática

Pedagógica dos Professores das Escolas Municipais de Mossoró/RN”. Este foi apresentado pelo professor no V Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2016), realizado na Universidade Federal de Uberlândia/MG, no período de 24 a 27 de outubro de 2016. Os artigos foram publicados em anais dos respectivos eventos.

No semestre 2015.2, conclui a disciplina especial do Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN), intitulada “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”. No mesmo ano, da realização do II Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas (ENARB), povos do Campo: Memória, Saberes, Tradição, no Campus Central da UERN, na cidade de Mossoró/RN. Nesse evento, apresentei pela primeira vez um artigo e participei como monitor. Estava construindo momentos de aprendizagem e de saberes.

Em dezembro de 2015, a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas realizou o II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade: uma questão de efetivação de direitos, no Campus Central da UERN, na cidade de Mossoró/RN. Na ocasião, apresentei, o segundo artigo intitulado “Lições de vida e de aprendizagem de um professor de Geografia com alunos surdos: desafios e possibilidades”. Ao mesmo tempo, participei como monitor no evento, na construção da minha formação.

Continuei, dando passos largos em direção à minha formação continuada. Por consequência, no mesmo ano, vivenciei como ouvinte de uma palestra intitulada “Desafios e Perspectivas da Síndrome de Down no Ensino Superior”, promovida pela CAADIS/UFERSA – Mossoró/RN. Em seguida, no mês de maio, me envolvi em um estudo sobre “Estratégias Facilitadoras de Aprendizagem para Pessoas com Transtorno de Espectro Autista (TEA)”, realizado pelo Centro Regional de Educação Especial de Mossoró (CREE-MOS).

No ano posterior, 2016, estava envolvido em eventos ligados à área da inclusão. Em março, por exemplo, estava como ouvinte no I debate do IV Ciclo de Debates promovido pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), com o tema “Transtorno do Espectro Autista”, realizado no auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC).

A minha caminhada de formação não parou mais, pois desde agosto de 2015 participo das Rodas de Estudos sobre a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) – Lei Nº 13.146, de 06/07/2015 -, promovidas pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN) da UERN. As reuniões envolvem diversos parceiros da Educação, Saúde, Assistência Social e judiciário. A cada Roda de Estudo, reflito sobre a importância de quebrar as barreiras atitudinais e discutir o direito das pessoas com necessidade especiais. Em 2016 o estudo parou na sua 15ª fase. Dando continuidade em 2017.

Externo o meu envolvimento pelos estudos a respeito de temáticas voltadas para a educação inclusiva, uma vez que esse interesse vem desde a participação nos Movimentos de Adolescentes e Crianças (MAC). Em 2013, me deparei com uma situação inusitada na sala de aula: recebi alunos surdos, mas não fiquei de braços cruzados e procurei ajuda. Fiz curso de LIBRAS. Continuei na minha formação, conheci novos estudos sobre a compreensão das especificidades das pessoas com necessidade especiais.

Como aluno especial do POSEDUC/UERN, nos semestres 2015.2 e 2016.1, escrevi meus primeiros artigos e participei de dois eventos regionais promovidos pela DAIN/FE/UERN. Após essas valiosas experiências, organizei, junto com a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, outros artigos para apresentar em eventos. Um deles foi apresentado no IV Seminário Nacional do Ensino Médio (SENACEM), realizado pela Faculdade de Educação FE/UERN, em maio de 2016, em Mossoró/RN. O trabalho, intitulado “Memórias, saberes e fazeres do mar: narrativas (auto)biográficas de homens e mulheres de Redonda/CE”, coincidiu com o evento em Cuba. Esse trabalho foi elaborado com uma amiga na disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”. Como estava com o voo marcado, a minha amiga apresentou o trabalho citado.

Em Cuba, apresentei, um trabalho no IX Encontro Internacional denominado “Presença de Paulo Freire”, realizado em Cienfuegos. Com o título: “Narrativas (auto)biográficas da história de escolaridade: experiências educativas como prática de construção de poder”. Além dos trabalhos de comunicação oral em equipe, houve a apresentação de um vídeo com uma hora de duração, esse vídeo enfatizou as “Narrativas e empoderamento em Histórias de mim: memórias das Lições de Paulo Freire em Angicos/RN”, a partir das narrativas de seis alunos (as)remanescentes de Paulo Freire. Nessa produção, apresentamos a metodologia da Pesquisa (Auto)biográfica, que permite a (auto)reflexão e Formação Continuada.

A participação neste evento de Cuba me deu a oportunidade, como aluno da disciplina especial do mestrado (POSEDUC/UERN), de me consolidar na pesquisa e, também, de conhecer e aprender mais e mais com professores experientes de outras universidades. Discutir temáticas voltadas para as leituras de Paulo Freire reforça cada vez mais minha participação em eventos, que contemplam os ensinamos freirianos.

No mesmo período da viagem para Cuba, a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e eu escrevemos um artigo intitulado “A arte de ensinar de uma professora: narrativas (auto)biográficas de um aprendiz acadêmico”. Por meio das narrativas (auto)biográficas, apresento, no texto, minhas narrativas de formação a partir das orientações e ensinamentos da

professora. O artigo seria apresentado no VII Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica (CIPA), ocorrido no mês Julho, em Cuiabá/MT, mas a apresentação do trabalho não aconteceu devido a falta de disponibilidade para viajar.

Finalizada a disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”, em 2015.2, como aluno especial no POSEDUC/UERN, cursei, no semestre 2016.1, outra disciplina, intitulada “Tópicos Especiais em Educação I: Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”. Pude permanecer ao lado da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, e continuar a minha formação acadêmica por meio do fazer pesquisa, bem como conhecer e aprender mais sobre a temática voltada para a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Em junho, a professora me convidou para participar de uma formação continuada na cidade de Portalegre/RN, para ministrar, junto com uma amiga professora, uma oficina intitulada “Oficina Pedagógica”, promovida pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN).

No término dessa disciplina, fiz minha inscrição para concorrer a uma vaga na seleção de aluno regular no POSEDUC/UERN. Na época, estava me preparando para a viagem à Cuba. Ao retornar ao Brasil, me submetei à prova escrita, para a concretização dos meus objetivos, o meu nome estava na lista dos aprovados. Cada fase era uma esperança para a realização de um sonho. Passei no projeto e, em seguida, participei da fase de entrevista. Por fim, estava entre os aprovados no Mestrado em Educação do POSEDUC/UERN. O sonho se concretizou. A dedicação e perseverança caminhavam comigo.

Como aluno regular, no semestre 2016.2 participei de maneira efetiva do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação Inclusiva da UERN. No início de 2017, esse grupo de pesquisa passou por mudanças em sua estrutura, redefiniu um novo nome e outra linha de pesquisa, hoje o grupo se chama: “Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memória (Auto)Biográfica e Inclusão” (GEPemABI/UERN). Tem como objetivo promover investigações e estudos sobre a inclusão, creditando diálogos acerca das políticas públicas e das práticas inclusivas, que encenam a promoção da inclusão em diferentes espaços de aprendizagem: universidade, educação básica, contextos formais, não formais e informais.

Em conjunto com os demais alunos do POSEDUC/UERN, atuo no Projeto de extensão em andamento proposto pela DAIN. Esse projeto vem sendo realizado uma vez por mês, desde setembro de 2015, quando do lançamento do Projeto ReFaz, pelo Ministério Público, em parceria com a UERN e através da Pró-reitora de Extensão (PROEX/UERN).

Essa é uma Ação intitulada Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho - Vozes Silenciadas, e tem como objetivo trabalhar a construção de saberes e fazeres de detentos na

perspectiva da (re)socialização, através do aprendizado da música, do exercício do teatro e do desenho. Ou seja, é um projeto com uma prática que busca promover a recuperação desses sujeitos por meio do convívio social, considerando a Lei de Execução Penal e seus dois eixos: punir e (re)socializar.

O projeto se fundamenta na busca pela (auto)formação, autonomia e independência dos apenados em seu lugar de vivência, pela troca de experiências e compartilhamento do seu saber/fazer, motivados pela verticalização de ações no mote da Educação para a Diversidade e Inclusão.

Em rodas de conversa, os demais integrantes do grupo e eu, trabalhamos com as narrativas (auto)biográficas, desenhos, cordéis, peças teatrais, e histórias de vida dos apenados. É relevante promover a viabilização de ações e políticas voltadas para a diversidade e inclusão, instigando a construção das dimensões da vida dos sujeitos apenados para a (re)socialização. Isso significa olhar para a diversidade e a inclusão de sujeitos privados de liberdade, considerando a responsabilidade da academia com sua prática para além dos muros.

A minha formação voltada para a inclusão não para por aqui, uma vez que em outubro de 2016, participei de duas produções de dois artigos como coautor. O primeiro tem por título “Narrativas de uma pessoa com visão monocular: sentimentos e angústias de um discente”, e o outro “Narrativas de famílias de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais”. Ambos foram apresentados na modalidade Comunicação Oral, no III Congresso Nacional de Educação (CONEDU), realizado no Centro de Convenções na cidade de Natal - RN.

Participei, ainda, como coautor de produções para três outros grandes eventos, o XV Encontro Cearense de Historiadores da Educação – ECHE; o V Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME; e o IV Simpósio Nacional de Estudos Geoeeducacionais – SINECGEO. Este último sobre a temática “LDB 20 Anos: Política, História e Espaços Educacionais. O evento aconteceu na Faculdade de Educação - FACED da Universidade Federal do Ceará - UFC, nos dias 16, 17 e 18 de novembro de 2016. O trabalho aprovado e apresentando intitulado “Lições em espaço escolar: narrativas de professores e intérpretes libras” e tem por objetivo analisar a importância e a atuação dos profissionais Intérpretes de LIBRAS na sala de aula regular da Educação Básica, e o seu reconhecimento pelos professores das escolas do município de Mossoró/RN.

Convém mencionar, ainda, outros eventos de Inclusão nos quais participei como coautor: II Congresso Internacional de Educação Inclusiva e a II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva e direitos humanos: políticas e práticas sociais, ocorridos nos dias 16 a 18

de novembro de 2016, em Campina Grande – PB. Os trabalhos aprovados e apresentados foram: “Estudo de caso de uma aluna com surdez bilateral profunda”; “Memórias de sala de aula: narrativas (auto)biográficas de ex-alunas de Paulo freire, da cidade de Angicos”; e “Formação continuada através dos diários de classe: lugares de memória, formação e inclusão de discentes surdos”.

Por meio das experiências relatadas, hoje considero que os discentes do Programa de Mestrado precisam estar atentos às mudanças e trilhar a formação continuada, o que lhes permitirá apreender saberes, competências e habilidades. Dessa forma, poderão desenvolver um trabalho de pesquisa voltado para uma educação como prática de libertação.

Estou afastado da Rede Municipal de Ensino da cidade de Porto do Mangue/RN, para cursar, como aluno regular, o mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em (POSEDUC/UERN) no semestre 2016.2. Com relação ao meu outro vínculo da Rede Estadual de Ensino, estou aguardando o processo de afastamento. Aproveito este momento para externar, aqui, a minha alegria por ter sido selecionado no Mestrado em Educação e dizer que não se deve desistir dos sonhos, mas apostar na disciplina e compromisso para superar os desafios.

Minha trajetória de formação continuada me levou para o caminho do conhecimento. Na convivência com os professores mais experientes, aprendi muito e várias oportunidades me serviram como lições e superações, que me transformaram em um ser (auto)formador e reflexivo. Segundo Josso (2010), esse aprendizado só ocorre, quando o sujeito em formação se torna consciente das (auto)transformações sofridas, sob a ação do seu ambiente, (auto)geradas por ele, no seu percurso de vida.

#### **1.4. Bebi dessa fonte e me (re)signifiquei nas pegadas deixadas pelas (auto)biografias dos sujeitos do lugar**

O meu encontro com a pesquisa (auto)biográfica começou a partir de momentos de decisões e escolhas. Em 2012, como mencionei no tópico anterior, concorri pela segunda vez, à vaga de gestor escolar para o biênio 2013 a 2014. A comunidade escolar me elegeu para mais um mandato de dois anos como gestor na Escola Estadual Professora Josélia de Souza e Silva, em Porto do Mangue/RN, mas renunciei a missão por motivos profissionais e familiares. Continuei vinculado à escola municipal, portanto, não poderia me transferir para outro local. Quanto à escola estadual, dei continuidade com o trabalho até conseguir transferência para uma escola estadual em Mossoró/RN. Lembro-me:

Da dificuldade de transferência. A chefe da 6ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC) não queria dar a minha transferência, alegando que implicava em substituição e por que tinha gostado da minha gestão na escola entre 2010 a 2011, por isso queria a continuidade do meu trabalho para mais dois anos. Agradei pelo reconhecimento e a valorização profissional, mas estava decidido. A minha missão agora era me dedicar a minha formação continuada, tinha um exemplo em casa, via a dedicação da minha esposa, sempre buscando as oportunidades que o meio acadêmico proporcionava para sua formação. Ela comunicou-me que haveria uma seleção para aluno especial, comecei a me envolver na seleção de Mestrado. O seu exemplo me motivou a participar da seleção de mestrado no Programa – POSEDUC/UERN, em 2013 (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 02/11/2016).

O meu retorno para Mossoró abriu muitas oportunidades para minha formação continuada. Em 2013, passei na seleção para cursar, como aluno especial, a disciplina Tópicos Especiais em Educação II: Pós-Estruturalismo e Políticas Curriculares, do Curso de Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN). Neste mesmo período, a minha esposa já era aluna regular do referido programa.

Ainda não tinha ideia desse universo acadêmico no nível de mestrado, achava que não conseguiria ir tão longe, pois há sete anos, estava afastado das atividades acadêmicas: sempre colocava dificuldades, falta de tempo e priorizava as atribuições da escola. E, assim deixava de lado a formação continuada.

A partir dessa disciplina supracitada, encontrei fôlego para retornar à universidade. Confesso, estava com medo desse momento. Tudo era novo. As leituras tinham um nível muito alto. À primeira vista, acreditei que não iria conseguir “pagar o crédito” da disciplina, pensei até em desistir, mas, no final, consegui.

O meu envolvimento na disciplina alimentou o meu desejo de crescer e aprender sempre mais. A oportunidade me fez refletir sobre o conhecimento adquirido ao longo da vida. Estava no caminho certo, mas diante de muitos desafios. Enquanto eu cursava o mestrado como aluno especial, a minha esposa cursava a disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”, ministrada pelas professoras Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e pela professora Dra. Maria Antônia Teixeira da Costa. Por conseguinte, passei a ouvir o nome (auto)biografia e considerava interessante, quando a minha esposa relatava a respeito desse método de pesquisa: de falar de si, sempre na primeira pessoa. Ela me apresentou alguns autores, tais como: Josso, Souza e Passeggi. De início, não tinha a curiosidade de ler e conhecer esses autores e suas pesquisas, mas, no mês de dezembro de 2013, construí, de fato, uma aproximação com a pesquisa (auto)biográfica, quando participei como ouvinte do I

Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas (ERNAB), com o tema “Povos do Mar: Memória, Formação e História Oral”, realizado na Faculdade de Educação – Campus Central/UERN, conforme já citado.

Nesse encontro de narrativas, conheci melhor os conceitos de (auto)biografia e a (auto)formação. Na palestra de abertura, ouvi as histórias de vida dos povos do mar da Comunidade de Redonda/CE, apresentado por um morador da comunidade. Em seguida, construí oportunidades de participar das rodas de conversas e procurei entender a pesquisa (auto)biográfica. Esse foi o meu primeiro evento sobre narrativas de histórias de vida e pude compreender um pouco sobre esse método de pesquisa.

O tempo passou e continuei no caminho da (auto)formação. Na seleção de 2014 do mestrado em educação (POSEDUC/UERN), como tinha relatado no tópico 1.3 *Narrativas de experiências educativas de um professor de Geografia*, p. 55, concorri para aluno regular, chegando à fase da entrevista. Com essa experiência, percebi a possibilidade de entrar no programa de mestrado. A não aprovação não me desmotivou e concorri outra vez para a seleção de aluno especial. Enviei duas cartas de intenção para os professores das disciplinas, mas não obtive êxito, para as vagas ofertadas.

Como não queria parar a minha formação continuada, em julho de 2014, como tinha mencionado, me inscrevi na Especialização em Mídia na Educação, promovida pelo Núcleo de Educação à Distância (NEADE/UERN). Com a especialização em andamento, aguardava sair uma nova seleção para aluno especial do mestrado, no semestre 2015.2. O Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN/POSEDUC abriu seleção na linha de pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente e em Políticas e Gestão da Educação. Na grade curricular da primeira linha, foi ofertada a disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”. Quando vi essa disciplina não pensei duas vezes da minha escolha, mas lembrei de como era difícil conseguir cursá-la. Era uma disciplina muito concorrida. Mesmo assim, fiz minha inscrição e aguardei o resultado. Para a concretização das minhas metas, estava na lista dos selecionados. Com o resultado, fiz a seguinte indagação: *Como será a minha atuação na disciplina em aprender e conhecer o método (Auto)biográfico com mais profundidade?* Conhecer essa metodologia seria algo de grande relevância para minha formação e está na pesquisa junto com professores com vasta experiência de vida e formação.

O Método (Auto)Biográfico me fez (re)pensar a necessidade de (re)significação da minha (auto)formação, além de me proporcionar um novo olhar para a minha prática pedagógica como professor de Geografia. Por meio desse momento formativo, pude vivenciar

novas experiências, sendo instigado pela professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar a desenvolver artigos ancorados nas discussões relacionadas ao Método (Auto)Biográfico.

No decorrer da disciplina, a professora divulgou os eventos para dezembro, promovido pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN), o II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade: uma questão de efetivação de direitos, esse evento seria realizado no Campus Central da UERN, na cidade de Mossoró/RN. Mencionou ainda o II Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas (ERNAB), Povos do Campo: Memória, Saberes, Tradição. Esse encontro seria realizado nos dias 02, 03 e 04 de dezembro de 2015, no Campus Central da UERN.

A partir das orientações da professora, como mencionei no tópico, 1.3, exercitei a escrita de artigos para participar desses dois eventos. Nas produções escritas, usei o Método (Auto)Biográfico considerando as narrativas de si como práticas de formação. As discussões foram subsidiadas por autores, que enfocam aspectos teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica. Com as leituras apresentadas durante a disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica” do Mestrado em Educação, passei a refletir sobre questões de ordem metodológica, trazendo para minha prática os conceitos e dimensões vistos, no viés da pesquisa (auto)biográfica. Cada aula era um momento de aprendizagem. Estava encantado com tudo. Como diálogo no decorrer das aulas, a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar apresentou autores que trazem reflexões sobre as teorias produzidas pela pesquisa (auto)biográfica, como Josso (2010), Dominicé (2010), Delory-Momberger (2008), Bueno (2006), Souza (2006), Passeggi (2008) entre outros.

Considerar as narrativas de si como práticas de formação, o falar de si remete ao uso do trabalho (auto)biográfico ancorado nas narrativas de vida e em cointerpretação com o autor. Josso (2010) põe em evidência, sob a forma de peregrinação vital, a procura de um saber-viver que se desenvolve. Reforço a relevância da disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica” em minha formação acadêmica e na construção de trabalhos científicos, me proporcionou riquíssimas orientações da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, abrindo mais oportunidades.

Durante essa disciplina, apresentamos um seminário com base no texto “Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária”, da autora Maria da Conceição Passeggi, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN). Um seminário rico de saberes e de aprendizagens, nele enfocamos a pesquisa (auto)biográfica na formação de professores, nos conceitos e práticas em uso, além da possibilidade de mudanças no processo identitário.

A partir da compreensão a respeito da (auto)biografia como um método no processo de transformações do sujeito, no pensar em si, falar de si e escrever sobre si, trago, por meio das narrativas (auto)biográficas, meu percurso como aluno da disciplina supracitada. Na sequência, narro, um diálogo de formação, estabelecido durante as orientações e ensinamentos advindos dos estudos erguidos em sala de aula, pela referida professora, sobre a pesquisa (auto)biográfica, quando, de fato, iniciei as reflexões sobre a minha formação na construção de uma formação acadêmica.

Durante o cursar dessa disciplina, conhecer melhor a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, no primeiro dia da aula apresentou o programa da disciplina e abordou o método (auto)biográfico, cujo objetivo é instigar o exercício da reflexão (auto)biográfica, tendo como mote as experiências fundadoras e formadoras da trajetória pessoal de educadores. A disciplina abordava a memória docente do ponto de vista do sujeito que se (auto)narra e a pesquisa (auto)biográfica no contexto educacional.

Instigado pela professora a desenvolver artigos ancorados nas discussões no viés da (auto)biografia e, neste percurso, bebi dessa fonte e me (re)signifiquei como professor e aluno. Narro aqui a minha trajetória na construção de dois artigos apresentados em dois eventos já citados nesse tópico, o II Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas (ERNAB) e o II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade - uma questão de efetivação de direitos. Quanto às motivações para essas produções, estão no fato de oportunizarem o meu encontro com o método (auto)biográfico para o crescimento da minha formação acadêmica.

Após as primeiras aulas, ao chegar em casa, de imediato, busquei organizar as ideias presentes no caminho da construção do meu primeiro artigo, referente às minhas experiências com alunos surdos. Fiquei receoso em enviar o texto para a professora, mas o fiz mesmo assim. Segue, o texto:

Professora, fiquei todo momento lembrado dos seus ensinamentos, do diálogo em sala de aula, das orientações riquíssimas. Isso me deu uma injeção de ânimos e passei o sábado todo esboçando este artigo no formato expandido para o evento. Utilizo o método (auto)biográfico no meu texto, do qual ainda não tenho total domínio, haja vista que o conheci agora, através da generosa oportunidade que você me proporcionou. Professora, gostaria que você fosse minha orientadora, neste artigo, se possível, pois ele precisa do seu olhar e contribuições para ser melhorado. No artigo narro as minhas experiências como professor de Geografia que ensina alunos surdos no ensino fundamental. Daí me aproprio do método para fazer essa interlocução da minha experiência em trabalhar com esses alunos. Professora, quero confessar que na minha trajetória educacional já fiz muitas coisas como:

projeto, relatórios, até artigo que não foi publicado, mas o que quero dizer é que se eu conseguir, com a sua ajuda, concluir esse texto será o primeiro trabalho que irei apresentar em Grupos de Trabalho (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 08/10/2015).

Fiquei a todo tempo receoso, esperando a resposta da professora, mesmo sem saber qual seria sua avaliação sobre o escrito, se aceitaria ou não o meu trabalho. Sua resposta foi positiva e ela se reportou ao meu estímulo em participar de eventos, em apresentar artigos. Falou ainda de sua possibilidade em fazer a leitura do meu artigo e colaborar, sem dúvida, para o meu crescimento humano e acadêmico. Sua mensagem me deixou mais tranquilo e pude perceber que podia contar com sua ajuda. Ela também comentou que o artigo sinalizava para um excelente trabalho, e na realidade, eu já estaria com todo o mote para sua realização.

Afirmou que havia a necessidade de apenas reorganizar as ideias do ponto de vista de um artigo completo, e me conduziu nessa tarefa. Orientou-me a elaborar títulos suaves e aromáticos para os tópicos. Pediu-me para verificar as observações ao final do texto e solicitou que eu escrevesse outro documento para ela perceber melhor o artigo em sua formatação completa. Concluiu dizendo que seria um excelente trabalho, com isso:

Suas palavras me deixaram muito seguro daquilo que eu estava fazendo. Percebe nas palavras de Paulo Freire (p. 25, 1996) quando diz: “que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Em todo percurso foi esse processo de construção. No passo a passo a professora ia me conduzindo para a realização do sonho de um aprendiz acadêmico. Desde a minha conclusão da graduação, não tinha tido ainda a oportunidade de fazer pesquisa junto com professores mais experientes, só agora pode fazê-lo através das lições da professora e do método (auto)biográfico, me ajudou a (re)pensar a necessidade de (re)significação da minha formação ou (auto)formação. As suas orientações e ensinamentos me proporcionaram um novo olhar para a minha prática pedagógica como professor de Geografia. Através dessa disciplina, me possibilitou vivenciar novas experiências e desenvolver artigos ancorados nas discussões do viés da (auto)biografia (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 08/10/2015).

A cada momento, recebia da professora contribuições para a construção do artigo. Para Freire (1996), esse processo de construção permite deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente. Tais palavras se aplicam à minha realidade, posto que concluí com êxito minha produção escrita, demos o título “Lições de vida e de aprendizagem de um professor de geografia com alunos surdos: desafios e possibilidades”. Nesse artigo, relatei, através das

narrativas (auto)biográficas, minha trajetória com alunos surdos, apontando possibilidades e desafios na minha prática pedagógica diante das dificuldades impostas por essa experiência.

Em um dos momentos do passo a passo da construção do texto, a professora chegou a enfatizar a minha excelente experiência com a Educação Especial e Inclusão e elogiou a trajetória profissional dessa vivência na minha formação. Com simplicidade e humildade, vem me ensinando a ser um sujeito reflexivo da prática, da construção e da (re)construção do saber ensinado. Essa visão de mundo me encorajou a transmitir, por meio do método (auto)biográfico, as experiências, que tenho vivenciado ao longo da minha caminhada pessoal e profissional na relação com o outro. A professora elogiou a minha disciplina, externou a pertinência de minhas experiências para a comunidade acadêmica, para os professores do Ensino Básico e para a comunidade de pessoas com deficiência. Para realizar essa tarefa, a professora me orientou para a reestruturação da introdução do artigo e dos três tópicos que o compunham. Após fazer as alterações, encaminhei o artigo completo dizendo:

Estou enviando o artigo completo, para você fazer nova leitura e colaborar novamente com suas ricas observações. Professora, o tempo todo fiquei lendo e relendo o texto, como também artigos que ajudaram a amadurecer a escrita e o desenvolvimento do texto. Desde sábado eu não parei de fazer observações. Procurei deixar o texto do jeito que você orientou. Por sinal, através das suas orientações consegui caminhar, como sou iniciante na pesquisa, não tive oportunidade de estar anteriormente com professores experientes, só agora é que estou tendo esse contato, através da sua disciplina. Estou muito feliz, pelo meu primeiro artigo que vou apresentar, mais ainda por tê-la como minha orientadora do trabalho. Isso, professora, vou levar para minha vida, como também suas aulas, seus ensinamentos, sua tranquilidade, seu jeito simples de ser (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 09/10/2015).

O carinho e respeito da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar traz uma harmonia que contagia a relação professor aluno e essa relação é fundamental à prática da formação docente, como afirma Freire (1996), o aprendiz acadêmico não fique pensando que tudo está pronto e fácil, pelo contrário, o aprendiz precisa estar em comunhão com o professor para tirar suas dúvidas.

Nessa comunhão estabelecida entre professor e aluno, a professora externa suas emoções com a mesma pertinência e agradece pelo respeito, amizade e bondade. Isso me faz lembrar Morales (1999), quando afirma que a tarefa do professor é ajudar os alunos em seu aprendizado; buscar seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de uma relação com os alunos podem ser determinantes para conseguir seu objetivo profissional. Nessa relação profissional, há condição de potencializar o aprendizado integral do aluno.

Em resposta à mensagem anterior, a professora sinalizou que o artigo estava concluído e com um sabor imenso do que significa empenho, determinação, interesse, vontade e foco. Ao final da mensagem, ela redobrou e frisou a sua disponibilidade sempre, pediu, que eu observasse as recomendações nos balões. Feita mais essa leitura criteriosa, eu lhe expus o seguinte:

Concluo as observações que você fez. No decorrer da leitura fui corrigindo alguns detalhes do texto, dando uma olhada mais profunda na escrita, organizei as referências, em fim, estamos chegando na finalização do trabalho. Aguardo mais recomendações, que serão bem-vindas. Só tenho crescido a cada momento que recebo suas orientações. "O bom da viagem é a viagem", estou encantado com tudo que estou vivendo com você e com o grupo. (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 12/10/2015).

Após todo esse processo, a professora me retornou o artigo, com status de envio para o II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade - uma questão de efetivação de direitos. Reforçou sobre um acréscimo na nota de rodapé. Parabenizou-me, mais uma vez, pelo meu esforço, disciplina e organização de estudo. Solicitou para eu verificar em qual GT se relacionava melhor o texto para inscrição e envio.

Conferi os GTs do evento e separei aqueles que melhor se tinha relação com a temática de meu artigo: GT1 - Políticas de Inclusão: Educação, Acessibilidade, Tecnologias Assistivas para pessoas com deficiência; e GT8 - A Educação do Surdo e a Legislação de LIBRAS. Em seguida, os apresentei à professora e chegamos a um consenso de que o artigo podia ser submetido ao GT 8. Apresentação do meu primeiro artigo no II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade - uma questão de efetivação de direitos, confirma a minha (auto)formação na construção do ser formador que sou.

No mesmo momento, a professora me lançou o desafio de elaborar outro artigo para outro evento, o II Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas (ERNAB). Para ela, havia tempo suficiente, *pois teríamos 15 (quinze) dias ainda*. Minha resposta:

Professora, sobre o desafio eu topo. Como eu tinha dito antes, as leituras da disciplina me direcionaram para o "olhar para si". Fico todo tempo pensando em construir a minha própria narrativa de vida, escolar e de formação profissional. Comecei a construir primeiramente, como você ensinou, um esboço do resumo para um artigo, que seria para outro momento, haja vista o prazo do II ERNAB já está em cima. Quanto a sua proposta eu aceito. É um prazer novamente construirmos juntos este texto. Caso você concorde, eu enviarei ainda hoje a ideia do resumo. Tudo está sendo um começo para mim, o conhecimento sobre método (auto)biográfico principalmente. Estou encantado com tudo isso, cada leitura aponta-me um novo olhar para minha

prática como professor. Quero aprender sempre mais com você professora (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 12/10/2015).

A resposta em aceitar a construção de um novo artigo, deixou a professora certa de que eu estava exercitando “a vivência dos desafios”. Eu me encontrava, mais uma vez, diante da superação e da (auto)afirmação para o meu crescimento, não pensei em momento algum em desperdiçar a grande oportunidade que a professora me proporcionou. Tudo isso, era o que eu mais ansiava. O envolvimento com a pesquisa, aprender com professores experientes, melhorar cada vez mais minha formação; torna-me um pesquisador leitor, informado e atualizado.

A professora salientou ter sido a resposta que ela esperava de um mestrando, que se provoca, dia a dia. Pediu para eu enviar o resumo, ela orientaria o passo a passo para a escrita do artigo. Pediu para eu inserir minha narrativa, pertinente para ela, e orientou-me a trabalhar com o conceito de memória e as leituras em Michael Pollak. Explicou que estava lendo e trabalhando nas recomendações, e reforçou que seria um trabalho tão pertinente quanto o primeiro. Segundo a professora, outros trabalhos viriam, com oportunidades de criarmos sonhos, construirmos desafios, desafiarmos, superarmos, edificarmos, nós somos essa dinâmica, e o mais interessante é que eu queria isso.

Com base na relação estabelecida com a professora, ela é um modelo de identificação e de prestígio, e, além disso, muito querida e aceita por seus alunos. Com ela, segundo Morales (1999), aprendemos muito mais do que, pretendemos ensinar. Relato, a minha alegria de ter construído o meu segundo artigo no viés da pesquisa (auto)biográfica:

Professora, como ficou bom o seu toque de mágica, um título mais suave. Vou aqui aprendendo a cada orientação. Está sendo maravilhoso esse momento de aprendizagem com você. Organizarei as ideias para começar o texto. São muitos momentos para serem narrados e é um grande prazer falar de mim e da minha formação, das minhas dificuldades, dos desafios, das oportunidades, do enfrentar o novo. Enfim, do amor por ser professor, não nasci professor, mas, já tinha um desejo de ser, aprendi muito com os meus pares e com a vida. Quando estiver com algo pronto mandarei pra você. Vai ser um outro prazer nesta construção, parti para as leituras e construir a introdução e os temas do trabalho. Professora, gostaria que desse uma olhada e diga se estou no caminho certo, aponte focos de luzes para o amadurecimento (Narrativas de Stenio de Brito Fernandes, em Mossoró, 22/10/2015).

Suas orientações, a todo momento, só me fortaleceram e me conduziram para o caminho do conhecer, do construir, do aprender, do não desistir jamais. Dentre tantas outras

lições vivenciadas nessa caminhada oferecida pela disciplina “Memória Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”, recordo-me de um encontro onde externei para a professora a satisfação dessa experiência de ser seu aluno, mesmo que em caráter especial, e de produzir dois trabalhos seguidos. Seria algo difícil acontecer, mas Deus reserva os momentos certos para as pessoas na hora certa. Antes não tinha nenhuma produção e, de repente, já havia escrito e publicado dois artigos. Que maravilha! Tudo isso, estava sendo um sonho, jamais queria acordar. A viagem nas memórias da vida estava sendo *o bom da viagem!*

Em outro momento, a professora reforçou, mais uma vez, a pertinência de minha trajetória, ao passo que me incentivou a continuar minha produção escrita. Me orientou dizendo: “solte o coração, dance nas palavras, aqueça a alma, caminhe pelos dias de prática, elabore os títulos para os tópicos retirando de sua própria narrativa, das palavras que vão marcando sua subjetividade no processo das vivências como professor” (informação verbal).

Em conversa com a professora, descobri seu sentimento de gratidão a Deus por permitir ser tudo o que seus alunos sentem e dizem. Para a ela, são muitas emoções, redobradas de entregas. Em sua concepção, nessa caminhada vamos construir, desconstruir, refazer, erguer, aprender a aprender, o que a deixa orgulhosa pelo nosso engajamento e firmeza em desafiar o desafio.

Com base nessas orientações e ensinamentos da professora, todos os meus processos de construção de uma formação acadêmica foram me conduzindo para a realização do sonho de elaborar mais trabalhos científicos a serem apresentados em eventos na área da educação.

A relação de confiança e amizade entre a professora e o *aprendiz acadêmico (eu)*, fortaleceu a construção do conhecimento e gerou as construções até aqui mencionadas. Daí em diante a produção não parou mais, no mesmo ano de 2015, construí em coautoria com a professora, outros dois artigos para serem apresentados em 2016. O primeiro, intitulado “A arte de ensinar de uma professora: narrativas (auto)biográficas de um aprendiz acadêmico”, Apresentado no VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica - VII CIPA, evento realizado em Cuiabá/MT, no período de 17 a 20 de Julho de 2016.

Não pude apresentar este trabalho, pois o período do evento ocorreu em uma data inapropriada para minha ida. No texto, ora apresentado, narro parte desses trabalhos. Nele mostro a formação e a (auto)formação de um aluno em construção de saber e aprendizagem através dos ensinamentos vivenciados na disciplina com destaque para a pesquisa (auto)biográfica como forma de construção discente.

O segundo, intitulado “Narrativas (auto)biográficas da história de escolaridade: experiências educativas como prática de construção de poder”, apresentado no IX Encontro

Internacional Presença de Paulo Freire, em Cienfuegos, Cuba. É interessante ressaltar que as minhas experiências alcançaram nível internacional, por meio dessa participação em Cuba. Quando de lá retornamos, eu, a professora Dra Ana Lúcia Oliveira Aguiar e mais quatro alunos do mestrado, trouxemos na mala a ideia de organizamos o I seminário de Narrativas (auto)biográfica. Fizemos a primeira reunião no dia 31 de maio de 2016, no Colégio Diocesano de Santa Lúcia, para pontuarmos a programação do evento, intitulado “Lugares e Biografização: reflexões a partir da experiência no IX Encontro Internacional Presença de Paulo Freire, em Cuba”. O objetivo era discutir as dimensões das narrativas de si a partir do olhar sobre o lugar do outro diante de uma experiência em situação de *liminaridade*.

A realização do evento aconteceu nos dias 17 e 18 de junho de 2016, em três turnos (manhã, tarde e noite). A abertura aconteceu no Colégio Diocesano Santa Luzia, com a mesa composta pelos seis participantes da viagem. Cada um falou das experiências vivenciadas e o que aprenderam com as leituras de Paulo Freire no IX encontro em Cienfuegos/Cuba.

No dia 18, no auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC), pela manhã, formamos novamente a mesa para abrir as discussões de toda a trajetória da viagem, com amostra de imagens, vídeos e narrativas de todo o percurso dos 11 dias em Cuba. À tarde, na Faculdade de Educação (FE), campus Central/UERN, realizamos os quatro salões de conversas: 1) Atores e Autores: uma forma de ver lugares escutando; 2) Atores e Autores: uma forma de ver lugares ouvindo; 3) Atores e Autores: uma forma de ver lugares conhecendo; e 4) Atores e Autores: uma forma de ver lugares convivendo. Essa participação marcou a minha primeira experiência de ministrar um seminário. Uma excelente oportunidade de aprendizagem com si e com o outro. As discussões nos salões de conversa foram riquíssimas, falamos de nossas histórias de vida e de formação, as visitas dos lugares de memórias de Cuba, a troca de saberes e de experiência do lugar.

Nesse Seminário, ministrei pela primeira vez um minicurso junto com os colegas, ficamos responsáveis pelo segundo salão de conversa, intitulado Atores e Autores: uma forma de ver lugares ouvindo do primeiro seminário de Narrativas (Auto)Biográfica. Essa experiência de formação, marcou mais um momento de aprendizagem com o outro na convivência do dia a dia.

Na concretização do I Seminário, surgiu a oportunidade de montarmos o segundo, também voltado para as narrativas (auto)biográficas. A intenção, agora, era trabalhar as vozes silenciadas nas pegadas ao chão do lugar, trazer as narrativas dos sujeitos comuns e lhes dando visibilidade. O título dado ao evento “Sujeitos, Narrativas e Histórias: um passeio pela memória purgativa embalada pelo voo da alma”. O objetivo era proporcionar um passeio pela

memória purgativa nos lastros das histórias de vida dos sujeitos em suas teias culturais e suas contribuições para os diálogos entre as histórias de vida em seus contextos e espaços de vivências, sociabilidade e humanização.

Com o título definido, realizamos a primeira reunião no dia 10 de agosto de 2016, no Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró, para definirmos as tarefas do evento. Sua realização aconteceu no dia 17 e 18 de agosto de 2016, em três turnos (manhã, tarde e noite), na mesma dinâmica do primeiro seminário. Na noite do dia 17, ocorreu sua abertura, no Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró, com uma mesa composta pelos seis participantes do primeiro seminário. Cada um compartilhou a satisfação de realizar mais um seminário na perpetração de narrativas das vozes silenciadas. Em seguida, a palestra ficou por conta de João do Cumbi, um quilombola da Comunidade do Cumbi/CE, falou da história de luta pela preservação do seu território, de suas memórias e histórias na comunidade quilombola.

No dia posterior, pela manhã, no auditório da FAFIC, formamos novamente a mesa para abrimos darmos continuidade ao evento. Na sequência, foram chamados os ministrantes das palestras, para proferirem suas falas. À tarde, na Faculdade de Educação (FE), campus Central/UERN, realizamos os quatro salões de conversas: 1) Um passeio pela memória purgativa embalada pelos Cordéis do lugar; 2) Um passeio pela memória purgativa embalada pela música do lugar; 3) Um passeio pela memória purgativa embalada pelas poesias do lugar; e 4) Um passeio pela memória purgativa embalada cantigas de roda do lugar.

Nos salões de conversa, contemplamos as vozes dos sujeitos, os cordéis, as poesias, as músicas e as brincadeiras de roda, vivenciando um verdadeiro passeio pelas memórias. Um tempo de resgate da nossa infância, através das narrativas de histórias de vida e formação. Com um pouco de experiência da vivência do primeiro seminário, já estava mais seguro para ministrar o salão de conversa.

Participar como ministrante do II Seminário de Narrativas (Auto)Biográfica, representou para mim, um momento de concretização como sujeito no processo de formação. Nesse seminário, apresentamos o salão de conversa com o tema “Um passeio pela memória purgativa embalada pelos Cordéis do lugar”, oportunidade que permitiu ministrar mais uma vez uma aula em um evento bastante expressivo no viés das narrativas (auto)biográficas. O encerramento do evento, se deu com uma roda de conversa com o tema “Memórias e Histórias: encenação do corpo pelas memórias (auto)biográficas”.

Devo registrar a caminhada como aluno especial no Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN), me direcionou para uma (auto)formação acadêmica, favorecendo a (re)construção da minha prática pedagógica. Na verdade, o meu crescimento teve início com

meu reingresso na universidade, quando construí oportunidades de aprender e conviver com a professora e com os outros colegas. Nessa caminhada, aprendi, construí e, como mencionei, apresentei alguns trabalhos de pesquisa em eventos. Conheci novas teorias metodológicas e científicas, contextualizar e viabilizar a história oral através das narrativas (auto)biográficas.

No momento atual, como aluno regular no Programa de Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN), estou construindo oportunidades de fazer pesquisa, mesmo como pesquisador iniciante, cujo foco é conhecer e aprender através das discussões no decorrer do curso, ao lado de professores pesquisadores experientes. Para aprimorar ainda mais meus conhecimentos, como relatei no tópico anterior, participo do “Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memória (Auto)Biográfica e Inclusão” (GPEMABI/UERN). No mês de outubro de 2016, vivenciamos outra experiência formadora ao lado da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Trata-se da criação do Grupo de Teatro Paulo Freire e Companhia, desenvolvido pela referida professora e um grupo de alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC/UERN. O grupo de teatro tem como objetivo narrar a experiência formativa proporcionada pela arte teatral experimentada nas atividades e oficinas de construção e composição da cena teatral propostas no projeto. Com ênfase nas narrativas por meio do Método (Auto)Biográfico e nos ensinamentos de Paulo Freire.

A estreia do Grupo de Teatro Paulo Freire e Companhia, aconteceu na abertura do III Seminário Potiguar: Educação, Diversidade, Acessibilidade e Direitos Humanos, promovido pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN), realizado no dia 07 de dezembro de 2016, no Hotel Villa Oeste. A peça apresentada foi baseada no Cordel, intitulado “O ataque de Mossoró ao Bando de Lampião”, autoria do cordelista mossoroense Antônio Francisco. Essa apresentação, marcou mais um momento de experiências formativa em minha vida.

Nesse percurso formativo, temos a possibilidade de evidenciar a (auto)formação através das experiências vivenciadas em todos os momentos de construção do saber, enquanto agente reflexivo no processo educativo, para Freire (1996), o educador nunca estará pronto, dada a incompletude do ser humano.

## CAPÍTULO 2

### **ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS EM MEIO À GEOGRAFIA DO LUGAR: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO QUANTO À RESISTÊNCIA E LUTA DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN**

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se pôs a caminhar.

Paulo Freire

As sábias palavras de Paulo Freire, tomadas como elemento de reflexão, apontam para o dia a dia em comunhão com o outro, na liberdade de conquista, sem medo de ser diferente, de ser cada um para si, no descortinar de um sonho que se pôs a caminhar. O objetivo desse segundo capítulo é conhecer os espaços de vivências em meio à geografia do lugar, através das narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN.

Neste capítulo apresentamos a localização geográfica da comunidade e as histórias de vida e de formação dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN. Narramos um período na Comunidade marcado por conflitos entre os moradores e empresas locais, cujo resultado culminou na morte de um morador. A preservação do lugar, os povos do mar realizam com reponsabilidade e zelo, pois, é de interesse de todos da comunidade. É na convivência no cotidiano os moradores exercem diversas atividades econômicas e desenvolvem diferentes funções sociais.

A Comunidade do Rosado/RN, campo desta pesquisa, é formada por paisagens encantadoras. Tem uma história de lutas pelo direito à dignidade, moradia e educação. Através das narrativas os sujeitos do lugar relembram por meio da memória o início da formação da comunidade, contam como tudo começou. Falam das dificuldades, dos ensinamentos, dos saberes da experiência compartilhada com o outro, dos momentos prazerosos em viver em coletividade.

As conquistas, ao longo do tempo, são frutos de organizações sociais por meio de associações, sindicatos e movimentos que reivindicam o direito à cidadania. A Comunidade do Rosado/RN é constituída por povos do mar e do campo, que nutrem suas forças no sentimento de pertença do lugar e participam na construção e desenvolvimento dos espaços

que habitam. A tradição cultural da comunidade é marcada pela proximidade dos valores, da afetividade, dos modos de vida e da memória. O local mesmo com o surgimento das novas tecnologias, mantém as tradições deixadas pelos primeiros habitantes do lugar.

## **2.1 História da formação da Comunidade do Rosado/RN, contada por quem vive, sonha e pratica o seu lugar de pertença**

Este tópico apresenta a Comunidade do Rosado/RN, cenário de tramas cinematográficas e de belas histórias reais, contadas por quem vive o/no lugar. As narrativas de empoderamento dos sujeitos da comunidade têm como instrumento condutor o Método (Auto)Biográfico, apoiado nas teorias de autores como Josso (2010), Dominicé (2010) e Delory-Momberger (2008).

Para Josso (2010), na medida em que os sujeitos narram suas histórias, desvelam sobre a vida e seus fazeres. Ao fazer esse exercício são transformados em seres humanos, de modo que reafirmam algumas posições e reveem outras. Em outras palavras, a pesquisa (auto)biográfica, por meio das narrativas de si, tem contribuído para que as histórias de vida de sujeitos comuns, seja no plano individual ou coletivo, ganhem visibilidade.

Nesta pesquisa, sujeitos comuns são os homens simples, segundo Martins (2000), nos libertam dos simplismos. Conforme o autor, esse homem passa por momentos cuja existência é atravessada por mecanismo de dominação e de alienação, os quais distorcem sua compreensão da História e do próprio destino.

Entender a diversidade nos locais plurais, preservar a história desses lugares, pressupõe a escrita, porque, muitas vezes, essa história está apenas na oralidade, passível de ser esquecida e de não ser transmitida pelos membros mais experientes da comunidade aos mais novos. Para Martins (2000, p. 11):

Todos nós somos esse homem que não só luta para viver a vida de todo dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destruído de sentido. [...] Nessa adversidade, a questão é saber como a História irrompe na vida de todo dia e trava aí o embate a que se propõe, o de realizar no tempo miúdo da vida cotidiana as conquistas fundamentais do gênero humano, aquilo que liberta o homem das múltiplas misérias que o fazem pobre de tudo.

As palavras acima permitem entender a necessidade de o homem simples construir o seu lugar na comunidade, o que envolve ter tempo para si e para o outro, buscar a liberdade,

ter criatividade, prazer de trabalhar, bem como compreender o seu papel ativo no lugar que habita, dentro da sua realidade. Em síntese, para construir seu lugar o homem simples precisa ter um olhar para o contexto local, não de forma limitada, nem tampouco preso ao contexto geográfico. Dizer eu sou da Comunidade do Rosado/RN vai mais além da posição geográfica e da oratória dos mais velhos; é ser e sentir a comunidade, é viver a cultura do lugar, é viver suas dimensões e seus procedimentos.

Ao relatar suas memórias, os sujeitos da referida comunidade convidam os interessados em sua história para entrarem num rico campo de vivências e experiências chamado cotidiano. Para Martins (2000, p 84) “[...] a vida cotidiana se instaura quando as pessoas são levadas a agir, a repetir gestos e atos numa rotina de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio”. É o estudo desse dia a dia que possibilita perceber como esses sujeitos constroem experimentam e vivenciam as relações sociais no seu lugar de pertença. Nesse processo de conhecimento é preciso desvelar a multiplicidade das relações e dos papéis desempenhados por seus moradores da Comunidade do Rosado/RN, isso exige estar atento às definições e redefinições que o termo comunidade adquiriu ao longo da História.

Para esta pesquisa, as narrativas dos moradores do local investigado têm sua força no momento em que permitem a esses sujeitos um (re)significar da prática na convivência diária, consigo e com o outro. Esse exercício fortalece e remete a uma perspectiva positiva e retificadora do pensamento crítico e reflexivo do ser em formação. O método biográfico apresenta-se para esta pesquisa, como alternativa para a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social. Por essa razão, requer dos sujeitos o resgate de suas memórias.

As contribuições de Pollak (1992) e Halbwachs (1999) também são de grande valia para o desenvolvimento desta pesquisa, intitulada *contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*, discutem sobre memórias, lugares e acontecimentos. Segundo Pollak (1992), a memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado; ela reforça sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes. Halbwachs (1999), afirma que as lembranças permanecem coletivas porque são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só os autores estiveram envolvidos, e com objetos que só eles viram. Isso porque, em realidade, nunca ninguém está só.

No que se refere ao conceito de comunidade, Elias e Scotson (2000), a definem como um grupo organizado em cujo seio está contida a família, que em sua totalidade pode viver em

algum tipo de área local. A esses espaços dá-se o nome de comunidades, no sentido de formarem grupos sociais coesos, em uma rede de relações sociais. Tida como um espaço de vivências sociais, bem como sua formação e os conflitos que nela ocorrem. Nesse espaço não existe um lugar isolado, a vida é coletiva. Os lugares que o compõem são carregados de sentidos, de símbolos e interpretações. A definição da palavra comunidade pode ser entendida como o lugar onde todos se entendem e se ajudam, é onde brota o sentimento de solidariedade, a comunhão de uns com os outros, ou seja, de forma natural.

Com o entendimento acima, direcionaremos o nosso olhar para a Comunidade do Rosado/RN, campo de estudo, entender a história da formação dessa comunidade, contada por quem vive, sonha e pratica o seu lugar de pertença. Os sujeitos em comunidade se (re)significam a partir da sua experiência na prática da vida cotidiana que começa a nascer, segundo Martins (2000) quando as ações e relações sociais já não se relacionam com a necessidade e a possibilidade de compreendê-las e de explicá-las. Esse cotidiano está presente na vida dos moradores da Comunidade do Rosado/RN, por meio da harmonia com o outro, na alegre de viver, no divertimento, na solidariedade, na coletividade das ideias comuns: tais como: reuniões, conquistas, festas religiosas, nos costumes e na identidade de pertencer a uma comunidade ou grupo social.

Elias e Scotson (2000) publicaram uma pesquisa que realizaram em uma cidade na Inglaterra, nessa cidade tem três bairros diferentes, na convivência dos sujeitos, onde surgem vários problemas como: alcoolismo, desentendimento, fofocas. Com isso, criou-se certa desarmonia entre os estabelecidos e *outsiders*, ou seja, os de dentro e os de fora. Por meio das narrativas dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN percebemos a existência de conflitos nas relações sociais entre os próprios moradores da comunidade ou entre moradores com pessoas de fora, esse tipo de comportamento é possível perceber através das narrativas dos moradores da comunidade.

Cabe apresentar, para melhor compreensão sobre a Comunidade do Rosado/RN sua localização geográfica. Segundo Barros (2009), está localizada na faixa litorânea da região Nordeste do Brasil, especificamente na costa setentrional do estado do Rio Grande do Norte, e inclusa dentro dos limites territoriais do município de Porto do Mangue/RN. O local possui aproximadamente 720 habitantes<sup>9</sup>. É um lugar de paisagens que encantam os olhos de quem o visita. As falésias, as dunas e a vegetação da Caatinga avançam do interior até o litoral e, podemos dizer, *o sertão encontra o mar*.

---

<sup>9</sup> Essa informação foi fornecida pela Secretaria de Ação Social de Porto do Mangue/RN, com base nos dados censitários de 2009.

Os moradores desconhecem a origem do nome Rosado, para alguns pesquisadores que estiveram no local, ela está relacionada à combinação de cores entre os sedimentos esbranquiçados das dunas com os terrenos avermelhados e alaranjados dos latossolos e barreiras, que resultam na coloração *rosada*. Fenômeno explicado no tópico 1.1 do primeiro capítulo, página 31. As imagens das fotos abaixo, indicam a localização geográfica do município de Porto do Mangue no Brasil e no Estado do Rio Grande do Norte/RN.



**FOTO 2:** Localização do município de Porto do Mangue no Brasil e no RN.

**Fonte:** IBGE, 2017. Adaptado pelo autor da pesquisa, 2017.

Porto do Mangue faz parte da chamada Zona Homogênea Mossoroense delimitada pelo Instituto de Defesa do Meio-Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA/RN, 2008). De acordo com os estudos de Barros (2009, p. 70):

Desde o ano de 2005 esta comuna faz parte de um consórcio de municípios que buscam uma maior dinamização de suas economias através da atividade turística, e desta forma, a partir do decreto n.º 18.187, de 14 de Abril de 2005 a então governadora Wilma de Faria, consolidou o consórcio e o projeto do corredor e pólo turístico denominado de Pólo Costa Branca, sendo composto por 16 municípios dos quais Porto do Mangue é um deles.

O Projeto Polo Costa Branca objetiva integrar vários municípios do Rio Grande do Norte (RN) com vistas ao pleno desenvolvimento da atividade do turismo, representa uma grande contribuição para Porto do Mangue/RN, incluindo a Comunidade do Rosado/RN. Essa

outra imagem da foto abaixo, visualiza com mais precisão a localização geográfica do município de Porto do Mangue, no Estado do Rio Grande do Norte/RN.



**FOTO 3:** Localização geográfica do município de Porto do Mangue em território potiguar.

**Fonte:** IBGE, 2008. Adaptado por Anderson Penha (2009, p. 70).

Adentrar no universo das histórias de vida e de formação dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN é invadir um mundo de saberes que ensina. Esse universo é construído na relação com o outro, por meio da convivência no cotidiano da comunidade de povos do mar, que exercem diversas atividades econômicas e desenvolvem diferentes funções sociais. A visita na Comunidade do Rosado/RN permitiu uma viagem no tempo, através da memória guardada, e que, agora, será repassada através das narrativas de quatro moradores da comunidade, obtidas por meio de narrativas.

Suas histórias de vida e experiência foram ouvidas e gravadas, a fim de que não se percam com o passar dos anos. Elas levam por caminhos e lembranças que o tempo não apagou. Estão rememoradas e (re)significadas nas suas narrativas de empoderamento. Tais narrativas revelam que o passado e o presente andam juntos. Os acontecimentos da época estão guardados fortemente na memória dos moradores mais antigos da comunidade. Elas relembram o tempo da lamparina, do lampião, das brincadeiras, das conversas no terreiro, entre outros momentos.

Os quatro moradores entrevistados contam o que sabem sobre a origem da comunidade e expressam um sentimento de pertencimento ao lugar. O primeiro deles se

chama Neneu<sup>10</sup>, não é o seu nome de batismo, é um nome como gosta de se chamado na comunidade. Está com 60 anos de idade, é aposentado. Na carreira de experiência profissional, exerceu diversas funções: tais como: agricultor, pescador, atuou como presidente da Associação da comunidade por muitos anos, e hoje atua como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. O morador narra sua origem na comunidade, e diz:

Nós chegamos aqui, na área que eu digo, é [...] Rosado não era aqui onde estamos morando hoje, mas era na outra localidade. Com 03 anos de idade. A minha avó já vinha morando muito anos [...] com os avós dela. Meu pai, filho dela, também fazia parte da comunidade. Meus tios e os primos de meu pai, que já moravam tempo aqui. Como tinha uma tia dele, que morava com minha avó. Essa é a minha origem [...]. Dessa época pra cá, a gente chegou aqui, não se mudou para canto nenhum. Estamos até hoje aqui, construindo famílias. Eu, hoje, estou com 60 anos, [...] mas nunca tive nenhuma divergência com a comunidade. O município, naquela época, que era Carnaubais, foram sempre acolhedores. A emancipação em 1995, Porto do Mangue passou a ser uma cidade. Continua com o prefeito mais próximo da gente [...]. Nunca se negou a ajudar a comunidade, de certa parte a gente procurava, desejava, queria, ia procurar e éramos atendidos, toda vida tínhamos esse bom entendimento com o poder público, nunca tivemos divergência. A partir das dificuldades das moradias, segundo os empresários que diziam serem donos das terras, fundiários, aí a gente começou até alguns conflitos aqui, dentro da comunidade [...]. Os latifundiários diziam que eram donos das terras. Queriam expulsar o pessoal daqui sem nenhum direito. A gente quis resistir. Perdemos um companheiro, mas resistimos e, ainda hoje, estamos vivendo [...] com aquela certeza de não querer sair dessa comunidade, e, sim, organizar e se unir, para que a gente sobreviva para a melhor condição de vida (Narrativas de Neneu<sup>11</sup>, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Na Comunidade do Rosado/RN seus moradores estabelecem uma relação de parentescos pautada nos laços familiares, ou seja, sempre pessoas próximas uns das outras, avós, tios, primos e irmãos. Nessa relação de convivência na comunidade os moradores se firmam e se perpetuam por muito tempo até a velhice. A moradia na comunidade é tranquila, os moradores vivem uma relação de afeto e harmonia. O morador Neneu externa o desejo de fazer parte da comunidade, de lutar por melhores condições de vida e não desistir nunca do direito de viver e permanecer nas terras que ele e os demais conquistaram com o sangue de um companheiro e irmão da comunidade. O conflito que aconteceu na comunidade fortaleceu a união dos moradores e empoderou seus moradores a formar uma Associação Comunicaria,

<sup>10</sup> Os nomes dos entrevistados citados deste tópico 2.1, são nomes fictícios, escolhidos pelos próprios moradores da comunidade, pois, cada nome tem um significado e pertença pela convivência do lugar onde moram.

<sup>11</sup> Todas as transcrições das entrevistas estão nos mesmos termos, tal como está escrito (*ipsis litteris*), respeitando a identidade e as linguagens locais dos povos da comunidade.

em prol de lutar pela legalização das terras do Rosado. Os moradores não desistem de lutar pelo direito de permanecer nas terras conquistadas ao longo da vida, pelos seus moradores mais antigos. Em 2013, o governo do Estado concedeu mais vinte anos de permanência para os moradores da Comunidade do Rosado/RN.

O segundo morador, conhecido por Carlinhos do Rosado, por sua atuação em prol da comunidade, é como gosta de ser chamado, por todos da comunidade. Tem 43 anos, traz um currículo de experiência, já participou como membro da Associação da Comunidade, exerceu três mandados de vereador do município, hoje, é membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O morador conta como e porque chegou à Comunidade do Rosado/RN:

Eu sou o caçula de quatro filhos e o meu pai, João Batista de Lemos, que era salineiro, na época, trabalhava na Salina Matarazzo. Em virtude da enchente de 1974, que devastou todas as terras, como ele não tinha outra fonte de renda, foi que ele, com a minha mãe e os meus irmãos, e tem também uma irmã adotiva, decidi procurar uma outra localidade que pudesse buscar o meio de sobrevivência, até porque ele vivia exclusivamente deste trabalho, que ainda era um trabalho braçal, no grupo Matarazzo, que foi devastado pela enchente de 1974. Em 1979, foi quando nós chegamos aqui na praia do Rosado, que, na época, era conhecida por Baixa São Miguel [...]. E foi assim que eu iniciei a minha história nessa comunidade, chegando aqui com 03 anos e 07 meses. E a partir daí o meu pai começou a trabalhar de aluguel. Tinha um pessoal que tinha os famosos roçados. Ele ia lá. Na época, não se chamava aqui hectares, falava em tarefas. Ele chegava lá e fazia o que eles chamavam de empleita, uma tarefa de terra. Daí buscava o sustento (Narrativas de Carlinhos do Rosado morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Na década de 1974 as famílias foram obrigadas a deixarem suas terras em virtude de fortes chuvas, que alagaram grande parte das terras da região salineira de Macau/RN. Em 1979, depois de cinco anos, a família de Carlinhos do Rosado, por consequência das enchentes, chegaram à Comunidade do Rosado/RN a procura de moradia e trabalho, nessa época a comunidade era conhecida por Baixa São Miguel. Segundo Carlinhos do Rosado, as casas eram de taipa, a maioria delas quase todas com palha de carnaúbas, os colchões eram feitos pela própria população, através de dois tipos de plantas, o Junco e Taboa<sup>12</sup>, que só se dava mais nas épocas do inverno. O relato de Carlinhos do Rosado revela que a vinda de sua família para a Comunidade do Rosado/RN representou uma forma de sobrevivência e de retorno ao aconchego dos parentes. Sobre quantos anos aproximadamente tem a Comunidade

---

<sup>12</sup> São tipos de capim fino em primeiro plano. Essas plantas foram muito usadas pelos artesãos da região Nordeste do Brasil. Hoje, com a escassez dessas plantas, devido à ocupação desordenada das áreas onde ocorriam, está se perdendo a tradição do artesanato.

e por que é considerada bicentenária, as narrativas do morador, através da vivência e da experiência na comunidade, revelam:

A história que posso retratar dessa comunidade, que insisto em dizer que a mesma, não tem historicamente, uma história bem relatada escrita e registrada. Mas, acreditamos que ela é bicentenária<sup>13</sup>, levando em consideração que sou o caçula nessa comunidade, chegando em 19 de outubro de 1979. Irei completar os 43 anos, com a graça de Deus, e desses 43 anos tenho 38 anos nessa comunidade. Chegando aqui, já encontrava a benzedeira a curandeira, Dona Maria Dominga, que faleceu aos 96 anos e, pelo que nos consta, e pelos seus parentes, seus filhos e netos e os amigos da época contam, ela já teve seus pais nascidos aqui. Então, mais uma prova de que nós somos uma comunidade mais que bicentenária (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A história da origem da Comunidade do Rosado/RN é uma incógnita, porque, não existe uma data precisa da existência dos primeiros habitantes do lugar, como também, ainda não se sabe de nenhum registro da localidade em períodos remotos, que comprove sua formação. A Comunidade do Rosado/RN como explica Carlinhos do Rosado nas suas narrativas, “a quem diga que a comunidade é bicentenária”. Não há estudo que comprove a hipótese levantada pelos moradores da comunidade ser bicentenária. Como não houve estudos arqueológicos no lugar, fica indefinida uma data que comprove essa cronologia. Essa história não está escrita, não é oficial, mas está guardada na memória de quem vive na comunidade. Para Pollak (1992), os acontecimentos vividos por um grupo ou pela coletividade à qual a pessoa pertence, mesmo que não tenham sido por ela vivenciados são de grande importância para a construção da memória e preservação do local.

Carlinhos do Rosado conta que, no passado, o meio de sobrevivência dos primeiros habitantes da comunidade era nas vazantes construídas pela própria população, uma forma muito natural de obter alimentos. No início, a comunidade não tinha energia, as atividades domésticas eram realizadas sob a luz do lampião e da lamparina a gás. O morador Carlinhos do Rosado acrescenta que somente mais à frente as coisas foram melhorando, quando, surgiu o famoso lampião a gás de botijão, não era todo mundo que o possuía. Outro exemplo da simplicidade da comunidade está descrito no trecho a seguir:

Falar em refrigerante era preciso a criança está doente. Na hora que a criança estava doente, a mãe chegava e dizia: ‘vá lá na bodega e compre uma fanta

---

<sup>13</sup> Cronologia citada pelos moradores da Comunidade do Rosado/RN, até hoje, não se sabe qual a data da existência dos primeiros habitantes do lugar.

ou um guaraná'. Esse guaraná ou essa fanta era aberto e colocado no famoso pé do pote, que era uma forma que se encontrava para que ficasse um pouquinho mais parecido com gelado. Então, a cultura daquela época era uma coisa assim, muito natural, as brincadeiras, eram brincadeiras de anel, tinha muito na disbulia de milho, nos contadores de anedotas. Outros contavam poemas e canções e de lá até aqui é que houveram algumas mortificações. Tendo em vista já chegando a década de 1980, a população já estava mais acostumada a lidar com a pesca, a lidar com a agricultura (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

As narrativas de Carlinhos do Rosado me fizeram viajar no tempo, lembro-me, quanto estava doente em casa, primeiro não ia para escola, e segundo meu pai comprava guaraná e biscoite Maria. “Era uma vez na vida e outra na morte” (Grifo: Ana Lúcia Aguiar). As lembranças de Carlinhos do Rosado descreve um tempo na comunidade em que a convivência era algo natural, existia uma rotina entre os moradores de contar histórias no terreiro, de fazer as tarefas da pesca e da agricultura em coletividade. Carlinhos do Rosado conta que mesmo com os avanços da tecnologia, somente a partir da década de 1990 começou, na comunidade, a construção de casas de telhas, em substituição às de palhas. Na comunidade, os moradores que tinham uma melhor condição rebocavam as paredes da casa, mesmo sendo de barro. Carlinhos relembra as dificuldades de conduzir o barro branco para as construções das casas, esse material, era encontrado próximo às falésias, indo em direção a uma comunidade próxima, chamada Pirrim<sup>14</sup>. Para Carlinhos do Rosado, o interessante era a forma como esse barro era retirado e conduzido. Como mostra em sua narrativa:

O barro branco era conduzido nas costas, em lombo de jumento. E uma coisa engraçada que se fazia, é, tinha uns caixões, aonde esses caixões tinha uma sola e uma tampa [...]. Tem uma corda que ela passava por cima da famosa cangaia e, na hora que chegava com esse barro para retirar, folgava-se o nó da corda. Daí esse barro caía, mas para se rebocar uma casa, por mais pequena que fosse, precisava de três ou quatro viagem com esse jumento, por isso, era coisa toda natural (Narrativas de Carlinhos do Rosado morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Nessa época, como mostra Carlinhos do Rosado, os moradores tinham muito trabalho para construir as casas de taipa, não era tarefa fácil, as condições financeiras dos moradores eram precárias. Durante o processo de construção de suas moradas, passavam por todo o ritual de idas e vindas até a finalização do trabalho. Quanto à substituição das coberturas de palhas por de telhas de argila, existia uma dificuldade para os moradores, o acesso para a sede do

---

<sup>14</sup> Essa localidade recebeu esse nome devido uma planta chamada Manibú, formava cachos e soltava sementes para fazer chá, os moradores acreditam que o nome se originou em virtude das sementes.

município de Porto do Mangue/RN ou cidade vizinha, era por vias de estrada carroçais. Essa dificuldade impedia de alguns moradores comprarem telhas para construir suas coberturas na comunidade.

Quanto aos valores e às tradições da comunidade, o morador Carlinhos do Rosado, relata que, até pouco tempo, as famílias ainda preservavam a tradição de os mais novos pedirem a “bença”<sup>15</sup> aos mais velhos, como também de os respeitarem, de modo que, não podiam passar entre adultos que estavam conversando. Ainda na época da construção das casas, o morador relembra que, a partir da década de 1990, a comunidade saiu daquela tradição da casa de taipa, coberta com palha de coqueiro, e aderiu para a de tijolos e telhas. Em 1998, a comunidade passou a ter a famosa energia elétrica. É visível, em sua história, uma cultura, deveria ser bem mais preservada nos dias atuais, mesmo com os avanços da tecnologia.

Com efeito, fica quase impossível manter os mesmos costumes na comunidade quando há um novo ritmo de vida. Permanecem vivas algumas tradições, que fazem parte do cotidiano dos moradores. Um exemplo é a conservação do pote de barro nas casas de algumas pessoas, mesmo possuindo geladeira.

Para reforçar a origem da formação da Comunidade do Rosado/RN, seguem as narrativas de Dona Morena. Esse nome dado quando ainda era menina, é uma forma carinhosa de se chamada, hoje, está com 54 anos, é artesã, construiu uma trajetória de vida e experiência na comunidade, participa como membro da Associação das Mulheres Artesãs. Atua nos Movimentos Feministas Rurais. Ela relata que existia, na Praia do Rosado, poucas casas, bem distantes umas das outras. Todas as moradias eram de taipa, como foi citado pelos outros moradores. Segundo a entrevistada, a comunidade sobrevivia da agricultura, pescaria e criação. A moradora complementa:

Toda vida, se criou, aqui, ovelha, cabra, gado, galinha. Tudo isso inclui ao agricultor. Então, se vivia aqui desta forma [...]. Aqui é como eu já falei. Eu nasci aqui, me criei aqui, me casei aqui. Porque, na verdade, eu gosto da minha comunidade, eu amo a minha comunidade de paixão. Eu gosto daqui, né? A vivência pra gente, aqui, é muito bom. Na minha infância, é [...] brincávamos muito, nós ainda consegue fazer isso, aqui, hoje, andar em cima dessas falésias, nos morros, nessas grotas, como a gente chama aqui, correndo atrás das cabras, botar no chiqueiro. De manhã, tirava leite. Morávamos lá em cima da serra. Vinha, descia para vim pegar água nos burros ou na cabeça, para levar lá pra cima. Eu sei que eu gosto muito daqui, né? (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

---

<sup>15</sup> Referente à bênção.

A economia da comunidade está sustentada nas atividades pesqueiras. A moradora Dona Morena acrescenta outras atividades praticadas na comunidade, por meio da agropecuária, ou seja, agricultura e criação de animais. Planta-se feijão, milho, batata doce, abóbora, macaxeira, geralmente nas áreas das vazantes próximos aos rios, e criam-se cabras, ovelhas, gados, porcos e galinhas, em campo aberto e fechado. A agricultora é produzida na roça entre as famílias, através do trabalho coletivo, voltado para agricultura familiar e de subsistência. Utilizam-se aparelhos rudimentares, tais como: enxadas, facões e arados. A forma usada para plantar é muito tradicional e se caracteriza por trabalhos manuais pelos moradores.

As lembranças citadas nas narrativas de Dona Morena, referentes à Comunidade do Rosado/RN, expressam o orgulho de serem povos do mar e do campo. Mesmo com as dificuldades Dona Morena descreve o amor, a paixão de viver na comunidade. Esses mesmos sentimentos, por certo, provocam em Dona Morena o desejo de continuar na comunidade por muitos e muitos anos. Somada a isso, está a alegria de ter os seus pais ao seu lado, e diz:

Meu pai, hoje em dia, está com 88 anos. Minha mãe fez, agora, dia 18 de julho, 76 anos. Isso é uma experiência de vida muito boa que a gente tem. Aqui ainda é bastante tranquilo, esperamos que continue assim, né? Agora, aqui já tem muita gente. De primeiro, era poucas famílias, era duas ou três famílias que tinha aqui. Casava tudo primo com primo. Era uma casa aqui e outra não sei com quantos metros de distância, muito longe mesmo. Se faltasse uma colher de açúcar, por exemplo, fosse pegar no vizinho, quando chegasse tinha que ferver o café de novo, o café já tinha esfriado de tão longe que era. Aí, hoje em dia, está tudo mais fácil, por uma parte, né? E outra não, porque quando a gente ver chegando muita coisa boa, o ruim vem também (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Em suas recordações, Dona Morena reconstrói o seu passado a partir de um olhar do presente. Para Bosi (2000) o ato de lembrar é fundamental na (re)significação da própria vida e, também, no reconhecimento de si. Dona Morena reconhece o carinho e o apoio que sempre construiu ao lado dos pais. Na convivência com os seus pais. Adquiriu experiências de vida e formação passadas por eles. E através dos ensinamentos dos seus pais, ela (re)significa o seu ser na interação com o outro. Relembra como era o início da formação na comunidade há quinze anos atrás. Existiam poucas famílias, estabelecia-se um grau de parentesco, os laços matrimonial eram entre eles mesmo, primos com primos.

Nesse momento, navegaremos nas narrativas de outra moradora da comunidade, chamada por todos, de Dona Rosarinha. Não é seu nome de batismo. Ela conta que, “se

chamaria Maria do Rosário, mas, seus pais batizaram com outro nome”. Rosarinha, é como gosta de ser chamada na comunidade, ela tem 79 anos de idade e uma história de vida e formação na comunidade. Ao chegar à Praia do Rosado, construiu sua identidade profissional e passou a ser reconhecida como a primeira professora educacional. Dedicada às tarefas religiosas, exerceu a missão de catequese na Capela de São Francisco de Assis, padroeiro da Comunidade do Rosado/RN. Ela explica como chegou à Comunidade do Rosado/RN:

Eu vou começar logo pelo meu pai. Meu pai nasceu aqui. Meus avós nasceram aqui e o meu pai. Se ele fosse vivo, ele nasceu em 10, ele estava já com 107 anos. E aí ele casou-se com minha mãe, e moravam em Ponta do Mel<sup>16</sup>. Eu não cheguei a conhecer os meus avós por parte de meu pai [...]. Quando foi com dezoito anos, eu arranjei esse rapaz daqui da Praia do Rosado. Me encontrei com ele e a gente ficou de olhar um para o outro. Foi quando cheguei a me casar com ele. Ele me trouxe para aqui e eu nunca tinha vindo aqui neste lugar chamado o Rosado, como se chama. Quando eu cheguei, eu fiquei desorientada. ‘Meu Deus que lugar é esse? Meu Deus, onde é que eu estou?’ Tinha hora que eu esquecia até do casamento [risos], tão cruel era o lugar. Só tinha animal, areia. Tinha morro e o mar. Quando pensava que não, só era mata [...] (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Para Dona Rosarinha, a vida na comunidade, no seu tempo, não era tarefa fácil, existiam muitas dificuldades. Chegou à comunidade com 18 anos de idade. Era muito jovem, casou-se no ano de 1958. Ela relembra que, nessa época, o local possuía só mato e era muito deserto, se contava as casas, eram cinco ou seis casas. Dona Rosarinha expressa “que teve desgosto do lugar”, mas, com o tempo, acabou se acostumando, porque sempre foi uma menina que gostava de se divertir. E diz: “eu não olhava se eu era feia ou não, ou pobre, eu queria trabalhar assim na alegria, pra mim, não existia essa tal de tristeza”. Como forma de passar o tempo na comunidade.

Dona Rosarinha gostava muito de fazer uma visitar a casa de três velhinhas, nascidas e criadas aqui na comunidade, e moravam na serra. São elas: Dona Maria Domingas, Dona Joana, Dona Sebastiana. Quanto às histórias de vida de Dona Maria Domingas, Dona Rosarinha explica: “ela gostava muito de rezar e conversar com a gente, ela contava que a vida dela, era uma vida difícil”. Dona Rosarinha, acrescenta: “por que às vezes ela via os meninos chorando dizendo que queria isso, queria aquilo”. Dona Rosarinha comenta:

---

<sup>16</sup> Ponta do Mel, uma Comunidade litorânea pertencente à cidade de Areia Branca/RN, que fica a 3 km da Comunidade do Rosado/RN.

[...] Quando eu cheguei aqui, ela dizia tudo isso, que era muito difícil as coisas [...]. Mas, para elas, está tudo bom, porque esse pessoal de antigamente não é igual a esse pessoal de hoje, né? Eu me sentia tão bem quando eu ia para a serra, conversar com elas. A gente ia diretozinho conversar sobre aquele passado, aquelas coisa difícil que tinham aqui. Hoje, não lembro muito bem das coisas que elas diziam, assim, na época. Elas gostavam de ensinar as orações. Cada orações bonitas para a gente escutar! (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Nessa narrativa, a moradora Dona Rosarinha traz lembranças de Dona Maria Domingas, uma moradora que viveu por muito tempo na comunidade, e passou suas experiências de vida e formação para os filhos e netos. A reza e as orações são tradições deixadas por Dona Maria Domingas, que permanecem vivas no dia a dia de Dona Rosarinha e de outros moradores da comunidade. Relembrar as conversas, os ensinamentos dos mais velhos da comunidade através da memória é compreender momentos perdidos e, talvez, tornar mais humano o nosso presente (BOSI, 2000).

A memória de Dona Rosarinha, em lembrar-se das conversas na casa das três velhinhas, leva-nos a Pollak (1992), quando afirma que essa memória se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua (re)construção de si. Essa (re)construção possibilita que as suas memórias aflorem e tragam as lembranças dos acontecimentos, dos lugares que marcaram sua história de vida.

Antes de Dona Rosarinha ir morar na Praia do Rosado, vivia com seus pais, na Comunidade de Ponta do Mel. Dona Rosarinha conta que seu pai era pescador na Ponta do Mel, e comenta: “a gente não tinha o pão de cada dia toda hora que queria, né? Mas, para mim, não existia tristeza. Eu passava na rua cantando aqueles cantos de Luiz Gonzaga”.

Dona Rosarinha, relembra: “quando eu estava no Mel, ficava no rádio escutando. Aí, escrevia, escrevia, escrevia. Hoje, amanhã, eu lá de novo. Dizia: -‘Comadre Raimunda, ligue aqui o rádio para eu escutar’. Ficava ouvindo e escrevendo, até concluir a música. Conseguia copiar todinha.” Dona Rosarinha mostra o desejo pela música, quando pequena acompanhava sua mãe, que cantava na igreja. Dona “Rosarinha adora cantar, como ela mesma diz: com minhas amigas da comunidade, a gente faz brincadeira, dança e se diverte”.

Por gostar de cantar e ensinar e de participar das novenas da igreja, Dona Rosarinha, quando chegou à Comunidade do Rosado/RN, construiu muitos amigos. Durante a semana, trabalhava dando aula na escola, com a ajuda os padres da igreja, e aos sábados catequizava as

crianças para a Primeira Comunhão. Quanto o apoio do Padre José e Padre Murilo para comunidade, Dona Rosarinha conta que eles foram muito importantes para a formação dos moradores do Rosado. Sobre esse apoio, ela diz: “me ajudaram bastante, por que aquilo que não sabia, dizia pra eles, aí, eles traziam orientações para mim”. Aquela tristeza do deserto do lugar, que Dona Rosarinha sentia, quanto chegou à Paria do Rosado, acabou! Com ajuda de seu esposo, construíram na sala da casa, uma escolinha e ela começou com a missão de ensinar. Hoje Dona Rosarinha externa: “eu amo esse lugar, aqui onde moro, por que é uma comunidade muito calma [...]. Gostava muito de festa. Hoje, graças a Deus, estou feliz da vida porque moro aqui. Meus filhos moram perto de mim, minhas amigas. Tenho muitas amigas na minha comunidade”.

Com base nos relatos expostos acima, é possível dizer que as narrativas dos quatro moradores entrevistados da comunidade, revelam o viver, o sonhar e o praticar o seu lugar de pertença. Percebemos que as lembranças dos moradores estão gravadas no tempo e na memória dos moradores mais velhos da comunidade. Através das narrativas eles relembram por meio da memória o início da formação da comunidade, contam como tudo começou. Relembram das dificuldades, dos ensinamentos, dos saberes da experiência compartilhada com o outro, dos momentos prazerosos em viver em coletividade.

Rememorar o passado significa possibilitar que sua história não seja apagada pelo tempo. Trazer as narrativas permite provocar a memória, através das lembranças tidas como esquecidas e apagadas. Estas, no momento em que são reveladas, podem trazer recordações do passado vivido para outras pessoas, inclusive da própria comunidade, que não tiveram a oportunidade de conviver e conhecer a história da formação da Comunidade do Rosado/RN.

## **2.2 Espaços de saberes e fazeres da geografia da Comunidade do Rosado/RN: contar, narrar, preservar seu lugar**

Neste segundo tópico, surgiu a necessidade de explorar os múltiplos olhares, relacionados *aos espaços de saberes e fazeres da geografia da Comunidade do Rosado/RN: contar, narrar, preservar seu lugar*. Falar em preservar seu lugar é falar de uma reponsabilidade sustentável de cada um dos moradores, e isso é de interesse de todos da comunidade. Diante dessa realidade, duas questões merecem ser analisadas: *como cada morador está inserido nesse lugar? Como cada morador faz para preservar seu lugar?*

Nesta pesquisa, as narrativas (auto)biográficas são vistas como pontos de acesso às histórias de vida e saberes da experiência dos sujeitos comuns da Comunidade do Rosado/RN.

Esta pesquisa, a saber: *contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN* visa compreender a Comunidade do Rosado/RN para além do espaço geográfico, analisando outros elementos como: trabalho, luta, resistência, relações sociais e culturais, modo de vida, sonhos e anseios dos habitantes. Por meio das narrativas (auto)biográficas, frutos das vivências sociais estabelecidas nesses espaços, serão analisados os saberes da experiência e o empoderamento de vida, bem como a formação dos povos do mar.

A Comunidade do Rosado/RN deve ser entendida como a conjunção do lugar, das ações e relações tecidas no cotidiano de cada um de seus moradores. É o lugar da memória, dos acontecimentos, da convivência humana, das relações sociais dos sujeitos que nela habitam. No caso da Comunidade do Rosado/RN, os sujeitos vivem no campo e no mar e eles mesmos (re)construíram a sua história.

O percurso no campo da pesquisa, de cunho qualitativo: focar os saberes da experiência e a formação dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. De acordo com Minayo (2007), o método qualitativo se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos possuem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, e de como sentem e pensam. Na abordagem da pesquisa qualitativa, podemos olhar o comportamento de sujeitos reais em comunidades reais, vivendo em termos de culturas reais procurando o seu estímulo a sua validade em sociedade.

Segundo Geertz (2008), o homem é um ser singular com diferentes ações, mas que nada disso o desliga de se apresentar como um ser pensável, que tem características afins, relações, hábitos, costumes, etc., Para o autor o homem tece uma teia de significados e se amarra a ela para dar sentido à sua vida. Na Comunidade do Rosado/RN, tomamos a cultura nos termos Geertz (2008) como o conjunto dos hábitos, dos costumes, dos usos, das tradições, mas para alcançar as dimensões simbólicas da vida social, como a arte, a religião, a ideologia, a ciência, a moral, o senso comum, que dão significados à vida, que emprestam sentido aos nossos atos, às nossas emoções e às nossas experiências individuais e coletivas.

No cotidiano da Comunidade do Rosado/RN, essa cultura está à vista, se revela, na medida em que seus moradores constroem e reconstróem suas formas de viver. Nas relações estabelecidas como singular e plural, estão enraizadas nos diversos espaços da vida social, no individual e no coletivo. As narrativas desses sujeitos são ouvidas e gravadas no alpendre de Dona Morena, desde o primeiro encontro, das rodas de conversa, das visitas na residência de Dona Rosarina, no bate-papo com Neneu nas Dunas do Rosado e no EcoPosto e no III e IV

Seminários de Narrativas (Auto)Biográficas realizada na Faculdade de Educação (FE/UERN). Nesses encontros, falamos sobre a vida na comunidade; dos saberes da experiência dos mais velhos; do artesanato; da pesca e da agricultura entre outras conversas, que boa parte estará escrita nesse texto dissertativo.

A minha convivência com os moradores da Comunidade do Rosado/RN, me proporcionou momentos de aprendizagem, na interlocução das vozes dos sujeitos da pesquisa supracitada. Freire (1996) considera o diálogo, como essência da prática educativa, problematizada, no qual, os sujeitos através da palavra se humanizam. Nesses lugares dos acontecimentos, situam-se percursos cotidianos, onde são construídas e vividas transformações, que perpassam os diversos aspectos da realidade, incluindo cultura, educação, história de vida, memória, saberes da experiência e narrativas.



**FOTO 4:** Encontro do pesquisador com membros da Comunidade do Rosado – Porto do Mangue/RN.

**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (21/04/2017).

No dia 21 de abril de 2017, visitei a Comunidade do Rosado/RN, como está representado na foto acima. O objetivo da visita foi para apresentar o nosso projeto de pesquisa e explicar para os sujeitos locais a intenção de estudo. Os moradores ficaram encantados com o projeto e reconheceram a pertinência dessa pesquisa mencionada no início desde tópico 2.2, p. 90 “Espaços de saberes e fazeres da geografia da Comunidade do Rosado/RN: contar, narrar, preservar seu lugar”, para fomentar suas histórias de vida e formação na comunidade.

No momento da visita, aproveitei para convidar os moradores da comunidade para participarem do III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas, que se realizaria nos dias 24, 25 e 26 de abril de 2017. Esse III Seminário seria uma oportunidade dos moradores narrarem suas histórias de vida e experiências vivenciadas na comunidade para dialogar com os saberes acadêmico. Os moradores Neneu, Dona Morena e Carlinhos do Rosado aceitaram o convite, e externaram o prazer de representarem à Comunidade do Rosado/RN em espaços acadêmicos de diferentes saberes, e pouco frequentados por seus moradores.

O III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas emergiu da primeira proposta de viagem internacional da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e cinco mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), para o IX Encontro Internacional Presença de Paulo Freire, em Cienfuegos, Cuba. Depois dessa edição, foram dando continuidade nos demais Seminários. O I e II Seminário e esse III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas, que estamos enfocando.

A intenção de descrever os dois Seminários, citados anteriormente, no Primeiro capítulo dessa dissertação, no tópico 1.4, p. 73, é para deixar o leitor situado. O I Seminário de Narrativas (auto)biográficas, intitulado “Lugares e Biografização: reflexões a partir da experiência no IX Encontro Internacional Presença de Paulo Freire, em Cuba”. O objetivo era discutir as dimensões das narrativas de si a partir do olhar sobre o lugar do outro diante de uma experiência em situação de *liminaridade*.

Foi realizado nos dias 17 e 18 de junho de 2016. Já o II Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas, contou com título “Sujeitos, Narrativas e Histórias: um passeio pela memória purgativa embalada pelo voo da alma”. O objetivo era proporcionar um passeio pela memória purgativa nos lastros das histórias de vida dos sujeitos em suas teias culturais e suas contribuições para os diálogos entre as histórias de vida em seus contextos e espaços de vivências, sociabilidade e humanização. Realizado nos dias 17 e 18 de agosto de 2016.

O I e II Seminários foram promovidos pela Faculdade de Educação (FE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Na ocasião, convidei os moradores colaboradores da pesquisa a participarem do III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas: memórias, (auto)biografias e inclusão – a marca das memórias no corpo biográfico do outro. eles deveriam contar, narrar, suas histórias e vivências de pertencimento do lugar.

Tratava-se do primeiro Salão de Conversa, com o título: Um passeio pela memória purgativa na marca das memórias no corpo biográfico do Outro – pescador. A temática se relacionava ao trabalho que iria desenvolver com esses sujeitos sociais na Comunidade do

Rosado/RN. Os moradores agradeceram o convite e se comprometeram de levar as vozes dos povos do mar para o seminário, o que me deixou bastante satisfeito.

O III Seminário aconteceu nos dias 24, 25 e 26 de abril, de 2017, em três turnos (manhã, tarde e noite), com a mesma dinâmica do II Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas. A primeira reunião para a organização do III Seminário foi realizada no dia 31 de março de 2017, no Colégio Diocesano Santa Lúcia de Mossoró, quando a Profa. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e os demais organizadores supracitados, entre os quais me incluo; esboçamos a programação do evento, intitulado “Sujeitos, Narrativas e Histórias: um passeio purgativo pela marca das memórias no corpo biográfico do Outro”.

Tínhamos como objetivo proporcionar um passeio pela memória purgativa nos lastros das histórias de vida dos sujeitos, escritas no corpo biográfico do outro, bem como suas contribuições para os diálogos entre as histórias de vida em seus contextos, espaços de vivências, sociabilidade e humanização. O III Seminário como os demais que aconteceram abordam as narrativas (auto)biográficas.

Com tudo organizado, a abertura ocorreu no dia 24 de abril de 2017, à noite, no mesmo Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró. A programação reservada para esse momento contou com a formação da mesa de discussão, composta pelos participantes do I e II seminários já citados. Todos explanaram a relevância da temática, voltada para as narrativas dos sujeitos comuns em contextos locais. A conferência de abertura ficou aos cuidados da professora Dra. Patrícia Cristina Aragão, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com o tema: Narrativas, Sujeitos e Memórias: um passeio purgativo pela marca das memórias no corpo biográfico do Outro.

No dia 25 de abril de 2017, pela manhã, no auditório da Faculdade de Ciências Sociais (FAFIC), na UERN, o evento continuou. Em seguida, convidamos os palestrantes para comporem a Mesa Redonda intitulada: Histórias e Narrativas: entre memórias silenciadas no corpo do Outro. Na tarde do mesmo dia, na Faculdade de Educação (FE), campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), foram realizados dois Salões de Conversa: 1) Um passeio pela memória purgativa na marca das memórias no corpo biográfico do Outro – pescador; 2) Um passeio pela memória pela marca das memórias no corpo biográfico do Outro – camponês.

No Salão de Conversa 1, houve exposição de fotos, artesanatos, sorteio de livros e a participação dos moradores da Comunidade do Rosado/RN, que narraram a origem, a formação, os saberes da experiência e as histórias de vida na comunidade. A foto na página seguinte mostra esse momento da participação da Comunidade do Rosado/RN.



**FOTO 5:** Participação da Comunidade do Rosado – Porto do Mangue/RN no III Seminário de Narrativas (Auto) Biográficas.  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (25/04/2017).

No dia 26, pela manhã, no auditório da FAFIC/UERN, prosseguiu o III seminário com a realização de uma atração cultural (dança do pastoril com crianças) e, em seguida, da Mesa Redonda com o tema: Narrativas (Auto)Biográficas: Biografia, Corpo, Espaço. À tarde, ocorreram o terceiro e quarto salões de conversa: 3) Um passeio pela memória purgativa na marca no corpo biográfico do Outro – Cordelista; 4) Um passeio pela memória purgativa na marca no corpo biográfico do Outro – deficiências. Esterno, neste momento, a minha satisfação em ter ministrado mais um salão de conversa, no III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas.

O encerramento do evento aconteceu no auditório da FAFIC da UERN, com o Lançamento do Livro construído em coletividade, coordenado pela professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. A obra, intitulada: Educação, Diversidade e História de Vida: experiências da formação em contextos locais, reúne artigos produzidos por pesquisadores da temática, dentre eles alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN (POSEDUC), categoria em que me encaixo.

A participação dos moradores<sup>17</sup> da Comunidade do Rosado/RN no III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas aproximou-me mais ainda dos sujeitos da pesquisa, o que contribuiu muito para o desenvolvimento deste trabalho que deixará uma significativa

<sup>17</sup> A participação dos moradores da Comunidade do Rosado/RN no III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas foi de forma voluntariada.

contribuição escrita para a comunidade investigada e para mim, que, a partir da própria pertença na comunidade, há alguns anos, pude conviver com a comunidade e conhecer melhor o campo da pesquisa. Externo ainda, que o III Seminário, marcou para os participantes da Comunidade do Rosado/RN um momento formativo, possibilitou a (auto)formação através desse momento de construção do saber. Nesse seminário, as narrativas dos moradores do Rosado visibilizaram suas histórias de vida e saberes da experiência para a formação do cotidiano na comunidade.

Na Comunidade do Rosado/RN, os moradores aprendem com o outro na convivência do dia a dia. Nessa edição, reforçamos mais uma vez, a importância desse encontro com os sujeitos da Comunidade do Rosado/RN. Viajamos nas memórias e nas lembranças, através das narrativas de seus moradores. Esse foi um momento de embarcar nos saberes da experiência dos povos do mar, no encontro de si e do outro.

Nessa luta coletiva da Comunidade do Rosado/RN pela preservação do ambiente, é necessário, também, manter a preservação da identidade da comunidade, ou seja, não deixar morrer as tradições deixadas pelas gerações passadas. Para que isso aconteça, todos os moradores devem ter o olhar para a preservação bem como hábitos que a promovam.

Em conversa com Neneu, sobre como a comunidade preserva seu lugar e como é viver em coletividade, o morador cita cuidados relativos aos seguintes aspectos: à segurança, moradia das famílias, sentimento de pertencer à comunidade e zelar por ela. No local, existe um projeto em andamento voltado à Área de Proteção Ambiental (APA) Dunas do Rosado. As Dunas do Rosado se constituem em um dos principais atrativos da região litorânea, a partir de Ponta do Mel, em Areia Branca/RN, com presença de falésias, até chegar ao Rio das Conchas, que passa por dentro da cidade de Porto do Mangue/RN. Segundo Barros (2009, p. 70):

A área em questão é conhecida (por poucos) como ‘Dunas do Rosado’ e está inserida em quase sua totalidade no município de Porto do Mangue/RN. As Dunas do Rosado se constituem em uma ampla área com mais de mil hectares composta por imensos lençóis de areia, que através do transporte eólico produzem as mais diversas formas estruturais possíveis, apresentando belas paisagens e se constituindo assim em uma área de grande potencial geoturístico para o estado e para o município.

Grande parte desses atributos naturais estão protegidos pela APA das Dunas do Rosado, segundo Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) do Polo Costa Branca, elaborado, em junho de 2011, pelo Governo do Estado do Rio Grande do

Norte, através da Secretaria de Estado do Turismo. A sua criação visa garantir a manutenção do ecossistema marinho, da vegetação local, e das dunas, deixando a natureza do lugar livre das ameaças representadas pela exploração indevida.

Sobre a regularização da Área de Proteção Ambiental (APA) das Dunas do Rosado e sua preservação, o morador Neneu relata a importância e as dificuldades na comunidade, e explica:

Isso é o que a gente tem mais preservado. Nós temos uma área de preservação, que eu posso dizer de preservação. Até que isso o pessoal ainda não conhece e não acredita direito, porque nós temos aqui uma APA, estamos dentro de uma APA de preservação ambiental. Mas, ela não foi regularizada ainda. Até hoje, é isso que a gente espera que seja. Nós temos um solo composto do IDEMA. É feito exatamente para que pudesse, a partir desse trabalho desse composto, pudesse ter uma preservação ambiental mais organizada. Mas, assim, alguns conflitos que há na comunidade é porque alguns ainda puxa para que não tenha, por que as pessoas falta entender muita coisa. E aqueles que já entende, saber que nós temos uma área de preservação, nós estamos dentro de uma área de preservação. Ainda não estão definidas, né? Mas, se estamos dentro de uma área de preservação, estamos todos nós, temos que respeitar e preservar aquele nosso meio ambiente. E aí está contaminado o mundo todo. E a gente espera que a nossa luta não vai ser desperdiçada, não vá d'água abaixo por qualquer coisa, né? Isso é o meu intuito (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A Comunidade do Rosado/RN junto com Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA/RN) vem mantendo a preservação da Área de Preservação Ambiental (APA) do Rosado, a fim de promover ações, que envolvem todo os moradores da comunidade através de projeto elaborados pela equipe de educação ambiental do IDEMA. É necessário dá continuidade ao projeto para fomentar a consciência de preservação e conservação do meio em que todos estão inseridos. Percebemos, na fala de Neneu, que, na comunidade, os moradores têm essa preocupação de preservar a APA, uma parte dos moradores vem participando dos eventos promovidos pelo IDEMA. Para o morador Neneu precisa ser mais trabalhado essa consciência na comunidade, dizer a importância dessa área, porque essas informações não chegam para o entendimento de todos da comunidade. O desejo dos moradores é do IDEMA é a regulamentação dessa área, para de fato, ela seja protegida por lei.

Para manter a preservação da APA, o governo do RN decretou a Área de Preservação do Rosado um patrimônio do Estado. Segundo Barros (2009), a ideia é inibir ou buscar controlar a intensificação das edificações, que causam a poluição do lençol freático com suas

fossas subterrâneas, entre outras questões. Diante dos problemas de ordem social e ambiental, na localidade, em 2009, a Comunidade do Rosado/RN ganhou a construção do Ecoposto do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA/RN), constituído por um centro de visitação e alojamentos para agentes de fiscalização, os guardas florestais. Esta foi uma das maiores medidas até então criadas para a proteção deste lugar.

O IDEMA, por meio de sua equipe de educação ambiental, vem promovendo gincana ecológica na comunidade da Praia do Rosado, com o intuito de alertar a comunidade sobre os prejuízos trazidos por um tratamento errado aos resíduos sólidos. Além disso, tem buscado conscientizar a população sobre a importância do recolhimento do lixo e coleta seletiva para o meio ambiente. A abordagem aconteceu através de provas práticas e orientações dos educadores. Tais como: arrecadação de lixo reciclável; confeccionar e participar de um desfile de roupas feitas de material reciclável; serão aplicadas provas de conhecimento referentes ao meio ambiente e Gincana ecológica. Segundo a Subcoordenação do instituto, esse tipo de evento, realizado na comunidade, acontece com quatro modalidades de atividade: social, cultural, esportiva e de conhecimento.

Outro projeto que a Subcoordenadoria de Planejamento e Meio Ambiente do IDEMA está desenvolvendo junto à comunidade da Praia do Rosado é o Projeto Biomuseologia, realizado no entorno da futura APA das Dunas do Rosado. Conforme seus organizadores, o objetivo é disseminar a educação socioambiental, despertando nas pessoas a consciência de preservação e conservação do meio ambiente, bem como a cultura, história e gastronomia da comunidade. O projeto conta com a participação comunitária para a promoção do desenvolvimento sustentável local.

Segundo os dados da Secretaria de Estado do Turismo, o RN possui, atualmente, 238 mil hectares em Unidades Estaduais de Conservação, o que corresponde a 4,5% do seu território. A gestão dessas unidades compete ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente - IDEMA/RN, por meio do Núcleo de Unidades de Conservação (NUC).

O setor do IDEMA/RN, juntamente com o Programa Estadual de Unidades de Conservação, foi instituído por meio da portaria nº 455, de 26/12/2003, com a finalidade de dar cumprimento ao que estabelecia o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), regulamentado pelo Decreto nº 4.340 de 22 de agosto de 2002. O NUC tem a missão de planejar, definir, propor a criação, implantar e gerir as Unidades Estaduais de Conservação de forma participativa, assegurando a proteção da natureza e qualidade de vida das gerações presentes e vindouras.

A imagem da foto abaixo representa parte do ambiente natural da Comunidade do Rosado/RN. Uma paisagem exuberante da zona litorânea do estado do Rio Grande do Norte. Nela, é possível observar as dunas do Rosado, que fazem parte da composição das dunas costeiras do Estado do RN. De acordo com Barros (2009), estas áreas ocorrem em abundância ao longo dos 400 km de faixa litorânea presente em território potiguar e se constituem em um dos mais conhecidos atrativos naturais do estado.



**FOTO 6:** Imagem da Comunidade do Rosado – Porto do Mangue/RN.  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (21/04/2017).

Observamos mais detalhes, na foto acima, quando visualizamos uma grande formação de dunas, considerada como importantes unidades geoambientais do litoral potiguar. Para Barros (2009, p. 69), as dunas costeiras, no trecho setentrional da faixa litorânea norte rio-grandense, encontra-se o maior campo dunar deste estado denominado de “Dunas do Rosado”.

Outro aspecto peculiar na Foto 6, apresenta a parte da vegetação predominante do clima litorâneo. Um fato interessante neste ponto do litoral nordestino brasileiro, segundo Barros (2009): o bioma da Caatinga avança do interior até o litoral, ou se na verdade a partir deste ponto ela se desenvolveu e progrediu até terras interioranas. Apesar das peculiaridades de seus aspectos naturais (morfológicos, pedológicos, hidrológicos, vegetacionais, climático) Barros (2009) nos explica que a área é pouco conhecida e a produção científica é ainda mais escassa havendo uma enorme lacuna bibliográfica sobre este lugar.

Depois de vislumbramos a imagem da Foto 6, que retrata as paisagens naturais do Rosado, adentamos nas histórias vividas pelos moradores da Comunidade do Rosado/RN. Em

1991, aconteceu um grande conflito na comunidade, que culminou com a morte de um morador, o senhor Sebastião Andrade, que lutou pelas terras de 72 famílias. Esse acontecimento será discutido com mais detalhes no tópico 2.3 *Somos mais fortes em comunidade: narrativas e empoderamento de resistência e luta do lugar*, p 103. Em homenagem ao morador assassinado, fundada, no dia 13 de dezembro de 1992, a Associação dos moradores do Rosado, recebeu o nome de Sebastião Andrade. Como conta a moradora Dona Morena:

[...] Através disso, da morte dele, a gente fundou aqui, criou uma associação que traz o nome dele, Sebastião Andrade, né? É uma associação comunitária que é em prol da nossa comunidade, a bem de buscar as coisas boas pra cá. Para nossa comunidade procurar os órgãos, né? Pra se informar o que a gente pode fazer e o que a gente não pode; o que a gente deve o que a gente não deve. A gente estamos aí na batalha e, se Deus quiser que não termine. E não está ganha, mas, a gente não tem previsão de desistir e sim de persistir e permanecer aqui. E a gente quer ver a nossa comunidade crescer como a nossa comunidade (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Nas narrativas de Dona Morena, percebemos o seu empoderamento na realização da criação da Associação para a comunidade, mostrando um desejo de mudanças e de pertencimento, que fortaleceu a luta pelos direitos de melhores condições de vida e o reconhecimento do seu engajado social na comunidade. A Comunidade vem lutando pelo direito de permanecer nas terras conquistadas, através da resistência, continua. Para a moradora Dona Morena, a criação da associação local firmou a luta pela legalização e apropriação das terras, com o apoio de entidades sindicais, grupos religiosos das dioceses, entre outros órgãos do Estado do RN e de diferentes regiões do Brasil. Quanto a criação da Associação na Comunidade, o morador Neneu explica:

[...] A gente tivemos que, depois, diante dos conflitos que aconteceu, a gente fundar uma associação que era importante para que as famílias se organizassem, mas tivessem o apoio [...] através do governo, né? No dia 13 de dezembro de 1992, a gente criou essa associação. E aí, essa associação tem nos ajudado bastante na comunidade, quando se quer alguma coisa com o governo. Para que essa associação? Para que está servindo até hoje? Para preservação das terras da comunidade, porque as terras são da comunidade. Temos uma associação. Tem um estatuto e temos uma concessão do uso, dada pelo governo do estado, [firmada] entre o governo e a associação, que não pode ter exagero de comercialização e especulação imobiliária. Não pode ter isso, porque ela pertence a dois órgãos, à associação e governo [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Segundo o morador Neneu, a criação da associação na comunidade contribuiu para um trabalho relevante junto à comunidade, por meio do seu objetivo de fazer valer os direitos dos moradores de permanecerem nas terras. É percebido, nas narrativas de Neneu, o empoderamento, principalmente quando ele demonstra ter a consciência da relevância da criação da associação. Para Neneu, a comunidade precisava criar uma associação reconhecida e registrada em cartório para ter a legitimidade de lutar em prol dos direitos de permanecer morando na comunidade. Poderiam reivindicar, perante a lei, melhores condições de vida. Ex-presidente da Associação, o morador Neneu narra sua trajetória nessa função e na atual, como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais:

[...] Já passei por associação. 18 anos dentro da associação. Renovação em dois em dois anos. Agora passei para outro rapaz e tá tentando organizar. As coisas está um pouco complicado, mas estamos tentando organizar. Também enfrentei e venho enfrentando outra entidade, que é do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que, em 2016, eu concorri uma candidatura e me elegi. Em três em três anos, a gente vem renovando. Quatro mandatos dentro do Sindicato, né? Mas, estou lutando [...] pedindo ao pessoal, ajudando. O que eu posso fazer de bem eu estou fazendo. É de mal, estou fora; sendo de bem, estou dentro. Eu sou assim, posso não ser bem organizado, mas, eu tendo me organizar e organizar os meus companheiros [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Está à frente de uma associação como presidente, requer habilidades e competências, percebemos, que, nos mandatos de Neneu, foram construídos com base no compromisso e na responsabilidade, existia um desejo de lutar por mudanças e direitos de melhorias para a comunidade. O morador Neneu está hoje como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Mesmo com essa missão, ainda ajuda a atual diretoria da associação da comunidade.

No dia 07 de dezembro de 1993, Associação do Rosado e Governo do Estado do RN assinaram, no Instituto de Terras do Rio Grande do Norte, com sede em Natal, um Contrato de Permissão de Uso das terras de Porto do Mangue-RN pelo período de 20 anos. De acordo com o objetivo da cláusula primeira, ficou acordado que os moradores assentados são senhores e legítimos possuidores de 414 hectares dessa terra, compra feita a Sociedade Fazenda Nova Ltda pelo seu Diretor. O prazo de concessão das terras por 20 anos, aos moradores da comunidade, findou em 07 de dezembro de 2013, conforme o acordo estabelecido.

A partir daí a Associação Sebastião Andrade, do Projeto de Assentamento Rosado, em Porto do Mangue/RN, realizou uma Assembleia Geral Extraordinária no dia 11 de setembro, com a presença de 174 pessoas, entre assentados e convidados de entidades do Estado e

Região. A reunião teve como objetivo debater os pontos contidos no edital de convocação e deliberação de prestação de Contas do Crédito Instalação do Projeto de Assentamento Rosado, como também discutir e aprovar a minuta do 1º termo aditivo ao contrato nº 193/93, celebrado com o Estado do RN, através da Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Apoio à Reforma Agrária (SEARA).

O último ponto do referido edital trata da renovação do Contrato de Permissão de Uso nº 193/93, que estabelece mais 20 anos de concessão das terras para as famílias assentadas da comunidade. O Termo Aditivo ao Contrato citado, assinado no dia 29 de dezembro de 2013, entre o Estado do RN, através da SEARA e a Associação Sebastião Andrade do Projeto de Assentado Rosado. Segundo a cláusula primeira do 1º Termo Aditivo, o contrato nº 193/93 tem por finalidade a prorrogação do prazo de vigência por mais 20 anos em razão da proximidade da expiração do período acordado no Contrato Original, que prevê término em 07 de dezembro 2013. Conforme da consolidação do acordo para a comunidade usufruir das terras do Projeto de Assentado Rosado por mais 20 anos, o morador Neneu, explica:

[...] Feito uma concessão por mais 20 anos, em 2013, venceu-se 20 anos. A gente renovou mais 20 anos. Estamos nessa permanência. O que acontece um pouco diferente é a especulação pelas terras, porque é muito cobiçada pelo pessoal de fora [...]. Tem pessoas no lugar que não tem aquela consciência de dizer eu vou zelar isso aqui. Quer zelar de um jeito, mas, afim de se beneficiar, vendendo algumas coisas e trazendo outras pessoas de fora. A gente não tem nenhum conhecimento dessas pessoas de fora, né? E, às vezes, temos muito cuidado nisso, para que a gente não venha, mais tarde, numa coisa de sofrer. Do sofrer nós já viemos; do sofrimento passamos. Não queremos começar tudo de novo, com o sofrimento. Quando, a gente vê as famílias se unindo e convivendo na união vai tudo bem. Mas, na hora que você passa a explorar e trazer pessoas, que é os exemplos que tem aí, em toda nossa região, no nosso estado, principalmente, no litoral do nosso estado, né? Que são muito cobiçadas as praias, que vem gente de todo canto, daí a prostituição, daí os assaltos. Aí, porque o lugar cresceu desordenadamente, o pessoal que trabalhava na agricultura, que criava, como hoje, que nos temos essa atividade que pescava, e que até hoje pesca, isso tudo foi dificultando para aquelas famílias tivesse acesso do que tinha anteriormente, né? Daí, tudo isso, a gente tem o maior cuidado para que isso não aconteça [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

É pertinente a preocupação do morador Neneu sobre a forma de usar e preservar as terras cedidas pelo Estado. No acordo firmado, está também a utilização da terra, de forma integrada e complementar, no desenvolvimento de atividades destinadas ao cultivo de lavouras, criação de animais, pesca artesanal e outras atividades agropecuárias desenvolvidas

pelos assentados selecionados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para o Projeto Assentamento Rosado. Mediante o contrato, o aproveitamento das terras deveria ser racional e adequado, de uso não predatório dos recursos naturais disponíveis e proteção ao meio ambiente, propugnando pelo bem-estar dos seus familiares e dos que vivem a trabalhar nas áreas assentadas. O morador Neneu chama a atenção para os pontos que foram exigidos no termo, e diz:

Infelizmente, aqui e acolá está acontecendo. Mas, é a gente pedindo para não acontecer, porque, imediatamente, ou a qualquer hora, a gente pode perder o contrato. Porque, se exagerou, o governo poder dizer: 'você exageraram, fizeram coisa errada'. Isso é o que a gente mais aconselha o pessoal, por isso é que eu digo, ainda hoje, na nossa comunidade, nós pode dizer assim, nós estamos bem fora dos problemas que acontece fora, como a prostituição, a droga. A gente estamos muito ausentes, graças a Deus, disso aí. A gente pede que as famílias e que o povo venham resistindo do jeito que a gente vem aguentado esse clima, para ver se não acontece. O que a gente vê nesses outros canto por aí, a bandidagem espalhada por todo nosso país, estado, municípios e comunidade (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

O relato do morador Neneu esclarece sua preocupação em manter, depois do contrato, a comunidade em união e harmonia, sem serem contaminados ou influenciados pelo que vem de fora: a violência, as drogas e a prostituição, problemas gerados pelas consequências dos grandes centros urbanos. A medida aplicada na comunidade é o cuidado de não cometerem atitudes, que venham a comprometer o acordo do uso das terras. Segundo Barros (2009), em virtude do rápido processo de expansão imobiliária identificado, bem como a expansão de outros problemas, como assaltos e drogas, além da degradação ambiental anunciada, o governo decretou a Área de Preservação do Rosado.

Como citamos neste tópico 2.2, p.98, em 2009, o IDEMA/RN criou o Ecoposto na Comunidade do Rosado/RN, na intenção de proteger e preservar as Dunas do Rosado, como também de barrar pessoas que apresentem atitudes suspeitas nas áreas próximas à comunidade. Outro benefício, criado, no ano de 2007, pelo governo do Estado do RN, foi a construção do trecho prolongado da rodovia estadual RN-404, ligando a cidade de Porto do Mangue (sede municipal) à Comunidade de Ponta do Mel, no limítrofe município de Areia Branca. Essa construção trouxe preocupação para a Comunidade do Rosado/RN pelo fácil acesso de pessoas estranhas para a comunidade.

### **2.3 Somos mais fortes em comunidade: narrativas e empoderamento de resistência e luta do lugar**

Ao conhecer mais sobre a Comunidade do Rosado/RN e suas especificidades, logo se entende o sentido da frase do tópico 2.3, “Somos mais fortes em comunidade”. Neste tópico, a ênfase é na metodologia da pesquisa (auto)biográfica, condutora das narrativas dos sujeitos da pesquisa. Igualmente se destaca o conceito de empoderamento, que para Freire (1986) é a capacidade do indivíduo de realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer contra qualquer forma de discriminação ou rejeição. Para o autor, o sujeito empoderado vive de forma plena seus valores e tem alto senso de pertencimento e reconhecimento, tornando-se mais engajado socialmente e menos suscetível a manipulação dos dominantes no poder.

No Rosado, os seus moradores têm uma história de lutas pelo direito à dignidade, à moradia e à educação. A comunidade é constituída por sujeitos históricos e sociais, que do local tiram forças, devido ao sentimento de pertença e à participação na construção e desenvolvimento dos espaços onde habitam. Na Associação da Comunidade, esses sujeitos fazem reuniões para refletirem sobre os problemas e condições sociais a que estão submetidos.

As conquistas, ao longo do tempo, são frutos dessas organizações sociais, por meio de associações, sindicatos e movimentos sociais, em reivindicação ao direito de cidadania. Esta é concebida por Freire (1997) como uma ação social e emancipatória do sujeito na construção individual e coletiva. Significa que, na comunhão, os cidadãos têm o poder de opinião e decisão para a superação da dependência social e dominação política. Segundo o autor, isso acontece por meio de um processo de transformações nas relações sociais, políticas, culturais, econômicas e de poder em sociedade.

O dia 22 de junho de 1991 está gravado na memória dos moradores do Rosado, como um grande acontecimento em prol da cidadania, mas, ao mesmo tempo, é uma data que ainda hoje tira o sossego da comunidade haja vista ter resultado na morte de um morador. O acontecimento está presente nos seus relatos como uma cicatriz, marcada para sempre na memória.

Segundo Pollak (1992), existem diversas projeções que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. No que se refere a esse acontecimento na Comunidade do Rosado/RN, algumas questões suscitam reflexão: *como viviam e vivem os moradores da Comunidade do Rosado/RN? Como iniciou o conflito que culminou na morte de um morador da comunidade? De que forma os moradores vinham*

*reagindo às ameaças dos empresários que se dizem donos das terras?* Tais perguntas podem ser refletidas através das narrativas e empoderamento dos próprios moradores da comunidade, que viveram o conflito e estão, até hoje, participando das lutas diárias da comunidade.

O período foi marcado por conflitos entre moradores e empresas locais, cujo resultado culminou na morte de um morador pela terra que, tira o sustendo e alimenta as famílias. Na comunidade existia, e até hoje existem, muitos idosos com idade de 96 anos ou mais, como era o caso de Dona Dominga, que nasceu na Baixa São Miguel, onde é hoje à Comunidade do Rosado/RN. Seus pais e familiares vêm seguindo essa trajetória por muito tempo. Esse fato, inclusive já relatado por Carlinhos do Rosado no tópico *2.1 História da formação da Comunidade do Rosado/RN, contada por quem vive, sonha e pratica o seu lugar de pertença*, p. 84, merece ser reprisado no intuito de rememorar a existência desses moradores nesta terra há quase dois séculos ou mais. Provoca a busca por respostas para os questionamentos acima lançados, através de documentos em cartórios como: registros de nascimentos ou casamentos deixados ao longo do tempo por essa população. Outra fonte de investigação são as narrativas dos próprios moradores da comunidade, como a de Neneu, que revela como era a vida na comunidade antes da chega de empresários que diziam donos das terras da Praia do Rosado. Segundo Neneu:

A nossa origem da nossa existência na nossa comunidade [...] é assim. A gente começou trabalhando, vivendo uma luta no trabalho de plantio de criação. De tudo que a gente tinha, de pesca, tudo que a gente tinha como atividade, a gente não tinha muitos problemas, mas, quando chegou no final de 1989 para 1990, a gente se achou com dificuldade de fazer todas essas atividades que nós fazia, porque chegou um pessoa dizendo que era o dono das propriedades das áreas de terra que nós morávamos aqui [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Os moradores da Comunidade do Rosado/RN construíram um espaço de moradia bem antes das chegadas de empresários, que se denominando donos das terras do Rosado. Nas terras da Praia do Rosado as famílias tiram do campo e do mar seus alimentos diários, através da agricultura e pesca. Com a invasão da empresa F. Souto, os moradores não tiveram mais uma vida sossegada como era antes. Foram privados de transitar pelas suas próprias terras.

Dona Morena também relata, como era a vida na comunidade, e como se deu o conflito que resultou na morte de um conterrâneo:

[...] Desde 1990, a partir de 1990, que a gente vivia aqui tranquilo, tudo na santa paz. Aí, a partir de 1990, apareceu um pessoal aqui, dizendo que eram

donos destas terras, daí, a partir pra cá, foi que teve um grande conflito aqui. A gente perdeu o nosso irmão, que por sinal é o meu primo Sebastião Andrade, perdemos ele nessa luta [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A década de 1990 para a Comunidade do Rosado/RN é marcada por conflitos causados pela chegada de latifundiários, que se diziam donos das propriedades das áreas de terra da Praia do Rosado. Esse conflito, segundo Dona Morena culminou na morte de um morador da comunidade. Conforme as narrativas e o empoderamento de pertencimento desses dois entrevistados, na comunidade, até 1989, as pessoas tinham uma vida tranquila, viviam em *paz*. Tiravam da terra e do mar o alimento de cada dia. Viviam como vivem hoje, da agricultura e da pesca para alimentar suas famílias. Construía suas moradias, poços, cercas, cacimbões e cuidavam das plantações. Tiveram uma vida difícil. Enfrentaram situações como todos que dependem e vivem do trabalho do campo. Mesmo com todos os impedimentos, viviam felizes, tinham alegrias, participavam das festas religiosas e estavam bem nas suas terras.

Como forma de perseguição, os empresários ameaçavam a vida das famílias, que viviam e trabalhavam na comunidade da Praia do Rosado. Igual a tantos outros conflitos de terra no Brasil, o que fora gestado na Comunidade do Rosado/RN, na época, segundo o Jornal Disparada Especial (1991), estava sendo provocado por uma grande empresa denominada F. Souto, proprietária de grandes salinas na região de Macau/RN e Mossoró/RN, de transportadora, e acionista do Banco Mossoró, e entre outras coisas. Possuía latifúndios imensos na região salineira do Estado do RN.

A localidade Baixa do São Miguel, como era chamada a Comunidade do Rosado/RN, é parte de uma área de 14.278 hectares, denominada Fazenda Nova Ltda, da empresa F. Souto, que se diz proprietária. Já os moradores da comunidade, ocupam apenas 1.126 hectares. De acordo com a matéria do Jornal Disparada Especial (1991), ainda em 1988, através de contatos com a paróquia de Macau/RN, os posseiros chamaram o Sindicato da lavoura de Mossoró/RN para virem até a área, a fim de acompanharem uma ação da polícia numa questão de terra que envolvia dois posseiros. Concomitante, havia chegado à área um novo gerente da Fazenda Nova Ltda. Afirmava ter vindo com o objetivo de organizar o local. A polícia compareceu à área e praticou muitas agressões contra os trabalhadores. Numa audiência destes com o Major da Polícia de Mossoró ficou acertado que a polícia não mais interveria na área.

A partir deste acontecimento, o conflito entre posseiros e a F. Souto começou a se agravar. O gerente passou a tomar animais dos posseiros, ameaçá-los de expulsão da área, bater em mulheres e praticar muitas outras formas de violência contra as famílias. Esse clima de tensão e medo durou entre os anos de 1988 a 1989. Em 28 de fevereiro de 1990, o representante da Fazenda Nova Ltda, propriedade da empresa F. Souto, ingressou na justiça com uma Ação de Manutenção de posse contra quatro posseiros. Conforme a manchete do jornal Disparada Especial (1991), o Juiz de Direito de Assu/RN concedeu uma liminar de manutenção de posse contra os quatro posseiros.

Aproveitando-se desta liminar, a F. Souto passou uma cerca prejudicando todos os posseiros da área. A cerca impedia o acesso ao poço que abastecia a comunidade, como outros tipos de atividades, a saber: o acesso das crianças à escola, a passagem para a lavoura, o acesso à praia, entre outros. Esta barreira foi construída sob a proteção da polícia militar de Mossoró/RN, que, na oportunidade, espancava os posseiros, invadia domicílios, agredia moralmente as mulheres e batia em uma pessoa com necessidade especial.

Após a construção da cerca, segunda a matéria do jornal Disparada Especial, ainda no ano de 1990, o gerente da fazenda, com um advogado contratado pelo prefeito de Carnaubais, prendeu dois trabalhadores e os levou para o escritório da F. Souto. No escritório, obrigaram os dois trabalhadores a fazerem um acordo em nome da comunidade, determinava que a cerca e as porteiças deveriam ser mantidas, ficando alguns posseiros com as chaves dos cadeados. Os posseiros não aceitaram esse acordo e devolveram as chaves. Não mais suportando o clima de terror e violência, provocado pela F. Souto desde o ano de 1988, inclusive convivendo com tiros durante todas as noites na comunidade, os posseiros quebraram os cadeados como forma de facilitar a sua locomoção na área, já que toda comunidade estava cercada.

No dia 10 de junho de 1991, de acordo com as informações noticiadas pelo jornal Disparada Especial, o posseiro Sebastião Andrade de Lima foi sequestrado quando se dirigia para sua residência. Abordado por um grupo de policiais militares, chefiados pelo Major da Polícia de Mossoró, acompanhado por capangas da Fazenda Nova Ltda., fortemente armados, o posseiro foi levado até à localidade de Porto do Mangue/RN, onde ficou detido por 04 horas no escritório da empresa. Na oportunidade, o gerente da fazenda ofereceu comida, um par de sandálias, uma camisa e dinheiro. No final da tarde o posseiro foi libertado.

Ainda de acordo com as narrativas do Jornal, o Sindicato dos Trabalhadores na Lavoura e a Comissão de Justiça e Paz de Mossoró, tiveram conhecimento do fato e procuraram o Major da Polícia de Mossoró para se inteirar por que o morador tinha sido preso. Após este acontecimento, os posseiros combinaram com o gerente de fazer um

passadiço no caminho natural dos posseiros. Simultâneo a esse acontecimento, no dia 21 de junho de 1991, o Sindicato dos Trabalhadores na Lavoura de Mossoró tomou conhecimento de um acordo entre o Instituto de Terras do RN (ITERN) e a Empresa F. Souto, para manter a cerca, que em nada beneficiava os posseiros (*Disparada Especial*, Natal, p. 3, 12 jul. 1991).

A empresa F. Souto praticava, a todo momento, atitudes de provocações, violências e atos de terrorismo aos moradores da Comunidade do Rosado/RN. De acordo com o jornal *Disparada Especial*, atingiu seu ponto máximo no dia 22 de junho do ano de 1991. Por volta das 21 horas, o posseiro Sebastião Andrade de Lima, 27 anos, casado, pai de três filhos menores, foi assassinado numa emboscada, com 03 tiros de revólver calibre 38 (um deles à queima roupa). Conforme está escrito no jornal *Disparada Especial* (1991), Sebastião se dirigia para sua residência e ao ultrapassar o passadiço localizado entre dois morros de areia e próximo a uma árvore, foi assassinado. Segundo algumas informações, o corpo do morador só foi encontrado no dia seguinte, cerca de 8 horas da manhã, por sua esposa, próximo de uma comunidade vizinha. Os moradores da Comunidade tomaram conhecimento do assassinato, somente na noite do mesmo dia.

A morte do morador causa grande repercussão na Comunidade do Rosado/RN, um lugar pacato pouco conhecido devido o difícil acesso nesta época. As terras do Rosado foram invadidas por latifundiários, que diziam ter comprado às terras do Rosado, mandou fazer grandes cercas e mourão. Tiraram o direito dos moradores de passarem por entre as terras para pegar a água de beber. Sebastião era filho de um posseiro, um homem trabalhador, morreu pela liberdade de viver na terra, que alimenta as famílias da comunidade.

Hoje, mais de vinte anos se passaram, e a história permanece viva na memória de seus moradores. A tragédia fortaleceu cada vez mais o desejo da comunidade de enfrentar as cercas da opressão. No dia da morte do morador, a tristeza contagiou toda a comunidade. A moradora Dona Rosarinha conta, por meio de suas narrativas, como soube da morte de Sebastião, e relata como recebeu a notícia:

[...]Agora, vou contar uma coisa que aconteceu. Assim, a emoção é tão grande que a gente fica, assim, não sabe nem conversar direto. Eu estava em casa, pela manhã, negócio de 5h, quanto o pai de Sebastião disse [...], assim, nós tínhamos um cacimbão ali. Eu disse: — ‘Manuel, acuda Pedro, logo ali, o que ele está fazendo nesta hora ali’. Ele disse: — ‘Compadre Manuel, mataram Sebastião. Foi. E, bem cedinho, aí ele passou’. E eu disse: — ‘Chega Manuel, compadre Pedro dá dizendo que mataram Sebastião’. E Manuel falou: — ‘Onde? Pelo amor de Deus, não diga uma coisa dessa não.’ Eu respondi: — ‘Ele dá dizendo, lá vai ele’. E Manuel falou: — ‘Compadre Pedro, o que foi compadre, mataram Sebastião?’ Daí começou a aflição. E começou mesmo. Fomos chamar compadre Heleno, que era quase como um

representante aqui. Aí, compadre Heleno, de repente, foi para Porto do Mangue [...] (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Dona Rosarinha conta que o dia da notícia da morte de Sebastião “causou uma revolução, veio uma agonia, muito choro, era um aperreio, tudo que a gente não queria. Era gente com todo aperreio. A gente cantava, rezava, pedindo a Deus felicidade, para não acontecer mais, e era aquela agonia”. Dona Rosarinha, faz uma comparação sobre o que estava acontecendo na comunidade, e diz: “parecia a caminhada do Juazeiro, quando as pessoas subiam a Serra de Padrinho Cicero”. A moradora relata que do mesmo jeito ficou na comunidade. Diante do acontecimento, veio o prefeito da cidade de Carnaubais/RN, acompanhado de deputado e vereadores, além dos moradores das comunidades locais, para participarem do velório do morador assassinado. Dona Rosarinha narra como recebeu em sua casa todas essas pessoas, que vinham para o cortejo do corpo de Sebastião Andrade. Ela relata:

[...] A minha casa, graças a Deus, era uma casinha de taipa, mas agasalhava todo mundo, porque eu fazia a comida para esse povo todinho [...]. Digo em voz alta e não tenho medo de dizerem, ela está só conversando. Mas, fazia mesmo. Eu chamava as pessoas para me ajudar. Como tinha aqui, tinha Dona Maria Pequena e comadre Maria Luiza. Dizia: ‘Maria, vá dizer a comadre Maria Luiza, venha aqui para me ajudar’. Elas estão na graça de Deus, elas vinham muito para me ajudar, e as daqui também me ajudavam a fazer comidas [...]. Teve um dia que eu estava sozinha, porque todos foram para serra. No dia da aflição, derrubaram as cercas. Nesse dia, chegaram seis homens aqui, eu fiquei nervosa. Traziam um escrito do prefeito dizendo que eu fizesse café para eles. O café já tava pronto, naquela mesa grande ali, estava cheinha. Aí, eles tomaram o café e rezaram e foram embora. Mas, todo esse movimento era lá na serra. Era uma aflição muito grande que passou. Foi muita agonia [...] (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Segundo matéria do jornal, publicada em 12 de junho de 1991, o gerente da fazenda e os quatro capangas, que permaneceram na área até o dia 22 de junho são os principais autores do assassinato de Sebastião. Até hoje, estes assassinos e os mandantes continuam foragidos, em liberdade. Vale destacar que o gerente era funcionário do Estado do RN, lotado no quadro de pessoal da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e se encontrava à disposição da Fazenda Nova Ltda. (DISPARADA ESPECIAL, 1991).

Para a moradora Dona Rosarinha, a morte de Sebastião deixou muitas saudades. Ela diz nas suas narrativas:

[...] Ele morreu inocente, porque ele não esperava o que fosse fazer com ele, porque os homem que fizeram isso com ele vivia entrançando por aqui, na casa da gente, conversando. Ninguém esperava essa surpresa. Aí, como aconteceu até hoje, a gente nunca esqueceu [...] Mas, graças a Deus até hoje, a gente esta vivendo bem, e a nossa comunidade esta sendo conhecida aqui, para o que era, eu continuo recebendo minhas visitas [...] Eu não sei nem o que estou dizendo, porque estou tão emocionada, mas, estou feliz da vida (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Como foi mencionado, o conflito na Comunidade do Rosado/RN aconteceu em 1991, onde foi assassinado o morador Sebastiao, no dia 22 de junho de 1991. Devido à tranquilidade do lugar, ninguém imaginava o fato acontecido. A morte do morador causou indignação por parte dos moradores da comunidade, por outro lado mobilizou várias instituições públicas e movimentos sindicais, para soma pela luta dos moradores permanecerem nas terras.

Conforme as narrativas do morador Neneu, a Comunidade do Rosado/RN, começou a se mobilizar em defesa das terras a partir da morte do morador. Neneu comenta que “começamos a luta para nossa sobrevivência, porque, o que nós queríamos era permanecer e sobreviver na comunidade. Começamos a procurar os órgãos competentes e a justiça, tivemos a ajuda de muita entidade”. Por ter vivenciado o assassinato do morador, Dona Morena relata como os moradores da comunidade reagiram no dia do sepultamento de Sebastião Andrade:

[...] No dia do enterro dele a gente arrancamos a cerca de ponta a ponta. A comunidade todinha, em peso, arrancamos, cortamos, queimamos, sabe? Se uniu mesmo. Naquele dia, estávamos pra tudo, como a gente está até hoje. Deus nos livre de acontecer alguma coisa, mexer com a gente, a gente vai enfrentar de novo. E nós queremos permanecer na nossa comunidade [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Com a morte do morador, a comunidade se fortaleceu e organizou a criação da Associação, em prol de defender a denunciar a forma arbitrária praticada pela empresa F. Souto contra a Comunidade do Rosado. Para Morena, a morte de Sebastião fortaleceu a luta pela terra. Ela diz que “o sangue que ele derramou fez com que a comunidade se unisse cada vez mais, e se uniu todo mundo, e a gente conseguiu graças a Deus está hoje até aqui”. Para

os moradores da comunidade, continua a expectativa pelo cumprimento das promessas feitas pelo poder público e, principalmente, pelo fim de todas as formas de violência praticadas até agora.

De acordo com as narrativas de Dona Morena, após o sepultamento de Sebastião, no dia 23 de junho, os moradores revoltados com o assassinato do companheiro, as 72 famílias de posseiros da Comunidade do Rosado, derrubaram os 4 mil metros de cercas e exigiram do Instituto de Terras do RN (ITERN) que comparecesse ao local. Os moradores pediam providências, quanto a “segurança na área; abertura de Inquérito Policial; nomeação de um delegado especial, afastamento dos capangas da Fazenda Nova Ltda.; garantia de que nenhuma repressão em decorrência da derrubada da cerca e Garantia de que a cerca não fosse refeita”.

As famílias continuaram na luta pelo direito da terra, e no dia 04 de julho de 1991, representados por 55 posseiros, pelo movimento sindical e com o apoio de várias entidades, entregaram ao Governador do Estado do RN e aos secretários da Agricultura e da Segurança do RN um documento onde reivindicavam: Segurança para os posseiros residentes na Praia do Rosado; punição para os assassinos e mandantes; garantia de que a polícia militar não continuaria como instrumento da Fazenda Nova; desarmamento da polícia privada da Fazenda; suspensão da licença do Gerente da Empresa e autor intelectual das agressões, sendo este funcionário da EMATER e sempre à disposição da Fazenda Nova na designação de um Promotor Especial para acompanhar o inquérito policial, conforme o noticiário do Jornal Disparada Especial (1991) o governo manteria na terra todas as famílias através da titulação de posse e anulação dos contratos de aforamento em benefício do proprietário da Fazenda.

Hoje, a comunidade é amparada pelo documento 1º Termo Aditivo ao Contrato 193/93, que lhe dá o direito de concessão das terras por mais de vinte anos. Segundo o morador Neneu, em novembro de 1993, os moradores registram e fundaram uma associação. Tiveram um registro como posseiros, tanto do Estatuto como do INCA. Esse registro desapropriou a área e doou como nós fossemos assentados da Reforma Agrária, o Governo do Estado desapropriou a área para que nós ficássemos permanecendo na comunidade, e estamos resistindo até hoje, aguardando a decisão do Estadual e do Governo Federal. Segundo o morador, o governo “desapropriou a área, que é da Reforma Agrária, e nós convivemos com essas duas áreas, a área do Estado que é pela SEARA, e a outra do INCA que é do Governo Federal”. Para Neneu:

[...] Nós vem com essa convivência tranquila de lá pra cá. Só aguardamos que nós queremos tranquilizar. Mas, depois que eles disser que isso aqui é nosso, a titulação que está prevista a se passar agora, quase se passando, passar a todos os assentamentos, os títulos das terras para os assentados, né? Nós estamos aguardando, e estamos garantindo agora o que é nosso. Depois, receber a titulação e a documentação. Até aí, nós não estamos garantidos, porque estamos passando por uma concessão. Estamos ainda por uma concessão de uso. E na concessão de uso não somos mais os donos, somos os posseiros. Na própria hora que recebermos o título da terra, a gente passa a ser o dono. E ainda vamos ter ainda um período para que possamos receber o título, daí considera-se a ser dono. Mas, nós só vamos ser dono quando tivermos a escritura pública em mãos. E aí, sim, e que possa garantir que seremos donos das nossas áreas, das nossas terras (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

O morador Neneu, em suas narrativas, expressa o desejo da comunidade de um dia serem donos das terras. Enquanto isso aguardam a decisão do Estado e dos órgãos competentes para receberem o título de donos das terras, através da escritura pública. Para Neneu ainda há esperança, ele mesmo diz: “estamos tranquilos, vivendo, trabalhando, nas nossas atividades, fazendo nosso trabalho direitinho, e aguardando a vez do governo para cumprir a sua parte, que é entregar a documentação para todos os moradores da comunidade”. Os moradores do Rosado não querem mais cerca, querem liberdade e paz.



**FOTO 7:** Monumento do Pescador. Comunidade do Rosado – Porto do Mangue/RN.

**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (05/08/2017).

A imagem da foto na página anterior tem um significado para a Comunidade do Rosado/RN, trata-se de uma estátua de 10 metros de altura, representa simbolicamente o morador Sebastião Andrade, assassinado na noite do dia 22 de junho de 1991, hoje completa vinte e seis anos de sua morte.

Neste tópico, dialogamos sobre a resistência e luta da Comunidade do Rosado/RN. Essa homenagem do jovem Sebastião, que morreu jovem, aos 27 anos, não deixaríamos de registrar. O monumento idealiza o pescador, assassinado na própria comunidade, quando retornava para casa. O motivo da sua morte, segundo os moradores do lugar, foi a luta pelo direito da terra. Esse momento marca a luta e resistência do morador Sebastião Andrade, a homenagem aconteceu no dia 22 de junho de 2017, na Comunidade do Rosado/RN. Dona Rosarinha, relata que “é uma estátua que tem dele aí, no dia da inauguração da estátua dele, chamou muito a atenção, foi muito bonito, muito emocionante”.

A Prefeitura de Porto do Mangue/RN, através da Secretária de Turismo e Cultura e os moradores da Comunidade do Rosado/RN realizaram a inauguração do monumento em homenagem a Sebastião Andrade, fixado nas Falésias do Rosado, em meio às dunas que circundam a Comunidade do Rosado/RN. O local escolhido privilegia a visão de longa distância. A estátua está montada no trecho da estrada, entre a Praia do Rosado e a Pedra Grande. A homenagem em memória ao pescador Sebastião Andrade culminou com uma celebração na Capela de São Francisco de Assis, às 17 horas, na Comunidade do Rosado/RN.

#### **2.4 Comunidade de praia e campo cheia de encantos, quais saberes nos ensina?**

Segundo Paulo Freire (1996), quem ensina aprende ao ensinar. Para ele, as pessoas devem estar abertas para aprender e trocar experiências. Na Comunidade do Rosado/RN, os moradores ensinam, aprendem e transmitem o saber construído na convivência com o outro. No local, a diversão cultural e esportiva é propiciada por coisas simples, como o futebol de praia, as festas da padroeira e apresentações do grupo de mulheres do Pastoril.

A tradição cultural é marcada pela proximidade dos valores pelo respeito à vida, não apenas a vida individual como a vida em coletividade, da afetividade, dos modos de vida que estão relacionados com as mudanças físicas e humanas do lugar e da memória. Conforme a rotina das atividades da pesca, agricultura e da criação de animais e do artesanato estão presentes no dia a dia da comunidade, são pertinentes as seguintes questões: *como os*

*moradores do Rosado aprendem ao compartilharem uns com os outros? Quem ensina na comunidade aprende ao ensinar? Como os moradores conviveram na comunidade sem acesso à comunicação? Quais dificuldades foram levantadas pelos moradores? Qual a opinião dos moradores da comunidade sobre o uso da internet? E como os moradores da comunidade lidam com as novas tecnologias conectadas à Internet?*

O Rosado é uma comunidade, que mesmo com o surgimento das novas tecnologias, mantém as tradições deixadas pelos primeiros habitantes do lugar. Os povos do mar, residentes na comunidade, manifestam os desejos da memória nos seus espaços comuns, como a vida na comunidade, onde se preserva a natureza contra as modificados promovidas pelo homem, nas lutas diárias e nas práticas solidárias aos sentidos atribuídos às experiências vividas. A educação, segundo Brandão (2007) se aprende com o homem a continuar o trabalho da vida, por sua vez, a comunidade é um espaço de diferentes saberes, por meio dos quais os sujeitos, na convivência com o outro, se confirmam, modificam e ampliam suas memórias, bem como reconstruem o passado e planejam o futuro.

Nessa perspectiva, o conhecer, o aprender, o fazer e o ser atuam como quatro pilares inspirado do Relatório apresentado à UNESCO pela Comissão Internacional para a Educação do Século XXI. Por sua vez, esses pilares darão sustentação para o entendimento da construção do cotidiano na comunidade. Esse cotidiano surge como espaço fértil para o estudo dos saberes da experiência e como lugar de produção de história, de pluralidade de ações e tensões que refletem uma política de sobrevivência. Nesse lugar o cotidiano se manifesta, na relação entre homens e mulheres comuns, povos simples, cheios de anseios de permanecer no lugar, desejar, planeja e sonhar com dias melhores para a comunidade, que ora erram, ora acertam, nesse processo de construção e formação de suas subjetividades.

Para este estudo o foco são os saberes da experiência dos povos do mar, sujeitos com uma dinâmica social, que estão situados no tempo e no espaço, portanto, são históricos. Larrosa (2002) resume bem essa relação, ao afirmar, que o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.

Ao trabalhar com as narrativas (auto)biográficas, esta pesquisa puxa as lembranças da memória dos homens e mulheres do mar. A análise aqui tecida foi construída em torno desses sujeitos, mas, respeitando e valorizando as diferenças de cada um, porque, segundo Freire (1991), a consciência não é uniforme. Vale ressaltar que o sujeito pode ser lido a partir dos seus fragmentos culturais: memória (oral), escritos (atas, jornais, estatutos, regimes, livros de

registros entre outros), que especificam e dão sentidos as narrativas aqui presentes. Os sujeitos da Comunidade do Rosado/RN foram lidos a partir das histórias de vida contadas por meio das narrativas, memória (Oral) e escritos (cordéis, notícias de jornais, cantos, objetos, estatuto, fotos, documentos entre outros registros). Todos esses registros ajudaram para a construção deste texto dissertativo.

Os relatos dos moradores abaixo são um passaporte para uma viagem no tempo, passando por lugares e acontecimentos que marcaram a memória dos povos da Comunidade do Rosado/RN. São histórias de vida e da formação de homens e mulheres que viveram o seu tempo e souberam aproveitar cada momento proporcionado pelo lugar, tais como: pescar, plantar no campo, os fazeres do lar, arte de ensinar, cantar, bordar e costurar, a convivência com o outro, ou seja, todos os minutos da vida na comunidade. As narrativas (auto)biográficas permitem saber como os moradores do Rosado aprendem com o outro e que lições foram ensinadas ao longo da vida em comunidade. Acessar essas narrativas é adentrar no cotidiano das histórias de vida e formação dos povos do mar, é conhecer os seus fazeres e saberes das atividades construída na comunidade. Como conta Dona Rosarinha, uma professora de vocação do local, a primeira que disseminou o saber ensinar para o outro, no exercício da docência, tratam-se de histórias de formação, lições de aprendizagem no lugar dos acontecimentos. Como narra a professora Dona Rosarinha:

Eu trabalhava, não era professora formada. Eu, com o meu interesse, graças a Deus, o que eu não entendia eu procurava, porque eu tenho uma grande amiga aí em Mossoró, Rosário [...]. Chamamos de Rosário de Chambi. Ela foi muito importante para mim, já me orientou muito, me ajudou bastante. Ainda hoje, me sinto feliz quando vejo ela, pelo pouco saber que ela me deu. Rosário e outras pessoas a mais, como: Aurineide, Toinha, Maria Crizalda, todas essas pessoas foram quem me ajudaram bastante. E hoje, as coisas mudaram demais, mas a escola da comunidade está muito pra frente. *Dizer a verdade é bonito*, porque, hoje, se eu chegar em uma sala de aula, eu não farei mais o que estão fazendo hoje em dia, porque tudo mudou [...]. Se fosse no tempo de antes eu sabia, mas, se eu tivesse continuado trabalhando, eu fazia o mesmo que os professores de hoje em dia fazem, exemplo. Mas que eu procurei outras coisas para minha mente. Ainda hoje, eu ainda costuro, eu faço tricô, eu faço crochê, eu faço almofadas de vários tipos [...] (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A profissão de professor requer formação. Nós professores estamos em constante processo de aprender-fazer. Nas suas narrativas, ela faz uma reflexão sobre sua prática quando ainda ensinava. E passa uma lição de humildade, quando se coloca em dizer que não saber e

está aprendendo com o outro. Segundo Freire (1996), somos seres inacabados e inconclusos, não sabemos tudo, sabemos algumas coisas, estamos em constante processo de formação. Para Dona Rosarinha, é significativo aprender com o outro, trocar experiência, com as colegas de profissão. Nesse sentido, uma frase de Rosarinha, chama a atenção, “dizer a verdade é bonito”. Por meio dessa fala, reconhece que o tempo e o espaço das mudanças aconteceram, que os tempos são outros. Hoje, aposentada da docência, continua a fazer o que gosta: canta, costura, borda, faz tricô, crochê e almofadas. Sobre a arte de fazer tricô e crochê, ela conta:

[...] Foi interessante uma coisa. A minha menina chegou em Carnaubais, aí perguntaram por mim. A minha menina, disse: —'A minha mamãe está lá fazendo raiva e fuxico'. [E lhe responderam]: —'Não acredito que Rosarinha viva de fazer fuxico!'. [Ela disse]: —'Não, é aqueles bordados, que chama fuxico. Fazendo raiva é aquelas bolinhas. É coisa boa, é comida!' Aí, assim eu continuei minha vida. Graças a Deus, sou muito feliz com as professoras que tem ali. Lucivanda é uma grande amiga minha. É muito ocupada. Todos os que trabalham no colégio são muito amigos meus, gosto demais das festinhas que fazem. Toda vida que fazem as festas, a diretora diz que eu posso ir. Eu me sinto feliz com isso, com tudo isso que vem acontecendo agora. Eu não vou ali pro colégio porque não fui convidada. É assim, eu já tenho ordem, para quando precisar ir [...] (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Em suas narrativas, Dona Rosarinha expressa felicidades pelo reconhecimento da comunidade no que se refere a seu papel prestado na educação. Ela levantou a bandeira da educação para o Rosado, alfabetizou e formou crianças, jovens e adultos. A comunidade reconhece sua missão de educadora. Sua história será lembrada por todos. Quanto o reconhecimento de Dona Rosarinha como educadora na Comunidade do Rosado, o morador Carlinhos do Rosado faz referências ao seu trabalho na comunidade. Ele afirma: “Com sua dedicação, ganhamos a primeira escola”. Em relação aos avanços no local, Carlinhos cita o trabalho de Dona Rosarinha como relevante para a educação e para os movimentos eclesiais.

Segundo o morador, outros costumes e tradições foram passados de geração para geração. Ele relata que a sua mãe, ao chegar na Praia do Rosado, foi professora e ensinava a famosa cartilha do ABC, com argumento e propriedade. Quanto ao reconhecimento de Dona Rosarinha, o morador acrescenta:

[...] Com a ação de Dona Rosarinha, que é um marco histórico para todos nós, assim como foi e é Sebastião Andrade. Agora a diferença é que Dona Rosarinha, eu não sei se poderia qualifica-la como uma lenda viva, porque

Dona Rosarinha passou a ser a pioneira central do movimento eclesialístico e educacional dessa comunidade. É tanto que ela chegou a ser homenageada na Câmara Municipal de Porto do Mangue, tendo em vista um mandado de vereador que eu tive. Na verdade, foram três mandados. E eu tenho o prazer e a satisfação de ter sido um dos primeiros alunos de Dona Rosarinha. Eu acredito que, dos moradores desta comunidade, foram poucos que não estudaram com Dona Rosarinha. E, graças aos seus ensinamentos, naquela época, as coisas eram um pouco mais difícil. É, não tinha a facilidade que hoje tem para o aluno estudar [...] (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

O morador Carlinhos do Rosado fala do papel e do compromisso de Dona Rosarinha para a comunidade. Ele relembra uma homenagem que a professora aposentada recebeu da Câmara Municipal de Porto do Mangue, pelos relevantes serviços prestados em favor da Educação e da Comunidade Católica da Praia do Rosado. Igualmente grata à professora, a moradora Dona Morena também conta da sua contribuição para a formação cidadã, na educação e na missão religiosa, e relembra, nas suas narrativas, a primeira escola em que estudou, e diz:

[...] A primeira escola que eu fui foi na casa de Dona Rosarinha, né? Uma senhora muito querida por todo mundo. Ela não é daqui, não nasceu aqui, mas casou com uma pessoa daqui. Ela é de Ponta do Mel, mas faz muitos anos que mora aqui. Quando ela chegou aqui, não tinha nada disso [...]. Todo mundo se dizia católico, mas não praticava. Cada um rezava na sua casinha, no seu canto. Então, lá, como ela vivia em Ponta do Mel, lá, viver dentro de igreja, de novena dessas coisas, ela chegou aqui. Ela começou a ensinar na primeira escola, na casa dela, ensinando particular. Nossos pais pagavam aquela quantidade por mês. Isso comprava um caderninho, colocava de baixo do braço. Vinha tão animado para a escola. Sentávamos no banquinho, sabe? Nas tabuas bem grande. Pegava aquela tabua bem grande para sentar os alunos, porque não tinha canto pra sentar. Outros sentavam no chão [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A chegada de Dona Rosarinha à Comunidade do Rosado/RN marcou o início dos trabalhos educacionais e religiosos. O seu interesse de ensinar abriu oportunidades para alfabetização de crianças, jovens e adultos do Rosado. Dona Morena conta com muita satisfação de ter sido aluna de Dona Rosarinha, relembra: da sala de aula; dos encontros com os colegas; e as dificuldades físicas do local. Essas lembranças fazem Dona Morena a voltar no tempo. As narrativas dos moradores trazem o significado da educação para a formação e transformação dos sujeitos. Tanto Carlinhos como Dona Morena atribuem essa mudança aos

serviços prestados por Dona Rosarinha à Comunidade. Para eles, na verdade, seus ensinamentos foram um ponto de partida.

Segundo Dona Morena, graças à dedicação e perseverança de Dona Rasarinha, em 1982, a comunidade ganhou a sua primeira escola. A moradora conta como aconteceu o processo de construção da escola:

[...] A gente foi levando. E Dona Rosarinha foi lutando. Até que ela conseguiu um colegozinho. Fazer um colegozinho aqui no Rosado, uma sala de aula e uma cozinha. Ave Maria! A comunidade ficou maravilhada com isso que ganhou, né? [...]. A gente continuou estudando. Passei vários e vários anos repetindo a 4ª série. vários anos, pra não ficar sem fazer nada e não tinha mais pra onde ir. E não tinha quem soubesse ensinar mais do que a 4ª. O colégio só permitia até a 4ª. Aí, eu sei que a gente ficou na 4ª série. Aí eu me casei. Já depois de casada, mãe de filhos, depois de muitos anos, eu voltei a estudar de novo. Aí foi uma experiência de vida muito boa. A gente, quanto mais a gente pratica a gente aprende. Foi muito bom ter estudado. Fiz até a 8ª série. Ainda fiz a matrícula da 1ª série do 1º ano. Aí eu não fui mais. Foi muito bom o que aprendi, né? Dá pra me saber de alguma coisa [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A moradora Dona Morena narra a luta de Dona Rosarinha pela construção de uma escola. Ela conta sua trajetória na educação e revela a escassez do ensino na época, somente até a 4ª série, que, hoje, corresponde ao 5º ano do fundamental II. A moradora expressa ainda suas experiências a partir dos ensinamentos, que recebeu na escola, por meio das lições repassadas dos professores. Segundo Dona Morena, ela aprendeu muitas lições que marcam sua vida e, por isso, hoje participa das reuniões e dos movimentos sociais. Em relação aos saberes ensinados na comunidade, Dona Morena conta que alguns foram repassados por sua avó, Dona Maria Dominga. Ela conta:

[...] Eu trago minha religião também. Sempre eu procuro trazer em primeiro lugar [...]. Sou rezadeira, aprendi com minha vó, Maria Dominga, que eu chamava ela de mãe Dominga. Aprendi a cozer. Se o dedo estiver desmentido no canto, aí o médico bota gesso. Nos interiores, a gente vai cozer, faz ali aquelas três curas, e fica bom mesmo. O povo fica bom. Aí é onde trago comigo essa tradição da minha vó. Espero continuar ou, depois, se alguém mais novo se interesse para aprender, né? Pra gente não deixar perder as nossas memórias, a nossa cultura, né? O que tem de bom que vem trazendo dos nossos antepassados (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Esses saberes da experiência, tais como: pescar, plantar, ensinar, cantar, bordar, rezar, costurar entre outros, estão sendo passados de geração para geração, e se manifestam na comunidade. Dona Morena deseja que tais saberes da experiência sejam transmitidos para as novas gerações, para não deixar morrer a tradição. O morador Neneu, em suas narrativas, conta que não tinha estudo na sua época. Quando ele nasceu, os estudos eram algo mais difícil. Relembra do tempo da professora Dona Rosarinha, que ensina com amor, e comenta:

[...] Dona Rosarinha sentava na salinha da casa dela, com os filhos dos parentes, dos amigos. Os moradores juntavam as crianças e mandavam para casa dela. E ela ensinava aquelas crianças particular, eu digo assim, que era particular, mais ela não recebia nada, ela tinha boa volta de ensinar e o pessoal não tinha dinheiro para pagar, mas ela fazia pelo desejo de ensinar. Se alguém dava alguma coisa a ela, era quando podia, mas ela tinha boa vontade de ensinar. Eu não tive oportunidade de ir pra escola, pouca vez eu vinha presenciar eles estudar, os meninos, as crianças, né? Vinha junto comigo, mas, eu não vinha pra a escola, mas, vinha observar [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Dona Rosarinha é citada, hoje, pela Comunidade da Praia do Rosado, como percussora do movimento educacional, a primeira professora da localidade. No relato de Neneu, a comunidade ganhou com a vinda de Dona Rosarinha, no local, ela exerceu o seu trabalho de educadora. Ensinava as crianças sem nada em troca. Ensinava, por amor, a profissão de educar. O morador conta ainda que não teve oportunidade de estudar, nem ao menos de aprender a ler. Já muito cedo, começou a trabalhar. Ele explica como fez para aprender a escrever o seu nome:

[...] Botei na cabeça que tinha que aprender a fazer o meu nome e aprender alguma coisa. E aprendi assim, pela natureza. Aí, depois, eu com 25 anos e 26 anos, entrei pra aquele movimento de pesca [...]. Tinha que o pescador entrar no que se chamava de Mobral. Aí eu inventei de vim pra escola algum tempo. Aprendi alguma coisa. Depois eu vim de novo. Depois de velho eu andei nas escolas. Tinha registrado até a 4ª série, não sei quase nada, mas, até a 4ª série eu estudei. Mas, depois de velho, nas aulas corridas, como chamavam, e aí aprendi a fazer o meu nome. As vezes eu digo nome de alguém. Eu não me engancho numa rua, a dizer o nome de uma rua. Eu não me engancho com isso, eu não me engancho com muita coisa não. Aprendi fazer o meu nome, de outra pessoa. Aqui acolá confundo umas letras. Aprendi. Para quem não sabia muita coisa. A pena que eu tenho era se eu tivesse estudado quando era criança. Teria aprendido alguma coisa. Mas, é assim mesmo. Como agricultor, como pescador, como morador dessa comunidade, estou vivendo no meio dos que sabem mais, né? E aprendendo.

Porque a gente nunca deixa de aprender (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Segundo Freire (1996) o sujeito tem que despertar a curiosidade, que move, inquieta na busca pelo aprender. Essas palavras citadas por Paulo Freire, é praticada pelo morador Neneu, que decidiu aprender a fazer o seu nome. Como ele disse: “aprendi alguma coisa”. Aos 25, voltou a frequentar a escola. Nessa experiência os desafios, oportunidades e desejo de aprender não faltaram, porque não deixamos de aprender nunca.

Segundo Freire (1987), o processo de educação é um ato eminentemente humano, pois só os homens têm consciência de sua incompletude e, por isso, buscam compreender o mundo em que vivem na sua finitude. Talvez, por isso, o morador Carlinhos do Rosado, como conta em suas narrativas, tenha ficado dividido entre estudar e trabalhar. Ele explica porque não voltou a estudar:

[...] Quis o destino de me envolver na política partidária. Fez com que o meu tempo ficasse um pouco reduzido. E como a política em cidades pequenas, ela é muito acirrada, me tirou um pouco o foco. Não. Mas, mesmo assim, ainda com a quarta série, cheguei até três mandatos de vereador. E, graças a Deus, posso dizer que aprendi ao logo da escola da vida. Às vezes, eu, até dentro da minha convivência diária, às vezes eu fico até a me perguntar como é que determinado momento eu me vejo discutindo e debatendo leis com doutores. Só me resta uma explicação: papai do céu é nosso Deus Pai todo poderoso, que nos dá esse dissentimento [discernimento] de procurar debater. Muito embora, somente com a quarta série, que hoje corresponde ao quinto ano, que está dentro do Ensino fundamental II, mas me sinto preparado para enfrentar, como diria, não para enfrentar emprego, o ter o famoso canudo ou diploma, mas para enfrentar a vida de forma como ela é. Graças a Deus, me sinto preparadíssimo e orgulhoso. Isso eu encho o peito para falar dessa forma. Tudo que aprendi foi aqui na comunidade. Isso significa dizer que nós temos valores e, entre esses valores, o da educação. Eu sempre destaco Dona Rosarinha [...] (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Nas narrativas de Carlinhos do Rosado, percebemos o empoderamento, em algumas de suas frases. Quando ele diz: *discutindo e debatendo leis com doutore; e enfrentar a vida de forma como ela é*. Essas frases apontam resistência e luta de Carlinhos do Rosado, por ser um cidadão que tem consciente do que quer, pelo seu pertencimento de ser da Comunidade do Rosado/RN e por ser um cidadão que valoriza suas raízes. Para Freire (1986), é através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, que o cidadão se empenha na obtenção do poder político. Isso é perceptível no discurso de Carlinhos do Rosado, que mostra

atitudes de um cidadão consciente de sua obrigação no seu contexto político e social. O seu engajamento social na comunidade desviou sua continuidade dos estudos, mesmo assim, ele relata: “aprendi ao logo da escola da vida”. Para exemplificar seu aprendizado cita a convivência diária, o enfrentar a vida de forma como ela é e a valorização da educação.

As narrativas dos moradores entrevistados são permeadas por troca de saberes, a valorização do outro, o respeito e o desejo de manter a sua identidade. Sobre a pergunta *Quem ensina na comunidade aprende ao ensinar?* Lançada no início deste tópico p.114, a experiência do morador Carlinhos do Rosado comprova que essa troca de saberes está presente na comunidade. O morador conta que, através de Dona Rosarinha, teve início a educação para os filhos e neto dos moradores. Para Carlinhos, Dona Rosarinha começou, também, a incrementar novenas e dramatizações bem antes da fundação da primeira capela. O morador explica:

[...] A partir daí, Dona Rosarinha preparou diversos jovens, ensinando o catecismo. Tinha as dramatizações, as datas comemorativas, como dia Das Mães. E a partir da chegada dos dois padres, Padre Venturilles Vilella e Padre Murilo, reuniram os jovens para o crisma. E até lá, essa tradição, não diria que morreu, está um pouco adormecida. Os jovens, naquela época, que faziam a animação, era eu, Ailson, Morena [...]. Orgulhosamente, nós criamos o grupo de jovens. Nós sempre fazíamos nossas apresentações de uma forma que não deixávamos a desejar. Então, essa história, todo esse retrato da nossa cultura, dos nossos costumes, eu não me canso de dizer, que era tão saudável, coisa tão inocente. Naquela época, as brincadeiras ainda eram com rapazes e moças. Brincavam de jogo de pedra, tinha um joguinho de pedra. Mas, a brincadeira que mais gostávamos era cai no poço. Acabávamos ganhando um beijo e abraços. Tinha uns que até casavam (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A fala de Calinhos do Rosado esclarece que, na comunidade, ainda se preserva alguns costumes antigos, tais como: a catequese, os grupos de jovens, mas, de uma forma menos intensa. Outro aspecto relevante presente nos relatos dos moradores é referente à utilização dos meios de comunicação, tais como o telefone fixo ou orelhões, a televisão, o rádio, o telefone celular e a Internet. Na entrevista, os participantes foram indagados da seguinte forma: *Como os moradores conviveram na comunidade sem terem acesso à comunicação? Quais dificuldades foram levantadas pelos moradores?*

Segundo Dona Morena, a comunicação, de primeiro, “era na goela mesmo”, ou seja, a comunicação com os vizinhos era no grito ou assobio. As pessoas respondiam. Parecia que

sabiam que alguém queria alguma coisa, dizer alguma coisa, chamar para alguma coisa. Dona Morena conta sobre as dificuldades dessa época para se comunicar com os familiares que moravam em outras cidades:

[...] Se queria comunicar com alguém, por exemplo, tem um pessoal morando em Areia Branca. E, aí, foi o tempo que começaram a bota a TELERN<sup>18</sup>, no Mel. Nós ia daqui pro Mel a pé ou de burro, de jumento, sabe? E quando chegava no Mel, ia ligar, pedir pra alguém ligar por que não sabia nem ligar. Pedia pra alguém ligar se queria falar com aquele pessoal. No Porto do Mangue do mesmo jeito. Quando botou a TELERN, se queria dar um recado, ia pra Porto do Mangue a pé, saia daqui de madrugada pra chegar cedo, pra ligar pra alguém, pra dá recado pra alguém. E a gente ouvia as coisas pelo rádio. As notícias, as músicas. A gente sabia das coisas da nossa comunidade através do rádio, né? Ai, depois, apareceu a televisão. Depois, de 1992 pra cá, foi que veio aparecer a energia aqui. Não tinha energia não. Aqui a gente era como uma *piraquinha*<sup>19</sup>, no querosene. Quando o querosene estava mais caro, era o óleo diesel mesmo. Num, era como a gente usava. Aí, depois de 1990 pra cá, em 1992 veio aparecer a energia [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A chegada da energia elétrica na comunidade trouxe melhoras, como se pode observar na narrativa acima. Para complementar, Dona Morena relata que a chegada da energia elétrica veio aparecer no tempo do assentamento do INCRA. A fala de Dona Morena mostra também as preocupações advindas com a chegada da energia, quando diz:

[...] Melhorou um bocado de coisas, por um lado. Já por outro, tira um pouco a tradição da comunidade. Tipo, não tinha, aí apareceu a televisão. Veio a energia e apareceu a bendita televisão, coisa boa e coisa ruim. Tirou o hábito da comunidade se sentar a noite no terreiro, pra contar as histórias, pra conversar a luta do dia a dia, como foi a pescaria, como tinha sido no roçado, né? Já foi tirando. Se o vizinho chegava, se tinha a televisão ligada, dizia: ‘fulano, entra pra aqui pra assistir’, porque as vezes não tinha. A primeira televisão foi na casa de Heleno, bem em cima dá colar. Daqui pra colar você sabe como era, e a ruma de gente pra lá assistir. Aí, agora, por último [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A moradora Dona Morena expressa muito bem, em suas narrativas, o benefício positivo que a energia elétrica trouxe para a comunidade, mas, externa profunda preocupação

<sup>18</sup> Companhia Telefônica do Rio Grande do Norte (TELERN), criada em 1964, e de responsabilidade do Governo do Estado, principal fundador e incorporador da Companhia.

<sup>19</sup> É um tipo de lanterna a gás de carboreto utilizadas por pescadores. O carboreto é colocado em um recipiente com água e roqueado a outro onde tem um outro tambor com uma válvula de escape, onde é aceso provocando a claridade.

relacionada à preservação dos costumes, porque, com a energia, chegou a televisão, seguida da tecnologia, que, aos poucos, vai quebrando a rotina e a tradição da comunidade.

Para o morador Carlinhos do Rosado, a energia elétrica, chegou à comunidade a partir de 1998. Daí em diante começou uma evolução no local, tendo em vista os avanços da tecnologia. Para ele, essa realidade iniciou com a televisão preto e branco, que funcionava à bateria, com um cata-vento para carregar. O morador relembra a forma de se comunicar antes da chegada da energia e, de forma complementar ao que Dona Morena disse anteriormente, explica:

[...] Quanto se precisava se comunicar com alguém, se a pessoal não soubesse ler, ou não ter alguém na família que soubesse ler, teria que ir a Porto do Mangue, onde tinha o sistema de TELERN. E ia a pé, porque, nessa época, existia uma grande dificuldade de transporte, ou até em lombo de animal. Então, a partir do conflito, nós perdemos o nosso saudoso Sebastião Andrade, que formou a associação. E com a associação as coisas começaram a avançar um pouco mais. E a partir daí, nós travamos uma luta muito grande por nosso meio de comunicação. Como era muito dificultoso, nós conseguimos com que a TELERN instalar aqui, de imediato, os orelhões. Depois conseguimos ampliar para quatro orelhões. E aí já facilitou um pouco mais, porque só os moradores da comunidade não andarem 10 Km<sup>2</sup> para cidade e não irem para Ponta do Mel, gastarem. Esse dinheiro era para comprar o famoso cartão, para fazer os seus contatos com os seus familiares [...] (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

As narrativas de Carlinhos do Rosado e Dona Morena ressaltam a chegada da energia elétrica e com ela os grandes benefícios e avanços para a comunidade, que mostrou muita satisfação com a implantação de orelhões telefônicos implantados pelo sistema TELERN, por exemplo. Graças à energia elétrica, os moradores usam aparelhos domésticos e eletrônicos.

Nas falas, é notória a dificuldade que passaram devido à falta de energia, transporte e comunicação. Carlinhos do Rosado relata que, com esses avanços, os moradores passaram a comprar não só a televisão, mas também a famosa Antena Parabólica, que já é coisa do passado, a moda agora é a Internet, diz o morador.

Afinal, com tanta tecnologia, *qual a opinião dos moradores da comunidade sobre o uso da Internet? E como os moradores da comunidade lidam com as novas tecnologias e o uso de modernos aparelhos tecnológicos conectados à Internet?*

A Internet tem um papel de facilitar a comunicação entre as pessoas, no âmbito global e local. Os moradores do Rosado, por meio das suas narrativas, relatam a relevância do uso da Internet na comunidade. Para Carlinhos do Rosado, a Internet:

[...] Ela veio também para facilitar, mas, falando no ponto de vista de um cidadão consciente e politizado, também temos uma certa preocupação de, com os avanços, a sociedade ser obrigada, também, a acompanhar esse ritmo. E eu vejo que isso também tiram um pouco da nossa identidade, levando em consideração que não são todos os jovens que sabem usar a Internet. Eu tenho testemunhos de jovens que tinham um grau de desenvolvimento muito bom na escola, e com a Internet estava mais preocupado em está grudado no face, no zap [...] (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Conforme se observa, o morador Carlinhos do Rosado se manifesta favorável ao uso da Internet, mas chama a atenção para alguns pontos: a preocupação dos jovens na comunidade, de não perderem sua identidade; e os vícios dos entretenimentos oferecidos pela Internet, como Facebook e o Whatzap, que estão tirando os jovens dos estudos. Para reforçar mais ainda o segundo ponto, Carlinhos do Rosado conta que quando determinados grupos de alunos do 6º ano estudavam no local, mesmo com todos esses avanços, com a chegada da Internet, com a TV funcionando a todo vapor, tinham um grau de rendimento diferente, de quando passaram a estudar em Porto do Mangue/RN. Segundo o morador:

[...] Mudaram totalmente o comportamento. Falo isso com propriedade. Alguns alunos são amigos do meu filho. Foram mudanças muito repentinas. Então, a comunidade, hoje, ela vive uma situação privilegiada, muito embora ainda haja essa preocupação pelos valores adquiridos lá com os nossos antepassados, que também já estão sendo perdidos, ou seja, a comunidade está mais imatura, porque temos as pessoas que pensavam e que querem preservar a nossa cultura e a nossa tradição, os valores. Mas, também podemos dizer que, com esses avanços, também não deturpou um pouco a nossa história e a nossa identidade (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Na comunidade, se preserva o respeito dos jovens para com os mais velhos, os ensinamentos são passados de pai para filho. Os costumes, valores e tradições são mantidos no lugar. Há uma preocupação quando os jovens vão estudar na sede do município de Porto do Mangue/RN. As famílias temem a má influência dos jovens da área urbana. Mesmo com a vinda da Internet, os moradores mantêm seus valores e as tradições. A Internet é um veículo

de comunicação que liga o mundo. Para a moradora Dona Morena, essa tecnologia tem seu lado positivo e negativo. No trecho abaixo, ela cita exemplos que confirmam sua opinião:

[...] Eu, agora, tenho um filho meu que está em Santos/SP. Está lá fazendo faculdade, porque aqui não tem. Todo dia eu me comunico com ele. É muito importante por uma parte. Por outra parte, eu acho que prejudica. Por exemplo, os jovens, tendo cinco e seis pessoais no canto onde tem Internet, não se comunicam mais, ficam todo mundo lá no telefone, direto, direto. Assim, não dá mais a atenção, tira aquele hábito da nossa comunidade, aquela rotina, aquela comunicação da gente está comunicando uma com as outras, né? Já tem jovens aqui que vai dormir de madrugada. Ficam na rua, acessando por aí, na internet do povo. Ficam acessando. Vão dormir de madrugada. Às vezes, incomoda os vizinhos. Não existia nada disso. Tá aí a parte ruim da internet [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A Internet é um meio de comunicação que dá acesso com mais rapidez a informação. E aproxima as pessoas, mesmo estando distantes umas das outras. A finalidade da Internet foi para estreitar os limites que existiam nos lugares do mundo. Dona Morena sente a falta do tempo das conversas nas causadas, com a Internet esses hábitos estão sumindo na comunidade. Vale frisar que até mesmo os mais antigos, como Dona Rosarinha, moradora antiga da comunidade, que atuou como educadora, assumem que a internet “é muito boa, [...] Eu não tenho internet na minha casa [...] A gente conversa com as pessoas de outras cidades de outra capital [...]. Por outro lado, atenta para o fato de que na “Internet se ver muita coisa que não se agrada [...] A juventude, está embelezada só ali [...] Não se ligam mais em outras coisas, aprender a fazer um bordado, uma costura”. Segundo a moradora, a Internet provocou desinteresse dos jovens da comunidade para atividades. Para ela:

[...] Se essa juventude que tem aqui na minha comunidade se aproximasse de mim, tivesse interessado para aprender fazer o que eu sei, não estavam tão embelezados só. Estava não. Porque tem coisas boas e coisas ruim. E, assim, é um negócio muito sério. Bom porque antes não existia isso, nada disso. Era só o rádio, a televisão. Mas, não era nem tudo da televisão que os pais deixavam os filhos assistir [...]. Mas, hoje em dia é assim com todo mundo, até crianças. Para tudo. Aí eu acho uma diferença muito grande. Traz muito desespero para a juventude. Traz! tem muita coisa que não agrada (Narrativas de Dona Rosarinho, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

De acordo com os relatos dos moradores, a utilização das novas tecnologias e de modernos aparelhos conectados à Internet, foi algo muito bom para a comunidade. Em suas

falas, há mais satisfação com a simples chegada da energia elétrica, da instalação dos orelhões, da infraestrutura e da utilização de aparelhos eletrônicos, tais como: televisão, antena parabólicas entre outros. A razão é que a Internet facilitou a comunicação. Ao mesmo tempo, mudou a rotina da comunidade. As pessoas deixaram de se socializar, como antes e os jovens perderam o interesse de aprender a tradição da comunidade.

As opiniões manifestas pelos moradores revelam a sua valorização da história, dos costumes e das tradições da comunidade. Preocupado com a preservação desses elementos, Carlinhos do Rosado afirma: “precisamos dar uma incrementada para continuarmos essa nossa identidade viva, e a chama da esperança, continuo também acessa para iluminar, e que possamos sempre divulgar a nossa Praia do Rosado”. A fala do morador reforça a importância de todos estarem inseridos no mundo globalizado, de estarem felizes, que os jovens da comunidade não se influenciaram no mundo das drogas. Tais sentimentos os deixam firmes para preservar seus costumes e sua identidade.

### CAPÍTULO 3

## **SABERES DA EXPERIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DE ENSINAR, APRENDER, CONVIVER E SER: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN**

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

As palavras de Paulo Freire, citadas acima, conduzem ao entendimento de que somos seres inacabados e inconclusos, formados na convivência com o outro. Não sabemos tudo, sabemos algumas coisas. Estamos em constante transformação. Sempre aprendemos alguma coisa e sempre ensinamos algo.

O objetivo deste terceiro capítulo é identificar os saberes da experiência daqueles que compõem a Comunidade do Rosado/RN e sua contribuição para a formação do ensinar, aprender, conviver e ser. O caminho de acesso a essas experiências são as narrativas dos sujeitos, que vivenciaram e vivenciam os saberes das experiências em compartilhamento com o outro na comunidade.

Este é o momento de embarcar em uma viagem pelas lembranças dos mais velhos, lembranças guardadas no tempo e repassadas na convivência entre homens e mulheres da Comunidade do Rosado/RN, através dos saberes da experiência. Durante esse trajeto, serão compreendidos os saberes da experiência das mulheres da comunidade. Mulheres, que educam e têm nas mãos a arte do saber e fazer na interação com o outro. Os diferentes espaços de saberes que as mulheres do Rosado têm nas mãos, na alma, no corpo, são essenciais à arte de ensinar os saberes da cultura local. Elas preservam costumes, valores, crenças e tradições herdadas dos seus antepassados.

Necessários de compreensão são, também, os saberes da experiência de homens pescadores, por meio das lições e dos saberes da formação. No local, as tradições herdadas de seus antepassados ainda estão muito presentes em suas formas de convívio. Há uma relação de respeito entre os povos do mar. Os pescadores aprendem com/no mar, na praia, no alto-mar, na convivência com a natureza, com seus companheiros de trabalho, com seus pais e

filhos. Em meio ao vai e vem e do balanço do mar, será almejado o entendimento do seu cotidiano, do trabalho da pesca, das rotinas locais, do lazer e da vida familiar na comunidade.

O embarque se dá nas lições das histórias de vida e experiências dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN, com saberes, passados de geração a geração, a serem praticados pelos jovens dessa comunidade. Valorizar e respeitar o estilo próprio de vida, de cada um do lugar é o lema. Nas relações individuais e coletivas serão promovidos os saberes da experiência dos mais velhos em diálogo com os jovens da comunidade.

### **3.1 Narrativas de histórias de vida e saberes da experiência dos mais velhos da Comunidade do Rosado/RN: saberes que ensinam a ser povos do mar**

Neste momento, tem início uma viagem pelas lembranças dos mais velhos, lembranças guardadas no tempo e repassadas na convivência entre homens e mulheres da Comunidade do Rosado/RN. Para Bosi (1994), a memória individual desses sujeitos, depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com tudo que se refere ao seu convívio em comunidade. Como afirma Hallbwachs (1990), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Esta, na Comunidade do Rosado/RN, se apresenta como laço de reconstrução das experiências dos mais velhos, que podem ser rememoradas e testemunhadas, através das narrativas de histórias de vida e saberes da experiência, como algo importante a ser repassado para as novas gerações.

Para Bosi (1994, p. 55) “[...] lembrar não é reviver, mas trazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”. Essas lembranças, segundo a autora em destaque, constituem uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à disposição, no conjunto de representações que povoam a consciência atual de quem as acessa. No velejar das lembranças vivenciadas pelos mais velhos da Comunidade do Rosado/RN, é possível fazer um passeio pelo passado, no presente, que propõe a sua diferença em termo de ponto de vista. Conforme afirma Bosi (1994) as lembranças dos mais experientes do lugar deixaram e deixarão rastros para as gerações futuras, de modo que poderão compreender as experiências vividas nas suas especificidades.

Narrativas de histórias de vida e saberes da experiência dos mais velhos da Comunidade do Rosado/RN ganham destaque aqui como saberes, que ensinam a ser povos do

mar e do campo. O significado de experiência, um dos conceitos fundantes desta pesquisa, que vem do latim *experiri*, que significa provar, experimentar. A experiência é a ação de nos colocamos para o outro e com o outro. É, em primeiro lugar, para Larrosa (2002) um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova. Segundo o autor, a experiência é o que passa, o que acontece aos sujeitos. Mas, dentro da experiência, existe um sujeito da experiência, o lugar da experiência, e o acontecimento da experiência. Esses os pontos serão observados no decorrer desta viagem através das narrativas dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN.

O sujeito da experiência para Larrosa (2002) está inserido em espaços de lugares e dos acontecimentos. Se a experiência é o que acontece ao sujeito, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então, a experiência é uma paixão, por que o sujeito da experiência não é o sujeito da informação, não é o sujeito da opinião, não é um sujeito sem trabalho, sem ritmo, sem pensar no que faz no dia a dia; o sujeito da experiência é o sujeito que quer viver essa experiência com o outro. Esse sujeito sente a experiência com paixão. Na Comunidade do Rosado/RN os seus moradores expressam a paixão pelo que fazem e pelo que sabem, viver em comunidade, é reconhecer o seu lugar de pertencimento e respeitar o outro.

Segundo Larrosa (2002) a palavra paixão pode referir-se a várias coisas. Ela é um elemento da experiência. Sem paixão não se vivencia o sujeito da experiência, os saberes das experiências, porque o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, e é um saber que não pode se separar do indivíduo concreto em quem encarna. Sem paixão não é possível capturar a experiência, nem fazer referência ao outro. Não se pode pensar a si mesmo, no outro, sem essa paixão pelo outro.

Nesse processo de trabalhar e incorporar biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem e formação ao longo da vida, o leme é o Método (Auto)Biográfico, que encontra direção nas teorias produzidas por Josso (2010b) e Delory-Momberger (2008b). Também serviram como norte as contribuições de Bosi (1994), sobre as narrativas dos velhos, e de Hallbwachs (1990), com os estudos relacionados à memória coletiva. Através do Método (Auto)Biográfico os sujeitos do lugar narram suas histórias de vida e apresentam os saberes da experiência que contribuem para a formação do cotidiano na comunidade, esses saberes, tais como: cantar, pescar, plantar, costurar entre outros, vão sendo construídos pelos seus moradores ao longo da convivência em coletividade.

Apresentamos para esse tópico três moradores entrevistados, que expressaram por meio de suas narrativas as histórias de vida e saberes da experiência na Comunidade do Rosado/RN. O primeiro se chama Neneu de 60 anos de idade, é aposentado. O segundo morador é Dona Morena está com 54 anos, é artesã e o terceiro morador chama-se Dona Rosarinha tem 79 anos de idade, é uma professora aposentada. Os três moradores citados, têm uma longa trajetória de vida e experiência na comunidade.

O destino desta viagem é visibilizar as experiências dos mais velhos, repassadas de geração a geração, a partir das narrativas dos sujeitos, que vivenciaram e vivem experiências na comunidade. Iniciamos pelo nosso narrador Neneu, de 60 anos. Em sua fala, ele explicou que seu pai nunca foi pescador, sempre trabalhou na área da salina e agricultura. Contou que, desde os oito anos de idade, acompanhava seu pai. De sua memória, Neneu trouxe estas lembranças:

[...] Ele já me ensinou a trabalhar no roçado, pegando na enxada, pegando no facão, no machado, e a gente começou com 10 anos de idade fazendo essas atividades, e sempre foi assim. A partir dos meus 25 anos [...], pude dizer assim, eu não vou mais trabalhar na agricultura, vou deixar a agricultura, eu vou é pescar. Aí comecei a pescar eu não tinha nenhuma, assim, experiência com pesca, mas, eu fui começar a pescar com um *caba* novo ainda na pesca, mas que já vinha velho na atividade do avô dele, do pai dele. Ainda hoje mora no Rosado, é um colega meu, Nego velho. Comecei a pesca mais ele, tinha muita experiência. Novo, *vista* boa, para conhecer os montes e ver tudo de perto [...] Ele me ensinou muita coisa, aprendi muita coisa com esse rapaz mais experiente do que eu na pesca, quer dizer, ele na pesca, e eu na pesca com experiência na agricultura. Tanto ele me ensinava na pesca, como eu dizia o que era o bom que tinha na agricultura, porque ele não tinha experiência na agricultura, né, mas, ele tinha muita experiência na pesca [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Os saberes da experiência são colocados nas narrativas de Neneu como algo apaixonante. Ele expressa o prazer de aprender com seu pai. De acordo com suas narrativas, tais experiências foram ensinadas e repassadas de pai para filho e entre os próprios moradores, no dia a dia na comunidade, estabelecendo uma troca de saberes adquiridos pelos mais experientes ao logo da vida.

Sobre as experiências e os ensinamentos na agricultura, Neneu conta que seu pai, antes de ir para o trabalho na salina, deixava ordem em casa. Ele determinava tarefas para serem realizadas no roçado, como limpar o terreno, cuidar dos animais, e não deixar que entrassem no roçado, para não comerem as plantações. Neneu lembra que, no inverno, seu pai

confeccionava enxadas pequenas para os filhos, ainda crianças. Desse modo, podiam trabalhar, na limpeza dos matos e na plantação de milho e batata. Essa era a forma como aprendiam na/com a agricultura.

O relato do morador permite compreender que os saberes da experiência, como afirma Tardif (2012), resultam do próprio exercício da atividade profissional dos sujeitos. Esses saberes são produzidos por meio da vivência, seja individual ou coletiva, de situações específicas relacionadas ao espaço estabelecido com o outro. Através das experiências vivenciadas com o seu pai, Neneu conseguiu construir relações significativas para sua vida. Hoje, ele procura passar o que aprendeu para os mais novos da comunidade e fica feliz quando os jovens demonstram o interesse em aprender. O morador assim se pronunciou:

[...] A minha luta foi essa aqui. E hoje eu pesquei 20 e poucos anos. Nunca deixei de ser agricultor e nem de ser pescando, aí deixei a pescar em 2005. Hoje está com 12 anos que deixei de pescar. Deixei de pescar porque não sou mais um profissional da pesca. Fiquei só na agricultura mesmo. Hoje já estou aposentado. Graças a Deus, com 60 anos, me aposentei como agricultor, né, e estou ensinando agora os meus netos, a trabalhar [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A experiência narrada por Neneu permite perceber que na Comunidade do Rosado/RN existe uma relação entre os saberes da experiência, de saber-fazer e de saber-ser de forma individual e coletiva. Entre o tempo e o espaço, residem os sujeitos e os conhecimentos de aprendizagens dos saberes da experiência em coletividade. São nas marés da vida que os povos do mar do local educam. No compartilhar uns com os outros constroem uma vida de possibilidade no mundo em que vivem.

Os saberes da experiência são resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos ao longo da vida familiar e social, no decorrer da trajetória de vida, no próprio lugar de convívio na comunidade, por meio das relações estabelecidas entre si e com o outro. Conforme Martins (2000), pelo seu estranhamento em relação a si próprio.

Quando Neneu narra, como é trabalhar na agricultura e a forma como aprendeu os ofícios de seu pai e outros da comunidade, relembra as experiências que construiu na convivência com o outro e enxerga, que a forma de plantar e viver no/do campo sempre foi de um jeito simples. Ele explica:

Para trabalhar na agricultura tem que ter experiência para plantar o milho, para limpar a terra, porque se toca na espiga o milho não cresce, fica a atrofiado. Tem que limpar o milho, mas não pode bater na área no troco dele, se bater, o milho não enche. Tudo isso são experiências do agricultor. As pessoas acham que isso não existe, mas, existe. Hoje, as pessoas têm um trator, cultivador. Ele limpa do jeito que ele quer com o trator. Depois que eles colocam o trator dentro também não vão mais limpar. Antes disso, tudo era manual, na enxada e no braço mesmo. Aí é isso que a gente aprendia, fazer um roçado, tinha que ensinar como se utiliza uma vara. A vara é para entrançar ou é para amarrar, a vara para amarrar é diferente da vara para entrançar na estaca, vamos dizer assim, porque você não tem como amarrar uma vara torta, e você não tem como fazer uma cerca com a vara lenheira, tem que se torta. Tudo vem da experiência. Você pode até fazer uma cerca com a vara lenheira, mas poderá torar. Já a torta não, já vem no ponto. Fazer uma cerca para amarrar bem lenheira tem que tá no ponto, tudo isso são experiências que tem o agricultor (Narrativas de Neneu morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

A experiência ocorre quando vivenciamos com o outro, quando nos alimentamos, com e pelo outro. Neneu, nesse sentido, é um exemplo do sujeito da experiência visto que está sempre pronto para ajudar o outro. Mesmo aposentado, permanece sempre em pé, erguido e se apodera de si mesmo. Assim se torna cada vez mais protagonista de sua própria história e permite construir com o outro o protagonismo também. Para Bosi (1994), quando os sujeitos relatam suas mais distantes lembranças, se referem, em geral, a fatos que foram evocados, muitas vezes, pelas suas testemunhas. A autora afirma que somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha que, às vezes, precisa do outro para confirmar o seu próprio olhar. Em complemento, Bosi (1994, p. 407) diz:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais, foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates.

Diante do exposto acima, questionamos: *Quais as lembranças da infância dos moradores da Comunidade do Rosado/RN? Quais experiências os moradores da Comunidade do Rosado/RN aprendem com outro?* Segundo Bosi (1994), a história dos sujeitos é dividida em períodos, os quais marcam todos os acontecimentos vividos no individual e no grupal, em diferente tempo na comunidade. Para a autora, cada geração tem, de seu lugar, a memória de acontecimentos, que permanecem como pontos de demarcação em sua vida. Esses acontecimentos são vividos em diferentes contextos, cada um relembra passagem pela memória individual e coletiva. Nesse momento, destacamos as lembranças e lições de

aprendizagem de nossa narradora Dona Morena, de 54 anos. Em suas narrativas, ela conta como aprendeu com os mais velhos, na época de criança. Além disso, afirma que esses ensinamentos ficaram como aprendizagem para toda vida. O que sabe até hoje, na comunidade, agradece aos seus avós e seus pais. A moradora ainda revela:

Aprendi a rezar a partir dos meus oito anos. A minha avó me ensinava a rezar todos de joelho, no pé do oratório, com as mãos postas. Rezar e agradecer pelo nosso pão de cada dia, pedir proteção para as nossas famílias. Esses saberes aprendi com minha avó. Eu achei tão bom que já repassei para os meus filhos, desde que eles aprenderam as palavras papai e mamãe. Eu primeiro comecei ensinando a rezar, comecei ensinando uma Ave Maria, nome do Pai, depois o Pai Nosso, assim sucessivamente. Aí, eu lembro quando eu era criança, sentava no chão com a minha mãe para remendar as roupas do meu pai, era necessidade mesmo naquela época, não era por beleza não [...]. Eu era tão pequena que ela alinhavava para eu costurar, para não fica torto e não sair do lugar do buraco. Eu achava tão bom, passava a tarde, era depois do almoço, fica aqui perto da porta. Costurava na mão mesmo, não tínhamos máquina de costura (Narrativas de Dona Morena moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Nas narrativas de Dona Morena, percebemos o amor em ensinar e aprender. Seu desejo em aprender era prazeroso. As experiências da sua avó e de sua mãe alimentavam esse desejo de aprender como o outro. Quanto às lembranças da infância, fizeram Dona Morena voltar no tempo e perceber como sua infância foi construída por lições de aprendizagens. Todos esses ensinamentos, ao longo de sua vida, alimentam sua memória até hoje. Ela nutre maior interesse de que sejam repassados para as novas gerações da comunidade, tais ensinamentos, quais sejam: rezar, costurar e, também, cozinhar.

Os espaços da memória estão guardados nas lembranças da infância e da juventude, na verdade, estão presentes no nosso dia a dia, seja nas brincadeiras, fazeres do lar, conversas no terreiro. São lembranças aquecidas na memória de quem vive na comunidade. Falar da infância remete a reviver o passado, e lembrar como essa vivência foi relevante para o crescimento e amadurecimento. Dona Morena expressa, nas suas narrativas, como construiu uma infância feliz. Segundo ela:

Quando era de tarde, corríamos em cima daquela serra. Chamava falésias, mas, a gente chama mesmo é de serra ou grotas. Bota as cabritas no chiqueiro para gente tirar o leite, comíamos pirão de café, mexido no fogo, feito do caroço do café torrado. Pilava no pilão e depois fazia o escaldado de café para comer com peixe assado. A gente quanto era criança, na nossa

comunidade, na maioria era assim mesmo, era uma casa aqui outra bem longe uma das outras, a gente vivia assim. E outra coisa também, que a gradeço a Deus até hoje é a educação que meus pais me deram. A gente ser pobre mais ser honesto, porque ser pobre é não ter honestidade, não ter palavra e ter o nome sujo, é melhor morrer, isso aí foi a educação que meus pais me deram, e foi do mesmo jeito que passei para os meus filhos. Espero que eles repassem para os filhos deles. O que eu aprendi de bom eu passo para eles, e também para as pessoas da comunidade [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

A infância na comunidade é lembrada através da memória, Dona Morena relembra momentos de diversão e de fazerem. Era um tempo difícil, os moradores sobreviviam da pesca e da agricultura, os alimentos eram extraídos da própria natureza. As comidas eram feitas de forma artesanal. Mesmo com dificuldades, os moradores até hoje, preservam o respeito e os ensinamentos dos mais velhos do lugar, a educação prevalece entre seus membros, os bons modos são passados de pai para filho. A memória do sujeito, conforme explica Bosi (1994), depende do seu relacionamento não só pessoal, mas familiar, grupal, social da memória. Daí a importância das primeiras lições no convívio familiar, expressa na fala de Dona Morena ao lembrar a infância de tempos que não voltam mais, mas que ficaram marcados na memória. Em sua memória, ficaram marcados, em especial, os valores familiares. Foram as lições de ensinamentos dadas pelos seus pais, sobre educação, honestidade e respeito, que, até hoje, traz consigo e repassa para seus filhos. O maior desejo de Dona Morena é que esses valores permaneçam vivos na comunidade e que sejam repassados para os mais jovens.

Os encantos do lugar, as lembranças da infância, as dificuldades, a força e a paixão por pertencer a essa comunidade superaram e resistem às adversidades do tempo vivido. No encontro com as narrativas dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN, os saberes da experiência de pescar, costurar, rezar e cantar dos mais velhos ensinam os jovens a arte de serem povos do mar. Colocam em suas mãos os saberes da experiência, a competência no que fazem. São esses saberes do dia a dia, do senso comum, para Martins (2000, p. 59), representa algo “comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação”. Isso implica dizer que sem significado compartilhado não há interação.

Na Comunidade do Rosado/RN, esse senso comum permeia a interação dos sujeitos do lugar. No local são compartilhados significados em coletividade. Nossa narradora Dona

Rosarinha, uma senhora de 79 anos, é uma professora aposentada que passou os saberes da experiência de costurar e fazer almofadas para Dona Morena. Esta, por sua vez, os está repassando para outros sujeitos da comunidade. Para Martins (2000) são esses sujeitos comuns, na vida cotidiana, que, na prática, criam as condições de transformação do impossível em possível. Dona Rosarinha, é um exemplo de luta e perseverança na Comunidade do Rosado/RN. Em suas narrativas, conta que era uma menina pobre, filha de um pescador e de uma costureira. Sua mãe costurava em uma máquina de mão, enquanto Dona Rosarinha ficava ao seu lado cantando o canto de São Sebastião: “Sois Mártir de Cristo, Meu Santo varão. Livrai-nos da seca, São Sebastião”. Depois, ela pedia para sua mãe um pedacinho de pano para fazer a roupa das bonecas. Dona Rosarinha relata que sua mãe cortava as roupas para ela ver e a ensinava como fazer. Em seguida, ela fazia igual. Na infância de Dona Rosarinha, sua mãe construiu momentos de aprendizagem e formação para sua vida, de modo que, até hoje, ela relembra:

Minha mãe ensinava o Alfabeto, ela tinha uma letra muito bonita e ela sabia um pouquinho, mas ela não se dedicou à sala de aula, o negócio dela era a costura, sabe? Ela começou a me ensinar o alfabeto, daí eu aprendi. Não tinha professora nesta época. Eu estava na faixa de oito anos mais ou menos, aprendi o alfabeto com mamãe, fui aprendendo as letrinhas, ‘A, B, C e D’, era ‘a, e, i, o u’, as vogais, as consoantes, ela tinha um livrinho que deram para ela, daí ela me ensinava um pouquinho. Depois, chegou uma professora [...], Essa professora veio de Área Branca/RN, ela era baixinha como eu, era muito querida, muito boa. Nas férias, ela levava a gente para casa dela. Ela escolhia os alunos. Eu era sempre escolhida por ela. Na casa dela ela me ensina, por que ela gostava de mim (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

As narrativas de Dona Rosarinha têm relevância para a história da comunidade. Suas contribuições revelam saberes da experiência de cantar, costurar e bordar, são aprendizagens herdados de seus pais. Seu ensinamento e sabedoria simbolizam a compreensão do passado e do presente e apontam verdadeiros significados das suas práticas cotidianas, compartilhadas com os sujeitos do lugar. Como já foi mencionado no segundo capítulo, p.117, no tópico 2.4 *Comunidade de praia e campo cheia de encantos, quais saberes nos ensina?* Dona Rosarinha construiu junto à Comunidade do Rosado/RN um notável papel educacional e social. Nascida na Comunidade de Ponta do Mel, distrito do município de Areia Branca/RN, conforme já citado no capítulo anterior, tinha dois irmãos, o mais novo morreu afogado e sua irmã mora,

até hoje, no local. Na Ponta do Mel, Dona Rosarinha conta que gostava de brincar de escolinha, em sua casa. Por isso, pediu a sua mamãe para ensinar os seus irmãos e outros meninos. Era no quarto de sua mãe, em cima da cama, que eles ficavam escrevendo. Preocupada dizia: “mamãe não brigue não”.

Depois de algum tempo, Dona Rosarinha chegou na Comunidade do Rosado/RN. Conversou com o seu esposo sobre a possibilidade de criar uma sala de aula na sua casa e ele concordou. Logo em seguida fizeram um quadro na parede de cimento. O projeto começou com poucos meninos, mas, foi crescendo, chegando a quarenta e três alunos. Com o tempo, o número de crianças foi aumentando. Na sala de aula, Dona Rosarinha fazia dramatização, festinhas com as crianças. No dia 7 de Setembro, ela fazia brincadeiras e cantava o canto da Bandeira *o salve é lindo*, e *Ouvira do Ipiranga*. Dona Rosarinha relata que ensinou a sua filha, hoje uma professora formada. Sobre a escola na comunidade a moradora explica:

Hoje, eu não trabalho mais, estou aposentada. Mas fui muito feliz com meus alunos, eles tinham muito interesse de aprender, os meninos eram demais [...] Eu hoje não chego mais para uma sala de aula, porque eu não sei fazer nada, porque tudo mudou, né? Hoje, a gente não vê mais os meninos lendo o alfabeto, ditado de palavras, exercício, tudo era pelo livro. Quando eu não sabia, perguntava as pessoas para me orientarem. Assim, eu continuei. Estou muito feliz com o que já fiz (Narrativas de Dona Rosarinha moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

As histórias de vida e formação de Dona Rosarinha são constituídas de lembranças e experiências vividas ao longo da vida. Dentre essas lembranças, ela destaca o compromisso com o seu trabalho, regado de amor e paixão pela arte de ensinar e aprender. Suas narrativas são lições de vida, sem limitação para expor suas memórias. Pelo contrário, todas as narrativas voltam ao passado, que permanece vivo nas suas lembranças de hoje. A sua dedicação pela profissão de educar está presente ainda hoje, sendo perpassada pelo desejo de continuar na missão que escolheu, de ensinar o que aprendeu com os seus pais e parentes. Nas palavras de Dona Rosarinha:

O meu saber foi assim: minha mãe me ensinou a fazer crochê, minha tia fazia ponto de cruz, eu aprendi com elas [...] Depois, comecei a fazer o tricô, aprendi com minha madrinha. Fazia muito sapatinho para recém-nascido. Depois do sapatinho, foi bordado na máquina, eu fazia lençóis de cama, fazia, e o pessoal via e comprava, por que eu precisava, né? Eu ainda sei bordar de máquina (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Os saberes da experiência, para Dona Rosarinha, são as experiências compartilhadas com o outro, por isso tem um cuidado e zelo pelo que faz. A arte de costurar, bordar, cantar e ensinar veio dos seus antepassados. Uma das atividades que ela preserva até hoje são as cantigas do passado, que cantava na escola e na igreja. Mas, a vida não é feita apenas de bons momentos. Reside em sua memória, um momento de muita tristeza e superação, quando perdeu seu marido. Já se passaram treze anos, mas a tristeza e a ausência dele não a fazem desistir de participar das atividades da comunidade. Ela continua fazendo as brincadeiras com as meninas no pastoril. Segundo ela: “é muito interessante, eu acho, e dou mil graças a Deus do que eu sou, do que eu faço com minhas amigas da minha comunidade. Trabalho na igreja, e, assim, a gente continua”. Neste momento, lembra de um canto do pastoril e o reproduz: “Nós somos as rainhas das aves, de todas as rainhas é a primeira, botei meu pastoril na rua, só pra dar o que falar essas lindas faladeiras. Se não quiser se remexer, só pra ver se não apanha”. Suas narrativas exprimem a emoção e alegria de cantar. Cantar é o que ela mais gosta de fazer.

Aqui, finda a primeira parada nesta viagem pelos saberes da experiência dos mais velhos. Saberes que ensinaram e continuarão a ensinar. Desta experiência fica o registro da ação dos moradores entrevistados, de contarem as lembranças da infância, o que aprenderam com o outro, e o desejo de ensinarem o que aprenderam para as novas gerações da comunidade.

No percurso pela memória desses sujeitos, as histórias de vida das narrativas (auto) biográficas representam muito mais que o ato de contar fatos, pois permitem registrar e captar os acontecimentos individuais ou coletivos dos sujeitos em formação, contribuindo para a ação-reflexiva desses sujeitos. Qualquer grupo tem sua história e essa história é construída e reconstruída por meio da convivência dos sujeitos em sociedade. Para Bosi (1994, p. 90), “[...] a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos”. Através das narrativas dos sujeitos entrevistados, é percebida uma construção da formação, a partir da coletividade, adquirida pelos ensinamentos dos mais experientes da comunidade.

No vai e vem do mar do Rosado, os saberes da experiência são passados de um para o outro. Dona Rosarinha, em seu caderno, que usa para escrever os cantos, cola toda a sua história e compartilha os seus saberes com a comunidade. E Dona Morena, através dos seus ensinamentos como rezadeira e artesã, repassa os seus saberes de rezar e de preservar os

valores da sua comunidade. Quanto ao morador Neneu, tem ensinado como membro da associação, pescador e agricultor, seus saberes na coletividade apresentando o que aprendeu com o outro. Cada um usa aquilo que se identifica, no seu cotidiano, para repassar saberes e valores. Segundo Martins (2000, p. 102), “[...] o cotidiano não tem sentido divorciado do processo histórico que o reproduz”. Dessa forma, as lembranças extraídas da memória dos mais velhos assumem fundamental importância para a Comunidade do Rosado/RN. São lembranças cultivadas da vivência e das experiências geradas pelas gerações passadas a serem revividas pelas gerações futuras.

### **3.2 Mulheres que educam: narrativas de quem têm nas mãos a arte do saber, fazer e ser**

A viagem prossegue e agora é o momento de visitar os saberes da experiência das mulheres artesãs do Rosado, para a compreensão do trabalho desempenhado por essas mulheres se tornam pertinente as narrativas do morador Neneu. É sujeito da pesquisa, que ao longo do tempo, vem contribuindo para que essas mulheres artesãs tenham visibilidade e garantam rentabilidade para a comunidade, por meio da associação. Os povos do mar trazem experiências, que aprendem em diferentes lugares, na praia, no campo, na comunidade. De acordo com Freire (1987), os sujeitos aprendem porque são seres sociais, porque a coletividade se faz no diálogo com outro e com o próprio mundo. Para Brandão (1995), não se pode dizer, que existe apenas uma educação específica, mas sim educações, porque estamos, a todo momento, no processo de aprender, conhecer, formar saberes e nos formar em sociedade.

Nessa perspectiva dos diferentes espaços de saberes, as mulheres do Rosado têm nas mãos, na alma e no corpo, a arte de ensinar os saberes da cultura local. Elas preservam costumes, valores, crenças e tradições herdadas dos seus antepassados. Nos seus espaços, manifestam a cultura, religiosidade, artesanato, dança e a culinária, entre outros costumes.

Mais uma vez as narrativas (auto)biográficas serão a bússola que conduz às histórias de vida. Elas permitem vislumbrar um novo olhar voltado aos saberes da experiência e à formação para as construções sociais e culturais. Para conhecer as mulheres que educam e as narrativas de quem tem nas mãos a arte do saber, fazer e ser, são necessários três questionamentos: *De que forma as mulheres artesãs da Comunidade do Rosado aprendem a trabalhar com o artesanato? Quais recursos naturais são utilizados pelas mulheres artesãs da Comunidade do Rosado? Existem, na Comunidade do Rosado, espaços físicos que*

*proporcionem a confecção e a venda do artesanato local?* Essas questões se revelarão através das narrativas dessas mulheres, que têm nas mãos o talento e a criatividade com o artesanato.

Através das narrativas, conforme explica Delry-Momberger (2008b), o sujeito se torna o personagem de sua vida e, a partir daí, constrói a história da sua vida. As mulheres artesãs, nesse caso, desempenham um papel na comunidade como agentes de um processo histórico em que, cotidianamente, constroem sua formação em seus espaços, na condição de sujeitos históricos que vão se construindo nas relações sociais.

As mulheres artesãs do Rosado são sujeitos históricos, que se organizam a partir das suas relações sociais e culturais, tanto de vida como de trabalho. Existe, na comunidade, um grupo de seis mulheres que vem lutando para conquistar espaços, que possibilitem a construção e a exposição do artesanato voltado para o comércio interno e externo. O morador Neneu, hoje aposentado, explica que, na sua gestão, na Associação dos Moradores da Comunidade do Rosado/RN, entre 1997 a 1998, sempre procurou trazer recursos para valorizar o artesanato local, tais como: cursos, oficinas, palestras entre outras formas de formação para as mulheres artesãs. Ele relata:

Na hora que eu entrei na associação, eu queria fazer de tudo que estivesse ao alcance da gente. O que não podia, a gente corria atrás, como os cursos no SENAI<sup>20</sup>, cursos da EMATER. Esse pessoal vinha fazer cursos para capacitar os moradores e a gente adquiria tudo isso. Fazíamos um curso com o SESI<sup>21</sup> da Bahia, que vinha por intermédio do Sindicato de Macau/RN, que ajudou muito a gente. Aí, eles conversando com o pessoal que tinham capacidade no artesanato, em outras coisas, e junto com associação, criamos um projeto, na época, de 500 reais. Em 2002 e 2003, foi feito esse projeto, demos a conta da associação e eu fui para a cidade de Areia Branca/RN para comprar esse material. Compramos esse material, recebemos as notas, tudo direitinho, quando o professor veio para cá fazer os cursos. Depois veio os meninos fazer a prestação de conta, para levar para lá [...] (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Os cursos foram organizados pela Associação da Comunidade do Rosado/RN em parceria com algumas instituições que se disponibilizaram a apoiar e incentivar os pequenos artesãos da comunidade, por meio de cursos de formação. Com tais cursos, as artesãs aprenderam a confeccionar objetos decorativos feitos de conchas do mar. A intenção foi ampliar o espaço de produção e venda do artesanato local. Os cursos promovidos pelo SENAI

<sup>20</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI/RN).

<sup>21</sup> Serviço Social da Indústria (SESI/BA).

e SESI representaram uma abertura para o aperfeiçoamento de novas técnicas de produção, como também o aprimoramento das técnicas das mulheres artesãs já existentes na comunidade. Eles fortaleceram o desejo das mulheres de continuar produzindo sua arte e de lutarem por uma estrutura física que ofereça condições de trabalho, porque, até hoje, o pouco que produzem é confeccionado em ambiente domiciliar.

A moradora e artesã Dona Morena vem participando desses cursos promovidos pelas instituições convidadas, através das associações do Rosado e de Macau/RN. Quanto à importância dos cursos, a artesã relata como foi sua participação nessa formação:

Sempre tive interesse pelo artesanato [...] sempre tive vontade de aprender as coisas. Tenho vontade de aprender, sempre de aprender. Cada coisa que a gente aprende é uma aprendizagem para vida toda. Tinha muita vontade de aprender artesanato. Através da associação daqui e da associação de Macau/RN, a gente participou de um curso com conchas do mar. A gente colhia as conchas e comprava a cola durapox. Daí, participamos desse curso e, dentro de uma semana, trabalhamos com ostras. Íamos buscar em Porto do Mangue, tínhamos todo o cuidado de limpar, colocava de molho, escovava e separava a matéria prima, tirando as melhores para a confecção das ilhas e das garças. Sempre tive vontade de trabalhar com artesanato. Várias pessoas participaram do curso (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Os cursos de formação provocaram interesse nas mulheres da comunidade em aprender novas técnicas, que podem contribuir para o crescimento da arte local. Nas aulas foram confeccionados objetos com material extraído da própria natureza. A Praia do Rosado é rica em recursos naturais, o que torna o trabalho das artesãs fértil e com menor custo. A própria natureza oferece a matéria prima para a confecção dos objetos decorativos, restando, para as artesãs, usarem a criatividade com esses materiais: conchas, búzios e ostras.

Dona Morena explica que a associação promoveu outro curso, dessa vez, foi para confeccionar bijuterias, nesse curso, Dona Morena relembra: “fiz para aproveitar a oportunidade, já os das conchas eu me identifiquei, cheguei até vender peças”. Diante de tudo isso, Dona Morena externou que faltou incentivo para continuar esse trabalho, um lugar para expor o artesanato para venda. Ela reforça dizendo: “não houve interesse para desenvolver esse projeto”.



**FOTO 8:** Peças de artesanatos expostas no ECOPOSTO - Comunidade do Rosado – Porto do Mangue/RN.

**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (05/08/2017).

A imagem da foto acima mostra objetos confeccionados pelas mulheres artesãs utilizando conchas e ostras do mar. Esses objetos encontram-se no museu do EcoPosto<sup>22</sup>, localizado na Comunidade do Rosado/RN. São peças de exposição para serem apreciadas pelos visitantes do local. Também se encontram no museu outros artesanatos construídos pelos moradores da comunidade, quais sejam: objetos de madeira, bijuterias de conchas e objetos feitos de garrafas pete. Conforme Dona Morena, “esses materiais são transformados para a confecção das ilhas e das garças entre outros objetos”.

Com os cursos, os participantes aprenderam a confeccionar diversos tipos de objetos, que renderam bons lucros, mas, devido à falta de incentivo, tais como: verba para a compra de materiais, espaço para trabalhar e mais cursos de formação não foi possível continuar produzindo esses trabalhos. Segundo Dona Morena “enquanto a Associação, os Governantes e a Secretaria de Turismo, não se mexerem, as coisas ficarão do mesmo jeito”.

A primeira ação do projeto na confecção de objetos com conchas e ostras, realizada na comunidade, apontou resultados significativos, criou expectativas nas mulheres artesãs. Nesse trabalho, viram a possibilidade de terem uma renda para ajudar suas famílias, mas, para isso, precisariam de investimentos para sustentar a proposta do projeto. Depois do primeiro projeto, Neneu conta que a Associação do Rosado, novamente com o apoio da Associação de

<sup>22</sup> Criado em 2009 pelo IDEMA/RN na intenção de proteger e preservar as Dunas do Rosado, como também de barrar pessoas que apresentem atitudes suspeitas nas áreas próximas à Comunidade do Rosado/RN.

Macau/RN, organizou outro projeto, desta vez era para a construção de um barco em benefício da coletividade.

O trabalho em coletividade não é tarefa fácil. Cada sujeito guarda sua própria individualidade e subjetividade. As relações históricas e sociais se dão na convivência com si e com o outro, ou seja, no reconhecimento de si pela diferença com o outro diferente. Isso é estranhar a sua própria consciência. Na comunidade, é possível perceber através das narrativas dos moradores da comunidade, que existem conflitos internos nas relações sociais, pois há uma rejeição e estranhamento de pessoas, que vêm de fora, tal comportamento traz desentendimento entre os próprios moradores da comunidade, mas é possível dizer que é um processo lógico e natural. Freire (1996) explica isso ao colocar, que o sujeito deve se abrir ao mundo e aos outros para inaugurar, com seu gesto, a relação dialógica em que se confirma, com inquietação e curiosidade em permanente movimento da história.

No estudo dos “Estabelecidos e *Outsiders*”, Elias e Scotson (2000) afirmam que, dentro da comunidade, existem diversas formas da ação dos sujeitos se reconhecer, de reconhecer o outro, porque as opiniões podem divergir do ponto de vista individual. Os sujeitos, mesmo em comunidade, nem sempre podem se ver em outros, ou mesmo alguns podem negar a existência do outro, para as condutas individuais e para as coletivas.

Na Comunidade do Rosado/RN, iniciou-se a construção de um Terminal Turístico, uma importante obra para ampliação e valorização do artesanato comercial local. Sobre esse empreendimento, Neneu conta que houve várias reuniões, na Associação, com os moradores, para aprovação e liberação da área de terra da comunidade, onde seria instalado o Terminal Turístico. Hoje, a construção dessa obra está parada, e o morador Neneu explica a situação:

É porque lá, na hora de fazer, era para ter um ponto para artesanato, para as pessoas que trabalham no artesanato, na comunidade. Eles tinham um ponto para botar os seus artesanatos [...] mostrar na beira de uma pista, para quem passava, e via, porque seria um grande ponto de turismo para venda, por isso que o Terminal Turístico foi feito naquele local ali. Na época que foi feito o projeto, o prefeito não executou o recurso, porque não dava, era pouco, não dava. Não executou. Quando entrou outro prefeito, ainda não deu. Para o dinheiro não voltar, eles diminuíram alguma coisa no projeto para ver se construía, e aí chegaram a fazer até aquele ponto quem está aí, mas, ninguém sabe quando vai continuar. As empresas não veio mais trabalhar, não veio mais nenhuma informação para a comunidade da Secretaria do Turismo, porque eles queriam mudar, acabar aquilo ali e mudar para outro local, em cima da Serra (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Esse Terminal Turístico é o desejo de todos os moradores da Comunidade do Rosado/RN, em especial as mulheres artesãs, que lutam já algum tempo por esse espaço para expor e valorizar seus artesanatos. Enquanto a construção do terminal está parada, as artesãs continuam trabalhando em suas residências, mas com dificuldades de vender suas peças. Em outra reunião, desta vez no Ecoposto da Comunidade do Rosado/RN, o morador Neneu relata que houve a tentativa de fortalecer a ideia de construir outro Terminal Turístico em cima da Serra. No momento, Neneu externou sua opinião, dizendo que não seria viável essa construção, porque não teria a mesma visibilidade do outro Terminal Turístico, que se localizará em frente à praia, onde passam os viajantes.

Afinal, o que está faltando para continuar a construção do Terminal Turístico? É possível supor que seja a falta de recursos financeiros, ou do apoio do poder público, que deveria investir na continuação do projeto, voltado para o beneficiamento de famílias da Comunidade do Rosado/RN. É clara a necessidade desse projeto para o desenvolvimento econômico e social da população local, que vive, cresce, faz história e faz cidadãos.

Nas narrativas de Neneu, há preocupação para a realização desse Terminal Turístico como forma de potencializar e visibilizar o trabalho das mulheres artesãs. Ele conta que o problema da areia tem jeito. E que o mais difícil foi o primeiro passo dessa construção. Em suas narrativas, Neneu exemplifica como esse Terminal ajudaria muitas pessoas:

[...] Aqui, na comunidade, as pessoas têm o cocó pra vender, tem o caju. Tem gente lá na Serra do Mel, no assentamento, tem caju. Venham para praia, não é um ponto pra você ser o dono, mas para vender seus produtos. Ali é o ponto de você chegar com o seu cocó, e botar para vender. Na comunidade foi feito aquele ponto ali, era esse o projeto. Aí eu disse para eles, por que vocês não mostram o projeto do Terminal Turístico? Isso não é um projeto para as pessoas vim de outro lugar e ter uma banca para cada um não, é para a comunidade poder receber o povo para comprar seus produtos. As pessoas do município tem suas mercadorias para vender, podem vim pra cá também. A intenção do município é pra isso, e não dizer essa é de fulano que vem pra cá, essa de sicrano da comunidade tal, não é pra isso, é para a Comunidade do Rosado receber o povo que vem de fora, para dentro dá comunidade, ou seja, dá renda para a comunidade. Quem está em primeiro lugar é a comunidade, né? Enfrentar e fazer isso, essa mercadoria, mostra que a comunidade tá viva (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Os exemplos de Neneu reforçam a necessidade do Terminal Turístico para a Comunidade do Rosado. Como reflexão fica aqui uma indagação: *O que a atual diretoria da Associação está fazendo para mobilizar e cobrar o repasse desta obra ao poder público?*

Diante dessa questão, Neneu justifica: “não tivemos mais notícias, não tivemos informações do que vai ser feito e como é que tá. Não se sabe mais dessa informação, no momento está tudo parado”.

Diante desse impasse, resta aos moradores somente esperar. Como cita Neneu, “a gente tem esperança da comunidade se evoluir, mas, infelizmente isso não está acontecendo”. A moradora Dona Morena explica que “foi cedido o terreno na intenção de termos esse Terminal Turístico que seria importante para a comunidade”. Existe um abandono que preocupa o morador Neneu, quando expressa “a areia está tomando de conta, e eles não tem interesse nenhum”.

Preocupações à parte, o artesanato na Comunidade do Rosado/RN, segundo Neneu, já existe há muito tempo. Os antigos moradores praticavam essa arte. Eles faziam coisas que aprenderam com seus avós, com suas bisavós, mas, nunca foram reconhecidos para o comércio. A fabricação era somente de peças para seu uso, como chapéus de palha, painéis de barro. Essas produções também eram dadas de presente a um filho, amigo, mas esse trabalho não era reconhecido comercialmente. Neneu conta que, na Comunidade:

[...] Tem esse pessoal mais novo querendo resgatar o artesanato. Quando vem um pessoal de fora para fazer uma esteira, como Morena faz aqui, ela já tem essa experiência lá da sua avó, que traz, mas, que nunca praticou. Quando ela entrou no curso já foi sabendo de alguma coisa, tinha uma noção de como fazer. Na comunidade, já houve, e hoje a facilidade é muito grande, porque se aqui formasse um grupo de cinco mulheres, vamos começar? Eu quero! Tem o prédio da associação, pelo menos na minha época era disponível. Aí vocês fazem aqui mesmo, dentro da associação, mas, tem que ter uma cooperativa que der condições para que esse trabalho cresça, para participa de feiras de artesanato, ter apoio de cooperativas, para incentivar a produção (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Junto aos moradores do Rosado/RN, Neneu chama a atenção para seguirem exemplos de outros lugares. Ele os incentiva a participarem de Feiras de Artesanatos no intuito de mostrarem sua arte, colocam seus artesanatos numa mesa e vendem seus produtos. Na Comunidade, é perceptível que os pequenos artesãos não têm apoio e não estão associados às cooperativas de fortalecimento para expandirem e visibilizarem o artesanato local. Em seus relatos, Neneu explica que, na comunidade, não há pessoas associadas em cooperativas e completa: “as pessoas que têm esse interesse, têm que se unirem para fazer isso acontecer, se tiver só cinco, já é um começo, porque amanhã isso vai crescer e se multiplicar”. O morador

aponta caminhos para o fortalecimento do artesanato na comunidade e cita: “devemos buscar recursos e apoio, se fortalecer com uma cooperativa para incentivar na produção e venda desses produtos em eventos no próprio estado”.

Os relatos revelam que as experiências na comunidade são compartilhados uns com os outros. Dona Morena esclarece isso, quando diz: “estou fazendo almofadas que aprendi com Rosarinha”. Conta, ainda, que começou com esse trabalho em 2016, e explica, em suas narrativas, todo o processo de formação no artesanato:

Em 2016, também fiz parte de um projeto na associação 8 de março<sup>23</sup>, em Mossoró/RN. O curso era para aprender a fazer artesanato com a palha da carnaúba, matéria prima que a gente não tem gasto nenhum. Aqui mesmo tem a matéria prima. Pego uma faquinha, a nossa inteligência e a habilidade para construirmos os objetos de palha, como: cesto, porta copo, lembranças, jogo americano, bolsas, chapéu, esteira. Através da palha, fazemos muitas coisas, vai depender da experiência de cada um. Depois que você acertar o ponto, você faz tudo que sua mente imaginar (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

A Comunidade do Rosado/RN tem como referência no artesanato a professora Dona Rosarinha, que é muito talentosa e sabe fazer bordado, bonecas de pano, almofadas, entre outras artes. Mesmo com tanto talento, há um entrave para o desenvolvimento do artesanato comercial. Levantamos as seguintes questões: *Na comunidade, as mulheres artesãs estão tendo incentivo para essa arte? A atual diretoria da associação contribui para a produção do artesanato local?*

Segundo Dona Rosarinha, atualmente, não há incentivo para a exposição do artesanato e nem um local visível para mostrarem e venderem o trabalho aos visitantes ou para aqueles que passam de viagem e que gostariam de levar uma lembrança do lugar. Mesmo assim, continua a transmitir seus saberes da experiência às jovens. Ao fazer isso ela está contribuindo para a formação de moradores da comunidade. Dona Rosarinha conta que ensinou Dona Morena, e afirma: “passei o que eu sabia para ela, ela aprendeu tudo, é uma aprendizagem, ela ainda está aprendendo outras formas de trabalhar com as almofadas”.

Nessa experiência, o importante para Dona Rosarinha foi o interesse de Dona Morena em aprender. Para ela, isso representa a valorização dos seus ensinamentos. Nessa relação,

---

<sup>23</sup> O Centro Feminista 8 de Março (CF8) é uma Organização Não-Governamental que surgiu em março de 1993, a partir de ações voltadas à reivindicação da instalação da Delegacia Especializada em Defesa da Mulher (DEAM), em Mossoró/RN.

existe uma parceria entre a professora e a aluna. Dona Rosarinha relata que Dona Morena começa a peça e ela faz os acabamentos. As narrativas revelam que os saberes da experiência estão sendo repassados de um para o outro, na relação de troca de saberes. A arte de fazer almofadas é apenas uma das que Dona Rosarinha, aprendeu e procura repassar para as mais jovens. Sobre outros saberes que possui, ela assim relatou: “de tudo eu aprendi um pouquinho. Na dança, hoje, estou muito cansada. Dancei muito. Eu era muito divertida”.

Nessa relação de troca de saberes, é necessário perceber algumas questões, a saber: *A arte do artesanato está sendo repassada para os mais jovens da comunidade? Os jovens da comunidade demonstram interesse em aprender?* Na concepção de Dona Morena “precisa de incentivo e interesse por parte deles em aprender”. Em suas narrativas, a moradora explica que está pronta para ensinar o que sabe e o que aprendeu na comunidade. Ela diz: “tenho maior desejo de ensinar o conhecimento que tenho, principalmente na palha, que tinha vontade de aprender. Hoje, estou colocando em prática o que aprendi. Quanto mais eu faço, mais eu gosto”.

Sobre a arte de trabalhar com a palha, Dona Morena afirma que desde quando ela fez esse curso, em 2016, não parou mais. Vem participando de feira de artesanato em Macau/RN, Mossoró/RN. Ela esclarece: “Eu tenho pouca coisa, mas o que tenho vou levar para mostrar o nosso trabalho da comunidade. Outras pessoas estão fazendo também, aprenderam comigo material de palha. O que eles fizerem levo também para a feira”. As narrativas de Dona Morena são erguidas de desejo e perseverança, que elevou sua autoestima. A artesã revela que recebeu uma proposta de trabalho para ministrar um curso em outras comunidades e afirma, com entusiasmo: “irei como instrutora para levar o conhecimento para outras comunidades. Se Deus quiser, quero ir para uma grande feira de artesanato em Natal/RN”.

Visitei a Comunidade do Rosado/RN no dia 24 de agosto de 2017. Neste dia, iria realizar as entrevistas com os dois jovens que fazem parte da pesquisa, intitulada *Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*. Nesse projeto, esses jovens serão atores e autores das suas próprias histórias de vida e formação.

Aproveitei o momento e expliquei para os dois jovens o objetivo do nosso projeto de pesquisa e qual seria sua participação. A intenção de entrevistar os jovens da Comunidade do Rosado/RN está relacionada às seguintes questões: *quais lições de aprendizagem os jovens estão recebendo dos mais velhos? Esses saberes dos mais velhos estão sendo preservados*

*pelos jovens?* Essa preocupação nasceu porque se acredita que os saberes da experiência dos mais velhos devem ficar na comunidade, de modo que os próprios jovens aprendam e repassem para outras novas gerações. Essa discussão será apresentada com mais detalhes no próximo tópico, p.159, *3.4 Dos saberes da experiência dos povos do mar, ficaram as lições: o que pensam os jovens da Comunidade do Rosado/RN?*

Depois de entrevistar os dois jovens, visitei Dona Morena e lancei o convite para mais um momento no qual as mulheres artesãs da Comunidade do Rosado/RN teriam a oportunidade de mostrar seu artesanato, como também de tornar visíveis os valores e os costumes da comunidade. No momento, deleguei à Dona Morena a missão de repassar o convite às outras moradoras da comunidade. As mulheres da comunidade participarão do IV Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas: por entre lugares, sujeitos e memórias. Aprender com o Outro no lugar do Outro.

O evento propôs como objetivo uma discussão pela via do aprender com o Outro no lugar do Outro, como uma teia de significados construída pelo próprio sujeito e por suas contribuições para os diálogos entre as histórias de vida em seus contextos e espaços de vivências, sociabilidade e humanização na perspectiva da aprendizagem da paz. O evento aconteceria nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2017 organizado pela Professora Ana Lúcia Aguiar e os mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), realizado na Faculdade de Educação (FE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

A primeira reunião para a organização do evento foi realizada no dia 04 de agosto de 2017, no Laboratório de Práticas da Faculdade de Educação (FE/UERN). A origem, desse IV Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas, nasceu da primeira proposta de viagem internacional dos mestrandos do POSEDUC/UERN com a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, para o IX Encontro Internacional Presença de Paulo Freire, em Cienfuegos, Cuba. Depois dessa edição demos continuidade nos demais Seminários, conforme já citado.

Esse IV Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas foi idealizado quando voltamos da viagem ao México, onde participamos do XI Congresso Internacional de Historia Oral, “Paradigmas y desafíos de la historia oral: nuevos temas y problemáticas del presente” na Cidade do México, realizada por um grupo de alunos do POSEDUC/UERN no dia 29 de junho a 14 julho de 2017. Na construção e realização dessa viagem, estive à frente a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que proporcionou aos seus alunos da pós-graduação conhecerem outros lugares e sujeitos.

A participação de moradores, com suas narrativas, seria no Salão de Conversa - 2, intitulado: Por entre lugares e sujeitos de memórias – o que eu pude dizer de mim – Mulheres de Comunidades Tradicionais. Foram organizados, no evento, 4 Salões de Conversa, cada um com temáticas diferentes, no dia 20 de abril, no Auditório da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais (FANAT/UERN). Dona Morena agradeceu o convite e disse que não me preocupasse, a comunidade seria bem representada. Os moradores da Comunidade do Rosado/RN participaram do evento pela segunda vez e o destaque agora seria dado às mulheres artesãs. Elas deveriam contar, narrar suas histórias de vida e de experiências formativas do lugar.

Com tudo preparado, o evento aconteceu nos dias planejados, em três turnos (manhã, tarde e noite). A abertura aconteceu no dia 19 de setembro de 2017, à noite, no Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró. O cerimonialista fez a leitura da programação do evento, intitulado “Por entre lugares, sujeitos e memórias: aprender com o Outro no lugar do Outro”. Após a leitura da programação, contamos com uma participação cultural, seguida, da mesa de abertura, formada pelos oito participantes da viagem ao México e pela coordenadora da Faculdade de Educação (FE/UERN). Todos explanaram a relevância da temática, voltada para os lugares, sujeitos e memórias e para o aprender com o outro, no lugar do outro. Uma verdadeira viagem no tempo, que permitiu reviver os lugares e sujeitos de memórias. A conferência de abertura ficou aos cuidados da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). O tema de sua palestra foi: Por entre lugares, sujeitos e memórias: o sujeito da experiência, o lugar da experiência e os acontecimentos da experiência.

No dia 20 de setembro de 2017, pela manhã, no auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC), na UERN, iniciamos com uma apresentação cultural. Em seguida, convidamos os conferencistas para comporem a Mesa Redonda intitulada: *Narrativas e Narradores: o dito e o não dito em colchas de retalhos de mim*. Na tarde do mesmo dia foram realizados dois Salões de Conversa: 1) Por entre lugares e sujeitos de memórias – o que eu pude dizer de mim – Mulheres do campo; 2) Por entre lugares e sujeitos de memórias – o que eu pude dizer de mim – Comunidades Tradicionais. A programação do Salão de Conversa 2 seguiu o seguinte roteiro: abertura e boas vindas; Apresentação Cultural; Dinâmica; Intervalo com exposição de artesanato e sorteio de livros; Narrativas (Auto) Biográficas de Mulheres da

Comunidade do Rosado/RN (Professoras, Artesã, Marisqueira e Rezadeira) e Leitura do cordel sobre a Comunidade do Rosado/RN.

A imagem da foto abaixo mostra o momento da participação das mulheres da Comunidade do Rosado/RN no evento. Elas narraram a origem, os saberes da experiência e as histórias de vida e formação. Na oportunidade, Dona Morena expôs, no Salão de Conversa 2, os artesanatos por ela produzidos: objetos de palha e almofadas de tecidos. Trouxe também fubá de milho feito no pilão, uma tradição do lugar.



**FOTO 9:** Participação das Mulheres da Comunidade do Rosado/RN no IV Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas.

**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (20/09/2017).

No dia 21 de setembro de 2017, pela manhã, no auditório da FAFIC, demos continuidade ao evento com uma atração cultural, seguida da formação da Mesa Redonda com o tema: *Memória e História em Mosaicos de mim*. À tarde, tivemos mais dois Salões de Conversa: 3) Por entre lugares e sujeitos de Memórias: o que foi de mim, como foi de mim? - Sujeitos de/na/com a rua; 4) Por entre lugares e sujeitos de Memórias: o que deixou de ser de mim, o que pode vir a ser de mim? - Terceira Idade. Os Salões, realizados na Faculdade de Educação (FE), campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), encerraram o evento.

Feita essa apresentação, aproveitei o momento para expressar a importância das quatro edições dos Seminários de Narrativas (Auto)Biográficas, eventos ricos em conhecimento e

aprendizagem. Neles, construí as primeiras oportunidades de ministrar Salões de Conversas. Confesso que, no início, senti um “frio na barriga”, mas, agora, externo minha satisfação em poder conviver e aprender com a Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar nesses momentos de troca de experiências.

Em todas as edições, pude trilhar novos caminhos, novas buscas, novos aprendizados. Essas experiências alimentaram e fortaleceram a proposta desta pesquisa. Todos os seminários propiciaram relações que nos permitiram conhecer e formar a nós e a outros, através da metodologia da pesquisa (auto)biográfica.

Quanto à participação dos moradores da Comunidade do Rosado/RN no IV Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas, estreitou a relação entre pesquisador e pesquisados. Como despertou um novo olhar para os participantes, ao falar da Comunidade, eles se empoderaram nos discursos e perceberam a importância que suas narrativas tem para a universidade. Apresentar no IV seminário os hábitos, as rotinas, os saberes e fazeres do cotidiano na comunidade marcou para os moradores participantes um momento de aprendizagem.

O trabalho dissertativo deixa registrada a contribuição das narrativas das histórias de vida, dos saberes da experiência de homens e mulheres do mar da Comunidade do Rosado/RN. Em suas páginas, ficará o registro escrito desses saberes, tanto para a comunidade do Rosado como para a comunidade acadêmica.

### **3.3 Nas redes das narrativas de homens e mulheres pescadores: do mar às lições, dos saberes à formação**

No velejar pelas histórias de vida, serão conhecidos agora os saberes da experiência à formação dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. No local, as tradições e os costumes herdados de seus antepassados ainda estão muito presentes em suas formas de convívio, mesmo diante do advento das tecnologias. Isso demonstra que existe uma relação harmoniosa entre os povos do mar.

Segundo Diegues (1995) a atividade pesqueira deu origem a inúmeras culturas litorâneas regionais ligadas à pesca uma forte atividade econômica, na Comunidade do Rosado/RN, que faz parte de suas tradições, passada de geração a geração. O valor da pesca, seu hábito estão enraizados na cultura brasileira. No país, o litoral tem cerca de 7.491 Km<sup>2</sup> de extensão que compõem a faixa litorânea banhada pelo Oceano Atlântico. Segundo Araújo

(2002), o litoral do Estado do Rio Grande do Norte (RN) se estende por aproximadamente 400 km. Tem um total de 25 municípios ao longo desta extensão, compreendendo mais de 82 comunidades litorâneas. Porto do Mangue se enquadra neste número e tem cerca de 20 km<sup>2</sup> de área litorânea (CEPENE, 2008).

Nessa pesquisa, os moradores da Comunidade do Rosado/RN de povos do mar são os habitantes das áreas litorâneas. Diegues (1998), um estudioso da cultura marítima, conceitua povos do mar a partir da compreensão das relações simbólicas, mágicas e rituais de que se reveste, em muitas culturas marítimas, a relação homem/mar. Esses aspectos simbólicos variam de cultura para cultura. Nesta pesquisa, a expressão povos do mar é usada não para dar destaque àqueles que vivem no/com mar, exclusivamente, mas a todos os atores sociais que pertencem e dividem os múltiplos espaços de saberes da experiência na comunidade.

Em seus estudos, Diegues (1995) diferencia sociedade dos pescadores e sociedade camponesa, apesar de ambas estarem inseridas na pequena produção mercantil. O autor ressalta uma particularidade da gente do mar, seu modo de vida específico, marcado por práticas sociais e culturais diferenciadas das camponesas. Na Comunidade do Rosado/RN existe essa diferença entre as duas formas de organização social, cada uma com suas características distintas no seu modo de fazer e agir.

As narrativas de moradores da Comunidade do Rosado/RN ressaltam a relação entre as atividades de quem trabalha no mar e no campo. O morador Neneu é um exemplo na comunidade, trabalhou tanto na pesca como no campo. Em suas narrativas, explicou que dedicou muito tempo de sua vida ao trabalho da pesca. Nas horas vagas, tirava um tempo para fazer as atividades do campo. Hoje, está aposentado e continua a trabalhar na agricultura.

Assim como Neneu, os povos do mar da Comunidade do Rosado/RN aprendem com/no mar, na praia, no alto-mar; com/no campo, na convivência com a natureza, com seus companheiros de trabalho, com seus pais e filhos. Em meio ao vai e vem do balanço do mar da Comunidade do Rosado/RN surgiram algumas questões: *quais saberes da experiência dos povos do mar são praticados, no dia a dia, para a construção da sua formação? Quais as dificuldades que os povos do mar relatam sobre a vida com/no mar?* Essas e outras questões convidam a navegar nas histórias de vida dos povos do mar da Comunidade, que vive do mar e do campo, a partir de experiências cotidianas de homens comuns, do trabalho da pesca e do campo, bem como do desejo coletivo e individual, das rotinas locais, do lazer e da família, dos sentimentos e, por último, do pertencimento do lugar.

As histórias de vida dos povos do mar, escritas nestas páginas, são fruto das narrativas à luz da pesquisa (auto)biográfica. A palavra biográfica pode ser considerada, segundo Delory-Momberger (2008b), como o lugar da constituição de um sujeito psicológico e histórico, face às restrições e às percepções coletivas. A partir do espaço sócio-histórico da Comunidade do Rosado/RN, nasceram as narrativas de quem viveu e vive do mar e do campo para a construção da formação de si. Conforme explica Josso (2010b, p.414):

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.

A vida entre o mar e a terra tem seus desafios, por essa razão, cabe a seguinte indagação: *como os povos do mar organizam e produzem seus meios de sobrevivência em função de suas relações com a natureza?* A resposta é a partir de sintonias que os habilitam ao manuseio e à utilização com o meio ambiente e as experiências históricas ali vivenciadas (CARDOSO, 2015). Em outras palavras, a dinâmica da vida dos povos do mar é moldada por determinados ritmos articulados pela memória individual e coletiva. Conforme afirma Halbwachs (1990), os indivíduos utilizam imagens do passado como membros de grupos sociais que sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência. Esse processo permite reinventar o cotidiano e dar sentido ao modo de vida da Comunidade.

Os homens comuns da Comunidade do Rosado/RN, por meio dos saberes e fazeres, tiram do mar o seu sustento para garantir uma vida digna e de oportunidades para suas famílias. De acordo com Martins (2000), o que é proposto à vida do dia a dia do homem comum não é uma vida racionalizada, limitada, mas seus problemas, sua inconclusividade, suas dificuldades. O autor salienta que o homem comum não pode ficar de braços fechados, tem que descobrir e inventar caminhos para superar todas as diversidades da vida.

As comunidades marítimas se constituem pela prática da gente do mar num ambiente natural, marcado pelo risco, pelo perigo e pela instabilidade (DIEGUES, 1995). Essas práticas e modos de vida se constroem em relação a um meio, tanto físico quanto socialmente instável

e imprevisível. Segundo Diegues (1995), o mar, espaço de vida dos pescadores marítimos, é marcado pela fluidez das águas e de seus recursos e instabilidade contínua. Para o autor, a vida no mar é marcada não só por contingências naturais, mas por temores e medos, acidentes e naufrágios. Para melhor entendimento da rotina dos povos do mar, segue as narrativas de Neneu, com detalhes de como é a rotina do dia a dia do pescador com/no mar:

Tem que sair de uma ou duas horas da madrugada, entrar de maré afora, num barco só com uma vela, e sair para o mar. Chegar em casa de seis horas da noite ou de sete horas da noite, depende do vento, né [...]. O jovem de hoje, são pescadores, e estão pescando, mas, é com GPS<sup>24</sup>. Vou fazer um caminho por aqui, esse pessoal não tem mais esse interesse. E daqui para frente não vai ter quem ensine. Os velhos vão morrendo, vão se acabando, porque o que eles aprenderam com o GPS não vão mais querer aprender de outra forma (Narrativas de Neneu morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Para Diegues (1995), o conhecimento tradicional não é distribuído homogeneamente entre todos os pescadores, mas, em parte, é função do tempo de experiência na pesca. Quanto ao uso desses aparelhos modernos, Neneu explica que, hoje, com a tecnologia, se vê pouco barco, mas não é possível dizer que está morrendo pouca gente [...] está morrendo é mais, porque, antigamente, era a coisa mais difícil ouvir dizer que um barco de pescador virou e eles morreram [...]. Hoje, de vez em quando, temos notícias de uma tragédia que o barco virou e morreu um ou dois pescadores.

O tempo trouxe mudanças nas práticas e técnicas utilizadas nas atividades pesqueiras, exemplo é o uso do barco a motor. Corriqueiramente as pessoas também usam bateiras e jangadas a velas, transportes, que não contam com a tecnologia de novos aparelhos para facilitar e possibilitar melhorias para a pesca. A pesca artesanal serve como subsistência da comunidade do mar e como fonte de renda para a venda dos pescados. Na comunidade do Rosado/RN, boa parte de seus moradores vivem da pesca. Os homens vão para o mar e as mulheres ficam responsáveis pelos cuidados dos filhos e do lar. O morador Neneu conta que começou a pesca muito cedo, mas sempre prestava a atenção nas lições dos mais experientes da pesca, na época em que se observava a forma como os velhos faziam.

Sobre as atividades da pesca na comunidade, Neneu afirma que, hoje, ninguém quer pegar um saco de areia e colocar no ombro, porque quem vive da pesca tem que fazer isso

---

<sup>24</sup> O sistema de posicionamento global (*global positioning system*), mais conhecido pela sigla **GPS** é um aparelho moderno que recebe informação por satélite.

todos os dias. É um trabalho manual que requer muita força para arrastar o barco ao mar. Com mais de vinte anos de experiência com a pesca, Neneu explica como ocorre a rotina de um pescador no mar:

O saco é colocado para o beicho do mar, onde vai pegar a água para botar no barco. Com o saco vai fazer o lastro do barco, aí, hoje eles não querem mais uma bateira de boca aberta, eles querem uma jangada, porque a jangada protege de muita coisa, nem precisa levar muita areia, só o pessoal que vai em cima, é o próprio lastro nela. Mas, o compasso do barco à vela e de uma bateria, como a gente chama, é o de areia, porque o de areia é a experiência do pescador. Por que, depois, o pessoal colocava um bloco de cimento, o que acontecia? o barco virava e a tendência era afundar, porque o bloco estava amarrado em cima de um lado e de outro. A areia não, o barco virou, o saco desmancha, né? Ela vai embora, rasga o saco e evita de o barco descer, né isso? Antigamente era usado mais bloco de cimento dentro do barco, porque o compasso é em cima do barco, vai torcer para um lado e para o outro, para o lastro não ficar tordo. As vezes que você torcer o banco, você vai daqui até o mar, para fora, daí o lastro fica para esse lado. O banco vai para esse lado, quando é para sair de lá para cá, o lastro tem que vim. Tudo é experiência, se você achar aquele lastro para um lado, tem que ver se não vai virar, porque o vento ajuda (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Essas experiências vivenciadas, na prática, pelos pescadores, através do conhecimento comum dos mais experientes, vêm de geração a geração. Os atuais pescadores aprenderam com os seus avós e seus pais, na comunidade. Até hoje, os saberes da experiência dos pescadores mais experientes, a leitura de mundo estão sendo praticados e repassados na convivência diária de seus moradores. Como ensina Freire (1996), a leitura de mundo precede à leitura da palavra, e essa leitura, esse olhar da experiência, deve ser respeitado e repassado para os que estão começando.

Pelo exposto acima, a Comunidade do Rosado/RN pode ser considerada um lugar de representações simbólicas que nascem do imaginário e da espiritualidade. Essas representações simbólicas marcam uma convivência com o mar, no momento de fé e acreditam que há um novo dia. Revelam uma grande importância para que esses povos se legitimem como do mar, a partir de suas diversas experiências.

Na tentativa de expandir esses saberes para além do mar, os moradores foram convidados para participarem do III Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas: memórias, (auto) biografias e inclusão – a marca das memórias no corpo biográfico do outro. O evento, já detalhado no tópico página 80, 2.2 do II Capítulo desta dissertação, ocorreu nos dias 24, 25 e 26 de abril de 2017 e foi promovido pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN). O evento, convém lembrar que, no dia 25 do mês e

ano corrente, à tarde, no auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC/UEREN), os moradores Neneu, Morena e Carlinhos do Rosado, da Comunidade do Rosado/RN, participaram do Salão de Conversa 1) Um passeio pela memória purgativa na marca das memórias no corpo biográfico do Outro – pescador. Nesse Salão de Conversa, os moradores narraram suas histórias de vida, falaram da origem, da formação e dos saberes da experiência na comunidade. Na oportunidade, mostraram ainda os artesanatos por eles construídos.

O participante e sujeito da pesquisa, Carlinhos do Rosado, traz, em suas narrativas, exemplos de experiências dos pescadores da Comunidade, e sintetiza dizendo:

Tem pescadores na nossa comunidade que não sabem escrever o nome, mas quando chega um barco com 600 km de lagosta, e se tiver um pescador ou com dez pescadores, ele abaixa a cabeça e faz rapidamente uma conta que nem calculadora e nem computador do mundo faz mais rápido do que ele. Tem outro pescador, que é irmão dele, que olha para a lua e consegue dizer as tabuas da maré. (Narrativas de Carlinhos do Rosado, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 25/04/2017).

Existem muitos exemplos do conhecimento do senso comum das comunidades do mar. Segundo Maldonado (1988), o conhecimento das artes de pesca surgem e se desenvolvem num espaço físico e de práticas culturais que moldam a visão de mundo e o modo de vida das comunidades de pescadores. Esse conhecimento é feito de diferentes maneiras. Nas narrativas Neneu ressaltam, por exemplo, que os pescadores mais velhos têm muitos conhecimentos e saberes desconhecidos pelos jovens da Comunidade do Rosado/RN, mas que podem ser repassados. Diz o morador:

O pescador de pé no chão, que conhece a rede de três margem, [...] sabe que a linha tem que ser preta. Aí, como eles fazem a linha ficar preta, colocando a tinta, e o que é essa tinta, era a casca do mangue, chamado de mangue sapateiro. Colocava de molho por dois ou três dias. Tem um período que coloca ele de molho para ficar bem forte. Colocava a rede toda piada em cima de uma tabua, tinha que ficar em duas ou em três horas, tinha que aguardar para ir conservando. Daí você tinha que fazer todo final de semana, fazer isso de novo, colocar o três Marge e passar a tinta para ficar escuro e conservar o fio (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Os espaços de saberes na comunidade também são uma escola. Segundo Brandão (2007), são diversas as formas de educação que aprendemos e praticamos, até que elas se

reproduzam entre todos os que ensinam e aprendem em diversos lugares. Nas narrativas se percebe que, na Comunidade do Rosado/RN, existe um compartilhamento desses saberes da experiência com os pares, que aprendem a conhecer, a fazer, a viver com os outros, a ser. Isso confirma o pensamento de Brandão (2007, p.10), que “da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender”.

Nessas relações sociais com o outro, na vida em sociedade, a educação acontece com quem vivemos, aprendemos e ensinamos. Conforme Brandão (2007, p.10), “[...] a educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. O autor expressa as diversas formas de educação, nos diferentes espaços de saberes. Confirmamos essa ideia as narrativas de Neneu, ao contar as experiências que aprendeu quando pescava e relatar que aprendeu com os pescadores mais velhos. No trecho a seguir, o morador dá outro exemplo das lições dos mais experientes sobre as atividades da pesca na comunidade.

A gente fazia tudo isso, mas o três margem só pegava peixe, não pegava camarão. Tinha demais camarão, mas só pegava peixe. Por que só pegava peixe? Porque o nylon era grosso e o camarão não se enganchava nele. Para pegar camarão, tinha que ser com a linha branca, para o camarão não perceber. Na época dos meus tios, era assim, eles pegavam o nylon e faziam a linha. Eles mesmos faziam e torcia no carretel e busca o olho do cajueiro, aquela folha bem vermelhinha que tinha no cajueiro. Colocava na mão para passar na linha de um pau para o outro, e passava na linha para pegar camurupim. Fala ramos, quantos ramos, que era as pecinhas finas, vamos dizer que era um nylon de duzentos ramos, para colocar para a linha ficar grossinha para pegar o Ipu. O Ipu é aquele que amarra o anzol, porque o anzol não é amarrado na ponta da linha, é amarrado no Ipu. Ele pegava aqueles fios, tinha velhos pescadores que puxava os cabelos das penas todinho, porque eles encerrava as três perninhas. Para elas se emendar uma na outra puxava as perninhas, depois pegavam as três, se união, e amarravam no Ipu, para pescar o peixe maior, o camurupim. Tinha muito nessa pedras (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

As narrativas dos saberes da experiência de Neneu mostram muito conhecimento na arte de pescar, experiências enriquecedoras para serem registradas em textos, para serem lidas pelas futuras gerações da comunidade. Em conversa com Dona Morena, mulher sabia e entusiasmada com a vida na comunidade, também lhe foi questionado sobre a sua vida com/no mar. As perguntas foram: *quais as lições que aprendeu com/no mar? Quais saberes foram ensinados pelos seus pais?* Dona Morena relata que na época em que seu pai pescava

era um tempo muito difícil. Os ensinamentos eram baseados pelos saberes que aprenderam com os mais velhos e as orientações eram através do sol, lua e vento, era as formas que usavam no dia a dia, nas atividades da pesca. Dona Morena acrescenta:

Hoje, a maior parte tem um motorzinho. E na época do meu pai era só o vento, Jesus e o pano da baterá, um tipo de embarcaçõzinha [...]. Tinha que remar pra ir e pra voltar. Quando o vento alisava, chegavam em casa já de noite. Tudo isso era porque precisava do peixe para sobreviver e para vender. Suas atividades, meu pai não queria passar para nós, ele queria que a gente estudasse. Ele, como nosso pai, queria que a gente estudasse para a gente não passar o que ele estava passando. E o que vinha passando, ele já entendia, mesmo sem ter estudo (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

A rotina com/no mar, baseava-se na busca pela sobrevivência, os pescadores saem muito cedo para a maré, em barcos pequenos movidos a vela, conhecidos como bateiras, era um trabalho braçal, chegavam para casa a noite. Sem o uso do GPS, os pescadores voltavam pelo caminho marcado, pelo conhecimento comum. Dona Morena explica que a primeira vez que foi para o mar pescar foi por necessidade mesmo. Relata:

O pessoal pescava de três margem aqui, pegava muita sardinha. Naquele tempo, chamava remessa. Pegavam muitas. Aquelas pessoas se chamavam de remesseiros. Como a gente era pequeno não puxava os três margem, mas, ficava catando as sardinhas pequenininhas, por necessidade mesmo. A gente juntava e tratava. Quando terminava os três margem, a gente ia para os ranchos entregar e vender. Com aquele dinheiro, era para comprar as nossas coisinhas. Depois que passava a época dos três margem, que só é no tempo que está chovendo, aqui, no tempo do inverno, o que dá é camarão. Eles pescava para vender o peixe e vender o camarão, e a gente ia pra lá, para ganhar o dinheiro com a remessa (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Do mar às lições, dos saberes à formação, com/no mar os pescadores encontram grandes desafios. Para cada desafio uma superação. Os pescadores aprendem com/no mar, aprendem com as lições transmitidas de pais para filhos. Desde muito tempo até os dias de hoje, essas vivências vêm contribuindo para a formação do cotidiano. Com o tempo, a pesca e sujeitos estabelecem lações. Dona Morena conta que já pescou de “três margem”<sup>25</sup> com seu

---

<sup>25</sup> A pesca de “três margem” é mais conhecida como a pesca de arrasto, as redes são lançadas no mar, possuem chumbo, para ter peso suficiente para arrastar a pesca; duas portas de madeira ficam presas nas laterais da rede, para impedir que os animais presos se soltem, as redes são arrastadas de duas a quatro horas até serem recolhidas.

pai. Esse tipo de pesca requer muita força, é pouco praticada por mulheres. Dona Morena explica como foi sua experiência em trabalhar de três margem:

Neste dia faltou um pescador. Quer saber de uma coisa? Papai eu vou também. Pesquei uma semana, mas, é muito ruim para mulher amarrar uma corda na cintura e puxar antando de costa, tem que ter força. Eu fui, não por boniteza, fui porque estava precisando e fiz uma tentativa. Não gostei! Aqui, a gente tira muita taioba, tanto para comer como para vender. Era uma forma de sobrevivência mesmo, pela necessidade mesmo. Tirávamos baldes e baldes de taioba. É uma comida muito deliciosa. Os jovens aprendem pela necessidade, não tem outra forma de sobrevivência, não tem outro ganho a não ser pescaria, principalmente na época da lagosta, eles vão mesmo, fazem pesqueiros, vão porque gostam e também para ter uma renda [...](Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

O relato de Dona Morena revela que o mar é uma forma de sobrevivência para a Comunidade do Rosado/RN. Da pesca os pescadores tiram o sustento para manter sua família. Na comunidade, os moradores aprendem com os seus pais, avós, tios, primos e com os irmãos mais velhos. Esses saberes da experiência com/no mar vão sendo passados de geração para geração. Dona Morena cita exemplos de saberes da experiência praticados pelos pescadores da comunidade, e diz:

Eles se baseiam pela lua, pelo sol. De acordo com a lua, eles sabem que horas vão sair para o mar. Quando a lua sair estará com um quarto de vazante. Quando o sol se por, a maré estará com um quarto de vazante. Todo esse conhecimento pela natureza, pela vivência, aqui ainda se mantém essa tradição e vão passando uns para os outros. Tudo isso ainda se pratica, por exemplo, se forem pro mar, fazem o caminho, para ida e para a volta, pelo pesqueiro, pelo um pé de árvore. Pelo um pé de coqueiro bem alto faz o caminho, faz o assento, eles ainda fazem tudo isso para não se perderem, mesmo usando o GPS. Muitos ainda faz da forma antiga, colocam uma vara com um pano para, lá do mar, eles verem, pelas pedras. Quando eles chegam naquele lugar jogam a rede bem em cima e pega os peixes. São experiências que até hoje eles usam muito [...](Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Conforme se viu nas narrativas acima, as rotinas da pesca ainda permanecem vivas no seu dia a dia. O pescador sai bem cedo para pescar e mede o tempo cronológico baseado pelos elementos naturais, tais como: o nascer, o poente, as marés e as luas. Mesmo com o uso de novos aparelhos tecnológicos, a maioria dos pescadores que vivem da pesca na Comunidade do Rosado/RN praticam a pesca de forma artesanal e nos moldes antigos. Eles estabelecem

rotinas pelo tempo da terra. Como explica Lima (2011, p 88), “[...] o pescador sai ainda sem o raiar do sol, para pôr o seu barco na água, e as horas no mar são ditadas pelas pescarias, pois não há horário certo de se pegar o peixe e, assim, a paciência se torna uma virtude indispensável”. Esse conhecimento tradicional, segundo Diegues (1995) pode ser entendido como um conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração a geração.

Os saberes da experiência aqui narrados são ensinados tanto no mar como no campo. Segundo Josso (2010b, p 195) “[...] o sujeito que constrói sua narrativa e que reflete sobre sua dinâmica é o mesmo que vive sua vida e se orienta em cada etapa”. Na comunidade, os moradores adquirem experiências na vida e no trabalho, recebem de seus avós e seus pais ensinamentos que estão sendo repassados para os mais jovens da comunidade. Seja em casa, com os filhos, ou na convivência com outros moradores, os mais velhos estão contribuindo para a preservação de hábitos e costumes valiosos na Comunidade do Rosado/RN.

Nesse conjunto de ensinar com o outro no lugar do outro, compreendemos que na comunidade os mais velhos estão passando os saberes da experiência, ensinam em casa aos filhos, e ensinam aos outros moradores para a construção de sua formação, para Josso (2010b) a formação serve para designar realidades diferentes, mesmo se cada uma se ligue, de uma forma ou de outra, nos diferentes campos da experiência.

### **3.4 Dos saberes da experiência dos povos do mar, ficaram as lições: o que pensam os jovens da Comunidade do Rosado/RN?**

Neste momento, tem início um passeio com destino aos saberes resultantes das experiências dos mais velhos da Comunidade do Rosado/RN, para que se possa perceber como têm sido repassados para a nova geração por meio das lições de aprendizagem. Entender esses diferentes saberes é, antes de tudo, valorizar e respeitar o estilo próprio de vida de cada um do lugar.

Das relações individuais e coletivas promovidas por esses saberes da experiência nasce o diálogo dos mais velhos com os jovens da comunidade. Diante disso, brotam três questionamentos: *quais saberes frutos da experiência dos mais velhos estão sendo repassados pelos jovens da Comunidade do Rosado/RN? Como os jovens (re) significaram os saberes da*

*experiência dos mais velhos para a sua formação no cotidiano da comunidade, hoje? Será que as vozes dos mais velhos da comunidade são ouvidas e respeitadas pelos jovens, ou não?*

Na (re) construção do caminho trilhado pelos mais velhos, rumo ao encontro com os saberes por eles adquiridos, suas experiências e narrativas são elementos inseparáveis do saber e da cultura. Afinal, segundo Delory- Momberger (2008b, p. 97) “[...] tudo que é narrado e partilhado pode se constituir em elemento politizador de novas sínteses criativas e em elos que ligam os sujeitos entre si”.

É no educar, no aprender e no compartilhar com o outro que a experiência toma forma. Ela é uma ação praticada em coletividade. No lugar da experiência, os sujeitos que a adquirem atuam, participam dos acontecimentos e constroem a formação em comunidade. Esses sujeitos são como Dona Rosarinha, Neneu e Dona Morena, que têm transmitido os conhecimentos que adquiriram aos mais jovens da Comunidade do Rosado/RN.

Complemento para o sujeito ou um atributo dele, a formação em comunidade designa qualificações, ora gerais, ora específicas, relativas a saberes e ao saber-fazer, utilizáveis como tais, ou transferíveis (JOSSO, 2010b). Em outras palavras, o sujeito da experiência pode (trans)formar os outros a partir do compartilhamento dos saberes e fazeres como ação do encorajamento ou como atividades próprias deles.

Nos parágrafos subsequentes ganham destaque as vozes de dois jovens da Comunidade do Rosado/RN. Seus relatos estão relacionados às lições de aprendizagens e o aprender com o outro. Através de suas narrativas, é possível acessar a história da comunidade e conhecer sobre a origem e os acontecimentos de luta e resistência no lugar. Dos seus relatos renascem os saberes advindos das experiências dos mais velhos da comunidade, repassados de geração em geração.

As vozes desses jovens, na condição de aprendentes, dialogarão com as dos mais velhos, representados por Neneu, Dona Rosarinha e Dona Morena, que trazem uma rica bagagem de histórias de vida e saberes da experiência na comunidade. Para conduzir esse diálogo serão usadas as três questões levantadas no início deste tópico, com o objetivo de compreender a relação do ensinar e aprender.

O primeiro jovem foi batizado com o nome Escultor<sup>26</sup>. O jovem Escultor conta que o seu maior objetivo é seguir em frente na profissão de artesão. Está com 32 anos de idade e

---

<sup>26</sup> O nome fictício do jovem entrevistado citado neste tópico 3.4, é Escultor, escolhido por ele mesmo. Explicou que gosta desse nome porque se identifica muito com a arte, assim, demonstram sua identidade e pertencimento do lugar.

trabalha como servidor público municipal, na própria comunidade. Nas horas vagas, no trabalho ou em casa, ele tira tempo para esculpir suas peças de madeira. Em suas narrativas, o jovem escultor expressa o seu desejo de ser um artista profissional reconhecido, por isso é tachado com um sonhador pelos moradores da comunidade. Essas foram suas palavras:

Quero levar minha vida em frente, com a arte. Fazer dela o meu pão de cada [...]. Passar minha experiência adiante, ser conhecido nacionalmente, quem sabe? É um sonho! [...]. Aqui, na minha comunidade, gostaria de passar o que aprendi para os jovens que queiram aprender [...]. Hoje, vejo, geralmente, uns chamando a gente de louco, de doido, mais isso não me atinge, porque o que vale é o que eu sinto, o que eu sou. A beleza da gente não é para todo mundo ver, e sim para se viver, porque o que meu pai ensinou foi que a gente deve respeitar pra ser respeitado, e para quando você chegar num canto, não ter vergonha de quem você é. Não importam o que digam de você, mais o que importa é o que você é (Narrativas do jovem escultor, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 24/08/2017).

Como mencionado no tópico da página 137, *3.2 Mulheres que educam: narrativas de quem tem nas mãos a arte do saber, fazer e ser*, a Comunidade do Rosado/RN nutre de sujeitos talentosos no artesanato, que expressam arte com a habilidade das mãos. Como relataram as mulheres artesãs, exemplos de garra e perseverança, a luta para manter o artesanato vivo e admirado por todos é grande. Essa mesma queixa está registrada na narrativa acima, do jovem Escultor, quando revela o desejo de ter seu espaço de trabalho reconhecido e valorizado para expor sua arte.

Outra questão mencionada pelo jovem diz respeito ao ensinar e fazer o que aprendeu com seu pai para os jovens da comunidade. Ele afirma ficar encantado quando alguém aprende com suas lições, da mesma forma como aprendeu com seu pai.

Na sua fala, Escultor reforça o desejo de uma base de artesãos para a comunidade, um espaço para expor e vender a arte, como também para ensinar os jovens que queiram passar adiante as experiências do local, de modo que permaneçam vivas. Como se vê, os sujeitos históricos se organizam a partir das suas relações sociais e culturais e, a partir de um desejo comum, se fortalecem em comunidade para alcançar os seus objetivos de forma coletiva.

O segundo jovem escolhido para esse diálogo é, na verdade, uma jovem, conhecida por Nega. Ela tem 34 anos. Explica que esse nome foi sua irmã que lhe deu, quando ainda era pequena, e, até hoje, é chamada assim na comunidade. Ela admite: “me chamam de Nega, eu

gosto, não tem problema não”. A jovem relata, em sua narrativa, ensinamentos recebidos na tenra idade e que permanecem vivos no seu dia a dia, na comunidade. Assim se pronunciou:

Quando eu era pequena, eu gostava muito de participar da igreja que minha mãe me levava. Daí, então, fui crescendo e continuando. E, até hoje, eu estou ainda na igreja. Continuo participando das missas, das novenas, das celebrações que tem lá na igreja. Sou ministra da eucaristia, também, da igreja da nossa comunidade. Isso eu aprendi desde criança e, até hoje, ainda trago comigo (Narrativas da jovem Nega, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 24/08/2017).

As lições de aprendizagem que acompanham a vida da Jovem Nega, desde pequena, são reflexo da participação da família em sua educação. Segundo Josso (2010b), o ato de aprender acontece numa temporalidade e se desenvolve pela articulação de atividades diferenciadas. Nesse processo da convivência em família e do aprender em comunidade, Nega foi estimulada a desenvolver as etapas de sua vida.

Ao narrar outro momento vivido, ela lembra que seu pai era pescador de lagostas, em Porto do Mangue/RN. Era um pescador muito requisitado para a pesca de mergulho com o compressor. A jovem Nega explica que seu pai, com essa profissão, sustentava a família, mas comenta que ele também era agricultor, atividade que, ainda hoje, exerce. Para elucidar a questão relacionada à preservação dos saberes da experiência dos mais velhos, no sentido de estarem ou não sendo repassados para os mais jovens da comunidade, Nega explicita: “[...] meu irmão seguiu a profissão do nosso pai, de pescador. Não quis estudar. Queria ser pescador e aprendeu com o nosso pai a experiência de pescar mergulhando com o compressor”.

Conforme as narrativas de Escultor e Nega, os saberes dos mais velhos de pescar, plantar e esculpir estão sendo repassados e ensinados para os jovens. Nessa relação de ensino e aprendizagem, os saberes e ensinamentos são (re)significados para a formação desses jovens como cidadãos.

A partir de agora ganham lugar as vozes da experiência, a fim de se perceber a visão daqueles que ensinam os saberes. Entra em cena Dona Rosarinha, moradora da comunidade com 79 anos. Ela afirma que as lições e os saberes dos mais velhos estão, sim, sendo repassados para os jovens. Em complemento, justifica: “[...] por que eles estão pescando, estudando. É o que eu vejo. Se tem mais alguma coisa pior por ai, não chegou ao nosso conhecimento. Ainda estamos tranquilos aqui”.

No que se refere ao elemento respeito, na comunidade, Dona Rosarinha e Neneu, outro morador experiente, foram indagados da seguinte maneira: *os mais velhos estão sendo respeitados pelos jovens da na comunidade? E esse respeito está sendo ensinado e praticado pelos jovens da comunidade?* Dona Rosarinha narra que os jovens da comunidade respeitam os mais velhos. Ela exemplifica: “sou respeitada demais. Esse respeito é passado de pai para filhos, aqui na comunidade. Eles me chamam de tia e de vovó”. O morador Neneu apresenta a mesma opinião e complementa: “na comunidade, a gente faz de conta que o pai de um é o pai do outro”.

Na fala de Neneu fica claro que, na comunidade, há uma relação de respeito entre os membros das famílias. Um obedece ao outro e vice e versa. Em sua narrativa, o morador explica: “Eu só tenho um filho homem, mas ele nunca fez uma coisa para me responder. Eu tenho os netos. Eles trabalham. O que eu peço para eles fazerem eles fazem”.

A partir da temática de criação de filhos, surgiu a oportunidade de indagar os mais velhos sobre a educação. Foram solicitados a comparar a educação de hoje com a educação de antigamente. O morador Neneu relatada que na sua época foram tempos difíceis. Não exista escola na comunidade e a educação era para poucos. Mesmo assim, a linguagem própria construída pelos ensinamentos na comunidade foi passada de geração a geração. Havia respeito pelos mais velhos e os jovens obedeciam aos seus pais. Assim foram ensinados os moradores mais velhos da Comunidade do Rosado/RN respeitando seus pais e os mais velhos.

O morador Neneu ressalta que, antigamente, na comunidade, os jovens tinham que pedir a benção aos mais velhos, mesmo que não fossem seus parentes. E se tivesse dois homens conversando, não podiam passar no meio da conversa, era melhor arrodar. Essas formas de respeito, segundo Neneu, estão sendo praticadas na comunidade até hoje.

Dona Morena, mais uma voz da experiência, conta que os jovens da comunidade do Rosado/RN estão preservando e praticando o respeito pelos mais velhos. Ela cita o exemplo de seu sobrinho, criado pelos seus pais. Em suas palavras: “ele respeita muito os meus pais e prática o que aprendeu com eles. O que ele aprendeu com os meus pais, ele traz para a vivência e para o dia a dia dele”. Por intermédio das narrativas dos moradores mais experientes, é possível perceber que os jovens da comunidade mantêm a tradição do respeito pelos mais velhos. Eles escutam e aprendem com seus exemplos. Dessa maneira, os costumes da comunidade estão sendo preservados e valorizados pelos seus moradores.

Como toda vivência é marcada por bons e maus momentos, da memória dos mais velhos é resgatada a lembrança da morte de um pescador em decorrência da resistência que aconteceu na Comunidade do Rosado/RN, em 1991. Com base nessas informações, os jovens entrevistados foram indagados: *os mais velhos repassam aos mais jovens a história da resistência e luta que aconteceu, em 1991, na comunidade? A escola ensina aos alunos sobre a resistência e luta que aconteceu na comunidade no ano de 1991?*

Em resposta às perguntas acima descritas, o jovem Escultor afirma que, na comunidade, tanto os valores quanto a história são repassados pelos mais velhos. Ele continua:

Eu aprendi com os mais velhos o que a gente passou aqui. Hoje, a gente passa para outro [...]. O sufoco que a gente passou, eu vivenciei, tinha sete anos na época [...]. Na luta, perdemos um irmão, mas hoje é contado para a gente e a gente passa adiante. E eu passo pros meus filhos [...]. Aqui no Rosado tem muita gente que passa pros netos, pros filhos, e conta a história. Um dos que eu vejo que conta muito a história é Neneu. Passa e toca muito nessa tecla [...]. Passamos por uma época, aqui, que até a água para a gente pegar tinha que pedir licença, a gente sendo morador daqui [...]. Foi uma luta grande [...] (Narrativas do jovem escultor morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 24/08/2017).

O jovem Escultor relatar o conhecimento sobre o conflito que houve na comunidade na década de 1990. O jovem era pequeno na época, hoje, tem a consciência de repassar o que ele aprendeu com os moradores que participaram do movimento. Conforme as narrativas do jovem Escultor a comunidade vive hoje um momentos de liberdade, graças a luta e a mobilização em defesa das terras naquele período. E a jovem Nega conta que quando aconteceu esse conflito na comunidade ela tinha oito anos. Afirma pouco se lembrar do que aconteceu. Hoje, a história que eles sabem são contadas pelos mais velhos da comunidade.

Nega explica:

[...] Mas, sempre ouvia a história dos mais velhos, das pessoas que participaram. Contam, também, do meu pai, que foi uma pessoa assim, que nunca se intimidou [...], que foi ameaçado por causa dessa luta que eles tiveram, para estar aqui até hoje. Essa luta ainda continua aqui, porque não somos donos dessas terras. Essas terras pertencem ao governo do estado. Ninguém aqui tem o título dessas terras, ninguém aqui é dono. Nós ainda, até hoje, estamos nessa luta (Narrativas da jovem Nega, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 24/08/2017).

A jovem Nega construiu o conhecimento sobre o conflito na comunidade que culminou a morte de um morador, da mesma forma do jovem escultor, através dos ensinamentos dos mais velhos. Nas narrativas da jovem Nega os moradores da comunidade só irão se tranquilizarem, quando de fato, receberem a titulação das terras e forem donos. Até hoje, os moradores estão aguardando essa titulação e documentação. A única garantia que os moradores tem é uma concessão para mais vinte anos de uso das terras.

Os moradores da Comunidade do Rosado/RN, no período do conflito, viveram momentos difíceis. Hoje, lutam pela posse da terra. Em 2013, receberam do Governo do Estado do RN uma concessão de terra para mais vinte anos. Nas narrativas de Nega e Escultor, eles contam que, no período do conflito, na comunidade, eram ainda crianças. Mesmo assim, (re)construíram toda a história, com a ajuda dos mais velhos, tomaram conhecimento da resistência na comunidade, porque estes sim viveram esse momento. Essa história, segundo as narrativas dos moradores, transmitidas de pai para filhos e de avós para netos, ou seja, de geração em geração.

No ano de 2016, a Comunidade do Rosado/RN comemorou 25 anos da morte do pescador Sebastião Andrade, que lutou pelo direito à terra. Os detalhes da história estão no tópico 2.3, na página 103 deste trabalho, intitulado *Somos mais fortes em comunidade: narrativas e empoderamento de resistência e luta do lugar*.

A jovem Nega relata que, no ano passado, uma equipe da Comissão de Justiça e Paz de Macau/RN decidiu apoiar e ajudar a manter viva essa história da Comunidade do Rosado/RN, através de palestras na escola e na Associação da Comunidade do Rosado/RN. Dona Rosarinha confirma o desejo da comunidade em preservar essa história ao contar que sua filha, uma professora, ensina, na escola, a história da comunidade para os seus alunos, explicando sobre o conflito que aconteceu no Rosado.

A jovem Nega acrescenta que, na escola, essa história é transmitida e ensinada para os alunos. Ela acredita que, através dos ensinamentos das professoras da comunidade, esses alunos devem ser conhecedores da história do lugar e da resistência e luta dos seus moradores. Ela reforça ainda que aos alunos deve ser ensinada essa história explicando que: “nós não estamos aqui à toa, nós estamos aqui é porque nós lutamos e um irmão nosso deu seu sangue. Então, não vamos desistir da nossa comunidade, vamos lutar para que possamos continuar nela”.

Com entusiasmo, Nega finaliza sua fala com estas palavras: “um dia a gente lutar para que cada um tenha o título de sua terra; que cada um possa ser o dono da sua terra; e cada um tenha o seu pedaço de chão”. Nas narrativas de Nega, a transmissão do sentimento de pertença que se constrói pelo conhecimento da história do grupo e do sentimento de identidade construído pelos traços de sua identidade original, que alimenta uma comunidade singular e plural.

Dando ênfase aos saberes da experiência na comunidade, foram lançadas duas questões: *os mais velhos estão passando seus saberes para os mais jovens? E os mais jovens estão tendo o interesse em aprender?* Diante dessas questões, é necessário destacar que, na comunidade, os moradores praticam duas importantes atividades: agricultura e a pesca. Dona Morena relata que os jovens vão para a vazante, limpam a terra para plantar e querem conhecer como lidar com essa atividade, Isso eles aprendem com os mais experientes da comunidade.

Segundo as narrativas de Dona Morena, os jovens da comunidade têm o interesse de aprender com os mais velhos, sendo estabelecida, a relação do ensinar e do aprender. A moradora explica: “esse ensinamento ainda tem na nossa comunidade, e espero que continue por muito tempo, para não deixar morrer a nossa cultura”.

A jovem Nega, por sua vez, relata que aprendeu a trabalhar na agricultura com o auxílio dos ensinamentos dos seus pais. Ela explica que quando o seu pai plantava no roçado, juntava várias pessoas da comunidade para fazer a colheita de milho, feijão, melancia. A jovem lembra: “quando era na época do caju, tinha uma tia que morava lá nos lotes [...]. A gente ia quando era no tempo da colheita, apanhava caju e castanha”. A jovem Nega conta que, na comunidade, ainda tem jovens que praticam os saberes da experiência dos mais velhos. E complementa:

[...] Muitos jovens ainda vão para a pesca, mais também alguns pescam e estudam. Pescam pelo dia e estudam a noite. Mas, muitos também já estão indo em busca de estudar para se formar e, no futuro, ter outra profissão, não só a profissão de pescador, mas também ter outra profissão [...]. Muitos pescam pela sobrevivência, porque, no tempo da lagosta, é o tempo que eles vão mais pescar [...]. Porque estão precisando de dinheiro e a família não pode dar o que eles precisam, aí eles vão pescar, mas pesca pelo dia e durante a noite vão estudar. Estão fazendo as duas coisas, indo em busca de algo melhor para a vida de cada um (Narrativas da jovem Nega, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 24/08/2017).

Nas narrativas acima, que os saberes da experiência dos moradores da Comunidade do Rosado/RN são transmitidos e ensinados para os jovens, estabelecendo uma relação de aprende com o outro no lugar do outro. Para os jovens, a pesca na comunidade se caracteriza como uma forma de sobrevivência como também para adquirir aquilo que os pais não podem lhes dar. Dona Morena confirma esses fatos ao relatar: “tem alguns jovens que não querem fazer essas atividades, querem apenas estudar”.

O jovem Escultor acrescenta que, hoje, na comunidade, tem uma minoria de jovens que querem seguir o ramo da pesca, porque a maior parte quer estudar, para seguir uma profissão com trabalho remunerado, e não querem seguir o ramo de pescaria porque é uma atividade mais difícil. No que se refere à prática do artesanato, Dona Morena, de 54 anos, relata: “estou pronta para ensinar a qualquer um da comunidade que queira aprender, que tem interesse de aprender, posso ensinar o que eu sei”. Dona Morena externa que, até hoje, tem desejo de aprender, e tem o mesmo respeito de escutar os mais velhos, não só os seus pais, mas qualquer um da comunidade.

O jovem Escultor relata sobre os saberes da experiência que aprendeu no cotidiano na comunidade e lembra que, aos seus 13 anos, na comunidade, “a água não era encanada, carregava em jumento, e a luz era lamparina. E nem por isso a gente deixou de seguir adiante com o respeito que nossos pais ensinavam”. O jovem explica como construiu os saberes da experiência na arte de esculturas:

Hoje eu tenho o dom da arte de fazer escultura. [...] essa experiência eu ganhei na minha vida, com meu pai. Foi o que me valeu à pena [...]. Deus já levou meu pai, mas ele deixou eu cheio de experiência, respeito. Foi o que ele me passou como pescador, ele pescava. Eu aprendi a pescar com ele. Ele também fazia um pouco de escultura, eu aprendi um pouco com ele. Hoje, eu tenho a escultura mais detalhada porque eu fui praticando e me aperfeiçoando. E, hoje, eu faço uma escultura bem bonita, mas eu agradeço muito a ele [...] (Narrativas do jovem Escultor, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 24/08/2017).

O jovem Escultor explica que aprendeu a arte de esculpir, ao observar seu pai, também escultor a fazer pés, peito e mãos de madeira, objetos utilizados pelas pessoas da comunidade para pagarem suas promessas. No início, o jovem fazia esculturas pequenas, hoje, ele as faz maiores e bem interessantes, como esculturas de macaco e de casais.

Escultor é um exemplo de como os jovens da comunidade têm grandes oportunidades de aprender com os mais velhos, seja o manejo da pesca, o cuidar da terra, a agricultura ou as habilidades do artesanato. Essas atividades — praticadas na comunidade como meio de

adquirir renda para ajudar nas despesas das famílias — podem ser exploradas pelos jovens através dos saberes da experiência dos mais velhos do Rosado.

Atualmente, os jovens da comunidade estão divididos entre as atividades locais e os estudos, pois entendem que seguir os passos dos mais velhos é respeitar e valorizar os costumes e as tradições. A experiência relatada por Escultor demonstra, que os saberes dos mais antigos da comunidade estão sendo passados às gerações posteriores e contribuindo para sua formação. Ele enfatiza: “Cresci um pouquinho e tenho muito para aprender e levar a minha profissão adiante, como pescador. Eu aprendi, não só com o meu pai, mas com os pescadores experientes da comunidade”.

O jovem Escultor relembra como construiu a profissão de pescador desde o início, sendo instruído dia a dia, na convivência com o outro na comunidade. Ele explica:

Eu aprendi na pescaria. Foi através de seu Cicero Cosmo, um senhor daqui do Rosado que, hoje, tem uns setenta e poucos anos, aposentado. Ele pescava, na época, bem perto da costa, e eu queria aprender a pescar de qualquer forma. Aí eu fugia de casa, sem que minha mãe visse. Eu tinha, na época, 10 anos. Minha mãe não deixava eu ir, mais eu fugia. Até que fui aprendendo [...]. Fui pegando amizade com os filhos dele e a gente foi crescendo um pouquinho e passando a pescar junto, eu e o Artur Cosmo, que, hoje, ainda continua pescando. E eu, aqui e acolá, ainda vou. Fomos pescando e, com o passar do tempo, fomos arriscando a mergulhar, a pescar mais distante. E eu passei a me arriscar a mergulhar, e fui aprendendo. E hoje mergulho, pego peixe, lagosta, tudo mergulhando [...] (Narrativas do jovem Escultor, morador da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 24/08/2017).

Nas narrativas dos mais velhos e dos jovens da comunidade, os saberes da experiência são compartilhados pelos moradores mais velhos aos jovens desejosos de aprender. Nessa troca de saberes da experiência com o outro, é construída a formação. Segundo Josso (2010b), a formação se distingue de duas formas: como um processo de mudança; e como projeto, produção de sua vida e de seu sentido. Ambos são importantes para que os jovens da comunidade, através da aprendizagem, desenvolvam e desempenhem um papel decisivo em sua formação. Os jovens devem encarar os desafios, e estabelecerem metas para os futuros projetos que terão pela frente. Na Comunidade os jovens aprendem com os saberes da experiência com o outro, mas aprendem também com a paixão pelo conhecimento, com a pesca, a agricultura e o artesanato. Aprendem com a família, pelas tradições passadas de pais para filhos, mesmo que, no futuro, eles não queiram seguir os fazeres da comunidade.

O exemplo do jovem Escultor permite que o aprendizado dos saberes na comunidade têm uma continuidade, graças ao costume e tradição de compartilhar as experiências dos mais velhos aos mais jovens. Escultor expressa uma paixão pelo que faz e é com esse sentimento que se constrói a experiência. O jovem explica que “os valores que a gente aprende não é só da gente, é pra gente passar adiante, porque, se você achou bom que alguém lhe ensinou, ensine para alguém, porque uma coisa só fica boa quando a gente divide com os outros”. Essa reflexão do jovem mostra a construção de uma formação a partir do que aprendeu com os mais velhos.

A jovem Nega externa a importância da comunidade para sua vida. Ela diz: “eu amo morar nessa comunidade. Desde que nasci moro nela e me orgulho da minha comunidade”. No Rosado/RN os moradores já passaram por momentos difíceis, mas, hoje, conforme os relatos dos moradores, é um lugar tranquilo de morar.

No que diz respeito à formação escolar, o jovem Escultor concluiu o Ensino Médio e dedica seu tempo para fazer suas esculturas. Já a Jovem Nega terminou o Ensino Médio, o ensino superior em Pedagogia e faz Pós-Graduação em Psicopedagogia. Na opinião da jovem, “devemos se formar e aprender novos conhecimentos e trazer esses saberes para dentro da nossa comunidade. Nós temos que correr em busca dessas oportunidades, para quando precisar de profissionais capacitados, que seja da nossa comunidade”.

Existem, na comunidade, outros jovens que estão concluindo o ensino superior em Pedagogia, Geografia e História. Alguns já se formaram em Direito, Pedagogia e Gestão Ambiental e estão trabalhando na própria comunidade. Esses jovens são a prova do que Freire (1987) explica ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos, por intermédio do mundo, com um ser que busca a construção da formação e está em constante transformação.

Neste tópico 3.4 *Dos saberes da experiência dos povos do mar, ficaram as lições: o que pensam os jovens da Comunidade do Rosado/RN?* Identificamos por meio das narrativas dos dois jovens da Comunidade do Rosado/RN que, as lições de aprendizagem dos mais velhos através dos saberes da experiência, estão sendo repassados para os mais jovens. Esses saberes da experiência, tais como: pescar, plantar, esculpir, rezar e costurar devem permanecer na comunidade, de modo que os próprios jovens aprendam e compartilhem uns com os outros em coletividade.

Nos parágrafos seguintes, desse tópico, apresentaremos um diálogo de uma aula de campo realizada no dia 05 de agosto de 2017. Participaram dessa atividade moradores da comunidade e sujeitos da pesquisa, a professora orientadora desta pesquisa, Profa. Ana Lúcia Aguiar, e cinco mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), à Comunidade do Rosado/RN.

Os escritos narrados na Roda de Conversa<sup>27</sup>, cuja temática: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN, serão um caminho para uma viagem no tempo, passando por lugares e acontecimentos que, marcaram a memória dos povos do lugar. O objetivo desse encontro nos permitiu conhecer os sujeitos da pesquisa, na intenção de realizar novas leituras de mundo e espaços para a diversidade e inclusão em contextos locais. Registrados nas memórias e nas páginas desta pesquisa, esses relatos revelam o encontro com o outro no lugar do outro.

Sáimos de Mossoró/RN, na data citada acima, às 6h, com destino à Comunidade do Rosado, distrito de Porto do Mangue/RN, aproximadamente a 92 km<sup>2</sup> de distância de Mossoró/RN. Chegamos na Praia do Rosado por volta de 9h. Um lugar paradisíaco, “lindo de se ver”. Começamos nosso roteiro fazendo uma visita à casa de Dona Rosarinha, onde fomos muito bem recebidos. Dona Rosarinha é uma senhora encantadora.

Na nossa Roda de Conversa com a moradora Dona Rosarinha, a Profa. Ana Lúcia Aguiar apresentou nosso grupo. Em seguida, teve início um diálogo com base nas narrativas de Dona Rosarinha. Ela relatou sua história de vida e experiências vivenciadas na comunidade. Explicou que chegou na Comunidade do Rosado/RN em 1958, quando tinha 18 anos. Nascida na Ponta do Mel, descreve que o lugar era deserto e tinha poucas casas. Disse que não estava feliz na comunidade e queria abrir uma escolinha na sua casa, para trabalhar como professora. Ela afirmou que tem quatro filhos, dois homens e duas mulheres, depois explicou como conheceu seu esposo. Hoje está viúva.

Dona Rosarinha narrou suas experiências na educação. Falou que começou a trabalhar pela colônia dos pescadores. Na época, ensinava no Mobral. Contou que viajava para participar das capacitações em Natal/RN e que começou a trabalhar como professora na comunidade por intermédio de um senhor que veio à comunidade tirar fotos, era um fotógrafo. Ele perguntou por que havia tantas crianças na casa de Dona Rosarinha e ela

---

<sup>27</sup> A Roda de Conversa foi utilizada como um meio para estabelecer o diálogo entre moradores da comunidade, sujeitos desta pesquisa, e pesquisadores do Programa de Mestrado (POSEDUC/UERN).

respondeu que era porque ensinava esses meninos a ler e a escrever. O fotógrafo se comoveu com sua bela atitude e disse que iria ajudá-la. Ele bateu, então, fotos dos meninos e depois trouxe as imagens reveladas.

Dez dias depois, Dona Rosarinha recebeu a visita do prefeito de Carnaúbas/RN, reconhecendo o seu trabalho na comunidade e lhe oferecendo um emprego de professora. A partir daí ela não parou mais, continuou a vida. A história dessa mulher representa muito bem o que afirma Delory Momberger (2008b, p. 99): “as histórias de vida se situam, deliberadamente, do lado do processo de mudança global da pessoa e da relação do formando com o saber e com a formação”.

Após a visita à casa de Dona Rosarinha, o grupo se dirigiu à residência de Dona Morena. Lá encontramos Neneu, que nos levou para conhecer o EcoPosto, uma base de conservação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA/RN) na comunidade. No caminho, visitamos as Dunas do Rosado, uma paisagem deslumbrante. Depois de contemplamos as belezas naturais do lugar, nos dirigimos para o EcoPosto. Ao chegarmos fomos recebidos pelos funcionários, que nos conduziram ao museu de arqueologia do Rosado, onde observamos manchetes de jornais sobre a história do lugar e objetos fabricados pelos próprios moradores.

Em seguida, nos dirigimos para o auditório, onde a Profa. Ana Lúcia Aguiar explanou o objetivo da nossa visita a Neneu, que nos acompanhava, e Railson, um jovem da comunidade. A professora apresentou a nossa equipe da universidade e proferiu uma palestra. No início de sua fala, explicou toda a estrutura da UERN e os cursos que a instituição oferece. Na continuação, esclareceu aos moradores os níveis de formação dos cinco mestrados. A professora explicou que, está orientado quatorze alunos no mestrado, com pesquisa. Falou também da importância de entender a diversidade nos locais plurais e enfatizou que, temos pesquisa e trabalhos com: quilombolas, povos do mar, marisqueiras, rendeiras, pescadores, camponeses e povos do campo. Todos esses são espaços de diferentes saberes. Relatou ainda que fizemos viagens nacionais e internacionais, no intuito de apresentar os nossos trabalhos de pesquisas.

Nesse diálogo, a professora explicou o objetivo do nosso trabalho de pesquisa e relatou que estamos escrevendo o trabalho sobre a Comunidade do Rosado/RN, em nível de mestrado. Ela comentou que, o trabalho realizado por Dona Rosarinha é louvável, pois preserva as cantigas do passado.

Para finalizar a Roda de Conversa no EcoPosto, a professora falou um pouco da sua formação. Pontuou que, no doutorado deu continuidade ao trabalho realizado no mestrado, sobre o Movimento de Pau de Colher. No Pós-Doutorado realizou uma pesquisa sobre a Política de Inclusão da UERN. Encerrou sua fala dizendo sobre a importância da visibilidade da referida política no contexto da região potiguar.

À tarde, nos reunimos novamente e formamos outro momento para a Roda de Conversa, desta vez no alpendre da casa de Dona Morena, com a participação de Dona Rosarinha, Neneu, Dona Morena, a Profa. Ana Lúcia Aguiar e os cinco mestrados. A professora iniciou o momento agradecendo a recepção dos moradores da Comunidade do Rosado/RN. Na sequência, relatou que na manhã daquele dia estivemos no auditório do EcoPosto.

Em seguida, a professora mostrou a finalidade de estarmos na comunidade, e disse: “estamos aqui, exatamente pelo trabalho de pesquisa de Stenio Fernandes, estudo em desenvolvimento na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Um trabalho, com várias etapas, sobre esses saberes de vocês da comunidade”. A professora falou a cerca dos conceitos teóricos sobre a competência comunicativa e a competência técnica, citadas pelo filósofo e sociólogo Habermas, da escola de Frankfurt, na Alemanha. Enfocou ainda os saberes do cotidiano, do senso comum, com o propósito de mostrar que não são elementos banais ou artificiais e que esse senso está presente na interação dos sujeitos do lugar. Dá o exemplo de Dona Rosarinha, que já passou para Morena seus conhecimentos.

A Roda de Conversa permitiu uma interlocução dos saberes comuns para dialogar com os saberes acadêmicos. Na conversa gerou algumas questões a serem discutidas, quais sejam: *como vocês têm feito para preservar a história da comunidade, estão repassando para os jovens? Como vocês fazem para manter e preservar as tradições da comunidade?* Essas questões são consideradas pertinentes, haja vista a possibilidade de, mais cedo ou mais tarde, a tradição se acabar, caso os jovens não se interessem pelos saberes dos mais velhos.

Em resposta, a moradora Dona Morena, conta que, quando tem oportunidades, está sempre contando para os jovens da comunidade sobre o conflito que passaram, quando perderam um irmão por causa da resistência de 1991. Segundo ela, essas informações devem ser repassar para os filhos, netos e vizinhos. Quanto à preservação das tradições e do local, Dona Morena relata que está fazendo o que pode para continuar preservando a comunidade, e diz: “eu amo a minha comunidade, de paixão. Nasci aqui, me criei aqui. Estou aqui porque

eu gosto da minha comunidade, eu acho ela linda e maravilhosa”. Por fim, acrescenta que fica indignada quando vê um monte de lixo jogado na praia ou na comunidade.

Os moradores contam, que, na comunidade, ainda, estabelecem uma harmonia, tranquilidade e paz. É possível dormir debaixo dos alpendres. A água é limpa e os animais são criados soltos, no terreiro. O desejo dos moradores é que, na comunidade, continue sempre assim, essa harmonia entre as famílias. Um fato que mais aflige os moradores é a ideia de pessoas de fora virem morar na comunidade. Porém, de acordo com o estatuto da comunidade, para alguém ter posse de terra precisa pertencer à comunidade, e não pode resolver as coisas individualmente. O morador Neneu explica melhor a condição do estatuto: “eu sou um morador da comunidade, mas não posso dizer tome essa terra aqui, porque moramos numa terra, mas, não é nossa, pertence ao coletivo”.

Existem regras para uma pessoa de outro lugar morar na comunidade do Rosado. Conforme o estatuto, essa pessoa precisa casar com alguém da comunidade. Sobre essa questão Dona Morena afirma: “sou mais que eles casassem com o povo daqui mesmo”.

Ao observar essa relação de comportamentos narrada pelos moradores da comunidade, na Roda de Conversa, a Profa. Ana Lúcia explicou que é um tema que se aproxima da sociologia, com base nos estudos de Nobert Elias, em seu livro “Os estabelecidos e os *outsiders*”, ou seja, os de dentro e os de fora. Nesse livro, o autor fala dos conflitos que existiam em uma cidade, com três bairros, um daqueles que são do lugar, outro daqueles que vieram de fora e o último daqueles que são filhos dos que vieram de fora.

Com base nessa obra, a professora perguntou aos moradores: *quais são os comportamentos diferentes que vocês observam dos que vêm de fora? Como a comunidade reage sobre a vinda dessas pessoas de fora?* Dona Morena conta, então, que conhece logo quem é de fora, pelo estilo de se vestir e de se comportar. Diz que eles têm um estilo que não se vê na comunidade. É uma coisa que se vê logo de cara.

O morador Neneu explica que, com a convivência, eles acabam adquirindo bons hábitos na comunidade, se eram ruins, ficam bons. Admite que os que moram há algum tempo também pescam e vão se acostumando como os hábitos e os costumes da comunidade. Neneu conta um caso que houve na comunidade, de uma família que, devido alguns problemas, foi embora. Na comunidade, eles não acharam apoio para fazer as coisas do jeito deles e saíram sem precisar de briga.

A situação retratada pelo morador se assemelha à narrativa de Norbert Elias, acima citada. Essa família não se sentia do lugar porque não conseguiam diálogo com os outros moradores. Não se sentiam aceitos e começaram a resistir a isso, tendo que sair do lugar. Neneu confessa que, na comunidade, existia um preconceito relacionado aos que estavam no lugar, ao orgulho da sua terra, para não se misturarem.

Outro assunto que foi comentado na Roda de Conversa está relacionado ao conflito que houve na comunidade em 1991. O morador Neneu relata que as crianças que tinham entre 04 ou 05 anos no período do conflito, da Praia do Rosado. Essas crianças não se lembram de nada e nem têm conhecimento do que aconteceu na comunidade, mas os jovens de 10 ou 15 anos sabem das histórias contadas pelos mais velhos. Neneu explica que, na reunião da associação, sempre diz para os pais que eles têm obrigação de contar para seus filhos o episódio e enfatizar: “estamos morando aqui, mas, não foi fácil, foi através de luta e de conquista, por que Deus quis e a gente resistiu”.

A Roda de Conversa marcou um momento de interação e diálogo com os moradores e sujeitos da pesquisa. Na tarde do sábado, das 13h às 17h, estivemos debaixo do alpendre de Dona Morena. Construimos narrativas de história de vida e saberes da experiência. Delory-Momberger (2008b, p. 95) apresentada dois aspectos importantes para descrever essas narrativas de formação do poder-saber e do saber-fazer: “o primeiro diz respeito ao estatuto da narrativa na experiência que o “sujeito” faz de si mesmo por meio da produção de “história”; o segundo concerne à dimensão de “projeto” constitutiva da “história de vida” e do processo de formação”.

Ao narrarem as suas experiências os moradores da Comunidade do Rosado/RN se apropriam da sua própria história de vida; formam a si mesmos e com o outro. Na coletividade, se constituem pelo sentimento de pertencimento do lugar; agem a partir de si e sobre o meio em que estão inseridos; lutam para manter viver a história; e idealizam projetos de sustentabilidade cultural e ambiental para a comunidade.

Na intenção de sintetizar os resultados, elaboramos dois quadros: no primeiro quadro abaixo - enfocaremos elementos da construção do Projeto de Pesquisa, tais como: título da pesquisa; pesquisador e orientador; objetivo; objetivos específicos e questões das entrevistas. Para o segundo quadro - apresentaremos as vozes dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN, organizaremos dentro do Quadro 3 os seguinte pontos: os sujeitos da pesquisa; saberes da

experiência dos sujeitos; saberes da experiência para a formação e por último as interpretações das narrativas com base nos autores.

**QUADRO 2** – Elaboração dos elementos da construção do Projeto de Pesquisa.

<p><b>TÍTULO:</b> Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN.</p>	
<p><b>PESQUISADOR:</b> Stenio de Brito Fernandes  <b>ORIENTADORA:</b> Prof<sup>ª</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.</p>	
<p><b>OBJETIVO GERAL</b></p>	<p>Analisar, por meio das narrativas (auto)biográficas, como os saberes da experiência dos povos do mar contribuem para a formação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Descrever o caminhar para si e com o outro, por meio das narrativas de vida e de experiências educativas de um professor de geografia;</li> <li>✓ Conhecer os espaços de vivências em meio à geografia do lugar, através das narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN;</li> <li>✓ Identificar os saberes da experiência dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN para a formação do ensinar, aprender, conviver e ser.</li> </ul>
<p><b>QUESTÕES DAS ENTREVISTAS</b></p>	<p><b>CAPÍTULO 1 - COM OS SUJEITOS DO LUGAR: NARRATIVAS DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA EMBALADO PELO BALANÇO DO MAR NA COMUNIDADE DO ROSADO/RN</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como vou fazer, se eu passar, para viver distante da minha família na cidade de Mossoró/RN? Como vou me adaptar a uma nova forma de vida e moradia? Como será a recepção da minha chegada à comunidade? Como ocorreu a minha aproximação com o objeto de estudo? Quais motivos me levaram a esse encontro com a Comunidade do Rosado/RN?</li> <li>2. Era por falta ou vontade de aprender? Minha professora da base não me ajudou? Eu era o problema por ter interesse apenas pela arte de desenhar? Existia uma falta de apoio da minha família nas tarefas escolares? O que fazer para despertar nos meus alunos o interesse de querer aprender?</li> <li>3. Como será a minha atuação na disciplina em aprender e conhecer o método (Auto)biográfico com mais profundidade?</li> </ol>

**CAPÍTULO 2 – ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS EM MEIO À GEOGRAFIA DO LUGAR: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO QUANTO À RESISTÊNCIA E LUTA DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN**

1. Como cada morador está inserido nesse lugar? Como cada morador faz para preservar seu lugar?
2. Como viviam e vivem os moradores da Comunidade do Rosado/RN? Como iniciou o conflito que culminou na morte de um morador da comunidade? De que forma os moradores vinham reagindo às ameaças dos empresários que se dizem donos das terras?
3. Como os moradores do Rosado aprendem ao compartilharem uns com os outros? Quem ensina na comunidade aprende ao ensinar? Como os moradores conviveram na comunidade sem acesso à comunicação? Quais dificuldades foram levantadas pelos moradores? Qual a opinião dos moradores da comunidade sobre o uso da internet? E como os moradores da comunidade lidam com as novas tecnologias conectadas à Internet?

**CAPÍTULO 3 - SABERES DA EXPERIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DE ENSINAR, APRENDER, CONVIVER E SER: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO DOS POVOS DO MAR DA COMUNIDADE DO ROSADO/RN**

1. Quais as lembranças da infância dos moradores da Comunidade do Rosado/RN? Quais experiências os moradores da Comunidade do Rosado aprendem com outro?
2. De que forma as mulheres artesãs da Comunidade do Rosado/RN aprendem a trabalhar com o artesanato? Quais recursos naturais são utilizados pelas mulheres artesãs da Comunidade do Rosado/RN? Existem, na Comunidade do Rosado/RN, espaços físicos que proporcionem a confecção e a venda do artesanato local? O que a atual diretoria da Associação está fazendo para mobilizar e cobrar o repasse desta obra ao poder público? Na comunidade, as mulheres artesãs estão tendo incentivo para essa arte? A atual diretoria da associação contribui para a produção do artesanato local? A arte do artesanato está sendo repassada para os mais jovens da comunidade? Os jovens da comunidade demonstram interesse em aprender?
3. Quais saberes da experiência dos povos do mar, praticados, no dia a dia, para a construção da sua formação? Quais as dificuldades que os povos do mar relatam sobre a vida com/no mar? como os povos do mar organizam e produzem seus meios de sobrevivência em função de suas relações com a natureza? quais as lições que aprendeu com/no mar? Quais saberes foram ensinados pelos seus pais?
4. Quais saberes frutos da experiência dos mais velhos estão sendo repassados pelos jovens da Comunidade do Rosado/RN? Como os jovens (re) significaram os saberes da experiência dos mais velhos para a sua formação no cotidiano da comunidade, hoje? Será que as vozes dos mais velhos da comunidade são ouvidas e respeitadas pelos jovens, ou não? Os mais velhos estão sendo respeitados pelos

	<p>jovens da na comunidade? E esse respeito está sendo ensinado e praticado pelos jovens da comunidade? Os mais velhos repassam aos mais jovens a história da resistência e luta que aconteceu, em 1991, na comunidade? A escola ensina aos alunos sobre a resistência e luta que aconteceu na comunidade no ano de 1991? Como vocês têm feito para preservar a história da comunidade, estão repassando para os jovens? Como vocês fazem para manter e preservar as tradições da comunidade?</p>
--	---

**Fonte:** Quadro organizado pelo autor com base nos elementos que compõem o projeto de Pesquisa. 05/10/2017.

No Quadro 2, mostramos os elementos da construção do Projeto de Pesquisa, tais como: título da pesquisa; pesquisador e orientador; objetivo; objetivos específicos e questões das entrevistas. Segundo Luna (2009) o projeto na pesquisa qualitativa está orientado a avaliar a representação do pesquisador sobre o que estudará e a forma com que ele pretende acessar as pessoas que serão entrevistadas. Desde o primeiro momento, foi delineado trabalhar a Comunidade do Rosado/RN como campo da pesquisa, e também na construção do problema da pesquisa, mesmo sabendo que é um processo dinâmico, definimos a escolha do título “contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN”.

Partimos para o problema da pesquisa: Como os saberes da experiência dos povos do mar contribuem para a formação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN? Devido à clareza do problema de pesquisa, Luna (2009) explica que começam a servir de guia para a tomada de decisões importantes na condução da pesquisa. A construção do problema da pesquisa tem origem em uma formulação teórico-metodológica. Para alicerçar ao problema de pesquisa utilizam-se frequentemente os objetos de pesquisa, Luna (2009) chama a atenção para a relevância da pesquisa, para a aplicabilidade dos resultados. O autor acrescenta que os objetos de pesquisa não se confundem com o problema de pesquisa, mas dependem da prévia formulação dele. Quanto às questões das entrevistas, foram elaboradas de acordo com a construção dos capítulos e conseqüentemente dos tópicos de todos os capítulos da pesquisa. As perguntas foram elaboradas conformem aos acontecimentos mencionados na história de formas espontâneas, como também, com base nos tópicos do projeto de pesquisa.

**QUADRO 3** – Vozes dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN.

<b>SUJEITOS DA PESQUISA</b>	<b>SABERES DA EXPERIÊNCIA DOS SUJEITOS</b>	<b>SABERES DA EXPERIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO</b>	<b>INTERPRETAÇÕES DAS NARRATIVAS COM BASE NOS AUTORES</b>
Dona Rosarinha	<p>Aprendi a costurar com minha mãe. [...] O crochê e ponto de cruz, com minha tia [...]</p> <p>Depois fazia bordado e lençóis de cama na máquina [...]</p> <p>[...] Eu ainda costuro, eu faço tricô, eu faço crochê, eu faço almofadas de vários tipos [...]</p> <p>Hoje, aposentada da docência, continua a fazer o que gosta: cantar, costurar, bordar, tricô, crochê e almofadas.</p>	<p>[...] Como professora, ensinei os meninos a ler e escrever. Ensino as mulheres a costurar e fazer almofadas</p> <p>Continua a passar seus saberes da experiência aos jovens e adultos.</p> <p>Ao fazer isso ela está contribuindo para a formação de moradores da comunidade.</p>	<p>Na Comunidade do Rosado/RN os moradores construíram com os saberes da experiência momentos de aprendizagem e formação para sua vida. E vem passando os saberes da experiência para os outros moradores da comunidade.</p> <p>A experiência é a ação de nos colocamos para o outro e com o outro, em uma relação com algo que se experimenta que se prova. É o que acontece, mas o que nos acontece, o que nos passa (LARROSA, 2002). O sujeito da experiência é o que vivencia com o outro, e quando se alimenta com e pelo outro.</p> <p>Compreendemos nos fragmentos das narrativas dos moradores que os saberes da experiência, resultam do próprio exercício das atividades profissionais dos sujeitos no meio em que vivem (TARDIF, 2012). Esses saberes são produzidos por meio da vivência, seja individual ou coletiva, de situações específicas relacionadas ao espaço estabelecido com o outro.</p> <p>Hoje os moradores estão ensinando aos filhos, sobrinhos, netos e primos a trabalhar na pesca e na agricultura. Na comunidade os moradores aprendem a costurar, borda, fazerem almofadas e depois desenvolvem outras habilidades.</p>
Neneu	<p>[...] Nunca deixei de ser agricultor e nem de ser pescando [...] Para ser um bom pescador tem que aprender com os mais velhos.</p> <p>[...] Para trabalhar na agricultura tem que ter experiência para plantar o milho, para limpar a terra [...] Tudo vem da experiência [...] são experiências que tem o agricultor.</p>	<p>[...] Eu pesquei 20 e poucos anos. [...] Fiquei só na agricultura mesmo. [...] Essas experiências vivenciadas, na prática, pelos pescadores, através do conhecimento comum dos mais experientes, contribui para sua formação.</p>	<p>Os moradores gostam do que fazem, tem paixão. A paixão é um elemento da experiência. Para Larrosa (2002) sem paixão não se vivencia o sujeito da experiência, sem paixão não é possível capturar a experiência, nem fazer</p>
Dona Morena	<p>[...] Sou rezadeira, aprendi com minha vó. [...] Aprendi a pescar com o meu pai de três margem.</p> <p>Aprendi a costurar com minha mãe [...] Costurava na mão [...]</p>	<p>Essas experiências aprendeu com sua avó, traz até hoje para a sua formação.</p> <p>Dona Morena, repassa os seus saberes de rezar e de preservar os valores da sua comunidade.</p>	<p>Os moradores gostam do que fazem, tem paixão. A paixão é um elemento da experiência. Para Larrosa (2002) sem paixão não se vivencia o sujeito da experiência, sem paixão não é possível capturar a experiência, nem fazer</p>

	Não tínhamos máquina de costura [...] Faço almofadas, aprendi com Dona Rosarinha [...] Hoje, tenho experiência em confeccionar objetos de palha.	As narrativas revelam que os saberes da experiência estão sendo repassados de um para o outro, na relação de troca de saberes. E estão contribuindo para a formação do cotidiano.	referência ao outro. Os moradores tem maior interesse de que sejam repassados para as novas gerações da comunidade, tais ensinamentos, como: rezar, respeitar, valorizar, costurar, pescar e plantar. Eles pretendem repassar esses saberes, para não deixar perder as tradições e a cultura que já vem dos antepassados. Segundo Tardif (2012) os sujeitos no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. São através das experiências vivenciadas com os avós, pais, tios, que os moradores da comunidade conseguiram construir relações significativas para sua vida na coletividade.
Jovem escultor	[...] Aprendi a pescar, não só com o meu pai, mas com outros pescadores da comunidade. [...] Eu tenho o dom da arte de fazer escultura, essa experiência eu ganhei na minha vida com meu pai. [...] Tenho experiência na agricultura, aprendi com os mais velhos da comunidade.	Conta que o seu maior objetivo é seguir em frente na profissão de artesão, e dá continuidade na sua formação. Os saberes da experiência que aprendeu no cotidiano na comunidade, ele traz para a construção da sua formação.	

**Fonte:** Quadro organizado pelo autor com base nas narrativas de quatro sujeitos centrais da pesquisa da Comunidade do Rosado/RN. 06/10/2017.

A partir do Quadro 3 – Vozes dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN apresentamos as narrativas de 04 moradores centrais da pesquisa, identificado pelos seus nomes fictícios, descreve passagens das vivências dos saberes da experiência para a construção da formação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.

A trajetória de vida e de experiências dos moradores que são atores e autores desta pesquisa, através das memórias individuais e coletivas de Dona Rosarinha, Neneu, Dona Morena e o Jovem Escultor, trazem vivências que marcaram lembranças dos lugares e dos acontecimentos e que estão guardadas na memória. Cada trajetória tem relação com a vida diária de cada um dos moradores na comunidade, com a família e com os amigos.

Selecionamos para o Quadro 3, fragmentos de narrativas que mostra experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser (TARDIF, 2012), apontamos a memória como referência central, essas memória traz a trajetória desses saberes da experiências dos moradores da comunidade, através das sua lembranças e experiência de vida. Adentrar no universo das histórias de vida e de formação dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN é invadir um mundo de saberes que ensina. Esse

universo é construído na relação com o outro, por meio da convivência no cotidiano da comunidade de povos do mar, que exercem diversas atividades econômicas e desenvolvem diferentes funções sociais.

Dona Rosarinha expressa como adquiriu suas experiências: “aprendi a costurar com minha mãe “Ela me ensinou a ler e a escrever”. Através dos seus saberes da experiência que aprendeu com sua mãe e tias. Aprendeu na relação com o outro: costura, crochê, tricô, bordado, almofadas, ensinar entre outros. Quanto às experiências como educadora, Dona Rosarinho, diz: “como professora, ensinei os meninos a ler e escrever”. Na profissão de professora construiu sua identidade profissional e passou a ser reconhecida pelo importante papel exercido na educação da Comunidade do Rosado/RN. Na função de professora se dedicou pela missão de educar. Ensinou crianças, jovens e adultos a ler e a escrever. As vivências na Igreja, Dona Rosarinha explica: “cantei na escola e hoje continuo cantando na igreja”. Na igreja prestou relevantes serviços para a comunidade. Dedicada às tarefas religiosas, exerceu a missão de catequizar as crianças para a Primeira Comunhão.

No momento atual, Dona Rosarinha passa seus saberes da experiência para os adultos e os jovens da comunidade, para a construção da formação. Seus saberes da experiência contribuíram para o seu crescimento profissional como pessoal. Desenvolveu com sua arte de educar a busca da formação para muitos moradores da comunidade.

Nos fragmentos das narrativas de Neneu, o morador afirma que “Nunca deixei de ser agricultor e nem de ser pescando, pesquei 20 anos, para ser um bom pescador tem que aprender com os mais velhos”. Aprendeu os saberes da experiência na comunidade com o seu pai e tios. Exerceu a profissão de pescador. Além de pescador exercia a função de agricultor, e relata: “na agricultura tem que ter experiência para plantar o milho, para limpar a terra, tudo vem da experiência”. Com sua experiência ensinou e ensina aos jovens, com suas técnicas, tanto a pescar como a trabalhar na agricultura. Mesmo aposentado ainda trabalhava na agricultura. Atuou como presidente da Associação da comunidade. Hoje é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, está sempre no processo de formação.

Dona Morena revela nos seus fragmentos, através das lembranças, o que aprendeu como experiências na comunidade foram com os mais velhos. Compreenderemos que os saberes da experiência Dona Morena foram praticados na convivência com o outro. Dona Morena explica: “sou rezadeira, aprendi com minha vó. Esses saberes, ela traz com ela, até hoje. Quanto as suas experiência de costurar, Dona Morena, diz: "aprendei a costurar com

minha mãe, costurava na mão, não tínhamos máquina de costura”. Hoje, “faço almofadas, aprendi com Dona Rosarinha”. No início, dedicou-se na arte com conchas do mar. No atual momento, trabalha na confecção de almofadas com Dona Rosarinha. Desenvolve o trabalho com a palha, na produção de cestos, jogo americano entre outros. Participa como membro dos Movimentos Feminista Rural.

O Jovem Escultor, com pouca idade, aprendeu a pescar e fazer esculturas de madeiras com o seu pai. Depois adquiriu experiência na pesca com outros pescadores da comunidade. E diz: “Eu tenho o dom da arte de fazer escultura, essa experiência eu ganhei na minha vida com meu pai”. O Trabalho na agricultura, Jovem conta que essa experiência aprendeu com os mais velhos. É funcionário público e participa das reuniões da Associação como membro. Tudo que sabe, aprendeu na comunidade, sua formação se constitui dos saberes da experiência dos mais velhos do lugar. Desde o início, vem construindo sua identidade profissional no artesanato. Como artesã, pretende passar suas experiências para os jovens da comunidade. Na relação de aprendizagem o jovem escultor (re)significam esses saberes e ensinamentos para a sua formação como cidadãos.

As narrativas dos quatro moradores centrais da Comunidade do Rosado/RN têm sua força no momento em que permitem aos sujeitos um (re)significar da prática na convivência diária, com si mesmo e com o outro. É no seu cotidiano que possibilita perceber como esses sujeitos constroem experimentam e vivenciam as relações sociais no seu lugar de pertença. Esse exercício fortalece e remete a uma perspectiva positiva e retificadora do pensamento crítico e reflexivo do ser em formação. Para Delory Mombberger (2008b, p. 99), [...] a capacidade de mudança postulada nos procedimentos de formação pelas “histórias de vida” repousa sobre o reconhecimento da vida como experiência formadora e da formação como estrutura da experiência.

As narrativas das histórias de vida permitem aos moradores da Comunidade do Rosado/RN constituir um procedimento de formação na medida em que instaura uma relação dialética entre o passado e o futuro e abre aos sujeitos em formação um espaço de formabilidade. Com base nos relatos expostos, é possível dizer que as narrativas dos quatro moradores centrais entrevistados da comunidade, revelam o viver, o sonhar e o praticar o seu lugar de pertença. Os saberes da experiência são repassados pelos seus moradores, sendo compartilhados uns com os outros no lugar, dessa forma, estão contribuindo para a formação do cotidiano. Os sujeitos da comunidade relembram por meio da memória o início da

formação da comunidade, das dificuldades de permanecerem no lugar, dos ensinamentos das tradições, dos saberes da experiência compartilhada com o outro em coletividade.

## LEMBRANÇAS DE HISTÓRIAS PARA CONTINUAR A CONTAR

São tantas lembranças nessa minha trajetória de vida e formação. Caminhos foram percorridos. Chegar até aqui não foi fácil, construí oportunidades, quebrei barreiras, acreditei que é possível alcançar os nossos objetivos. Ao longo da minha caminhada como aluno especial e regular, realizei sonhos: cursar o mestrado, viajar para outros países, fazer pesquisas sobre histórias de vida. Conhecer o processo de (auto)formação através do Método (Auto)Biográfico, apoiado nas teorias produzidas por autores como Josso (2010), Dominicé (2010) e Delory-Momberger (2008), proporcionou ao pesquisador aprender com o outro no lugar do outro.

O Método (Auto)Biográfico através das narrativas das histórias de vida estabeleceu alternativa para a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social dos moradores do Rosado. Por essa razão, requereu dos sujeitos o resgate de suas memórias. Para o fortalecimento da pesquisa, amadurecemos a proposta de trabalho a partir de conceitos centrais, como: Saberes da experiência pautado nos estudos de Tardif (2012) e Larrosa (2002); a Memória nas obras de Pollak (1992) e Halbwachs (1999); o conceito de Comunidade expresso nos estudos dos autores Norbert Elias e John L. Scotson (2000); compreendemos o conceito de Cultura a partir do aporte teórico do autor Geertz (2008). E por último, os conceitos de cidadania e empoderamento, apoiado teoricamente nas obras de Freire (1987, 1986, 1997 e 1996). Esses conceitos foram relevantes para o crescimento e fortalecimento da pesquisa. Nortearam-me durante essa viagem a partir do olhar teórico metodológico para o mote da pesquisa.

Apresentei minha trajetória de vida escolar e da formação docente, (re)significo minhas memórias enquanto pessoa. Narrei às experiências de formação em que reconstruí os sentidos da minha prática pedagógica na relação com o outro no exercício da profissão, propiciando o (auto)conhecimento e em seguida a (auto)formação. Na caminhada escolar antes do acesso à universidade me afirmei como sujeito emancipatório para a formação docente na relação com o outro e na busca desta (auto)transformação de si.

Descrevi o meu encontro com os povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. Desde 2003, a partir da profissão docente, estabeleci uma aproximação com o objeto deste estudo, sobre as narrativas, empoderamento e os saberes da experiência dos moradores da Comunidade do Rosado/RN. As experiências de vida, tanto familiar como profissional,

marcaram o meu percurso na vivência familiar e toda a minha trajetória de escolarização, desde os anos iniciais da Educação Básica. Minha participação nos movimentos sociais, grupos da igreja, movimentos de crianças e adolescente, grupos de jovens e grêmios escolares, serviço militar entre outras participações, me permitiu valorizar o outro, a respeitar as diferenças e lutar pelos direitos de uma vida mais digna. Essas experiências foram momentos de disciplina, conhecimentos e superações, aprendi na convivência com os meus professores a ter disciplina e respeito. Todas as experiências serviram como lições e me tornou um ser formador, (auto)formador e reflexivo.

Os caminhos percorridos por mim, desde o meu ingresso no ensino superior, rumo a minha formação continuada, favoreceu meu crescimento, de experiência e de aprendizagem. Toda essa caminhada permitiu buscar o ser que se forma na relação com os outros, na convivência com os meus colegas e professores da faculdade de Geografia. Acredito que é possível colocar em evidência a formação ou (auto)formação dos professores enquanto agentes reflexivos no processo educativo, pois foi a partir dos ensinamentos de Paulo Freire que me reconheci e me tornei um professor de Geografia, comprometido com a educação e na busca da transformação social, aberto a aprender e trocar experiências a respeitar o outro e proporcionar um ensino que desperte a curiosidade entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

Na formação de professores a reflexão crítica sobre a prática, é fundamental. É pensando criticamente a prática que construímos e desconstruímos o nosso pensar e o fazer docente. Foram grandes experiências adquiridas. Esses momentos de aprendizagem, me ajudaram a repensar e (re)significar a minha prática educativa e perceber a importância da formação continuada para a profissão docente.

O meu percurso como aluno em caráter especial no Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN), abriu caminhos e oportunizou minha participação em eventos me direcionou para uma (auto)formação acadêmica, favorecendo a (re)construção da minha prática pedagógica. Na verdade, o meu crescimento iniciou com meu reingresso na universidade em 2013 como aluno em caráter especial. Em 2015 construí oportunidades de aprender e conviver com a Profa. Ana Lúcia Aguiar e com os outros colegas.

Na convivência com os professores mais experientes, aprendi muito, me serviu como lições e superações, que me transformaram em um ser (auto)formador e reflexivo. O Método (Auto)Biográfico me fez (re)pensar a necessidade de (re)significação da minha (auto)formação, além de me proporcionar um novo olhar para a minha prática pedagógica

como professor de Geografia. Por meio desse momento formativo, pude vivenciar novas experiências, desenvolver artigos ancorados nas discussões relacionadas a pesquisa (auto)biográfica.

Nesse conhecer o lugar e os espaços de vivências do outro, apresentamos a localização da Comunidade do Rosado/RN, pertence geograficamente ao município de Porto do Mangue/RN. Os lugares que o compõem são carregados de sentidos, de símbolos e interpretações. A definição da palavra comunidade foi entendida como o lugar onde todos se entendem e se ajudam, é onde brota o sentimento de solidariedade, a comunhão de uns com os outros, ou seja, de forma natural.

A Comunidade do Rosado/RN se apresentou como a conjunção do lugar, das ações e relações tecidas no cotidiano de cada um de seus moradores. É o lugar da memória, dos acontecimentos, da convivência humana, das relações sociais dos sujeitos que nela habitam. No caso da Comunidade do Rosado/RN, os sujeitos vivem no campo e no mar e eles mesmos (re)construíram a sua história. Adentrar as histórias de vida, saberes da experiência e empoderamento dos sujeitos comuns da Comunidade do Rosado/RN, que têm o prazer de contar, narrar e preservar o seu lugar de pertença.

A Comunidade do Rosado/RN é dona de uma história de lutas pelo direito à dignidade, à moradia e à educação. Desde 1991, constitui um histórico de lutas e resistências pelo direito à terra. Essa luta culminou na morte de um morador que morreu pela terra de 72 famílias. Construída através de forças devido ao pertencimento do lugar e participam na construção e desenvolvimento dos espaços em que habitam. Na Associação da Comunidade, esses fazem reuniões para refletir sobre os problemas e as condições sociais do seu cotidiano. As conquistas, ao longo do tempo, são frutos de organizações sociais por meio de associações, sindicatos e movimentos sociais, através de reivindicação por direito à cidadania.

Na comunidade a tradição cultural é marcada pela proximidade dos valores, da afetividade, dos modos de vida e da memória. Os sujeitos mantem as tradições deixadas pelos primeiros habitantes do lugar. Os povos do mar ali residentes manifestam os desejos da memória nos seus espaços comuns, nas lutas diárias, nas práticas solidárias aos sentidos atribuídos às experiências vividas. A escola é um espaço de diferentes saberes, onde os sujeitos se confirmam, modificam e ampliam suas memórias, reconstroem o passado, e planejam o futuro, na convivência com o outro.

Nesse momento, viajamos nas memórias dos mais velhos da Comunidade do Rosado/RN. Durante esse trajeto, compreendemos os saberes da experiência das mulheres da comunidade. Enfocamos os saberes da experiência de homens e mulheres pescadores, por meio das lições e dos saberes da formação. Embarcamos nas lições das histórias de vida e de experiências dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN, com saberes passados de geração a geração, para serem compartilhados pelos jovens dessa comunidade. Navegamos pelas lembranças dos mais velhos, lembranças guardadas no tempo e repassadas na convivência entre homens e mulheres do lugar através dos saberes da experiência.

Os saberes da experiência dos povos do mar foram referenciados e advêm de sua identidade cultural e social. Aprendem em diferentes lugares, na praia, no campo, na comunidade. Por essa perspectiva, os diferentes espaços de saberes, homens e mulheres do Rosado, são essenciais à arte de ensinar os saberes da cultura local, preservam costumes, valores, crenças e tradições herdadas dos seus antepassados. Nesses espaços, manifestam sua cultura e religiosidade, por meio de atividades como o pastoril, pintura, artesanato, dança, culinária, medicina popular, festa da padroeira e rezas.

No mesmo capítulo, falamos sobre o valor da pesca, hábito da pesca enraizado na cultura brasileira. Para a Comunidade do Rosado/RN, a pesca é uma forte atividade econômica, faz parte de suas tradições, sendo passada de geração a geração. No local, as tradições herdadas de seus antepassados ainda estão muito presentes em suas formas de convívio. Isso demonstra que existe uma relação de respeito entre os povos do mar. Os pescadores aprendem com/no mar, na praia, no alto-mar, na convivência com a natureza, com seus companheiros de trabalho, com seus pais e filhos.

Entendemos o seu cotidiano das redes das narrativas de homens e mulheres pescadores, o trabalho da pesca, as rotinas locais, o lazer e a vida familiar na comunidade em meio ao vai e vem do balanço do mar. Esse cotidiano está presente na vida dos moradores da Comunidade do Rosado/RN, por meio da harmonia com o outro, na alegre de viver, no divertimento, na solidariedade, na coletividade das ideias comuns: tais como: reuniões, conquistas, festas religiosas, nos costumes e na identidade de pertencer a uma comunidade ou grupo social.

A vida entre o mar e a terra tem seus desafios, por essa razão, compreendemos como os pescadores organizam e produzem seus meios de sobrevivência, em função de suas relações com a natureza. A dinâmica da vida dos pescadores é moldada por determinados

ritmos articulados através da memória individual e coletiva, esse processo permite reinventar o cotidiano e dar sentido ao modo de vida da comunidade.

Esses sujeitos comuns da Comunidade do Rosado/RN, através dos saberes da experiência, tiram do mar o seu sustento para garantir uma vida digna e de oportunidades para suas famílias. Os povos do mar desse lugar sabem, da necessidade de um projeto que ajude no desenvolvimento econômico e social da sua população local, com/no mar vivem, crescem, fazem-se homens, fazem-se história e fazem-se cidadão.

Navegamos nas lições dos mais velhos da comunidade, procuramos saber se os saberes dos mais velhos são passadas para a nova geração, por meio das lições de aprendizagem. Compreendemos os diferentes saberes, advindos dos saberes de experiências do censo comum da comunidade, respeitando o estilo próprio de vida, de cada um do lugar. É nas relações individuais e coletivas que se promovem os saberes da experiência dos mais velhos para dialogar com os jovens da comunidade.

O encontro com os sujeitos do lugar começou por meio de um passeio pela história da Comunidade do Rosado/RN. Apresentamos contexto social, histórico e cultural do campo da pesquisa até chegar à abordagem metodológica do objeto - os saberes da experiência dos povos do mar através das suas narrativas e empoderamento, no encontro de si e do outro. Entre o tempo e o espaço, os homens e mulheres da Comunidade do Rosado/RN residem aos conhecimentos de aprendizagens dos saberes da experiência. É no educar, no aprender e na comunhão com o outro, encontram nas marés da vida a construção de uma vida de possibilidade no mundo em que vivemos.

No cotidiano da Comunidade do Rosado/RN, essa cultura está à vista, se revela, à medida que seus moradores constroem e reconstroem suas formas de viver. Nas relações estabelecidas como singular e plural, estão enraizadas nos diversos espaços da vida social, tanto no individual como no coletivo. As narrativas dos sujeitos foram ouvidas e gravadas no alpendre de Dona Morena, desde o primeiro encontro, das rodas de conversa, das visitas na residência de Dona Rosarinha, no bate-papo com Neneu nas Dunas do Rosado e no EcoPosto e no III e IV Seminários de Narrativas (Auto)Biográficas realizada na Faculdade de Educação (FE/UERN). Nesses encontros, falamos sobre a vida na comunidade; dos saberes da experiência dos mais velhos; do artesanato; da pesca e da agricultura entre outras conversas, que boa parte estará escrita nesse texto dissertativa.

A participação dos moradores da comunidade nos Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas III e IV, deram oportunidade aos moradores para narrarem suas histórias de vida e experiências vivenciadas na comunidade para dialogar com os saberes acadêmicos. Nestes encontros me aproximei mais ainda dos sujeitos do lugar, o que contribuiu muito para o desenvolvimento desta pesquisa. No III Seminário, os moradores Neneu, Dona Morena e Carlinhos do Rosado externaram o prazer de representarem à Comunidade do Rosado/RN em espaços acadêmicos de diferentes saberes.

Neste III Seminário, eles narraram a origem, a formação, os saberes da experiência e as histórias de vida na comunidade. Já a participação das moradoras: Dona Morena, Nega e Wilma da Comunidade do Rosado/RN no IV Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas, marcou para as participantes um momento formativo, possibilitou a (auto)formação através desse momento de construção do saber. Visibilizou suas histórias de vida e saberes da experiência para a formação do cotidiano na comunidade.

Nesta pesquisa, intitulada: *contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN* as narrativas (auto)biográficas foram vistas como pontos de acesso às histórias de vida e saberes da experiência dos sujeitos comuns da Comunidade do Rosado/RN. A pesquisa na Comunidade do Rosado/RN está além do espaço geográfico. Refletimos outros elementos como: trabalho, luta, resistência, relações sociais e culturais, modo de vida, sonhos e anseios dos habitantes.

A Roda de Conversa permitiu uma interlocução dos saberes comuns para dialogar com os saberes acadêmicos. Marcou um momento de interação e diálogo com os sujeitos da pesquisa. Deixamos como pistas para futuros estudos na Comunidade do Rosado/RN, algumas questões a serem discutidas em um novo olhar investigativo, que foram observados no decorrer desta pesquisa, tais como: *quais são os comportamentos diferentes que os moradores da Comunidade do Rosado/RN observam dos que vêm de fora? Como a Comunidade do Rosado/RN reage sobre a vinda dessas pessoas de fora?* No lugar é possível perceber através das narrativas dos moradores do Rosado que existem conflitos internos nas relações sociais, há uma rejeição e estranhamento de pessoas que vem de fora. Esse tipo de comportamento traz desentendimento entre os próprios moradores da comunidade, mas é possível dizer que é um processo lógico e natural.

Nas entrevistas com os sujeitos do lugar, sugeriram outras inquietações, desta vez, sobre *quantos anos aproximadamente tem a Comunidade? Por que é considerada bicentenária? A*

história da origem da Comunidade do Rosado/RN é uma incógnita, por que, não existe uma data precisa da existência dos primeiros habitantes do lugar, como também, ainda não se sabe de nenhum registro da localidade em períodos remotos que comprove sua formação. Não há estudo que comprove a hipótese levantada pelos moradores da comunidade ser bicentenária.

Como não houve estudos arqueológicos no lugar, fica indefinida uma data que comprove essa cronologia. Essa história não está escrita, não é oficial, mas está guardada na memória de quem vive na comunidade. A Cronologia citada pelos moradores da Comunidade do Rosado/RN, até hoje, não se sabe qual a data da existência dos primeiros habitantes do lugar. Merece ser reprisado no intuito de rememorar a existência desses moradores nesta terra há quase dois séculos ou mais. As perguntas provocam a busca por respostas para os questionamentos acima lançados. Essas questões são consideradas pertinentes, haja vista a possibilidade e o desejo de darmos continuidade aos estudos na Comunidade do Rosado/RN, desta vez, voltado para linha de investigação em nível de doutorado.

As narrativas dos seis moradores entrevistados: Neneu, Carlinhos do Rosado, Dona Morena, Dona Rosarina, Jovem Escultor e Jovem Nega foram permeadas por troca de saberes, a valoração do outro, o respeito e o desejo de manter a sua identidade. Na comunidade se preserva o respeito dos jovens para com os mais velhos, os ensinamentos são passados de pai para filho. Os costumes, valores e tradições são mantidos no lugar.

Os relatos dos seis moradores da pesquisa foram um passaporte para uma viagem no tempo, passando por lugares e acontecimentos que marcaram a memória em Comunidade. Suas histórias de vida e experiência foram ouvidas e gravadas, a fim de que não se percam com o passar dos anos. Os moradores entrevistados contaram suas histórias de vida e saberes da experiência na comunidade e expressaram um sentimento de pertencimento ao lugar. Os saberes da experiência, tais como: pescar, plantar, ensinar, cantar, bordar, rezar, costurar entre outros, estão sendo repassados pelos seus moradores, sendo compartilhados uns com os outros no lugar, dessa forma, estão contribuindo para a formação do cotidiano, e vão sendo construídos pelos seus moradores ao longo da convivência em coletividade.

Este trabalho dissertativo deixará contribuições escritas para a comunidade investigada e para mim, que, a partir da própria pertença ao lugar, há alguns anos, pude conviver com o campo da pesquisa. A contribuição das narrativas das histórias de vida, dos saberes da experiência de homens e mulheres do mar da Comunidade do Rosado/RN, em suas páginas,

ficarão no registro desses saberes, tanto para a Comunidade do Rosado/RN como para a comunidade acadêmica.

Para a realização desta pesquisa, o Método (Auto)Biográfico se constituiu numa fonte riquíssima. Em um trabalho com essas características, as entrevistas com seis moradores da Comunidade do Rosado/RN, assumiram grande contribuição. A propósito, as narrativas é o elemento que impulsiona, irriga e dá vida a esta investigação. Muitas questões se colocam para quem lida com as narrativas (auto)biográficas. É relevante está atento à relação dialógica que se estabelece entre pesquisador e entrevistado e, sobretudo, à dimensão social e dinâmica da memória.

O estudo na Comunidade do Rosado/RN enfocou historicamente os saberes da experiência de pessoas comuns, e seu modo de se posicionarem como sujeitos ativos na comunidade em que vivem. Os moradores da Comunidade do Rosado/RN foram agentes de um processo histórico em que no seu dia a dia construíram e (re)construíram seus espaços nas relações sociais.

## REFERÊNCIAS

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima. Tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte-RS.** 2007. 344 f. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

AGUIAR, A. L. O. Dos estudos do primário, e da escola normal, para a sala de aula como educadora no curso superior. In. COSTA, M. A. T., OLIVEIRA, M. B., FREIRE, S. H. S. L. M. (Org). **Narrando para não esquecer:** memórias e história da Faculdade de Educação. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 71.

ALVES, Andreia Duarte. **Histórias de pescadores:** memórias de vidas submersas. Dissertação. Mestrado em psicologia. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis. 2007.

ALVISI, Lilian de Cassia. **Memória, Resistência e Empoderamento:** a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas/MG. 2008. Tese. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Campina. 2008.

ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti. **Uma viagem insólita:** de um território pesqueiro a um Paraíso Turístico – Pipa/RN. 2002 198f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2002.

BARROS, Luis Felipe Fernandes. O Desenvolvimento do Geoturismo no município de Porto do Mangue/RN com base no complexo “Dunas do Rosado”: patrimônio geológico Potiguar. UFRN / Programa de Educação Tutorial (P.E.T.) Natal RN. Campinas, SeTur/SBE. **Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas**, 2(1), 2009. Disponível em: [www.sbe.com.br](http://www.sbe.com.br). Acesso em: 20 jan. 2016.

BEZERRA, Cleilton da Paz. **Memorial de Redonda:** reinvenção e luta na produção da saúde dos povos do mar. 2013. 324 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2013.

BOGDAN. R. e BIKLEN. S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade.** Lembranças de velhos. 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação.** 51. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CARDOSO, Roseli da Silva. **Os saberes da gente do mar:** o imaginário e as experiências de vida dos pescadores da Vila do Treme, Bragança (PA). 2015. 185 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) - Universidade Federal do Pará. Bragança. 2015.

CEPENE, Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste. **Boletim Técnico-Científico do CEPENE**. CEPENE, 2013. Tamandaré PE - v. 19, n. 1, p. 69-81, 2013 Disponível em: [www4.icmbio.gov.br/cepene](http://www4.icmbio.gov.br/cepene). Acesso em 12 out 2017.

DIEGUES, Antonio Carlos. 1998. **Ilhas e Mares, Simbolismo e Imaginário**. Ed. Hucitec, São Paulo.

\_\_\_\_\_, Antonio Carlos. 1995. **Povos e Mares: por uma sócio-anthropologia marítima**. NUPAUB-USP, São Paulo.

CLARO, Lisiane Costa. **Entre a pesca e a escola: a educação dos povos tradicionais a partir da comunidade pesqueira na Ilha da Torotama (Rio Grande/RS)**. 2014. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Rio Grande. Rio Grande. 2014.

COSTA, Denise Duarte Grafulha da. **O empoderamento das comunidades e a Educação Ambiental**. 2011. 185 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande/RS. Rio Grande. 2011.

DELORY-MOMBERGER, Chistine. Biografia, Corpo, Espaço. **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**, In; PASSEGI, Maria da Conceição Passegi. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus 2008.

\_\_\_\_\_, Chistine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. In: NÓVOA, Antônio; FINGER Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Disponível em: <https://producoeseconhecimentos.files.wordpress.com/>. Acesso em: 09 set. 2016.

FEIJÓ, Daniela Santana. **Empoderamento e ONG: limites e possibilidades**. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2006.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago./set. 2002. Disponível em: [www.scielo.br/](http://www.scielo.br/). Acesso em 09 out 2016.

FONSECA, Ana Cláudia Mafra da. **Histórias de Pescador: as culturas populares nas redes das narrativas (Papary - Nísia Floresta - RN)**. 2005. 335 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2005.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: primavera, 1991.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 19<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: [www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br). Acesso em: 27 dez. 2015.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Disponível em: [www.dhnet.org.br/](http://www.dhnet.org.br/). Acesso em: 27 dez. 2015.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990. Disponível em: [lelivros.website/book/](http://lelivros.website/book/). Acesso em: 15 set. 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de Dados. Cidades @**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 jul. 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2 ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010b. Tradução de Albino Pozzer.

KNOX, Winifred. **Vivendo do Mar: tradição, memória e mudança na vida pesqueira de Pitangui-RN**. 2007. 228 f. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rio Grande do Norte. Natal.2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. Disponível em: [www.scielo.br/](http://www.scielo.br/). Acesso em: 31 mai. 2017.

LIMA, Mariene Francine. **Mares e Pescadores: narrativas e conversas em Itapoá**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2011.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 2009.

MAGALHÃES, Syglea. **Povos e comunidades tradicionais da Amazônia Legal: análise das normas jurídicas de acesso aos territórios e de acesso aos bens ambientais**. 2009. 318 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal do Pará. Belém. 2009.

MAGESTE, Gizelle de Souza. **Histórias de Empoderamento: um estudo sobre o processo vivenciado por mulheres que ocupam cargos de alto escalão na administração pública e de empresas em Belo Horizonte**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

MALDONADO, Simone. 1988. No Mar: Conhecimento e Tradição, In: DIEGUES, A. C., e R. SALLES, **II Encontro de Ciências Sociais e O Mar**, NUPAUB-USP, São Paulo.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MATTOS, Patrícia Pereira. **Entendendo as interações entre povos pesqueiros, manguezal e área protegida: RDS Estadual Ponta do Tubarão (RN, Brasil)**. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal Rio Grande do Norte. Natal. 2011.

MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Do campo à Universidade: histórias, saberes, experiências, fazeres e a formação no Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra**. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIRANDA, Ana Caroline Pires. **Povos e Comunidades Tradicionais: análise do processo de construção sociológica e jurídica da expressão**. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão. São Luís. 2012.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2001. Tradução de Gilmar Saint'Clair Ribeiro.

NONATO JUNIOR, Raimundo. **Filosofias que sopram o mar: mapeando conceitos de povos de mar, com os habitantes de Tatajuba, Camocim - CE**. 2006. 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal- RN: EDUFERN. São Paulo: Paulus, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: [www.slideshare.net](http://www.slideshare.net). Acesso em: 15 set. 2015.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. e ENS. Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/>. Acesso em 09 out 2016.

ROSSETTO, Gislaíne. A. R. da S; FIGHERA, Adriana. C. M; SANTOS, Eliane. G. dos; POWACZUK, Ana. C. H e BOLZAN, Doris. P. V. Desafios dos estudos “estado da arte”: estratégias de pesquisa na Pós-Graduação. **Educação: Saberes e Práticas**, Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2013. Disponível em: [icesp.br/revistas-eletronicas/](http://icesp.br/revistas-eletronicas/). Acesso em 11 out 2016.

SANTOS, Pedro Fernando dos. **Memórias que educam: narrativas dos velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró. 2015.

SEBASTIÃO MORREU NA LUTA CONTRA AS CERCAS. **Disparada Oficial**. Natal, RN, 12 jul. 1991. Boletim oficial do Serviço de Assistência Rural-SAR, p. 1- 4.

SOUSA, José Josberto Montenegro. **Culturas tradicionais no Ceará:** nas dobras de narrativas em contendas sertanejas. 2009. 192 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Disponível em: EC Souza - Revista **Educação em Questão**, 2006. Acesso em: 15 set. 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

WANDERLEY FILHA, I., GOMES, AURELIANO, J., PEDREIRA, R. C. O. O Rosado por suas palavras e expressões. **Youtube**, 2013. Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 20 jan. 2016.

**ANEXOS**

## ANEXOS I - Termo de consentimento livre esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
INCLUSÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa referente ao projeto de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulado **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender por meio das narrativas (auto) biográficas, como os saberes dos povos do mar têm contribuído para a construção e transformação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.

Fui também esclarecido de que minha colaboração se fará de forma anônima, utilizando nome fictício, por meio de entrevista narrativa, e observação a ser gravada a partir da assinatura desta autorização, bem como disponibilidade de arquivo fotográfico. As entrevistas serão confidenciais, sendo realizadas em local e horário a serem combinados com o entrevistado, em contatos individualizado e ambientes em que a privacidade seja respeitada, estando presente apenas o pesquisador e o entrevistado. O tempo de duração será de acordo com sua própria disposição. Será garantido o anonimato da identificação. O entrevistado não é obrigado a responder o que não desejar, podendo se recusar a responder a alguma pergunta que considere inconveniente ou desnecessária. O acesso e a análise dos dados produzidos se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado de que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

Maria Euzébio de Melo

Assinatura do participante

RG/CPF 369418594-15

Stenio de Brito Fernandes

Assinatura do pesquisador

RG/CPF 812373914-15

Francisca Flávinio dos Santos Teixeira

Assinatura da testemunha

RG/CPF 638705764-72

Quaisquer esclarecimentos, favor entrar em contato com o pesquisador responsável:

Stenio de Brito Fernandes – e-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

Rua: João Alves Cavalcante, nº 105, Rincão - Mossoró/RN, CEP: 59626390

Fone: (84) 98702-8000 / 98889-2221



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
INCLUSÃO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa referente ao projeto de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulado **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender por meio das narrativas (auto) biográficas, como os saberes dos povos do mar têm contribuído para a construção e transformação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.

Fui também esclarecido de que minha colaboração se fará de forma anônima, utilizando nome fictício, por meio de entrevista narrativa, e observação a ser gravada a partir da assinatura desta autorização, bem como disponibilidade de arquivo fotográfico. As entrevistas serão confidenciais, sendo realizadas em local e horário a serem combinados com o entrevistado, em contatos individualizado e ambientes em que a privacidade seja respeitada, estando presente apenas o pesquisador e o entrevistado. O tempo de duração será de acordo com sua própria disposição. Será garantido o anonimato da identificação. O entrevistado não é obrigado a responder o que não desejar, podendo se recusar a responder a alguma pergunta que considere inconveniente ou desnecessária. O acesso e a análise dos dados produzidos se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado de que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

Francisca Lucilene de Andrade Silva  
Assinatura do participante  
RG/CPF 054 513 502-22

Stenio de Brito Fernandes  
Assinatura do pesquisador  
RG/CPF 812 373 914-15

Francisca Florêncio dos Santos Teixeira  
Assinatura da testemunha  
RG/CPF 638 705 764-72

Quaisquer esclarecimentos, favor entrar em contato com o pesquisador responsável:

Stenio de Brito Fernandes – e-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

Rua: João Alves Cavalcante, nº 105, Rincão - Mossoró/RN, CEP: 59626390

Fone: (84) 98702-8000 / 98889-2221



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
INCLUSÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa referente ao projeto de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulado **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender por meio das narrativas (auto) biográficas, como os saberes dos povos do mar têm contribuído para a construção e transformação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.

Fui também esclarecido de que minha colaboração se fará de forma anônima, utilizando nome fictício, por meio de entrevista narrativa, e observação a ser gravada a partir da assinatura desta autorização, bem como disponibilidade de arquivo fotográfico. As entrevistas serão confidenciais, sendo realizadas em local e horário a serem combinados com o entrevistado, em contatos individualizado e ambientes em que a privacidade seja respeitada, estando presente apenas o pesquisador e o entrevistado. O tempo de duração será de acordo com sua própria disposição. Será garantido o anonimato da identificação. O entrevistado não é obrigado a responder o que não desejar, podendo se recusar a responder a alguma pergunta que considere inconveniente ou desnecessária. O acesso e a análise dos dados produzidos se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado de que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

Francisca Florêncio dos Santos Teixeira

Assinatura do participante

RG/CPF 638705764-72

Stenio de Brito Fernandes

Assinatura do pesquisador

RG/CPF 812373914-15

Francisca Louilene de Andrade Silva

Assinatura da testemunha

RG/CPF 054513504-42

Quaisquer esclarecimentos, favor entrar em contato com o pesquisador responsável:

Stenio de Brito Fernandes – e-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

Rua: João Alves Cavalcante, nº 105, Rincão - Mossoró/RN, CEP: 59626390

Fone: (84) 98702-8000 / 98889-2221



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
INCLUSÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa referente ao projeto de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulado **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender por meio das narrativas (auto) biográficas, como os saberes dos povos do mar têm contribuído para a construção e transformação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.

Fui também esclarecido de que minha colaboração se fará de forma anônima, utilizando nome fictício, por meio de entrevista narrativa, e observação a ser gravada a partir da assinatura desta autorização, bem como disponibilidade de arquivo fotográfico. As entrevistas serão confidenciais, sendo realizadas em local e horário a serem combinados com o entrevistado, em contatos individualizado e ambientes em que a privacidade seja respeitada, estando presente apenas o pesquisador e o entrevistado. O tempo de duração será de acordo com sua própria disposição. Será garantido o anonimato da identificação. O entrevistado não é obrigado a responder o que não desejar, podendo se recusar a responder a alguma pergunta que considere inconveniente ou desnecessária. O acesso e a análise dos dados produzidos se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado de que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

Moacir Amaro de Andrade  
Assinatura do participante  
RG/CPF 638708274-91

Stenio de Brito Fernandes  
Assinatura do pesquisador  
RG/CPF 812 373 914-15

Francisca Lucilene de Andrade Silva  
Assinatura da testemunha  
RG/CPF 054513504-42

Quaisquer esclarecimentos, favor entrar em contato com o pesquisador responsável:

Stenio de Brito Fernandes – e-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

Rua: João Alves Cavalcante, nº 105, Rincão - Mossoró/RN, CEP: 59626390

Fone: (84) 98702-8000 / 98889-2221



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
INCLUSÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa referente ao projeto de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulado **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender por meio das narrativas (auto) biográficas, como os saberes dos povos do mar têm contribuído para a construção e transformação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.

Fui também esclarecido de que minha colaboração se fará de forma anônima, utilizando nome fictício, por meio de entrevista narrativa, e observação a ser gravada a partir da assinatura desta autorização, bem como disponibilidade de arquivo fotográfico. As entrevistas serão confidenciais, sendo realizadas em local e horário a serem combinados com o entrevistado, em contatos individualizado e ambientes em que a privacidade seja respeitada, estando presente apenas o pesquisador e o entrevistado. O tempo de duração será de acordo com sua própria disposição. Será garantido o anonimato da identificação. O entrevistado não é obrigado a responder o que não desejar, podendo se recusar a responder a alguma pergunta que considere inconveniente ou desnecessária. O acesso e a análise dos dados produzidos se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado de que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

Alfonso Lima de Andrade

Assinatura do participante

RG/CPF 056 227 184-81

Stenio de Brito Fernandes

Assinatura do pesquisador

RG/CPF 812 373 914-15

Francisca Lucilene de Andrade Silva

Assinatura da testemunha

RG/CPF 0521513 5011-42

Quaisquer esclarecimentos, favor entrar em contato com o pesquisador responsável:

Stenio de Brito Fernandes – e-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

Rua: João Alves Cavalcante, nº 105, Rincão - Mossoró/RN, CEP: 59626390

Fone: (84) 98702-8000 / 98889-2221



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
INCLUSÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa referente ao projeto de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulado **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender por meio das narrativas (auto) biográficas, como os saberes dos povos do mar têm contribuído para a construção e transformação do cotidiano na Comunidade do Rosado/RN.

Fui também esclarecido de que minha colaboração se fará de forma anônima, utilizando nome fictício, por meio de entrevista narrativa, e observação a ser gravada a partir da assinatura desta autorização, bem como disponibilidade de arquivo fotográfico. As entrevistas serão confidenciais, sendo realizadas em local e horário a serem combinados com o entrevistado, em contatos individualizado e ambientes em que a privacidade seja respeitada, estando presente apenas o pesquisador e o entrevistado. O tempo de duração será de acordo com sua própria disposição. Será garantido o anonimato da identificação. O entrevistado não é obrigado a responder o que não desejar, podendo se recusar a responder a alguma pergunta que considere inconveniente ou desnecessária. O acesso e a análise dos dados produzidos se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado de que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

*Carlos Antonio Alves da Silva*

Assinatura do participante

RG/CPF 897.479.764-04

*Stenio de Brito Fernandes*

Assinatura do pesquisador

RG/CPF 812.373.914-15

*Francisca Florineio dos Santos Teixeira*

Assinatura da testemunha

RG/CPF 638.705.764-72

Quaisquer esclarecimentos, favor entrar em contato com o pesquisador responsável:

Stenio de Brito Fernandes – e-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

Rua: João Alves Cavalcante, nº 105, Rincão - Mossoró/RN, CEP: 59626390

Fone: (84) 98702-8000 / 98889-2221

## ANEXOS II - Termo de autorização de uso de imagem



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**  
**LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E**  
**INCLUSÃO**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Francisca Florêncio dos Santos Teixeira, brasileira, casada, residente à Comunidade do Rosado, distrito pertencente ao município de Porto do Mangue, Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes e orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação a realizar/utilizar fotos/imagens que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos/imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos, em favor das pesquisadoras da pesquisa, acima especificados, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

*Francisca Florêncio dos Santos Teixeira*

Assinatura do participante

RG/CPF 638.705.764-72

*Stenio de Brito Fernandes*

Assinatura do pesquisador

RG/CPF 812.373.914-15

*Francisca Lucilene de Andrade Silva*

Assinatura da testemunha

RG/CPF 054513504-42



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**  
**LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E**  
**INCLUSÃO**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Mamédio Amaro de Andrade, brasileiro, casado, residente à Comunidade do Rosado, distrito pertencente ao município de Porto do Mangue, Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN** desenvolvido por Stenio de Brito Fernandes e orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação a realizar/utilizar fotos/imagens que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos/imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos, em favor das pesquisadoras da pesquisa, acima especificados, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Porto do Mangue-RN, 21 de abril de 2017.

*Mamédio Amaro de Andrade*

Assinatura do participante

RG/CPF 638708274-91

*Stenio de Brito Fernandes*

Assinatura do pesquisador

RG/CPF 812373914-15

*Francisca Flávia das Santos Teixeira*

Assinatura da testemunha

RG/CPF 638705764-72